



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AFRICANOS,
POVOS INDÍGENAS E CULTURAS NEGRAS

VERLANEYDE MANIÇOBA DE SÁ KOCH

CARTAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO, EM ITAGUAÇU DA
BAHIA: O SERTÃO BAIANO REVELADO PELA PALEOGRAFIA
(1919–1953)

IRECÊ, BA
2024

VERLANEYDE MANIÇOBA DE SÁ KOCH

**CARTAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO, EM ITAGUAÇU DA BAHIA: O
SERTÃO BAIANO REVELADO PELA PALEOGRAFIA (1919–1953)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras do Mestrado Acadêmico em História da Universidade do Estado da Bahia para obtenção do título de Mestra.

Linha de pesquisa: Cultura, Educação e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira.

IRECÊ, BA
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura – UNEB – Campus I
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB-5 / 918

K76c Koch, Verlaneyde Maniçoba de Sá
Cartas a Joaquim Ferreira de Britto, em Itaguaçu da Bahia: o sertão baiano revelado pela paleografia (1919-1953) / Verlaneyde Maniçoba de Sá Koch .– Irecê, 2024.
180 f. : il.

Orientador: Itamar Freitas de Oliveira.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras – PPGAEAFIN. Campus XVI, 2024.

Contém referências e apêndices.

1. Itaguaçu (BA) – História - Fontes. 2. Britto, Joaquim Ferreira de – Correspondências – Séc. XX. 3. Manuscritos baianos – Fac-símiles. 4. Paleografia brasileira. 5. I. Oliveira, Itamar Freitas de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Campus XVI. III. Título.

CDD: 469.11

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Autorização Decreto nº 9237/86, D.O.U. 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, D.O.U. 01/08-95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS (DCHT – CAMPUS XVI)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AFRICANOS, POVOS INDÍGENAS E CULTURAS NEGRAS (PPGEAFIN)
Resolução CONSEPE nº 1.859/2016, D.O.E. 10/05/2016, p. 25, Resolução CONSU nº 1.303/2017 Avaliado e Reconhecido pela CAPES 31/03/2017



Ata da Sessão de Avaliação Final de Dissertação

Aos catorze dias do mês de outubro de 2024, às 14 horas, foi instalada a Banca Examinadora responsável pela avaliação final de dissertação, de forma online pela plataforma Google Meet, com mediação tecnológica digital, sob o título: Cartas a Joaquim Ferreira de Britto, em Itaguaçu da Bahia: O Sertão baiano revelado pela Paleografia (1919-1953), apresentada pela mestranda Verlaneyde Maniçoba de Sá Koch ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História. A Comissão Examinadora foi composta pelos Professores: Dr. Joabson de Lima Figueiredo, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Profa. Dra. Renata Ferreira Costa Bonifácio, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Fábio Alves dos Santos, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e presidida pelo Professor Orientador Dr. Itamar Freitas de Oliveira. A sessão teve a duração de 02 horas e a Banca Examinadora emitiu o seguinte parecer: A banca considera que o trabalho apresentado preenche, plenamente, os requisitos exigidos de uma dissertação de mestrado. Ressalta que, no prazo informado pelo Departamento deve haver a correção de informações, conforme esclarecido pelos examinadores, ajustes na formatação de itens do texto e revisão de termos e gravuras quanto às normas técnicas. Quanto à originalidade, não houve ressalvas ou dúvidas.

A dissertação recebeu conceito final: APROVADA (X) REPROVADA ().

Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira
Presidente da Comissão/Orientador
CPF: 3631.621.085-20

Profa. Dra. Renata Ferreira Costa Bonifácio
Examinador Externo
CPF: 298.795.168-00

Prof. Dr. Joabson de Lima Figueiredo
Examinador Interno
CPF: 968.841.005-59

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos
Examinador Externo
CPF: 278.398.818-66

Verlaneyde Maniçoba de Sá Koch
Aluno
CPF: 686.939.745-72

DEDICATÓRIA

À minha família.

Aos que acreditaram e me impulsionaram a me tornar uma pesquisadora.

A Walter da Matta Britto (em memória).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus, que tem sido minha constante companhia ao longo desta jornada. Agradeço por todas as oportunidades que Ele me proporcionou, pelos preciosos amigos que colocou em meu caminho e por me guiar até este momento. Reconheço Sua generosidade ao me conceder um pouco de sabedoria, Sua infinita paciência e amor que me sustentaram a cada passo. Agradeço pelas vitórias conquistadas e pelos obstáculos superados, pela força que Ele me deu para me levantar após cada queda e por nunca permitir que eu desistisse diante das adversidades. Estou profundamente grata por Sua constante presença e apoio em minha vida.

Aos meus amados filhos, Arthur, Luana e Lícia, e ao meu querido esposo, Jorge, por estarem ao meu lado durante toda essa jornada de estudo. O apoio incondicional e o amor de vocês foram verdadeiros pilares que me sustentaram nos momentos mais desafiadores. Agradeço por compreenderem minhas ausências e dedicarem seu apoio e encorajamento constantes, motivando-me a seguir em frente em busca dos meus objetivos. Cada conquista alcançada é também fruto do amor e da união que compartilhamos como família. Vocês são meu maior tesouro e fonte de inspiração. Obrigado por fazerem parte da minha vida e por tornarem essa jornada ainda mais significativa e especial.

À minha amada mãe, Otília, e à minha querida vó, Antônia, por todo o amor, apoio e sacrifício que dedicaram a mim ao longo da minha trajetória até aqui. Seu carinho, orientação e exemplo de força e determinação foram fundamentais para moldar quem sou hoje. Agradeço por estarem sempre ao meu lado, incentivando-me a perseguir meus sonhos e superar qualquer obstáculo que surgisse no meu caminho. Suas palavras de encorajamento foram a luz que iluminou meu caminho nos momentos de dúvida e desânimo. Sou profundamente grata pela bênção de tê-las como minhas guias e inspirações. Que Deus as abençoe ricamente por todo o amor e apoio incondicional que me ofereceram.

Aos meus amados irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas, por fazerem parte da minha jornada de estudo, por todo apoio, carinho e por compartilharem comigo as alegrias das conquistas e estarem sempre presentes nos momentos desafiadores. Que nossa união e amor familiar continuem a nos fortalecer e a nos inspirar a alcançar grandes feitos juntos. Sou profundamente grata por cada um de vocês fazer parte da minha vida.

Aos meus professores da educação básica, da graduação e pós-graduação, em especial ao admirável Itamar Freitas, orientador e amigo, por ter acreditado em mim e colocado expectativa que nem eu pensei atingir.

Aos meus ilustres colegas, pelos encontros, risos, frustrações e cuidados partilhados com tanto afeto, carinho e amor.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN).

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que está na minha vida desde 2004.

Aos professores do Programa de Pós-graduação, em nome de Moiseis Sampaio, equipe técnica, em nome de Veridiana Oliveira, diretora Ana Karine Loula e a Joabson Figueiredo, coordenador do programa e amigo da turma.

Aos colegas de profissão que acreditam que podemos fazer a diferença na educação de Central e da Bahia, razão pela qual estou me aperfeiçoando.

A todos e todas da sociedade brasileira que, assim como eu, amam esse vasto sertão.

Aos membros da banca de qualificação e da defesa, professora Renata Ferreira Costa Bonifácio e professor Joabson Lima Figueiredo por terem gentilmente aceitado nosso convite. Um agradecimento especial ao professor Fábio Alves dos Santos por ter aceitado participar da banca de defesa, mesmo não tendo conhecimento anterior da trajetória da pesquisa.

Por fim, a todos que contribuíram para que essa pesquisa se concretizasse.

RESUMO

KOCH, Verlaneyde Maniçoba de Sá. **Cartas a Joaquim Ferreira de Britto, em Itaguaçu da Bahia: O Sertão baiano revelado pela Paleografia (1919–1953)**. 2024. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Comunidades Negras, Universidade do Estado da Bahia, Irecê, 2024.

Nesta pesquisa, originária do Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), exploramos a paleografia para analisar 13 cartas pessoais datadas de 1919 a 1953 (o *corpus* da pesquisa), provenientes de Itaguaçu da Bahia, no sertão baiano. O estudo surgiu das seguintes questões: quais são os elementos históricos, sociais e culturais que podem ser revelados através de cartas familiares no sertão baiano, nas primeiras décadas do século XX? Qual a contribuição da escrita epistolar para uma melhor compreensão da vida cotidiana, das relações sociais e das transformações históricas e regionais, das dinâmicas sociais e das práticas culturais na região? O objetivo central é investigar as percepções sobre dinâmicas sociais, práticas culturais e transformações históricas e regionais ocorridas no sertão da Bahia, nas primeiras décadas do século XX, com base no estudo paleográfico e na análise da escrita epistolar endereçada a Joaquim Ferreira de Britto, utilizando uma abordagem contextualizada. A pesquisa também busca compreender a relevância dessas missivas no contexto da história regional e local, da história da comunicação escrita e da preservação do patrimônio cultural. Para conduzir a pesquisa utilizou-se 13 correspondências, fez-se edição semidiplomática delas, bem como utilizou-se de teses, dissertações, artigos e capítulos de livros sobre a temática, além de depoimentos de moradores mais antigos. Os métodos empregados incluíram o levantamento de dados bibliográficos sobre o estudo paleográfico, aspectos da escrita epistolar e pesquisas sobre a região em estudo, ou seja, leituras sobre história regional e local, sertão baiano. A pesquisa se complementa com a História Oral para a realização da biografia do destinatário e dos remetentes. Portanto, este estudo se concentra na escrita epistolar sertaneja, entre 1919 a 1953, para evidenciar características da história e da cultura local por meio da análise e interpretação desses escritos históricos. O estudo paleográfico dessas cartas revela informações valiosas sobre a história social e cultural de Itaguaçu da Bahia, bem como da região em sua totalidade, portanto, uma fonte relevante para compreender a vida cotidiana no sertão baiano da primeira metade século XX.

Palavras-Chave: Sertão Baiano. Tiririca. Escrita Epistolar. Paleografia.

ABSTRACT

In this research, originating from the Master's program of the Graduate Program in African Studies, Indigenous Peoples, and Black Cultures (PPGEAFIN) at the State University of Bahia (UNEB), we explore paleography to analyze 13 personal letters dated from 1919 to 1953 (the research corpus), originating from Itaguaçu da Bahia, in the backlands of Bahia. The study arose from the following questions: what historical, social, and cultural elements can be revealed through family letters in the Bahian backlands in the early decades of the 20th century? What is the contribution of epistolary writing to a better understanding of daily life, social relations, and historical transformations, regional changes, social dynamics, and cultural practices in the region? The main objective is to investigate perceptions about the social dynamics, cultural practices, and historical and regional transformations that occurred in the Bahian backlands in the early decades of the 20th century, based on paleographic study and the analysis of epistolary writing addressed to Joaquim Ferreira de Britto, using a contextualized approach. The research also seeks to understand the relevance of these missives in the context of regional and local history, the history of written communication, and the preservation of cultural heritage. To conduct the research, 13 correspondences were used, a semi-diplomatic study was conducted on them, and theses, dissertations, articles, and book chapters on the topic were also used, in addition to testimonies from older residents. The methods employed included the bibliographic survey of paleographic studies, aspects of epistolary writing, and research on the region under study, that is, readings on regional and local history, Bahian backlands. The research is complemented by Oral History for the biography of the recipient and the senders. Therefore, this study focuses on the epistolary writing from the Bahian backlands, between 1919 and 1953, to highlight characteristics of local history and culture through the analysis and interpretation of these historical writings. The paleographic study of these letters reveals valuable information about the social and cultural history of Itaguaçu da Bahia, as well as the region as a whole, thus serving as a relevant source for understanding daily life in the Bahian backlands in the first half of the 20th century.

Keywords: Bahian Backlands. Tiririca. Epistolary Writing. Paleography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Divisão fisiográfica da Bacia do Rio São Francisco.....	22
Figura 2 -	Informações sobre o povoamento no Médio São Francisco (séculos XVI a XIX)	24
Figura 3 -	Povoação no interior da Bahia, região do São Francisco – Século XVII – XVIII	26
Figura 4 -	Distribuição de povoações no Interior da Bahia (1640 -1750).....	28
Figura 5 -	Mesorregiões Geográficas da Bahia	30
Figura 6 -	Mapa do Estado da Bahia.....	33
Figura 7 -	Semiárido Brasileiro	38
Figura 8 -	Distribuição das chuvas na bacia hidrográfica do Rio São Francisco	39
Figura 9 -	Imagem do local que deu origem à antiga Tiririca.	42
Figura 10 -	Foto da primeira turma da Escola de 3ª classe.....	46
Figura 11 -	Colégio Santa Eufrásia, ao lado da Catedral de São Francisco das Chagas, na cidade da Barra/BA.....	47
Figura 12 -	Fachada do Colégio Santa Eufrásia	48
Figura 13 -	Fachada da Escola Cezar Zama	48
Figura 14 -	Quantidade de analfabetos até 1920.....	49
Figura 15 -	Taxas de analfabetismo entre as pessoas de 5 anos ou mais. Quantidade de analfabetos até 1960. No Brasil e nas diferentes Unidades da Federação no Censo de 1960.....	51
Figura 16 -	Relação entre o polígono das secas e o Vale do São Francisco.	53
Figura 17 -	Bacia Hidrogeológica dos rios Verde e Jacaré, Bahia.....	54
Figura 18 -	Território de Irecê, Min. do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável de Irecê, BA (set. 2008).....	59
Figura 19 –	Carimbo do Banco do Brasil.....	141
Figura 20 –	Carimbo com endereço do autor	141
Figura 21 -	Joaquim Ferreira de Britto 1954 e 1971.....	176
Figura 22 -	Adalberto Pires 1919 e 1983.....	176
Figura 23 -	Messias Pires Maciel 1930 e 2005.....	176
Figura 24 -	Messias Ferreira de Britto 1946 e 1952.	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos de letras maiúsculas cursivas – letras capitais.....	140
Quadro 2 - Lista das as abreviaturas.....	143
Quadro 3 - Mudança ortográfica, quanto à acentuação	147
Quadro 4 - Mudança ortográfica quanto à ortografia	147

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA REGIÃO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO: TECENDO COMENTÁRIOS SOBRE A VIDA COTIDIANA DA VILA TIRIRICA, DISTRITO DE XIQUE-XIQUE, NO SERTÃO BAIANO	17
1.1	SERTÃO NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO: DEFINIÇÕES E REPRESENTAÇÕES.....	18
1.2	O PROCESSO DE OCUPAÇÃO NO MÉDIO SÃO FRANCISCO (SÉCULOS XVII E XVIII): UM RETRATO DA ORIGEM DO SERTÃO BAIANO	21
1.3	CENÁRIO SERTANEJO: A ROTINA E DESAFIOS NO CENTRO ECONÔMICO DA REGIÃO (XIQUE-XIQUE SÉCULOS XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX)	31
1.4	ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES REGIONAIS E CONTEXTOS HISTÓRICOS DE VILLA TIRIRICA: O INÍCIO DE UMA JORNADA.....	40
1.5	A VIDA EM TIRIRICA: HISTÓRIA E DESAFIOS EM UMA COMUNIDADE RURAL NO SERTÃO DA BAHIA.....	45
1.6	O MICROCOSMO DA VIDA NO SERTÃO BAIANO: CARACTERIZAÇÃO DE TIRIRICA, ATUAL ITAGUAÇU DA BAHIA.....	58
2	CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO	63
2.1	CENÁRIO SOCIAL E POLÍTICO NA BAHIA DO SÉCULO XX: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES	64
2.2	MEMÓRIAS DO SERTÃO BAIANO	66
2.3	RECUPERANDO VOZES DO PASSADO: O QUE AS CARTAS DIZEM OU QUEREM DIZER?.....	67
2.4	HISTÓRIAS DE VIDA: UM RETRATO DOS SERTANEJOS BAIANOS DO SÉCULO XX.....	96
2.4.1	O que foi descoberto sobre o destinatário	96
2.4.2	O que foi descoberto sobre os remetentes.....	98
2.5	OUTRAS CONSIDERAÇÕES	104
3	A ESCRITA EPISTOLAR E A PALEOGRAFIA: EVOLUÇÃO, CONTEXTO, CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA.....	106

3.1	A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E A RELEVÂNCIA HISTÓRICA DA ESCRITA EPISTOLAR.....	106
3.2	A IMPORTÂNCIA DAS CARTAS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS.....	110
3.3	CONTRIBUIÇÕES DA FILOGOGIA E DA PALEOGRAFIA E EDIÇÃO DE TEXTOS MANUSCRITOS.....	112
3.4	EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E SEUS CRITÉRIOS.....	119
3.5	EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO.....	120
3.6	DESCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DAS CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO.....	140
3.6.1	Caminhos ortográficos e mudanças na língua portuguesa	145
3.6.2	Dificuldades na transcrição.....	148
3.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	149
	REFERÊNCIAS.....	154
	FONTES.....	161
	APÊNDICE A: FAC-SÍMILES.....	168
	APÊNDICE B: MATERIALIZANDO O DESTINATÁRIO E ALGUNS DOS REMETENTES.....	170

INTRODUÇÃO

“A história é uma ciência que decifra traços deixados pelos homens e as cartas são fontes pela qual esta pesquisa se apoia. Para o autor, as cartas são denominadas como fontes voluntárias, porque são escritas voluntariamente para ‘atender a uma finalidade e para atingir receptores muito bem definidos’” (Barros, 2020, p. 42).

O estudo da correspondência pessoal tem se mostrado um recurso inestimável para compreender a cultura, a linguagem e as relações sociais de um período específico da história. Para este trabalho, escolhemos o gênero carta, também chamada de epístola ou missiva, um documento de comunicação que tem por finalidade uma prática social.¹ A carta pessoal reflete, constrói e expressa afeto e intimidade. É registro histórico e cultural, ferramenta de socialização e manutenção de redes sociais, além de construção da identidade e autorretrato.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 13 cartas (datadas de 1919 a 1953) destinadas a Joaquim Ferreira de Britto, escrivão, professor leigo, morador da antiga vila Tiririca, atual Itaguaçu da Bahia, no sertão baiano.² Os escritos foram produzidos por dois irmãos, um filho, um afilhado e um primo/cunhado do destinatário. Quanto ao contexto em que foram produzidas e transmitidas, elas revelam que 12 delas foram escritas na capital, denominada Bahia na época,

¹ A partir das décadas de 1980 e 1990, com a introdução da internet e a disseminação dos computadores, houve uma transição significativa para a comunicação digital. O e-mail tornou-se uma forma rápida, conveniente e econômica de trocar mensagens, substituindo em grande parte a correspondência escrita em papel. A popularização dos telefones celulares e das redes sociais nas últimas décadas também contribuiu para a diminuição do uso de cartas escritas.

² O termo “sertão” abrange significados históricos, culturais e imaginários e não implica em uma região despovoada ou árida como por muito tempo o definiram. Embora o associem, ainda, a uma região árida caracterizada pela escassez de água e pela presença de vegetação xerófila, é fundamental reconhecer que o conceito de sertão vai além dessas características geográficas. Ele envolve uma riqueza de significados culturais, históricos e simbólicos, que moldam a identidade das comunidades sertanejas. Dessa forma, ao se falar sobre sertão, é fundamental considerar não apenas os aspectos físicos, mas também as experiências, os modos de vida, as tradições e as narrativas que permeiam o contexto sertanejo. Essa compreensão ampliada nos permite apreciar a complexidade e a diversidade presentes nas comunidades sertanejas. Segundo Sampaio (2017), a designação sertão baiano era relacionada ao espaço geográfico dedicado à criação de gado, diferenciando-se das áreas costeiras, onde predominava o cultivo de cana-de-açúcar. Essa demarcação, estabelecida pelo limite com o litoral, correspondia à produção canavieira, e as demais áreas destinavam-se à pecuária. Tal conceito atualmente tem sido revisto, com a vinda das universidades para o interior e o avanço da pesquisa na temática regional.

apenas a carta de Messias Britto, filho de Joaquim, foi escrita em São Paulo, todas as correspondências estavam direcionadas a Joaquim Britto, em Tiririca, atual Itaguaçu da Bahia. Geralmente, eram enviadas através de um portador, quando havia uma pessoa de confiança para entregá-las.

Este estudo busca responder às seguintes questões: Quais elementos históricos, sociais e culturais podem ser revelados pelo estudo paleográfico das cartas no sertão baiano? Qual a contribuição da escrita epistolar para a compreensão da vida cotidiana, das relações sociais e das transformações históricas na região? A investigação parte do pressuposto de que essas cartas são fontes valiosas para o entendimento da história local, evidenciando mudanças linguísticas, práticas de escrita e aspectos da vida social no sertão baiano.

O objetivo central desta pesquisa é investigar as percepções sobre as dinâmicas sociais, práticas culturais e transformações históricas ocorridas no sertão baiano durante a primeira metade do século XX, utilizando uma abordagem contextualizada com foco na paleografia e análise de cartas pessoais.

A pesquisa histórica, focada em assuntos anônimos e fontes que não eram tradicionalmente valorizadas pela historiografia – como cartas pessoais, relatos orais –, ganhou relevância nas últimas décadas com o desenvolvimento de abordagens como a história social e a micro-história. Essas abordagens buscam ampliar o escopo da história oficial, trazendo à tona as experiências de classes populares, minorias e grupos periféricos³. Estudos com cartas pessoais, memórias e relatos orais têm revelado aspectos culturais e sociais que fontes oficiais não capturam, evidenciando-se, portanto, a relevância desta pesquisa.

Objetivamos ainda explorar as cartas endereçadas a Joaquim Ferreira de Britto como expressão cultural e histórica, além de relatar as vivências retratadas nelas, destacando aspectos da vida dos remetentes e do destinatário, como origens, família, educação, carreira profissional e relações sociais; bem como descrever a evolução, as características e a importância da escrita epistolar e da paleografia, abordando o gênero carta como uma expressão documental e detalhando a metodologia e os critérios adotados para a transcrição e estudo paleográfico.

O desejo de conhecer o contexto histórico e social dos sertanejos baianos e a compreensão sobre os sujeitos históricos que viveram neste sertão no início do século XX, utilizando cartas pessoais e entrevistas com descendentes e moradores antigos de Tiririca, como fontes, bem como de revelar a relevância dessas fontes – que, embora não oficiais, são valiosas

³ Ginzburg defende essa tese, principalmente em *O queijo e os vermes* (2017) e em *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito* (2007).

para a historiografia local e regional –, além do anseio de conservar e preservar os escritos e produzir outras fontes contextualizadas são alguns dos propósitos com essa pesquisa.

Barros (2019) diz que fontes não tradicionais – como objetos culturais e registros pessoais – permitem uma expansão das fontes da história, abrindo o campo para novos entendimentos sobre mentalidades, subjetividades e as diversas expressões de vida social. Dessa forma, investigar sujeitos e fontes periféricos contribui para uma historiografia mais inclusiva e abrangente, que reconhece a complexidade da história como uma soma de múltiplas vozes e perspectivas.

Ao apresentar um estudo sobre sertanejos e sertão, nos é permitido como sertaneja, narrar com os sujeitos da pesquisa – remetentes e destinatário – a vida no sertão, compartilhando vozes e vivências num ato de democratização, assegurando que a própria identidade sertaneja seja difundida de maneira mais autêntica e contribuindo com um saber que abarca a realidade vivida e sentida, e não apenas observada.

As lembranças transcritas nas missivas marcam uma sociedade e precisam ser preservadas e divulgadas publicamente, pois entende-se que são “reescritas da história”, “são memórias que falam do passado, no presente, para o futuro, e que nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava” (Pertensen; Lovato, 2013, p. 273). Elas revelam que os remetentes escrevem para comunicar as últimas notícias, acontecimentos e experiências vivenciadas e se preocupam em manter um vínculo afetivo ao revelarem informações sobre suas raízes e seu lugar de origem. Neste sentido, as memórias de tempos diferentes, produzidas por autores e remetentes não mais presentes, contribuirão para que muitos possam rememorar as experiências descritas, colaborando para produzir um sentimento de pertencimento a um mesmo coletivo.

A intenção é ainda divulgar as epístolas e edição, de forma a permitir que a sociedade compreenda e assimile as mudanças históricas, econômicas e sociais narradas nos escritos de sertanejos e perceba, principalmente, que a história pode ser feita por pessoas comuns, de pouca escolarização, com dificuldades financeiras, enfim, por pessoas como nós. Esta pesquisa permite, portanto, facilitar o acesso a esses documentos para estudantes, pesquisadores e interessados, contribuindo para a valorização e preservação da memória e do patrimônio cultural. Isso inclui compreender a linguagem expressada nas correspondências, a tradução das abreviaturas, as mudanças na ortografia, bem como conhecer a biografia dos remetentes e do destinatário das cartas.

Barros (2020) diz que o emissor de um discurso não se resume apenas à figura do autor, mas também à sociedade na qual ele está inserido, sua posição social, as restrições às quais está

sujeito e a muitos outros aspectos que fazem do autor apenas a ponta de um imenso *iceberg*. Nessa perspectiva, as cartas que compõem o *corpus* dessa pesquisa foram cedidas por Walter da Matta Britto (filho) e sua sobrinha (neta de Joaquim) e se encontram sob nossos cuidados com o propósito de resgatar e preservar a história e a cultura local, conservar os originais e divulgar o estudo em instituições de ensino, culturais e outros espaços relevantes.

A escolha pela edição semidiplomática⁴ se justifica nessa pesquisa porque é uma forma de edição que visa fornecer uma versão mais compreensível e acessível do documento original. Nesse tipo de edição, a linguagem é expressa de forma mais conservadora, provida de informações, mas mantendo a ortografia e grafia original. Tomamos como parâmetro as abordagens de Spina (1994) e Cambraia (2005).

Para tratar da edição de manuscritos e datiloscritos da primeira metade do século XX, a pesquisa se baseia em critérios definidos por diversos autores, como Rodrigues (1978), Spina (1994), Castillo e Saéz (2004), Cambraia (2005), Andrade e Façanha (2011), Mota (2011), Façanha (2012), Costa (2007) e outros. Na abordagem sobre escrita epistolar/cartas, autores como Bellotto (2002), Fonseca (2003), Diaz (2016), Haroche-Bouzinac (2016) e Cardenete (2023) são quem mais contribuem ao fornecer explicações sobre as variações tipológicas das cartas, as características do gênero, as formas de narração, sua estrutura e análise crítica.

Na temática História Regional e Local, o estudo se apoia nos autores Ginzburg (2007), Sampaio (2017), Sampaio e Fernández (2021) e Ferreira (2008; 2023). Além disso, adota-se a metodologia da narrativa biográfica e da história oral e local, com Machado (2020), respaldada por estudos que enfatizam a relevância das narrativas e fontes orais para a compreensão histórica. Já a memória e a compreensão histórica são consideradas utilizando-se conceitos e métodos apresentados por Barros (2019; 2020), Rodrigues (2008), Mota (2011), Rocha (2020) e outros, para trazer maior valor à pesquisa.

⁴ A transcrição (e edição) que segue as normas aqui propostas recebe diferentes denominações na bibliografia especializada: não só semidiplomática, como também diplomático-interpretativa, paradiplomática ou paleográfica. Essa variedade terminológica para designar os diferentes tipos de edição, apesar de um propósito louvável, de busca pela precisão e esclarecimento, acaba muitas vezes por confundir o público interessado, devido à falta de tradição terminológica que temos no âmbito dos estudos filológicos nacionais. O conceito de conjectura em uma transcrição semidiplomática abrange casos diferentes de intervenção, que resultam tanto na reconstituição de partes danificadas do texto como na integração de emendas coevas ao texto, localizadas à margem ou nas entrelinhas da mancha textual (Toledo Neto, 2020).

A metodologia adotada é multidisciplinar, conectada às áreas da antropologia, sociologia, geografia, filologia, sobretudo a área social da escrita e da leitura, e combinando a paleografia com a análise contextual das cartas. A abordagem inclui a utilização de fontes primárias, como as cartas pessoais, e secundárias, como bibliografias e entrevistas com moradores antigos da região, para enriquecer a compreensão histórica. A análise dos dados segue uma abordagem qualitativa, empregando a codificação temática para identificar padrões e temas recorrentes nas fontes escritas e orais. Para a transcrição das cartas, utilizou-se a edição semidiplomática, que busca apresentar uma versão conservadora e acessível do documento original.⁵

Quanto à estrutura, este estudo está dividido em três capítulos. O capítulo 1, “Contexto histórico e social do sertão baiano nas primeiras décadas do século XX”, explora o panorama histórico e social da região, analisando as transformações regionais, dinâmicas sociais e práticas culturais. O capítulo 2, “Cartas endereçadas a Joaquim Ferreira de Britto”, analisa as 13 cartas, descrevendo as informações explícitas e reveladas pela pesquisa oral, explorando aspectos da vida cotidiana, relações sociais e contextos vividos pelos remetentes e destinatário. O Capítulo 3, “A Escrita Epistolar e a Paleografia: contexto, características e importância”, apresenta uma visão histórica da escrita epistolar, abordando-a como uma expressão documental e destacando a importância da paleografia na compreensão das cartas do período.

Dessa forma, este estudo investiga a escrita epistolar no sertão baiano, apoiando-se em bibliografia, paleografia e edição de manuscritos da primeira metade do século XX. A pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla da história regional, preservando e divulgando a memória daqueles que vivenciaram esse contexto. Esperamos que este trabalho amplie o conhecimento sobre o sertão baiano e fortaleça o sentimento de pertencimento a essa comunidade, registrando suas experiências para as futuras gerações.

⁵ Segundo Spina (1994) e Cambraia (2005), a edição semidiplomática se caracteriza por reproduzir fielmente o texto original, preservando sua estrutura e ortografia, mas com algumas adaptações que facilitam a leitura contemporânea, como a inserção de classificação e a padronização de certos elementos gráficos. Esse tipo de edição mantém, portanto, um equilíbrio entre a fidelidade ao documento original e a necessidade de esclarecer para o leitor moderno. A ideia é que o texto transcrito conserve ao máximo as características do manuscrito, sem abdicar completamente de disciplinas interpretativas mínimas, que garantam a compreensão.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA REGIÃO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO: TECENDO COMENTÁRIOS SOBRE A VIDA COTIDIANA DA VILA TIRIRICA, DISTRITO DE XIQUE-XIQUE, NO SERTÃO BAIANO

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Walter Benjamin, 1994, p. 198).

Este capítulo visa aprofundar nossa compreensão do contexto histórico e social do sertão baiano nas primeiras décadas do século XX, com foco na vida cotidiana das comunidades do interior. Através de uma análise minuciosa das práticas culturais, valores, crenças, relações interpessoais e elementos que compõem o cotidiano, buscamos entender como esses fatores interagem e influenciam a vida das pessoas nessa região. Além disso, exploraremos as dinâmicas sociais que moldaram esse período, considerando as mudanças históricas e suas implicações práticas.

Conhecer fatores como a origem, a localização geográfica e o tamanho populacional é crucial para o estudo de qualquer região. É igualmente fundamental considerar as funções iniciais desempenhadas no espaço, bem como as interações que delas resultaram. Essas interações envolvem a troca de pessoas, mercadorias, capitais e informações entre as localidades (Corrêa, 2000). A vila Tiririca é, pois, o cenário desse estudo. O lugar que também representa outros espaços deste grande sertão do médio São Francisco.

No centro desta análise, está a categoria “sertão” e suas representações. É fundamental definir e explorar essa categoria para contextualizar o ambiente da vila Tiririca, contribuindo para uma compreensão da base geográfica e ambiental da comunidade. Além disso, analisar as representações do sertão nos permite destacar sua verdadeira condição ambiental e histórica na formação da identidade local e das comunidades circunvizinhas.

Entender o sertão da vila Tiririca nos possibilita compreender os desafios que moldaram a vida cotidiana dos moradores ao longo da história, contribuindo para a conscientização sobre questões contemporâneas e para a busca de soluções. Somando a isso, enriquece nossa compreensão das dinâmicas do sertão e seu impacto na sociedade local.

Iniciamos este tópico abordando a complexidade da expressão “sertão baiano”, destacando sua importância como parte da história e da cultura do Brasil. A categoria “sertão”

é fundamental para a contextualização da vila Tiririca e de sua identidade única, e a pesquisa será um passo significativo para a compreensão mais profunda deste território multifacetado.

1.1 SERTÃO NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO: DEFINIÇÕES E REPRESENTAÇÕES

A diversidade de termos usados para descrever o espaço é uma característica comum no campo geográfico. Palavras como “lugar”, “região”, “território”, “área” e “extensão de terra” são frequentemente entrelaçadas no discurso acadêmico e na sua compreensão. Essa variedade de termos não é apenas o resultado da influência de diferentes disciplinas e áreas de conhecimento que abordam a categoria, mas também reflete a natureza dinâmica e a constante evolução do próprio espaço⁶.

O dinamismo do espaço e suas formas de representação resultam em novos significados para essas categorias, devido à sua própria evolução e ao desenvolvimento das perspectivas teóricas. Isso implica que a compreensão do espaço está em constante transformação e redefinição, observa Melo (2019).

É fundamental notar que não estamos buscando uma definição precisa para cada um desses termos, mas sim reconhecendo que as categorias de análise do espaço são fluidas e estão intimamente ligadas a abordagens teóricas que se interconectam. Assim, este estudo aborda esses conceitos e dá uma atenção mais precisa à categoria “sertão” por se tratar de uma palavra-chave desta pesquisa.

Uma concepção amplamente difundida é a de que o sertão brasileiro representa o oposto extremo do litoral.⁷ No entanto, essa polaridade frequentemente carrega consigo uma visão pejorativa das áreas sertanejas, que são muitas vezes consideradas inferiores em comparação com o litoral.

Silva (2019) questiona a visão predominante da população brasileira sobre o Sertão Baiano que o vê como uma região caracterizada apenas por galhos secos, cactos e pessoas magras com rostos queimados pelo sol. Há quem diga que as pessoas dessa região vivem em constante busca por comida, emprego e ajuda governamental, mesmo que mínima. Tal entendimento estereotipado ainda percorre o imaginário social brasileiro, mesmo com a tecnologia e a informação mais acessível à população.

⁶ André Carneiro Melo em: *Biodiversidade: Narrativas, diálogos e entrelaçamento de saberes da comunidade/escola em um território quilombola do Semiárido Baiano* (2019).

⁷ Moiseis Sampaio discute essa concepção e outras noções em: *Brasil e Argentina na pesquisa regional/local contemporânea: escalas, periodizações e problemas* (2021).

Em algumas representações, o sertão é associado à história do cangaço, uma característica social e cultural do Nordeste do Brasil marcada por banditismo e confrontos com grupos de cangaceiros. O cangaço é frequentemente retratado como parte da história do sertão e contribui para a imagem de uma região violenta (Jesus, 2006).

A história da ocupação e exploração do sertão baiano é rica e complexa, com significados diversos e debates acadêmicos. É fundamental entender que o sertão não se limita a uma definição geográfica restrita. É um espaço de riqueza cultural e intelectual, onde diferentes tipos de saberes se entrelaçam e fortalecem, contribuindo para uma compreensão mais profunda e rica deste território único.

O sertão é uma região do Brasil frequentemente associada à aridez e ao clima adverso, caracterizada como área semiárida com longos períodos de seca e escassez de água. Essa imagem está presente em várias representações e é comum a diferentes estudos. Entretanto, o termo não pode ser limitado a uma única definição geográfica, nem se restringe apenas ao semiárido. O sertão possui raízes históricas que remontam aos tempos anteriores à colonização das Américas e é objeto de diálogos nas academias, nos últimos anos. Neste sentido, ao longo da história, a percepção e o tratamento do sertão brasileiro evoluíram de forma significativa.

Durante o período colonial, as áreas sertanejas eram vistas como distantes e fora do âmbito da administração direta. No entanto, com o advento do Império brasileiro, essa dinâmica começou a mudar, à medida que o sertão passou a ser considerado um local onde a lei e a ordem deveriam prevalecer (Amado, 2010).

Santos (2010) apresenta uma definição abrangente do sertão, destacando que o termo é usado de forma “hiperbólica” para abranger “todo o interior do continente”. Isso se baseia na carta de Pero Vaz de Caminha, na qual o escrivão registra a extensão presumida da linha costeira, afirmando que, pelo sertão, a terra seria muito grande, pois, vista do mar, permitia enxergar apenas o arvoredo. Portanto, do ponto de vista de quem estava no mar, o “sertão” compreendia tudo o que existia além da linha costeira, ou seja, todo o continente.

A escala de representação do sertão é determinada pelo referencial, que pode variar desde o continente inteiro até o vale de um pequeno curso fluvial, dependendo do ponto de vista social e da finalidade da produção do documento (Santos, 2010).

É imprescindível destacar que a administração do território do sertão baiano foi marcada por uma cronologia distinta em relação a outras regiões coloniais. Essa diferença influenciou sua organização jurídico-política e a criação de instrumentos de regulação territorial. Esse contexto histórico é fundamental para entender o sertão baiano em sua totalidade (Santos, 2010).

Sabe-se que o sertão é um lugar marcado pelo sol causticante, com noites de belo céu estrelado, mas também o lugar de terra sedenta e rachada pela ausência de chuvas constantes. Seu conceito transcende a mera definição espacial, manifestando-se em padrões culturais e representações profundamente enraizadas na sociedade brasileira. “Passear entre memórias e histórias do sertão baiano não é uma tarefa fácil, embora prazerosa e ao mesmo tempo desafiadora” (Machado, 2020, p. 18).

A compreensão do sertão baiano requer uma abordagem holística que leve em consideração sua história, cultura e diversidade regional, superando estereótipos e valorizando sua relevância na construção da identidade nacional. Por conseguinte, a história da ocupação e exploração do sertão é rica e complexa. A má compreensão desse conceito no Brasil destaca a importância de estudá-lo em pesquisas específicas, devido à variedade de significados e debates acadêmicos em torno dele.

Muitas vezes, o sertão é retratado como um lugar de desafios extremos, onde as condições de vida são difíceis. A escassez de recursos hídricos e a luta pela sobrevivência são temas recorrentes. Além disso, há uma associação com a presença de convicção e práticas religiosas populares, como o catolicismo popular e o sincretismo religioso (Jesus, 2006).

Em diversos estudos, o sertão é compreendido como um espaço rico em identidade e resistência cultural, que caminham lado a lado. A cultura sertaneja é amplamente valorizada por suas tradições, como a música, o artesanato e as festas populares, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade regional.

O sertão baiano é um local onde a religiosidade se entrelaça com a alegria e o sofrimento provocado por longos períodos de seca. Ele é, acima de tudo, um lugar de esperança, que se renova a cada observação da natureza e a cada experiência compartilhada com seus habitantes. Assim como as folhas das florestas que reverdecem ao ouvirem o som da chuva batendo no telhado em uma tarde de primavera e ao sentirem o aroma agradável da terra molhada, a vida se revitaliza com o plantio das sementes. Esta é a imagem do nosso sertão.

Na literatura, o sertão mineiro é representado, de forma grandiosa por Guimarães Rosa, como um lugar de desafios e resistência, enquanto Graciliano Ramos retrata o sertão nordestino como uma região marcada pela seca e miséria. Por outro lado, Euclides da Cunha o relaciona à aridez, à caatinga e ao clima desértico. É fundamental ressaltar que o sertão brasileiro, apesar de sua complexidade, tem sido frequentemente estigmatizado. No entanto, trata-se de um território diversificado e dinâmico, merecedor de análise de forma plena.

Melo (2019) nos diz que o sertão é um espaço rico e complexo que convida à exploração de diversas perspectivas e significados. Ao longo de sua história, o sertão se revela como um

lugar multifacetado, caracterizado por sua diversidade, invisibilidade e poder latente. O autor sugere que o sertão pode ser entendido como um lugar cósmico que transcende fronteiras, emergindo como uma arqueologia das existências invisíveis (Melo, 2019).

Enfim, concluímos esse tópico apresentando o conceito do que entendemos como o retrato do sertão representado por Tiririca até meados do século XX. Ou seja, o sertão que se constrói a partir das interações entre diferentes representações e saberes, fortalecendo-se por meio de uma ecologia de conhecimentos, como diz Melo (2019), que abrange diálogos entre diversos tipos de saberes, incluindo o científico, o educacional, o artístico, o popular e o senso comum.

É necessário notar que as concepções e estereótipos de “sertão” podem variar de forma considerável ao longo do tempo e entre diferentes autores e pesquisadores. As concepções e estereótipos do “sertão” e do “sertão baiano” alteraram, portanto, de acordo com as perspectivas históricas e culturais. Essas representações são frequentemente moldadas pelas perspectivas históricas, sociais e culturais de quem está descrito, e não são estáticas, evoluindo ao longo do tempo, à medida que a região e suas dinâmicas mudam (Jesus, 2006).

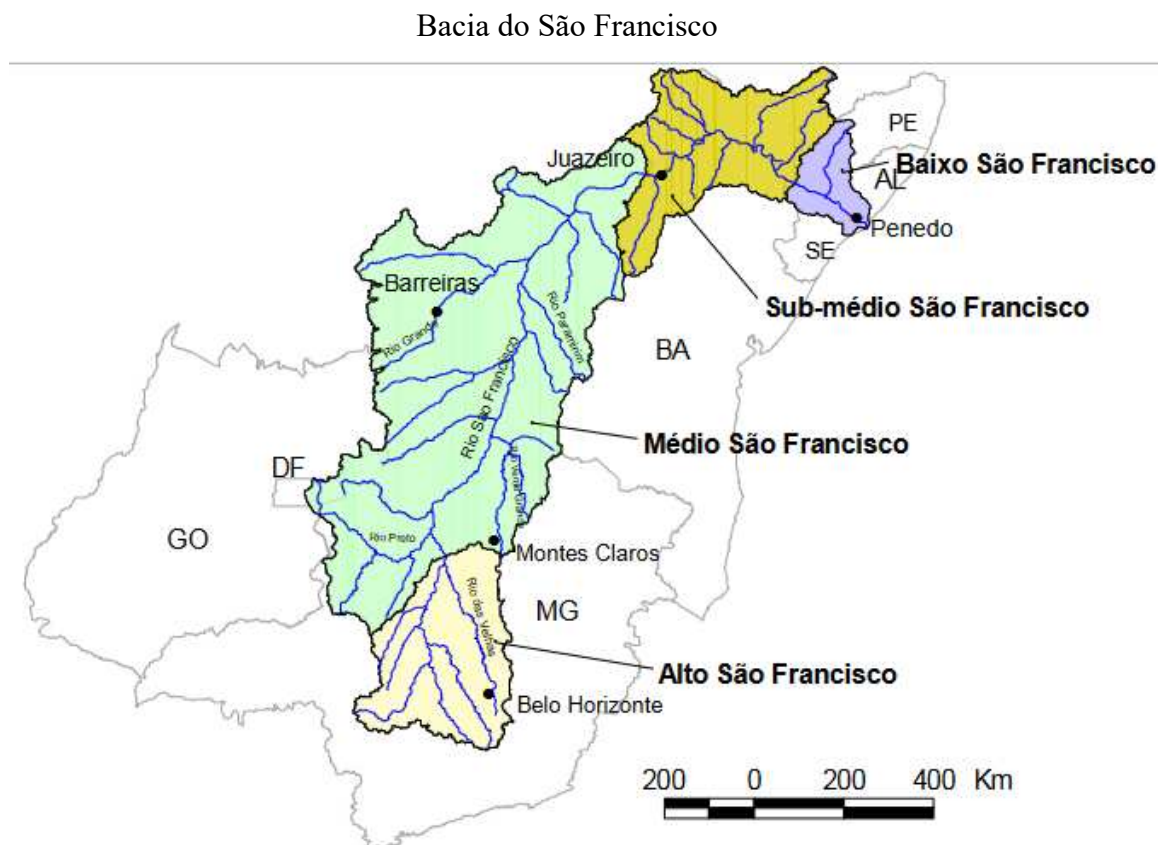
Para entender a origem da vila Tiririca, é importante contextualizar o processo de ocupação da região e a formação dos primeiros núcleos de povoamento no vale do São Francisco, nos períodos que a antecedem. Isso nos permitirá compreender a origem de Itaguaçu da Bahia, anteriormente denominada de vila Tiririca, e sua relação com a consolidação do domínio territorial, a integração da América portuguesa e a crise do Antigo Sistema Colonial.

1.2 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO NO MÉDIO SÃO FRANCISCO (SÉCULOS XVII E XVIII): UM RETRATO DA ORIGEM DO SERTÃO BAIANO

A história da ocupação e colonização do Brasil é marcada por uma complexidade de fatores que moldaram a forma como as terras foram conquistadas e exploradas ao longo dos séculos. Uma análise cuidadosa desses eventos revela nuances que transcendem a visão simplista de conquista territorial (Melo, 2019).

A região do Médio São Francisco desempenhou um papel fundamental na expansão territorial e na colonização do sertão semiárido do Brasil. No final do século XVII e no século XVIII, desbravadores e bandeirantes baianos e paulistas empreenderam explorações nessa área, desencadeando uma série de eventos que moldaram a trajetória histórica da região (ver figura 1).

Figura 1 - Divisão fisiográfica da Bacia do Rio São Francisco



Essas incursões no interior se caracterizaram por confrontos violentos, que abriram caminho para a colonização de terras anteriormente habitadas por povos indígenas. Tal processo foi marcado por conflitos, matanças e pela dominação gradual de terras pelos exploradores brancos, muitas vezes com ajuda de povos indígenas que, em alguns casos, formaram alianças estratégicas.⁸

Uma análise mais detalhada da região do Médio São Francisco revela as interações entre os colonizadores luso-brasileiros e os grupos indígenas em duas escalas distintas: a microscópica e a macroscópica.⁹ Na escala microscópica, ao examinarmos de perto as

⁸ Segundo Wilson Lins, em *O médio São Francisco: uma sociedade de pastores guerreiros* (1983) à margem do Rio São Francisco, era povoada por várias tribos, sendo citados os Tapuias, na margem direita.

⁹ A divisão do Sertão da Bahia em Alto, Médio ou Baixo tem como referência a posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e às maiores altitudes do relevo baiano. Essa abordagem também justifica a ausência da denominação “Médio Sertão” nos órgãos governamentais. Para saber mais, consulte *O médio São Francisco* (1983), de Wilson Lins. Adiante, veremos uma figura que especifica essa divisão.

interações locais e individuais, é possível conjecturar que ocorreram aproximações, interfaces e contatos que, por hipótese, foram menos violentos do que retratados na visão macroscópica do sertão baiano e do interior do Brasil.

Em diversos casos, alianças estratégicas entre colonizadores e grupos indígenas desempenharam um papel crucial na fácil penetração dos colonizadores pelo interior baiano. Essas associações poderiam incluir acordos comerciais, trocas culturais e até casamentos mistos, destacando a complexidade das relações.¹⁰

Por trás dessas interações, sempre houve uma aplicação econômica subjacente. Nesse sentido, a colonização do Sertão Baiano foi impulsionada pela expansão da cana-de-açúcar no recôncavo baiano, que levou a uma migração pecuária para regiões interioranas do estado, cedendo espaço para a monocultura da cana-de-açúcar.

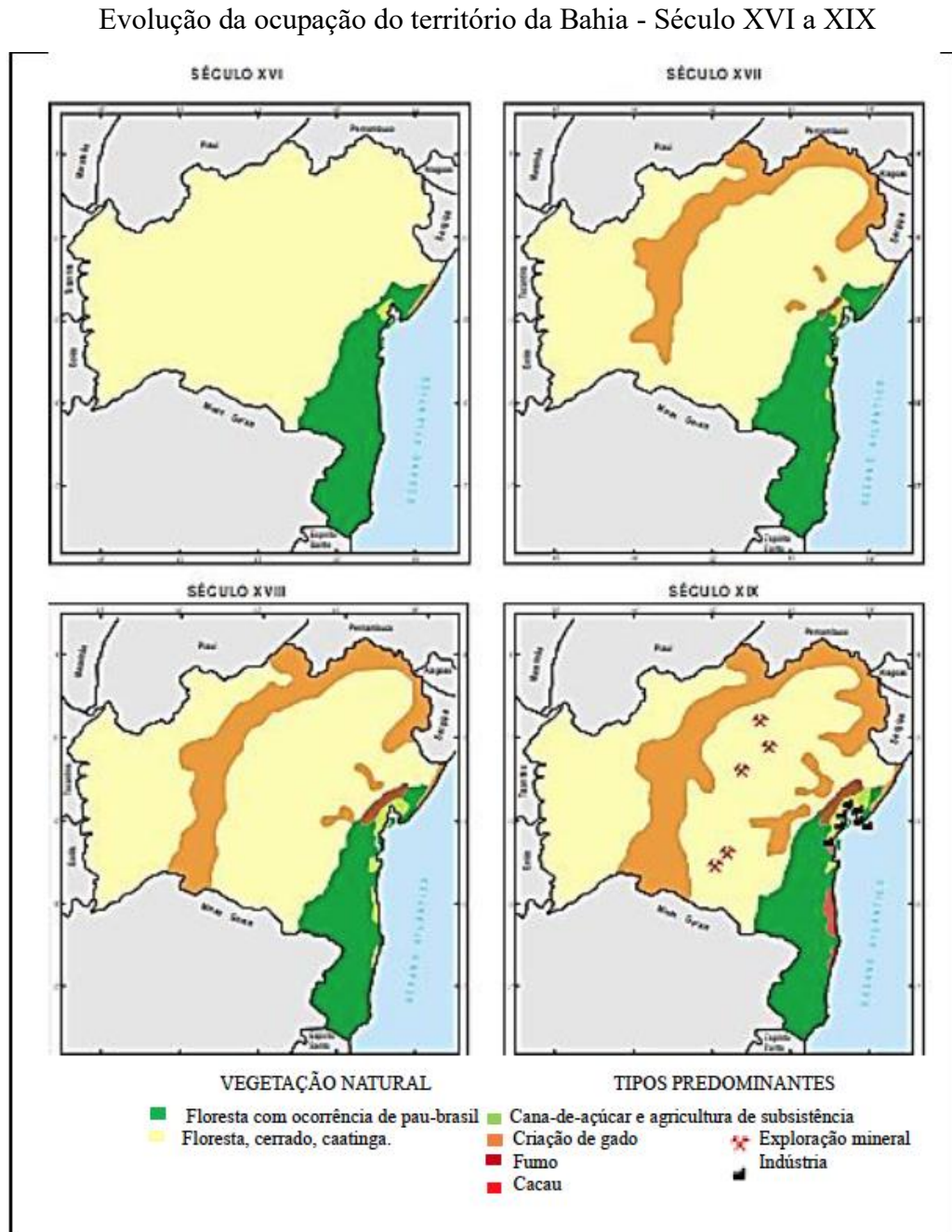
O gado atendeu às necessidades de tração e alimentação da população canavieira, além de desempenhar um papel crucial na expansão dos domínios coloniais na região. Esse crescimento também ocorreu devido à necessidade de consolidação do domínio colonial, muitas vezes ameaçado pela resistência de indígenas, negros escravizados e ações de outras nações colonizadoras, como os holandeses.¹¹

Na figura 2 veremos que o século XVI foi o período no qual plantaram-se as primeiras mudas de cana-de-açúcar no litoral baiano e foi iniciado o criatório de bovinos. No século seguinte, estendeu-se o plantio para outras partes do litoral, implantou-se o fumo como novo cultivo, enquanto o gado foi deslocado para regiões mais afastadas.

¹⁰ Para conhecer melhor esse contexto, ler Santos (2010).

¹¹ Elizângela Ferreira, na obra *Nas variantes do sertão: trajetória de família, o Médio São Francisco (Xique-Xique – século XIX)* apresenta uma descrição bem detalhada sobre a povoação e extensão territorial de Chique- Chique no século XIX (Ferreira, 2023).

Figura 2 - Informações sobre o povoamento no Médio São Francisco (séculos XVI a XIX)



Fonte: Santos, 2010.

O século XVIII marca um período de crescimento tanto na agricultura quanto na pecuária, indicando uma consolidação das atividades econômicas e uma estabilidade possível no sistema colonial da região. Mas é no século XIX que a economia dá um salto e, além dos produtos já cultivados, outras atividades são acrescentadas, como o plantio do cacau, a extração de minerais e a presença de indústrias. A imagem apresenta a complexidade da colonização do

Sertão Baiano, destacando a expansão da produção de cana-de-açúcar e a migração como elementos-chave na história econômica e social da região, além de evidenciar os desafios enfrentados pelos colonizadores.

A figura 2 também destaca, portanto, a evolução da economia e da colonização no Sertão Baiano ao longo dos séculos XVI a XIX. Ela retrata a transição das atividades econômicas, as mudanças nos cultivos agrícolas e a expansão geográfica das práticas de produção, o que é essencial para compreender a história econômica e social da região.

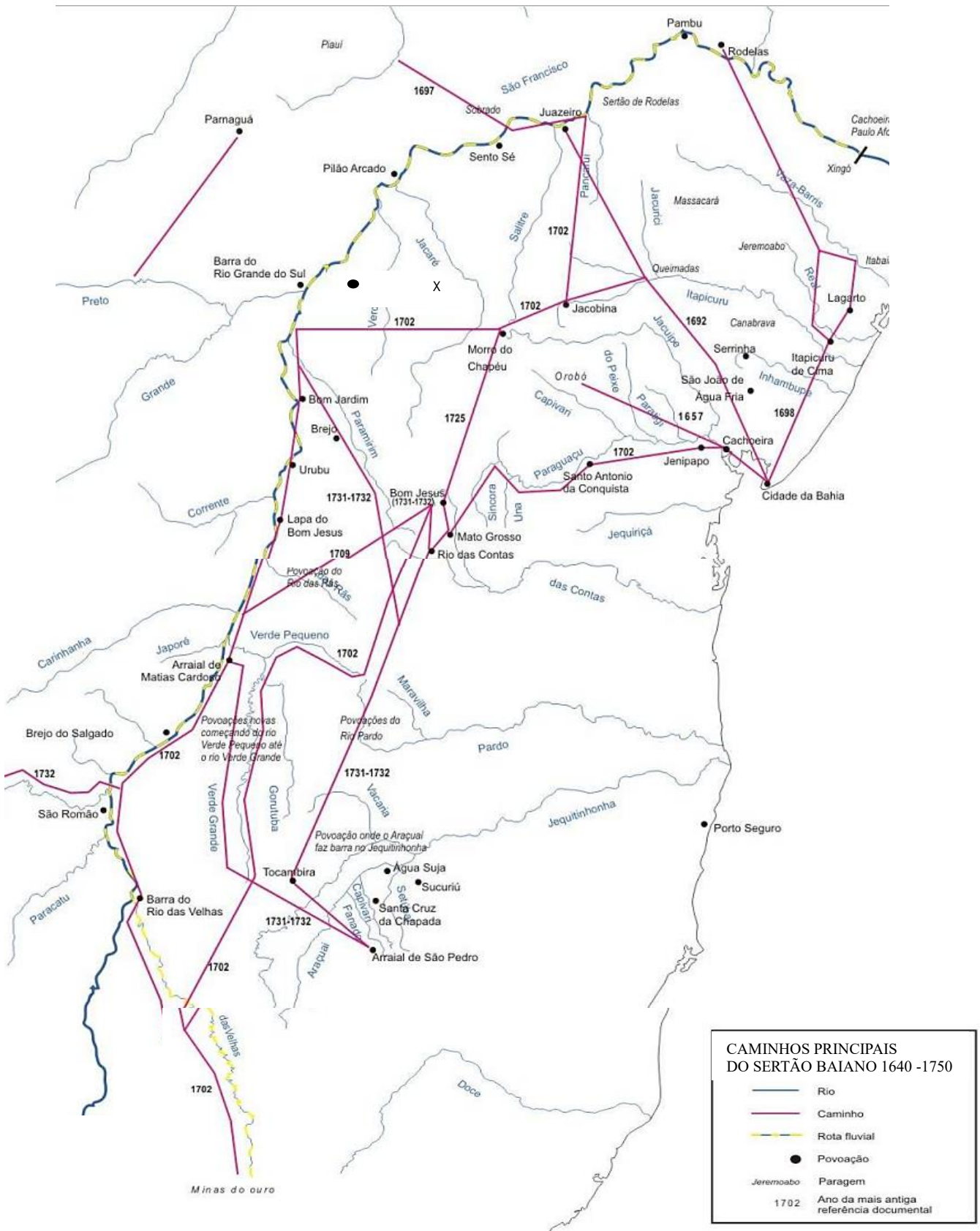
É importante ressaltar que o ouro desempenhou um papel central na rápida expansão territorial em áreas distantes da costa. A descoberta de riquezas minerais incentivou uma territorialização ágil e eficaz, à medida que os colonizadores buscavam explorar essas áreas em busca de benefícios econômicos.

No entanto, nas áreas do interior – ocupadas principalmente pela criação de gado, extração de sal e cultivos agrícolas direcionados para mercados locais ou para a subsistência – a formação territorial foi mais lenta e menos assertiva, especialmente considerando a implantação da soberania portuguesa sobre o território. Esses fatos destacam como a motivação econômica desempenhou um papel determinante na ocupação e exploração do território brasileiro ao longo do tempo.

Os registros históricos nos oferecem uma visão única das dinâmicas populacionais e geográficas que moldaram a região. Eles não apenas delimitam as fronteiras administrativas, mas também fornecem informações cruciais sobre o tamanho das comunidades locais. Dessa forma, permitem-nos explorar as características demográficas e espaciais distintas desse espaço de estudo.

As figuras 3 e 4 mostram como se deu a evolução da ocupação do território da Bahia em diferentes épocas e o caminho percorrido pelos desbravadores.

Figura 3 - Povoação no interior da Bahia, região do São Francisco – Século XVII - XVIII¹²



¹² O número indicado corresponde ao ano da referência documental mais antiga. Fonte: Márcio Roberto Santos, 2010. *In: Fronteiras do Sertão Baiano:1640-1750* (Adaptado)

Na figura 3, Santos (2010) nos apresenta caminhos do Sertão Baiano, a trajetória realizada na região de Xique-Xique e dos lugares que hoje são demarcados como região do Médio São Francisco. O autor também apresenta um recorte abrangente das primeiras povoações no sertão são-franciscano, fornece-nos informações valiosas sobre quando surgiram as vilas e povoados do interior da Bahia. Especificamente, ele destaca os espaços localizados à direita do Médio São Francisco, revelando a extensão territorial e a quantidade aproximada de habitantes dessa região durante as primeiras décadas do século XVIII. Nela, interessa-nos, de forma especial, quando se deram as povoações das áreas próximas a Xique-Xique, devido à relação e característica comum que havia entre elas. Como exemplo, temos: Barra do Rio Grande do Sul – que tinha um território de 20 léguas e cerca de 40 moradores no ano de 1737. Já Xique-Xique possuía 40 léguas e uma população de 400 moradores em 1743.¹³

¹³ Para enriquecer melhor o conhecimento sobre como se deu o povoamento na região, ver Ferreira (2008) e Santos (2010).

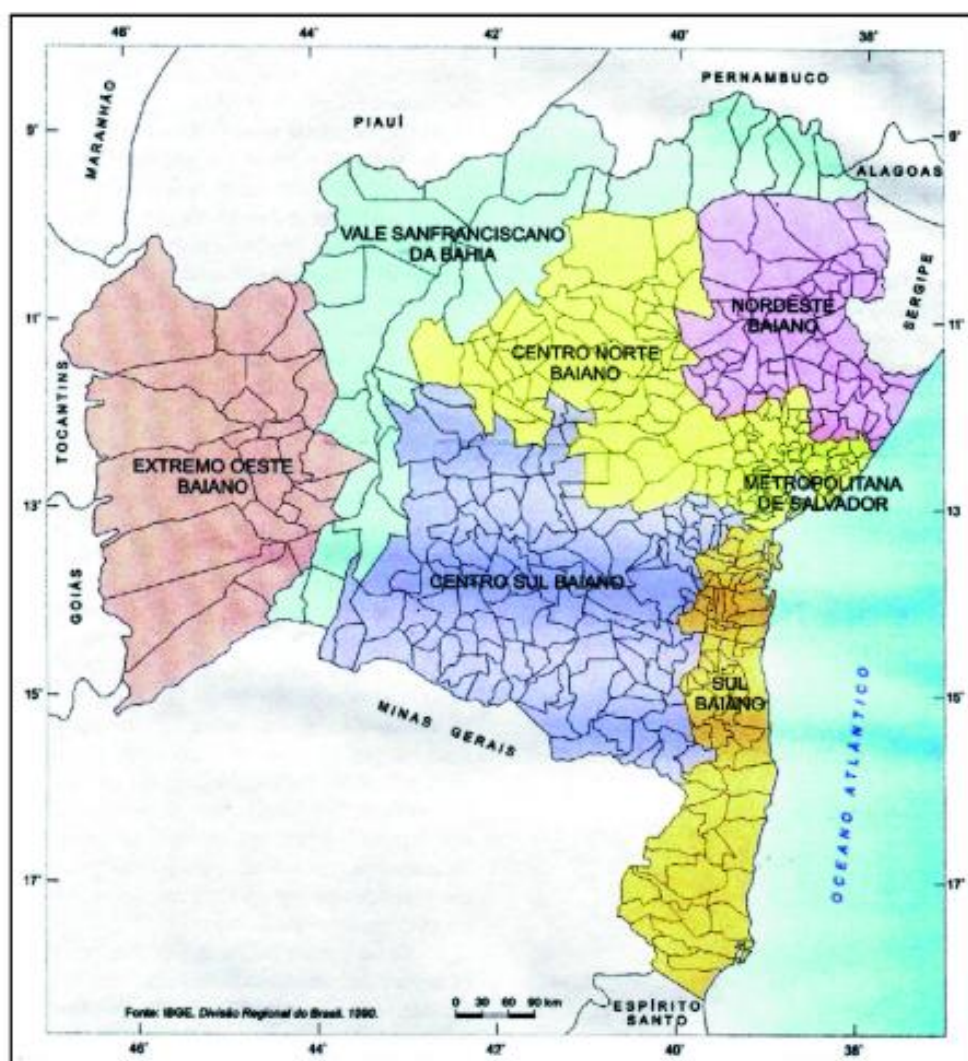
Enquanto desbravavam o sertão, os sujeitos também cumpriam um papel ativo na fundação de pequenas comunidades ao longo do caminho e na promoção da agricultura de subsistência. Logo, os distritos próximos ao Rio São Francisco surgiram em períodos curtos um do outro. Equivale dizer, entretanto, que a história e a cultura desses lugares trazem muita semelhança (Santos, 2010).

É importante destacar que, ao invés de povoarem de imediato a região, os colonizadores inicialmente promoveram o despovoamento, muitas vezes resultando em episódios de genocídio e na fuga dos habitantes indígenas. Wilson Lins expressa essa dinâmica da seguinte forma: “Ao iniciar a penetração no grande vale, os colonizadores, em vez de povoá-lo, agenciaram o seu despovoamento, matando os habitantes indígenas e substituindo tribos por boiadas à medida que avançavam pelo ermo” (Lins, 1983, p. 21).

Dois fatores principais impulsionaram a colonização do sertão, de acordo com Prado Júnior (2011): a mineração e as fazendas de gado. Enquanto a mineração não estabelecia uma ligação contínua entre núcleos de povoamento e áreas ocupadas, as fazendas de gado se expandiam de forma contígua ao longo do Rio São Francisco.

No entanto, com o tempo, os colonizadores perceberam que o vale do São Francisco não era adequado para a criação de gado e que as esperanças de encontrar minas e riquezas imediatas eram ilusórias. Como consequência, alguns colonizadores optaram por deixar a região em busca de oportunidades mais promissoras, enquanto outros se adaptaram às condições locais, procurando alternativas mais viáveis para o desenvolvimento das vilas e a sobrevivência dos habitantes do sertão (ver figura 5).

Figura 5 - Mesorregiões Geográficas da Bahia



Fonte: Sei.ba.gov.br.

As condições climáticas desfavoráveis à prática agrícola levaram à concentração das primeiras povoações nas proximidades dos rios, lagos e brejos. A expansão da pecuária ao longo do rio São Francisco desempenhou um papel significativo na ocupação do sertão baiano, iniciada no final do século XVI e continuada no século XVII (Santos, 2010). Com o tempo, outras atividades econômicas ganharam destaque, como o cultivo e o comércio de produtos agrícolas.

A agricultura de pequena escala não apenas subsistia, mas também prosperava. Ela encontrou maneiras criativas de se manter, ocupando terras áridas, focando na produção de culturas de subsistência e aproveitando a mão de obra familiar. Essas estratégias ressaltam a importância da agricultura de pequena escala na região, especialmente na Bahia, destacando a resiliência dos agricultores diante das adversidades impostas (Nascimento, 2000).

Uma análise detalhada sobre a ocupação do Médio São Francisco e sua inserção na história da colonização do Brasil revela uma teia intrincada de fatores econômicos, sociais e culturais que moldaram o país ao longo dos séculos. Esses eventos nos permitem apreciar a riqueza da história brasileira e as complexas relações entre colonizadores, povos indígenas e a geografia local em diferentes escalas geográficas.¹⁵

1.3 CENÁRIO SERTANEJO: A ROTINA E DESAFIOS NO CENTRO ECONÔMICO DA REGIÃO (XIQUE-XIQUE SÉCULOS XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX)

Localizado no coração do sertão nordestino, Xique-Xique experimentou um desenvolvimento que, desde suas origens, utilizou as características naturais da região como guia para a ocupação do território. A proximidade do Rio São Francisco foi determinante na escolha das terras, conferindo poder e direção àqueles que detinham propriedades próximas a esse recurso vital.

Xique-Xique começa sua história na Fazenda Praia Grande, às margens do arquipélago da Ipueira, afluente do rio São Francisco, onde atualmente encontra-se a Ilha do Miradouro. Esta área, conhecida pela sua abundância de peixes e recursos agrícolas, foi frequentada desde os primórdios, de início por pescadores. A região prosperou, sobretudo devido à pesca no rio Ipoeira, que na época era uma atividade acessível, econômica e rentável. A vila de Xique-Xique, criada em 1832 e instalada em 1834, cresceu graças a essas atividades.

No século XIX, Francisco Vicente Vianna, em “Memória sobre o Estado da Bahia” (1893)¹⁶, assim descreve Xique-Xique: “Chique-Chique é uma localidade que possui uma rica história e características geográficas únicas.”¹⁷

O século XIX viu o geógrafo Francisco Vicente Vianna descrever Xique-Xique como um espaço de rica história e singularidade geográfica. Contudo, essa época no sertão nordestino

¹⁵ As referências podem auxiliar nesta tarefa, haja vista que o objetivo desta pesquisa é direcionado a um espaço específico.

¹⁶ Para se aprofundar sobre antiga Villa Chique-Chique, recomendamos ler a obra de Vianna citada acima, publicada em 1893 a pedido do governador Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima. Trata-se de um documento histórico que fornece uma descrição detalhada da cidade de Xique-Xique e de sua região, incluindo informações sobre geografia, infraestrutura, cultura, economia, religião e história local. Esta obra traz ricos detalhes sobre o interior da Bahia no final do século XIX. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/522905395/Memoria-Sobre-o-Estado-Da-Bahia-1893-Vianna-Francisco-Vicente>. Acesso em: 20 de jul. 2024.

¹⁷ O Distrito de Chique Chique passou a ser grafado “Xique-Xique” a partir do Decreto-Lei Estadual nº 141, de 31/12/1943, retificado pelo Decreto Estadual nº 12978, de 01/06/1944.

foi marcada pelo isolamento geográfico, que moldou uma cultura distinta. A população local se dedicava principalmente à agricultura e à pecuária, enfrentando desafios constantes devido a seca, escassez de pastagens e enchentes. Alguns proprietários e negociantes também desenvolviam a atividade de lavrador, exercendo o que Ferreira chama de uma tripla qualificação: ‘proprietário, negociante e lavrador’.¹⁸ A falta de infraestrutura viária e a distância dos centros urbanos geraram uma economia local autossustentável.¹⁹

A cidade de Xique-Xique era estrategicamente posicionada, situada a distâncias estratégicas de outras localidades na região, como Barra, Gameleira do Assuruá e Pilão-Arcado. A proximidade com o Rio São Francisco e suas ilhas desempenharam um papel crucial na economia local (Vianna, 1889).

Xique-Xique possuía uma ampla extensão territorial, abrangendo áreas ao norte, sul, leste e oeste, com rios e limites naturais delimitando suas fronteiras. As terras se estendiam por mais de quarenta léguas, como mencionado anteriormente. Ao norte, havia o rio Verde, que separava Xique-Xique de Santo Sé; ao sul, as terras limitavam-se com Brotas de Macaúbas e o rio Paramirim, que definia a fronteira com Santo Antônio do Urubu, atual Paratinga. A região se estendia a leste até Jacobina e nordeste até Morro do Chapéu. No extremo oeste, a demarcação alcança o rio São Francisco, fazendo limite com os municípios de Barra do Rio Grande e Pilão Arcado (Ferreira, 2023).

A seguir, apresentamos a figura com as dimensões aproximadas do município de Xique-Xique no XIX:

¹⁸ Ferreira (2023) em: *Nas variantes do sertão: trajetória de família o Médio São Francisco (Xique-Xique – século XIX) - uma descrição bem detalhada sobre a povoação e extensão territorial de Chique-Chique no século XIX.*

¹⁹ Somente na segunda metade do século XIX, com a chegada da estrada de ferro, o sertão começou a experimentar mudanças significativas. A conexão com o restante do país e as subsequentes transformações econômicas e sociais marcaram um ponto de viragem na região. A história detalhada desse processo considerará os relatos de Wilson Lins (1983), Prado Júnior (2011) e demais referências consultadas.

Figura 6 - Mapa do Estado da Bahia



Fonte: SAMPAIO, Theodoro. O Estado da Bahia: agricultura, criação de gado, indústria e commercio. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1925. Apud: FERREIRA, Elisângela Oliveira. *Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX*. Tese (Doutorado em História Social), UFBA, 2008.

Na freguesia do Senhor do Bonfim de Xique-Xique, até 1814, as construções eram amiúde modestas, com poucas casas, a maioria cobertas de telhas, mas em estado de conservação precário, formando quase que uma única rua. Entre as construções, havia uma matriz dedicada ao Senhor do Bonfim e, no final da rua, uma capelinha de Santa Cruz. Xique-Xique também contava com uma casa do Conselho, um cemitério e duas escolas Vianna (1893).

Além disso, existiam várias capelas em seus vilarejos, como em Miradouro – descrita anteriormente –, Casa Nova, Picada, Marrecos, Boa-Vista, Tapera, Sítio, Pedras, Jatobá, Sacco dos Bois, Porto da Matalotagem e Tiririca.

A maior parte das casas de Xique-Xique, assim como as benfeitorias que as cercavam, apareciam acompanhadas de adjetivações como “já velhas”, “deterioradas”, “bastante arruinadas”. Construídas com matéria-prima da região, pelas mãos dos seus próprios donos (Neves, 2003, p. 229).

Nos povoados, as moradias eram mais precárias ainda, “as construções de madeira e barro cobertas de palhas de carnaúbas, ou mesmo de pindoba e de cascas de árvores, faziam parte da paisagem. Erivaldo Fagundes Neves ressalta em “Posseiros, rendeiros, proprietários”, a predominância de casas “de enchimento ou taipa, com paus a pique e varas cruzadas, amarradas com cipós, para conter o barro batido [...]. As construções mais sólidas, de adobes crus, coberturas de madeiras aparelhadas e telhas vãs”, difundiram-se muito lentamente”, completa o autor (Neves, 2003, p. 229).

A partir de 1850, o rio São Francisco se tornou uma rota de navegação importante, ligando o Nordeste brasileiro ao Sul do país. Esse desenvolvimento trouxe um incentivo governamental para a migração de nordestinos para áreas menos povoadas em desenvolvimento. As locomotivas também desempenharam um papel crucial no transporte de alimentos durante estiagens prolongadas, melhorando as condições de vida na região (Santos, 2010).

Ferreira ressalta que – conforme os dados extraídos de Correspondências de Juízes (1829-1864) – “Em 1852, a relação dos cidadãos elegíveis e votantes de Xique-Xique chegava ao número de 1.500 homens, alistados através dos distritos que compunham a sua jurisdição”.²⁰ Isso equivale dizer que a população nesta época era três ou quatro vezes maior ao acrescentar os demais membros (Ferreira, 2023, p. 63).

Xique-Xique teve um passado marcado por turbulentos e constantes conflitos partidários que resultaram na destruição de casas, igrejas, cemitérios e na emigração da população. A chegada da República trouxe instabilidade e conflitos no Médio São Francisco, desafiando as antigas oligarquias que dominaram a região. As cidades de Xique-Xique,

²⁰ O termo "distrito" desempenha um papel crucial na documentação que remonta às primeiras povoações no sertão baiano. Por meio dos distritos, eram estabelecidos os limites das áreas de jurisdição de indivíduos nomeados para cargos militares. Em alguns casos, essas nomeações incluíam informações sobre a extensão territorial e a população residente nos distritos, tornando-as fontes valiosas para a análise das concentrações populacionais que caracterizavam a região em estudo.

Carinhanha, Pilão Arcado e Remanso testemunharam choques armados entre as famílias dominantes, mas não foram as únicas.²¹

Durante essa transição, todos os municípios da região, exceto Barra do Rio Grande, foram palco de inúmeros e sangrentos conflitos (Lins, 1983). No entanto, na segunda metade do século XIX, tanto Xique-Xique quanto Barra estiveram envoltos em conflitos por causa da demarcação das ilhas. Conforme aponta Ferreira (2023), durante esse período, várias demandas surgiram entre as Câmaras de Xique-Xique e de Barra do Rio Grande, motivadas por discordâncias em relação à demarcação dos limites das ilhas.

O poder na região era frequentemente exercido por figuras conhecidas como “coronéis”, latifundiários que desempenhavam papéis múltiplos, incluindo proprietários de terras, negociantes e lavradores. Eles desempenharam um papel fundamental na configuração do poder e da sociedade local. Possuíam fazendas com criação de gado e muitas vezes eram aliados do governo central (Lins, 1983).

Sampaio (2017) nos dá uma melhor visão da importância e do poder exercido pelos coronéis no sertão baiano:

Com a Independência (1822) e a instauração do Império, longe de significar uma ruptura com o mandonismo local, houve uma intensificação do poder dos senhores rurais. A criação da Guarda Nacional conferiu uma justificativa institucional ao poder dos mandões locais, que passam a ser coronéis de uma força militar, ainda que de segunda linha, teoricamente a serviço do Estado e o representando [...]²²

A importância do coronel na pesquisa de Sampaio (2017) para uma região isolada e sofrida, como a maioria das cidades e vilas do sertão baiano, demonstra que foi fundamental para que a sociedade local superasse os imensos obstáculos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O historiador destaca que “O coronelismo não envolvia somente relações políticas, também estavam em cena as relações econômicas, raciais, de classe e de mentalidade”. Segundo ele, os que detêm o poder “conhecem a conjuntura local ou regional, e desenvolvem estratégias de poder adequadas ao lugar” (Sampaio, 2017, p. 282).

No século XIX e início do século XX, a região de Xique-Xique enfrentou adversidades relacionadas às secas, que atingiram de maneira severa as famílias menos favorecidas, agravando a pobreza. O território também gerou conflitos políticos, particularmente durante a

²¹ Do ponto de vista do planejamento público, até os anos de 1940 o chamado Sub-médio São Francisco não constituía propriamente uma região.

²² Sampaio (2017, p. 59). *Francisco Dias Coelho: o coronel negro da Chapada Diamantina*. Salvador: EDUNEB, 2017.

transição para a República, envolvendo choques armados entre famílias influentes em várias cidades da região.

Entre os anos de 1852 e 1853, Ferreira ressalta que a população da vila Xique-Xique e de todo o município chegava ao número de aproximadamente 8.900 pessoas que viviam da agricultura, pecuária, da pesca e da mineração. Em 1872, a quantidade correspondia a 15.746 habitantes. Na última década do século XIX, a população do município foi estimada em quase 25 mil habitantes (Ferreira, 2023, p. 77), lembrando que o território mantinha os limites originais, nesta época, descritos antes. Posteriormente, à medida que seu território era desmembrado, o número de pessoas reduzia.

Xique-Xique tinha uma economia diversificada no século XIX, com destaque para a criação de gado e a agricultura de cereais e frutas, mineração, especialmente a extração de sal e alumínio. A cultura local era enriquecida pela carnaúba, uma planta versátil usada para várias finalidades, além do plantio de frutas, como a melancia. A religião desempenhava um papel significativo, com várias capelas e devoção ao Senhor do Bonfim e à Santa Cruz (Vianna, 1883).

Até a década de 1930, Xique-Xique possuía um território vasto que incluía diversos distritos e povoados.²³ Administrar uma região tão extensa era um desafio, e os políticos dependiam do apoio de correligionários de diferentes áreas para manter a ordem.

Conforme Souza (2005), devido à extensão territorial considerável e à escassez de meios de comunicação e transporte até meados do século XX, administrar Xique-Xique era uma tarefa desafiadora. Ele ilustra essa complexidade com a trajetória política de José Peregrino de Souza, (nascido e residente da vila Tiririca) que foi prefeito e vereador na cidade de Xique-Xique, para ajudar na compreensão da administração do município em diferentes períodos.

Nesse contexto, os administradores contavam com o apoio de correligionários dos distritos e povoados. Em Central e seus povoados, os principais aliados incluíam Antônio de Assunção Ferreira dos Santos (Ginga) – pai de Adão de Assunção Duarte, José de Félix, Euzébio Brito, José Aragão, José de Souza Machado, Jeremias Porto, Máximo Matos e Zeca Dourado.

Já em Canabrava do Gonçalves, o prefeito recebia o suporte da família de Pedro Machado. Em Lagoa da Canabrava, contavam com Antônio Felix e outros. Na Chapada dos Honoratos,

²³ A área de Xique-Xique abrangia os Distritos de Ibiacema, Marrecas, Tiririca, Canabrava do Gonçalves (município Uibaí), Central e povoados de Larga dos Mendes, Lagoa de Canabrava (Presidente Dutra), Chapada dos Honoratos e Gabrielzinho (município São Gabriel), Larga de Elói, Larga do Cruzeiro e o povoado do Recife (esses três últimos são distritos do município de Jussara).

Francisco (Chico de Dedé) era uma figura importante. Em Xique-Xique, os principais colaboradores eram Fanu Dourado, Humberto Nogueira, José Barbosa, João Durães, Antônio Jacobina, Bibi Nogueira e diversos outros. Na vila Tiririca, tinha o apoio da maioria da população.²⁴

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a região de Xique-Xique enfrentou inúmeras adversidades relacionadas às secas, que afetaram de maneira particularmente severa as famílias menos favorecidas, agravando a situação de pobreza.

Alfredo Macedo Gomes (1998) afirma que o significado da seca para os moradores do semiárido nordestino

Não se restringe ao período seco, mas muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica, religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período seco, de estio, a sua significação é inquestionável; se é período de chuvas, onde se vive o “inverno” e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer (Gomes, 1998, p. 57).

Além das secas, as lutas políticas tornaram-se mais complexas nas duas últimas décadas do Império e persistiram durante a República, especialmente nos períodos eleitorais. Como descreve Ferreira: “Na vila, as casas que não foram derrubadas à machadadas estavam danificadas por balas, e os arraiais do Miradouro e dos Guaximins foram devastados pelo fogo” (2023, p. 136)

Este contexto revela que, nos povoados e vilas, a pobreza era mais acentuada, haja vista que as famílias necessitavam da água para a sua sobrevivência, para os animais e a agricultura. O Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) nos revela que a região do vale do São Francisco tem, na maioria dos anos, um histórico de baixo volume de chuvas anual, isso se deve à posição geográfica e o relevo que, juntos, influenciam de forma direta na precipitação pluviométrica. Esse é o fator principal e responsável pela caracterização semiárida da região. Em geral, ocorre de modo irregular, tanto temporal quanto espacialmente e com chuvas entre os meses de novembro e março.²⁵

Destaca-se que, além da ausência de chuvas, as altas temperaturas na região também são um flagelo para o sertanejo. A temperatura média anual é da ordem de 26,5°C a 34°C não

²⁴ Informações coletadas de Salomão Ribeiro de Souza. *Um homem, uma vida, uma história*. Edição particular. 2005. Outra obra que complementa as informações apresentadas sobre Tiririca é *Os escritos, vida e lutas de um sertanejo*, escrita em dezembro no ano de 2004. Possui 35 páginas e foi editada por uma gráfica de Xique-xique denominada MM Designer.

²⁵ Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia INMET. Disponível em: www.jornaldotempo.uol.com.br.

variando muito ao longo do ano. Entre os meses de junho a agosto, as temperaturas são mais amenas, enquanto o período mais quente do ano se estende de setembro a janeiro.²⁶

Vale dizer que 1.261 municípios compõem o semiárido brasileiro, portanto, dizer que todos apresentam características semelhantes é uma concepção distorcida da geografia (ver figuras 7 e 8).

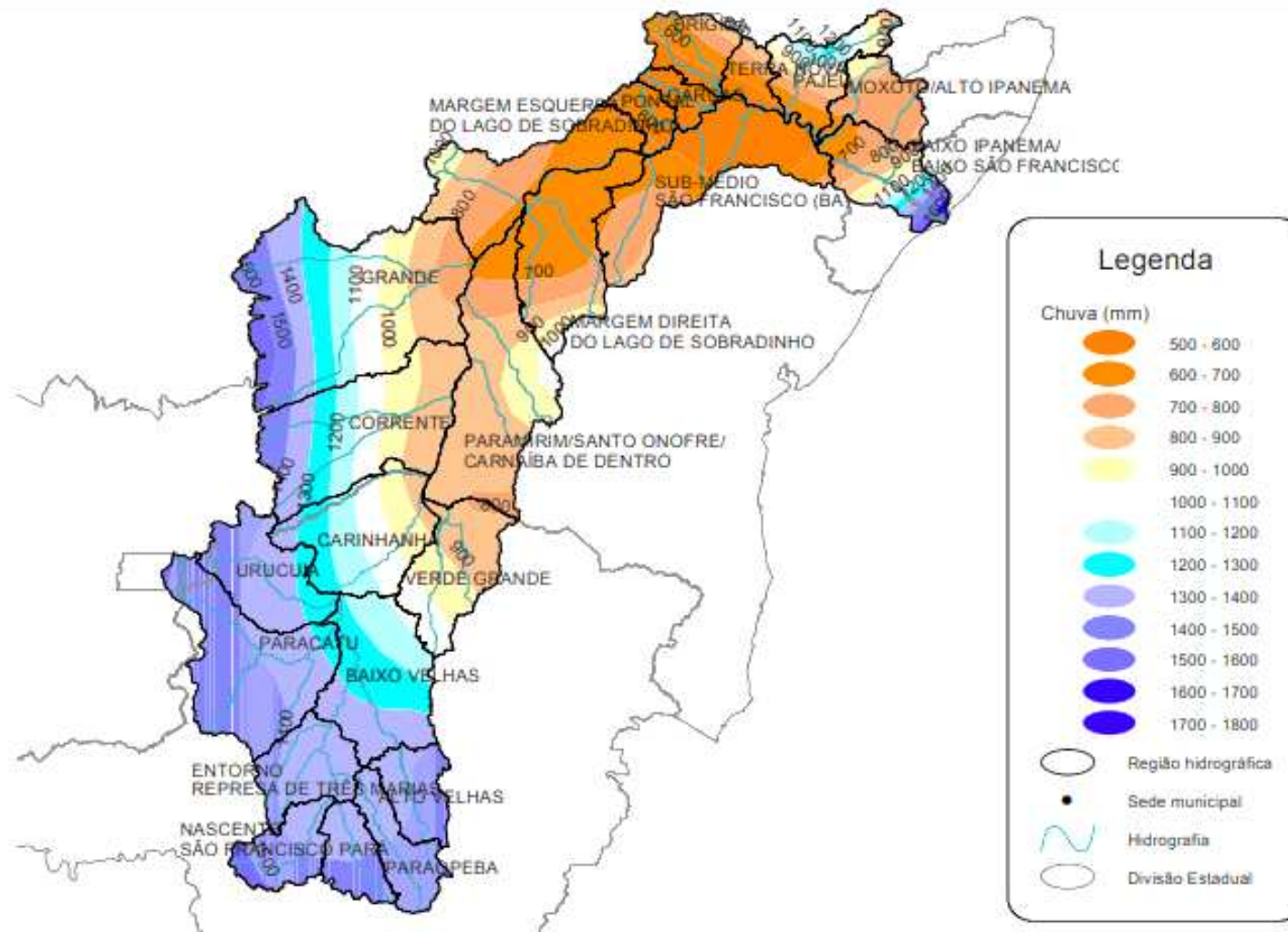
Figura 7 - Semiárido Brasileiro



Fonte: IBGE, 2017.

²⁶ INEMA - Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 1995.

Figura 8 - Distribuição das chuvas na bacia hidrográfica do Rio São Francisco



Fonte: ANA, 2003

A região continua a ter uma forte ênfase na agricultura, embora enfrente desafios como a escassez de água, solos pedregosos e intensa erosão. Nas últimas décadas, uma pecuária extensiva, particularmente voltada para a criação de caprinos, tem se tornado comum. A migração de nordestinos para áreas menos povoadas e em desenvolvimento trouxe progresso econômico às cidades ribeirinhas, com destaque para Xique-Xique no século XIX.

No entanto, durante os períodos de seca, parte da população abandonou o sertão em busca de melhores condições de sobrevivência em outros espaços. Essas mudanças e desafios desempenharam um papel fundamental na moldagem da vida em Xique-Xique e na região durante os séculos XIX e XX, demonstrando a resiliência e a adaptabilidade da comunidade diante das transformações e dificuldades enfrentadas (Melo, 2019).

Uma tendência notável com o passar do tempo é que as cidades do interior da Bahia têm visto o envelhecimento de sua população, uma vez que a migração de jovens para outras regiões se tornou mais comum. Isso é evidenciado pelos dados do Censo (IBGE, 2022), que destacam uma forte emigração, especialmente entre jovens de dezoito a vinte e quatro anos, devido à dificuldade de alcançar a estabilidade econômica na região.

A cada ano, a região tem sido marcada por um fluxo crescente de emigrantes em busca de melhores oportunidades para outras regiões. Mas muitas vezes enfrentam adversidades e decepções, e as ameaças tão sonhadas não se concretizam, pelo menos não para a maioria. Com isso, a pobreza continua sendo uma parte da história local, com agravamento durante os períodos de estiagem (Cunha, 2010, p. 53).

Desta forma, a seca e as condições climáticas adversas, portanto, representavam uma ameaça persistente para a população, que muitas vezes era forçada ao êxodo em busca de uma vida mais promissora em regiões distantes, como o Sudeste e a capital da Bahia.

O cenário sertanejo de Xique-Xique nos séculos XIX e início do século XX foi caracterizado por desafios econômicos, climáticos e políticos, mas também por resiliência e adaptabilidade por parte da comunidade local. A cidade e toda a região viram mudanças significativas ao longo desse período, moldando sua história de maneira única.

1.4 ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES REGIONAIS E CONTEXTOS HISTÓRICOS DE VILLA TIRIRICA: O INÍCIO DE UMA JORNADA

Esta seção constitui o núcleo central das correspondências investigadas neste estudo, abordando a análise das transformações regionais e dos contextos históricos que moldaram a

trajetória de vila Tiririca, uma das antigas povoações no sertão baiano. Para uma compreensão mais profunda da constituição deste espaço, um breve percurso sobre o seu início.

Nas regiões mais remotas em relação à capital, marcadas pela escassez de recursos e infraestrutura, a situação econômica era precária. As áreas do sertão baiano, próximas ao Médio São Francisco, enfrentam desafios relacionados à infraestrutura precária, acesso limitado a recursos e serviços, bem como desafios no desenvolvimento econômico. A concentração das atividades comerciais e industriais na capital baiana pode ter agravado as desigualdades regionais, uma vez que o interior ficou reservado para competir em termos de desenvolvimento industrial e comercial.²⁷

Com base nas informações e no contexto histórico, é possível inferir que a Bahia vivenciava uma dualidade econômica entre a capital e as áreas mais afastadas. Enquanto a capital prosperava impulsionada pelo comércio e pela presença de um porto, o sertão baiano, em especial a região próxima ao Médio São Francisco, enfrentava obstáculos para desenvolver seus próprios setores e se integrar de forma eficaz à economia globalizada da época (Silva, 2019).

Cenário também comum no arraial de Tiririca, ou Tiririca de Luizinho, como era conhecida no século XIX. Este arraial foi um dos primeiros povoados de Xique-Xique.²⁸ O distrito de Tiririca foi criado pela Lei municipal em 28 de abril de 1900, subordinado ao Município de “Chique-Chique”, assim escrito na época. No entanto, em 1911 ele passou a ser uma divisão administrativa do município. A divisão territorial data de 1º de julho de 1960, quando se tornou o Distrito Tiririca, permanecendo assim até 1989, quando finalmente foi elevado à categoria de município com o nome de Itaguaçu da Bahia, em 24 de fevereiro de 1989, desmembrado de Xique-Xique, com sede no atual Distrito de Itaguaçu (antigo Tiririca), e instalada em 1º de janeiro de 1990 (IBGE, 2022). Nome escolhido devido à presença de um conjunto de grandes pedras próximas às primeiras habitações, que permanece no mesmo local (ver figura 9). O topônimo tem origem no Tupi, sendo “Ita” (pedra) e “Guaçu” (grande).

²⁷ Para se aprofundar sobre essa temática consultar a pesquisa de Silva (2019), disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2019/08/30/o-ainda-desconhecido-semiarido-brasileiro-artigo-de-flavio-jose-rocha-da-silva/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

²⁸ Tiririca significa “ir de rastros, arrastar-se”, em Tupi: “Tiririka” de “Tiriri” uma planta daninha existente no Brasil. Tiririca também é um adjetivo de furioso, raivoso, conforme o dicionário Aurélio. No entanto, há quem diga entre os moradores que tiririca é sinônimo de mau odor.

Figura 9 - Imagem do local que deu origem à antiga Tiririca.



Fonte: Fanpage Rastros Históricos e Culturais de Itaguaçu da Bahia. Print da postagem explicando a origem do novo nome da vila Tiririca (07/02/2019)

Dessa forma, vila Tiririca deixou de ser apenas uma comunidade e se tornou um município independente. Ela evoluiu a partir de sua pedra fundamental, tornando-se uma cidade, embora de pequeno porte, repleta de sonhos que só puderam ser realizados na fase adulta. “Vila Tiririca deixa de ser ‘erva daninha’ e se constitui como uma rocha, uma pedra grande”, como expressa Machado (2020, p. 67) poeticamente.

Segundo Duarte (1978), o início do povoamento da vila Tiririca remonta ao século XVIII, por volta de 1725. Uma propriedade foi adquirida pelo português Alberto Pires de Carvalho, comprada do Coronel Ernesto Augusto da Rocha Medrado, para viver com sua esposa, a índia Tapuia Felícia (Maria da Conceição)²⁹. O casal fixou residência no local e teve 24 filhos.³⁰

De acordo com os relatos de Duarte (1978), Santana (2004) e Walter Britto, alguns dos filhos do casal Felícia e Alberto foram os responsáveis por povoar as cidades vizinhas, como

²⁹ Ferreira (2023) diz que as informações contidas no registro da fazenda Tiririca não incluem a forma de aquisição daquelas terras por parte do casal Alberto e Felícia. Porém, na memória da região e na pesquisa de Duarte (1978) o ponto em comum é que foram compradas ao coronel Ernesto, portanto, este relato tem grande possibilidade de ser verdadeiro, segundo a historiadora, baseada na fonte APEB, Livro nº 4.692, registro de terra nº 162, fl. 51.

³⁰ A pesquisa de Ferreira (2023) destaca que, no inventário de Luis Carlos de Carvalho, filho de Alberto e Felícia, estão listados 16 dos seus irmãos. Isso comprova que o casal teve uma grande prole, porém não é possível confirmar a existência dos 24 filhos. Fonte: APEB, SJ, IT, nº 08/3280/05, Inventário de Luis Carlos de Carvalho, Xique-Xique, 1858.

Uibaí, Central, Presidente Dutra e São Gabriel. Isso também se aplica aos casais Marçal Ferreira dos Santos e Josefa Ferreira de Britto, que tiveram oito filhos. Josefa era filha de Raimundo e Antônio José Ferreira de Britto. Quando Marçal e Alberto chegaram à vila de Xique-Xique, encontraram Raimundo Britto e sua família, revelando que ele pode ter sido uma figura paterna para a índia Felícia (Santana, 2004).

“A origem das primeiras Vilas e Povoados da Região”, de Adelmo Santana (2004), relata que os jovens portugueses Alberto e Marçal Ferreira dos Santos chegaram juntos à região. Alberto veio a negócios com o Coronel Ernesto Medrado com o apoio do tio, Theobaldo José Miranda Pires de Carvalho, proprietário da Fazenda Praia Grande, que originou Xique-Xique.

Outros nomes também são mencionados como responsáveis pelo povoamento da região, como os casais: Raimundo Pereira da Rocha e Mariana Pereira da Rocha, bem como Venceslau Pereira Machado e Francisca Pereira da Rocha, irmã de Raimundo. Eles desempenharam papéis importantes no início desse processo, pois os filhos desses casais se casaram e desenvolveram para o povoamento das cidades circundantes (Santana, 2004).

No interior do município de Xique-Xique, as terras de Coronel Ernesto abrangiam extensas áreas de caatinga densa.³¹ Sua influência ainda é perceptível na região, com a expressão “as terras do Coronel” sendo usada para se referir à parte do território atual de Itaguaçu. Após a morte do Coronel Ernesto, seu genro José Alfredo Machado assumiu a administração dos bens, marcando o início da fragmentação do patrimônio nas últimas décadas do século XIX. Esse período é lembrado na memória coletiva das famílias quilombolas de Itaguaçu como um marco em suas origens (Melo, 2019).

O patrimônio do Coronel Ernesto incluía não apenas terra, mas também escravos e gado. Uma das propriedades escolhidas por ele para residir foi a Fazenda Conceição, em Tiririca. De acordo com relatos de moradores mais antigos, João Pereira Gomes, nascido em 1868, que viveu nesse lugar, recebeu parte dela como doação pelo reconhecimento e confiança de seu senhor. João Pretinho, como era conhecido, estabeleceu-se na terra doada, formou uma família e foi o fundador da comunidade do Alegre (Melo, 2019)³².

³¹ Conforme informações fornecidas por Ferreira (2023), antes da promulgação da Lei de Terras em 1850, o Coronel Ernesto Augusto da Rocha Medrado havia adquirido uma vasta extensão de terras, incluindo grande parte do atual município de Itaguaçu da Bahia, de seu sogro, Capitão Félix Castelo Branco.

³² João Pereira Gomes desempenhou um papel significativo como líder e unificador de famílias, não apenas como o dono da terra. Ele era conhecido por sua natureza acolhedora, que manteve as pessoas unidas em sua propriedade. Portanto, a contribuição de João Pretinho para a história do Alegre foi a de um aglutinador de famílias, não apenas como o proprietário da terra (Melo, 2019).

Quanto à etnia da região, não há dúvida de que a mestiçagem com africanos e seus descendentes desempenhou um papel significativo na formação da população de Itaguaçu. A pesquisa de Machado (2020) destaca a importância da presença negra nas terras sertanejas, enfatizando os traços culturais e raciais legados por esse povo.

Embora alguns relatos preconceituosos afirmem que o povoamento de Tiririca foi composto exclusivamente por povos indígenas, portugueses e judeus, a pesquisa de Celito Regmendes revela, por meio de um estudo de DNA mitocondrial (mtDNA), que a descendência de Felícia era de origem africana e não indígena, como se acreditava anteriormente. Esse estudo genético também confirmou que a origem de Alberto Pires era de descendência portuguesa, embora não fosse necessariamente português naturalizado, como alguns memorialistas descreveram (Regmendes, 2011). Para Machado (2020), negar a influência africana é negar as origens e o esforço dos antepassados. Povos decisivos na formação das identidades dos habitantes atuais.

De acordo com depoimentos coletados por Melo, a influência africana em Tiririca é aceita entre os moradores da comunidade de Barreiros e Alegre. Eles relatam que suas famílias se originaram de ex-escravizados da Fazenda Conceição, cujos limites incluem grandes fazendas. Embora fragmentadas atualmente, ainda mantêm seus nomes e localizações aproximadas, conforme documentado por Ferreira, com base no Arquivo Público do Estado da Bahia. Entre as propriedades destacadas estão a Fazenda Conceição, o Sítio Alegre, o Sítio d'Água Quente, a Fazenda Vacaria e Amores, nomes ainda usados para se referir a essas áreas do município de Itaguaçu da Bahia nos dias atuais.

A Fazenda Conceição, em particular, foi identificada como o principal centro de trabalho escravo na região e é considerada a origem da maioria das famílias que compõem as Comunidades Quilombolas do Alegre/Barreiros, de acordo com Melo (2019), Ferreira (2023) e narrativas locais. Esses registros foram responsáveis por Itaguaçu da Bahia contar atualmente com o reconhecimento de oito comunidades quilombolas pela Fundação Palmares.

Apesar do tráfico de escravizados africanos na Bahia ter sido significativo, a presença de negros na região do São Francisco era limitada em comparação com outras áreas do país. Isso ocorreu devido à administração da região por portugueses e mamelucos que não tinham recursos suficientes para adquirir muitos escravizados africanos. Como resultado, a chegada desses povos ocorreu em proporções reduzidas e mais tardiamente.³³

³³ Os anos de 1700 a 1800 foi o período que desembarcou a maior quantidade de escravizados na Bahia, aproximadamente 965.000 vindos da África Ocidental, da África Centro-Ocidental, África Oriental e de outras partes não definidas. Fonte: TSTD2, informação

A história de vila Tiririca é uma história de desafios e superações, onde múltiplas influências étnicas e culturais se entrelaçaram para moldar a comunidade que conhecemos hoje. Através da análise dessas transformações regionais e contextos históricos, podemos compreender a rica tapeçaria de experiências que desenvolvemos para a formação dessa região única no sertão baiano.

1.5 A VIDA EM TIRIRICA: HISTÓRIA E DESAFIOS EM UMA COMUNIDADE RURAL NO SERTÃO DA BAHIA

A pequena vila Tiririca, localizada no sertão da Bahia, não teve o mesmo ritmo de desenvolvimento que as demais localidades vizinhas em relação aos meios de comunicação. Até a década de 1980, as únicas formas de comunicação na vila eram as cartas, algumas casas possuíam rádio e raríssimas, TVs preto e branco. Foi somente a partir da década de 1990 que as famílias de maior poder econômico instalaram telefones residenciais, como exemplo das famílias Braga, Ribeiro de Souza e Peregrino. Anos depois, chegaram os primeiros orelhões na sede e no povoado de Rio Verde.

Até o final da década de 1980, a energia utilizada em Tiririca era produzida por meio de geradores, proporcionando iluminação nas residências das 18h00 às 22h00. Além disso, os moradores utilizavam velas e candeeiros, de início alimentadas por azeite e posteriormente por querosene. Antes desse período, as famílias dependiam da lenha como fonte de energia, também aproveitada nas tarefas domésticas. “A falta de luz e a escassez de energia passaram a ser vistas como evidências do subdesenvolvimento das cidades brasileiras” (Andrade, 2009, p. 31). Nas noites de lua cheia, era possível ficar acordado por mais tempo, tornando-as as preferidas.

A obtenção de informações escritas em Tiririca era desafiadora. Apenas alguns raros moradores tinham assinaturas de jornais e livros enviados por parentes da capital. Embora a chegada dos noticiários fosse muitas vezes atrasada, eles desempenhavam um papel fundamental ao preencher o tempo e as conversas dos habitantes locais, trazendo informações sobre o Estado e o país. O primeiro jornal foi adquirido por Manoel Peregrino por volta de 1912 a 1913, e logo após, Joaquim Ferreira de Britto (Joaquim Professor) tornou-se assinante, aumentando a circulação das notícias na comunidade.

Até final de 1900, a educação em Tiririca seguia um modelo muito improvisado: ao invés de prédios escolares, as aulas aconteciam em espaços pequenos e provisórios, muitas vezes dentro das casas de um morador local que oferecia um cômodo para essa especificidade. A educação formal só começou a ser implementada na vila a partir desse período. O primeiro professor chegou à vila Tiririca através do Coronel Luizinho, marcando um progresso na história educacional local.

As escolas da época eram todas particulares dirigidas por professores não qualificados. Porém, ensinavam o que sabiam na época demonstrando o interesse desses abnegados mestres em levar a luz para aqueles que viviam na escuridão. Graças a esses mestres esforçados e aos corajosos pais que num esforço gigantesco traziam professores de outros lugares distantes como foi a vinda de Feira de Santana do professor Tolentino em curso ginásial incompleto trazido pelo Capitão Luizinho mediante acordo feito entre ele e os pais de familiares de Tiririca (Souza, 2005, p. 04).

A alfabetização era esporádica e frequentemente ministrada por professores particulares vindos de cidades vizinhas, como Xique-Xique, Barra, Sento Sé ou Pilão Arcado. O ensino enfrentava desafios de infraestrutura e falta de energia, com os moradores utilizando velas ou cera de carnaúba para iluminar as horas de estudo. Raras eram as famílias tinham recursos para pagar pela educação, e aqueles que aprenderam compartilharam conhecimentos, com eventuais autodidatas, como Joaquim Professor.

Embora as escolas fossem particulares e orientadas por professores não aprimorados, esses educadores dedicados fizeram o seu melhor para ensinar. O foco estava na leitura, escrita e matemática. A presença da professora Honesinda Teixeira, por volta de 1914, representou um marco no ensino primário da vila. (ver figura 10).

Figura 10 - Foto da primeira turma da Escola de 3ª classe



Fonte: arquivo pessoal de Walter Britto.

Aqueles que conseguiram continuar seus estudos tiveram a oportunidade de se submeter ao exame de admissão no Colégio Santa Eufrásia, na cidade da Barra, onde puderam se formar como professores (ver figuras 11 e 12).

Figura 11 - Colégio Santa Eufrásia, ao lado da Catedral de São Francisco das Chagas, na cidade da Barra/BA



Fonte: Biblioteca do IBGE, 1917.

Figura 12 - Fachada do Colégio Santa Eufrásia



Fonte: Biblioteca do IBGE, 1917.

A educação na Bahia começou a passar por transformações significativas a partir da Reforma Góes Calmon de 1925, influenciada pelas ideias de Anísio Teixeira. A lei de 1925 instituiu a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino, abrangendo vários níveis educacionais.

Em Xique-Xique, é construída, em 1937, a primeira escola pública estadual – “Escolas Reunidas Cezar Zama” –, conhecida em toda a cidade como “O PRÉDIO”. A escola dispunha de todas as instalações necessárias, funcionando até o final da década de 1950 como a única instituição de ensino de primeiro grau. Anos depois, em 1959, foi inaugurado na cidade o Colégio Senhor do Bonfim, construído para oferecer o ensino secundário, facilitando o acesso à educação. Em 1964 forma sua primeira turma de professores.

No entanto, enquanto o progresso chegava ao centro comercial, mesmo que lentamente, a realidade ainda não havia sido alterada para as famílias em Tiririca, que continuavam esperando a garantia da educação formal para seus filhos.

Figura 13 - Fachada da Escola Cezar Zama



Fonte: *homepage* de Juarez Moraes Chaves.³⁴

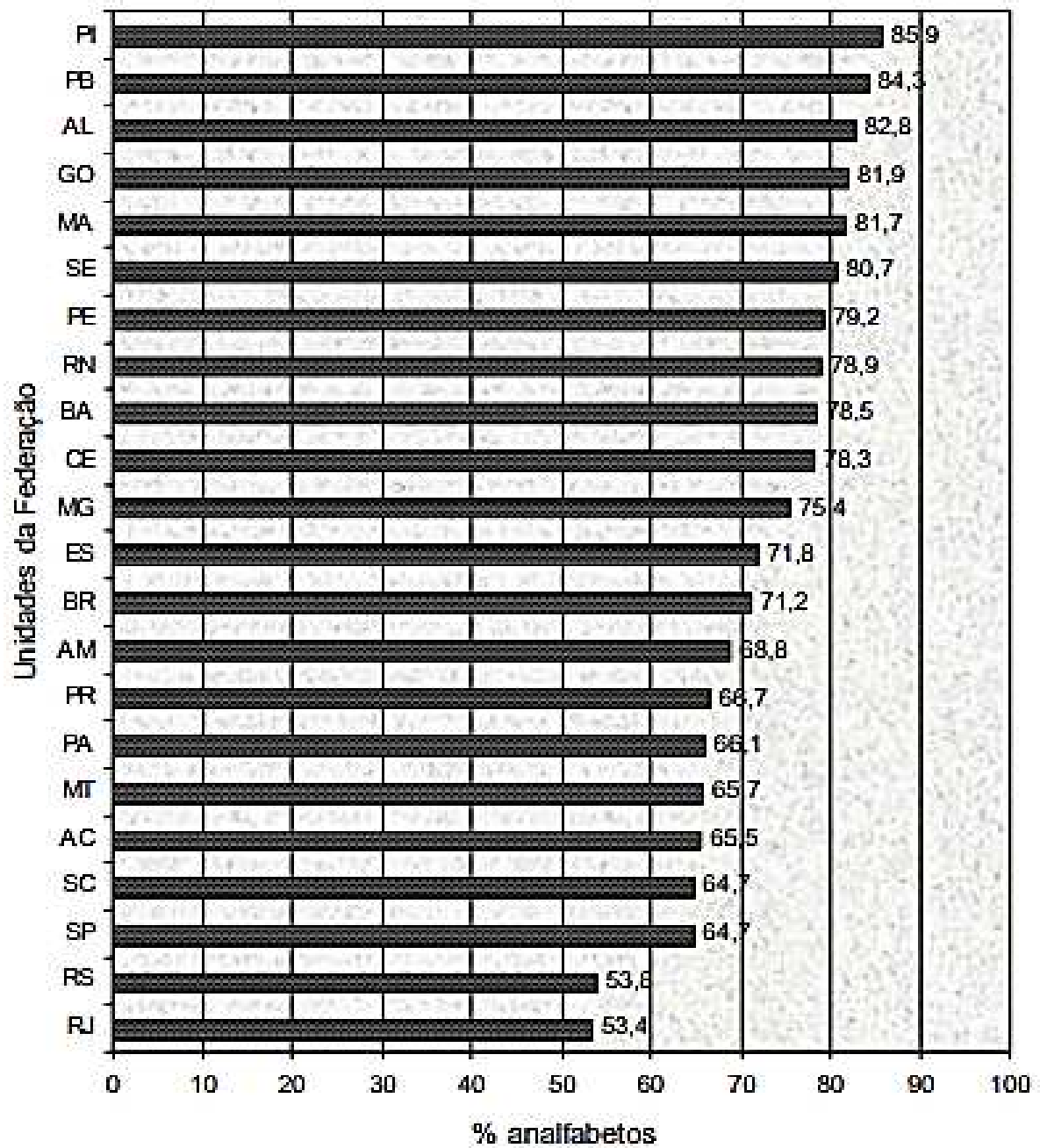
Souza expressa com detalhes a expectativa de poder fazer parte da elite letrada da época:

Minha vida de professor não qualificado para mim era um pesadelo, pois eu necessitava aprender para ensinar. O Ginásio Senhor do Bonfim em Xiquexique estava sendo construído a todo vapor em 1958, para que no início do ano seguinte suas portas fossem abertas, para que as aulas do curso ginásial começassem no início do ano de 1959. E isso me preocupava eu estava querendo ser o professor não particular, a preparar os alunos capazes de obterem êxito no exame de admissão ao ginásio que se aproximava (dezembro de 1958) (Souza, 2005, p. 24.25).

A alta taxa de analfabetismo para a população a partir dos cinco anos de idade era uma realidade também no sertão baiano (figuras 14 e 15).

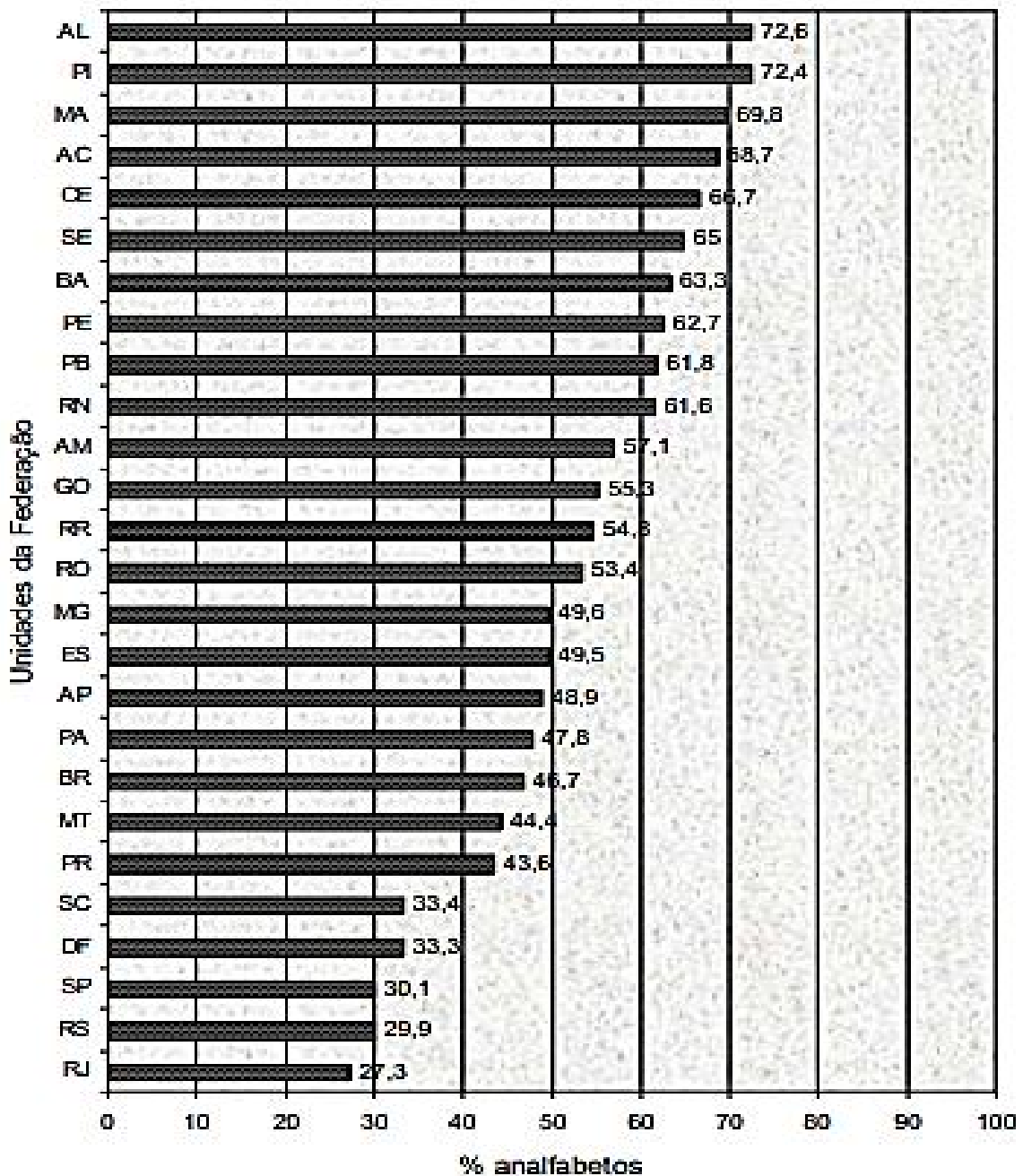
Figura 14 - Quantidade de analfabetos até 1920.

³⁴ Disponível em: <https://xiquexiquense.blogspot.com/2009/>. Acesso em: 30 set. 2023.



Fonte. BRASIL, Recenseamento Geral 1920. In: Ferraro; Kreidlow, 2004, p. 194.

Figura 15 - Taxas de analfabetismo entre as pessoas de 5 anos ou mais. Quantidade de analfabetos até 1960. No Brasil e nas diferentes Unidades da Federação no Censo de 1960



Fonte. IBGE, Censo Demográfico 1960. In: Ferraro; Kreidlow, 2004, p. 196.

Os gráficos nos revelam que o índice de analfabetos entre pessoas de cinco anos ou mais no Brasil era muito alto, principalmente na região Nordeste. A Bahia apresenta uma taxa de 78,5% de analfabetos no censo de 1920. Quarenta anos após essa constatação, o Estado ocupa ainda uma posição que evidencia que pouco foi feito para melhorar a educação nesta região,

onde a Bahia se encontra com um percentual de 63,3% como mostra o gráfico 2 sobre o censo de 1960.³⁵

Em termos econômicos, a vila Tiririca dependia da agricultura e da pecuária. A produção de mandioca, processada em casas de farinha, era uma atividade crucial, muitas delas conjugadas às próprias casas de moradia das famílias. Durante a estação chuvosa, a região também produzia milho, arroz, algodão, feijão e outros gêneros. Em meados do século XIX, o fumo era o primeiro gênero da agricultura do município de Xique-Xique, seguido da farinha de mandioca, conforme documentos históricos da Câmara Municipal e apresentados por Ferreira (2023).

O transporte desses produtos representava um desafio devido às estradas precárias e aos obstáculos que os animais de carga enfrentavam, incluindo trechos lamacentos. A entrega dos produtos cultivados em Tiririca realizava-se com a ajuda de burros. A agricultura tinha, em sua maior parte, uma abordagem voltada para a subsistência, tendo em vista que qualquer excesso era comercializado nas feiras locais.

A ameaça constante da seca afetava a vida em Tiririca, levando algumas famílias a migrar para áreas urbanas em busca de uma vida melhor³⁶. A escassez de água e a falta de políticas públicas externas para esse problema afetaram as práticas agrícolas e o cotidiano das comunidades. O rio Verde desempenhou um papel essencial nas atividades produtivas, mas os desafios decorrentes da falta de água persistiram, principalmente devido às condições geográficas (Melo, 2019) (ver figuras 16 e 17).

³⁵ FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. *Educação e Realidade*. Jul/dez.2004. Nos últimos censos nos mostra que o índice de analfabetismo em Itaguaçu da Bahia ainda é alto, em 2000, 33,2 % da população era analfabeta, em 2010 esse percentual foi para 28,7% (Fonte: IBGE, 2010) e no último censo, embora tenha tido uma diminuição, o índice ainda é preocupante, principalmente na zona rural. De modo geral, de 2010 a 2022, na Bahia, a taxa de analfabetismo caiu em todas as faixas etárias, mas o número de pessoas com mais de 55 anos analfabetas ainda cresceu, e 6 em cada 10 não alfabetizados estavam nesse grupo. Nove em cada 10 municípios baianos têm taxa de analfabetismo maior do que a do estado (12,6%), onde 31,9% da população é analfabeta. Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/bahia-tem-o-maior-numero-de-analfabetos-do-pais-revela-ibge-0524>. Acesso em: 30 jun. 2023.

³⁶ Segundo Martins (2010), as famílias que iam para Xique-Xique, ou outras cidades ribeirinhas, retornavam quando as chuvas iniciavam.

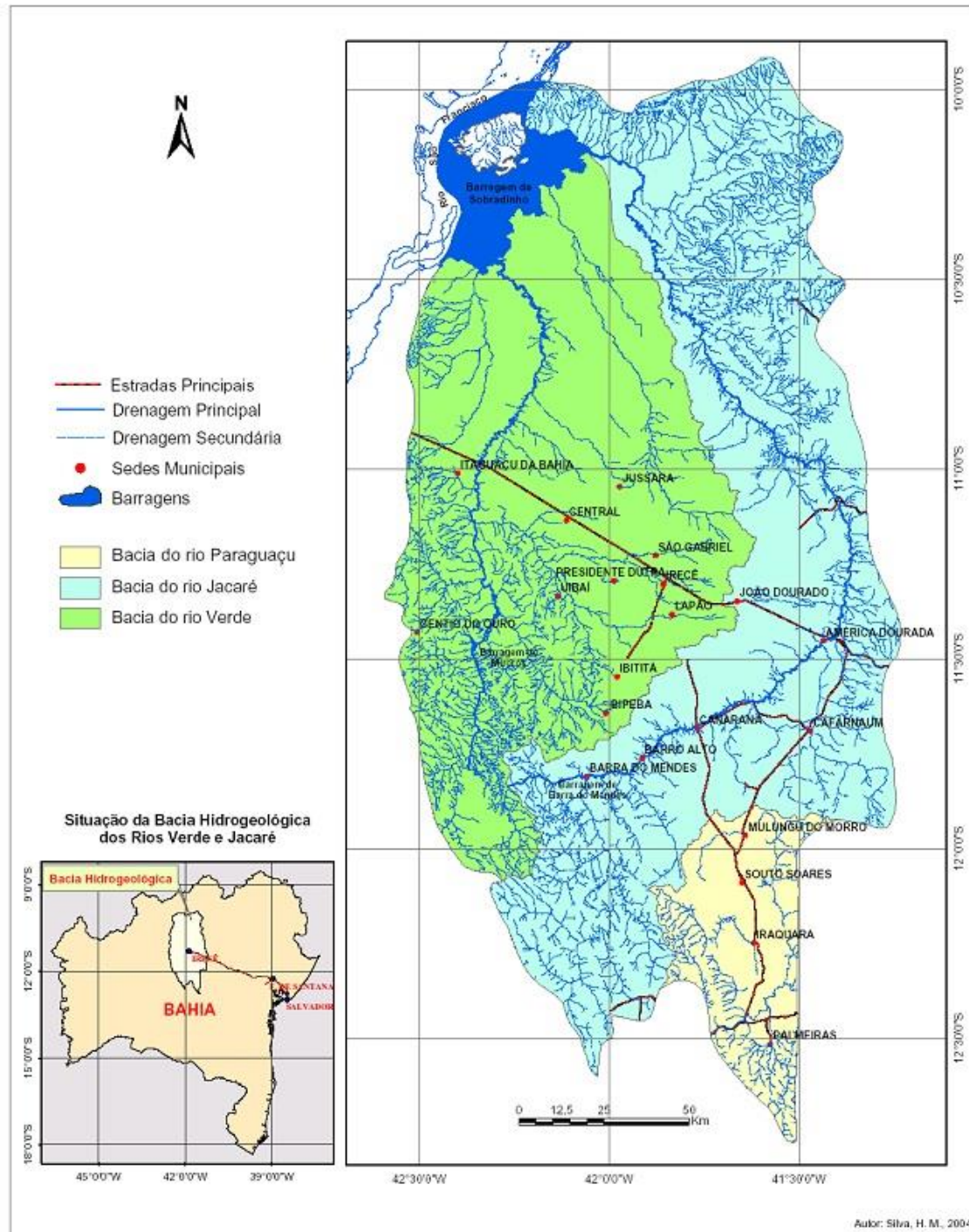
Figura 16 - Relação entre o polígono das secas e o Vale do São Francisco.³⁷



Fonte: Adaptado pela autora.

³⁷ O polígono das secas é um termo que designa uma região concentrada no Nordeste e em parte do Sudeste que sofre com a falta de água ou sua baixa oferta por longos períodos. É uma área de 1.108.434,82 km², correspondente a 1.348 municípios, e que está inserida nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (9 estados). O termo pode ser entendido ainda como a instituição de uma área onde o Estado reconhece os efeitos da natureza na organização socioespacial em relação à oferta hídrica.

Figura 17 - Bacia Hidrogeológica dos rios Verde e Jacaré, Bahia



Fonte: Adaptado das Cartas Plani-Altimétricas do Estado da Bahia IBGE/SEI, escala 1:100.000, 2003.

Em 1928, com a construção da estrada que liga Xique-Xique a Canabrava (São Gabriel) o trânsito entre a vila Tiririca e Xique-Xique ficou mais acessível e as atividades comerciais melhoraram. Porém, os meios de transportes automotivos ainda eram uma raridade. Para muitos

habitantes do interior, o lombo do burro, da mula, do cavalo, égua ou caminhar a pé eram as únicas alternativas para chegar a um destino.

Geralmente a atividade comercial era transmitida de geração em geração. Embora houvesse exceções de filhos que seguiam profissões diferentes das de seus pais, o comum era que eles seguissem o mesmo caminho, inclusive nos cargos públicos.

Assim como em outras partes do sertão baiano, líderes locais desempenharam um papel fundamental em Tiririca, e o Capitão Luizinho, em particular, foi uma figura respeitada que protegeu a vila contra ataques de jagunços no início do século XX. Embora não tivesse muitas posses, seu prestígio vinha da influência política na região e de boas relações com o intendente de Xique-Xique, Gustavo de Magalhães Costa, e com o Capitão Francisco Dias Coelho de Morro do Chapéu. Segundo Souza (2005), Capitão Luizinho foi um homem admirado e respeitado pelo seu povo: “Um homem capaz de dar a própria vida por Tiririca” (Souza, 2005, p. 12).

A historiografia tem revelado que os coronéis, fazendeiros influentes, exerciam o controle sobre suas terras e sua comunidade. Esses líderes organizaram uma sociedade onde a coerção, a força e a postura eram os princípios predominantes. Vale ressaltar que na região de Xique-Xique não havia muitos fazendeiros na primeira metade do século XX, pois a maioria era lavradores (Sampaio, 2017).

Os cargos políticos nesse período, como prefeito e delegado, eram frequentemente ocupados por fazendeiros e comerciantes, mostrando a influência da elite local no desenvolvimento político e econômico da região (Santos, 2010).

A posse de terras e de animais era uma realidade de poucas famílias na região. De aproximadamente 200 inventários, ou mais, analisados por Ferreira (2008) da última década do século XIX, a pesquisa revelou que cerca de 140 dos inventários, o que equivale a boa parte da população de Xique-Xique e povoados, não possuía nenhuma cabeça de gado. Ou seja, a dinâmica social era marcada pela concentração de riqueza nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população enfrentava dificuldades econômicas.

Tal fato persiste ao longo dos séculos. Sobre essa atividade, Ferreira (2023, p. 162) diz:

Para as famílias mais pobres, conseguir juntar algumas cabeças de gado poderia ser indício de uma melhoria de vida em relação àquelas que viviam exclusivamente da lavoura, podendo significar, de certo modo, um primeiro passo no sentido de uma distinção social.

As mulheres sertanejas desempenharam papéis múltiplos e essenciais na vida rural, além das expectativas tradicionais do lar e da família. Para além de serem esposas e mães, elas também eram verdadeiras companheiras de seus maridos na lida diária, contribuindo tanto para o sustento da família quanto para a estabilidade econômica da propriedade. Esse comprometimento ia além da fidelidade conjugal, envolvendo uma parceria ativa em todas as dimensões da vida comunitária e produtiva.

Essas mulheres realizavam tarefas que ultrapassavam "os limites ideológicos do lar", como as atividades de plantio, colheita, cuidados com os animais e, muitas vezes, até a venda de produtos agrícolas, assumindo papéis que a sociedade tradicionalmente associava aos homens.³⁸ Em contextos de subsistência, onde cada membro da família precisava participar da economia doméstica, as mulheres sertanejas desenvolviam um trabalho indispensável para a sobrevivência e o crescimento econômico familiar. Segundo estudos sobre a vida rural, a divisão de trabalho entre homens e mulheres no sertão era flexível, sendo ajustada conforme as necessidades da casa e da terra. Esse envolvimento ativo também moldava suas identidades, conferindo-lhes um senso de agência e autonomia que muitas vezes desafiava a visão restrita da feminilidade predominante.

Essas práticas revelam o papel central que as mulheres tinham no fortalecimento dos laços familiares e comunitários e na manutenção da vida sertaneja, características que ainda são fundamentais para entender a estrutura social e econômica do sertão brasileiro.

Sobre a possibilidade do casamento tardio dos homens do sertão baiano, Ferreira ressalta que a maioria dos solteiros tinha entre 30 e 39 anos de idade, conforme declaração de estado civil dos cidadãos elegíveis e votantes a partir da segunda metade do século XIX. O que não inviabiliza o fato de alguns homens viverem uniões consensuais antes dessa idade.

As taxas elevadas de natalidade e mortalidade materna revelam condições de vida difíceis para esses sertanejos. Essa triste realidade só foi minimizada depois de empreendimentos em políticas públicas na saúde, a partir da segunda metade do século XX³⁹.

³⁸ Maluf, 1995 *apud* Ribeiro (2009), em *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: Escrita Epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901 a 1327)*”.

³⁹ Nas duas primeiras décadas novecentistas, realizaram-se em Tiririca muitos casamentos de homens dez a quinze anos mais velhos que suas esposas. O que acarretava numa comunhão pouco duradoura. Algumas uniões não passavam de duas décadas, ficando as viúvas responsáveis, sozinhas, por criar seus filhos, que não eram poucos. Muitas foram também as mulheres que perderam a vida por conta de complicações durante ou após o parto. Quando isso acontecia, o viúvo cuidava logo de encontrar outra esposa. Raros foram os viúvos que optaram por criar os filhos sozinhos, como fez Joaquim, com seus nove filhos.

A religião predominante na região era o catolicismo, embora houvesse elementos de práticas religiosas populares. As festas e celebrações religiosas eram eventos importantes na vida da comunidade, que era coesa e mantinha tradições culturais.⁴⁰

A vida cotidiana em Tiririca era desafiadora, com muitas famílias vivendo de forma precária, tendo como únicos bens a mobília das casas, como uma mesa, tamboretas ou bancos, e a casa de moradia da família muitas vezes não agregava valor comercial algum. As casas, na sua maioria eram de taipa e cobertas de palha. Os utensílios eram de barro, como potes e panelas, amplamente utilizados na cozinha. O valor era dado ao chão. Algumas casas valiam menos que os móveis de madeira existentes. Noutras palavras, os poucos bens refletiam a realidade econômica (Ferreira, 2023).

Até o início do século XX, havia poucas moradias de alvenaria e telhas, entre elas, algumas pintadas de branco, a cal como tinta. Poucos ousavam deixar suas fachadas coloridas, sendo mais comuns aquelas que serviam também de pontos comerciais, dos homens de posses. Portanto, a valorização das habitações não era uma característica comum no sertão e nem mesmo nas vilas, onde o processo de urbanização era gradual, refletindo a simplicidade da época. Foi somente a partir da segunda metade do século XX que as precárias moradias passaram a coexistir, nos mesmos locais, com residências maiores e com varandas, refletindo de maneira tangível a disparidade socioeconômica que prevalecia entre as famílias (Ferreira, 2023).

As estradas eram difíceis de percorrer, e o meio de transporte principal eram as tropas de animais de carga, que enfrentavam condições adversas durante a estação chuvosa. A carne seca e a rapadura eram alimentos comuns na dieta dos sertanejos que viviam na região da caatinga. Entretanto, “é necessário relativizar os efeitos da seca a depender da situação econômica de cada família, pois apesar dela provocar mudanças no cotidiano de toda a população atingida, cada grupo responde a ela de uma forma diferente, muitas vezes a partir das suas condições econômicas”, ressalta Daiane Dantas Martins (2010, p. 89).

Os espaços públicos eram limitados ao cartório, à capela e à escola. Quanto à diversão, opções eram escassas, as festas, quando aconteciam, eram acompanhadas de pandeiro e canto, dança, risadas, gritos, aplausos e celebrações da cultura local.

As conversas nas calçadas e as atividades de lazer eram uma parte importante da vida em Tiririca. A comunidade era coesa, com festas, celebrações religiosas e tradições culturais.

⁴⁰ Os santos eram frequentemente “emprestados” para invocar milagres, apesar das objeções dos padres locais. As celebrações religiosas, incluindo batismos, casamentos e confissões, eram eventos importantes na vida da comunidade.

Ao longo dos anos, a luta pela água se configura numa das principais preocupações dos habitantes das áreas menos úmidas e a própria ideia de seca está presente na divisão do ano em etapas – seca e verde – que orientam as tarefas desempenhadas em cada momento do cotidiano do sertanejo baiano (Ferreira, 2023). Enfim, a vida nas comunidades rurais do sertão baiano, como Tiririca de Luizinho, era marcada por uma experiência história rica e desafiadora. Em síntese, a carência de serviços públicos resultou em graves problemas sociais, tais como: predominância de uma população e trabalhadores com baixa escolaridade e renda; maioria de empregos informais e temporários; ocupação territorial feita de forma espontânea, sem qualquer planejamento; habitações com precárias condições de moradia, dentre outros desafios.

Nesta seção, exploramos o cotidiano e a sociedade dessa região, analisamos aspectos como liderança local, economia, habitação, religião e estratégias de enfrentamento da seca. Baseando-nos em estudos recentes e dados históricos, buscamos compreender a vida dos tiriricanos ao longo dos anos e como a seca influenciou suas trajetórias.

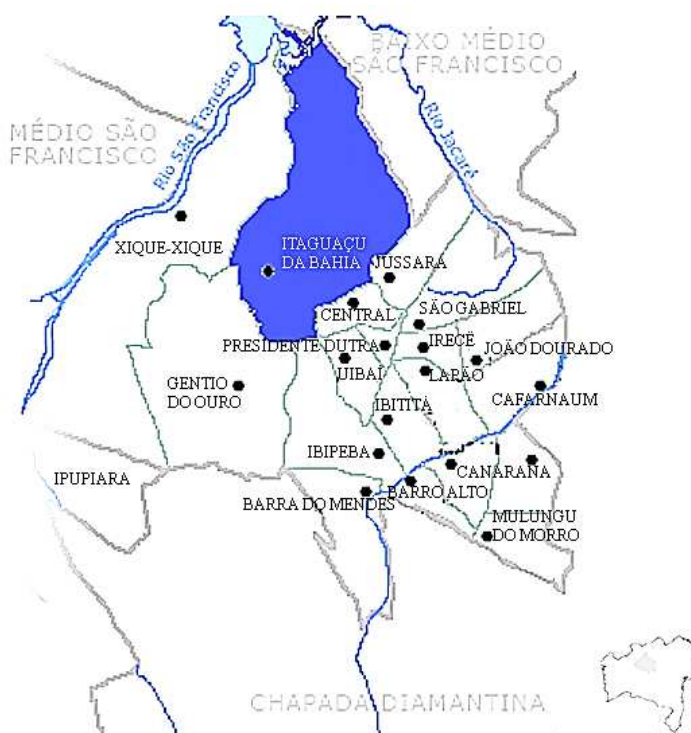
1.6 O MICROCOSMO DA VIDA NO SERTÃO BAIANO: CARACTERIZAÇÃO DE TIRIRICA, ATUAL ITAGUAÇU DA BAHIA

O distrito de Tiririca, situado em Xique-Xique, Bahia, até a primeira metade do século XX, representa um exemplo da imagem reduzida da vida no sertão baiano. Nesse cenário, as condições geográficas, o acesso limitado aos serviços básicos e o isolamento geográfico moldavam o cotidiano dos habitantes da região.

O início do século XX marcou um período de profundas mudanças no cenário político, econômico e cultural do Brasil e da Bahia. Essas transformações também influenciaram a vida dos habitantes de Tiririca e regiões circundantes. A instauração da República trouxe lutas políticas e sociais, que ecoaram no sertão.

Para compreender Tiririca e seu contexto, é fundamental explorar o município de Itaguaçu da Bahia, integrante do Território de Irecê, que faz parte da mesorregião do Vale São Franciscano da Bahia. Isso proporciona uma visão ampla da história e dos desafios enfrentados pelos sertanejos baianos, revelando a diversidade e complexidade da região (ver figura 18).

Figura 18 - Território de Irecê, Min. do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável de Irecê, BA (set. 2008)



Fonte: Daiane Dantas Martins, 2010.

Tomando como base as informações geográficas e demográficas de Itaguaçu da Bahia, antiga Tiririca, que faz parte do Território de Irecê, procuramos explorar a história e o contexto socioeconômico desse lugar que oferece uma gênese da vida no sertão baiano, no período mencionado. Compreenderemos como a região se encaixa no vasto território baiano e o impacto das condições locais na vida cotidiana das pessoas.

Itaguaçu da Bahia, anteriormente conhecida como Tiririca, possui uma extensa área territorial de 4.310,238km². O município faz fronteira, ao sul, com Gentio do Ouro, Ibipeba, Uibaí e Central, ao norte, com Santo Sé, a oeste, com Xique-Xique e, a leste, com Jussara. A população residente do município é de 12.311 pessoas e a densidade demográfica, de 2,86 hab/km²⁴¹. O município é formado por 03 distritos e aproximadamente 70 povoados, dentre eles 04 são comunidades remanescentes de quilombos: Alegre, Barreiros, Alto do Bebedouro e Cajueiro. O território é naturalmente contemplado com paisagens ribeirinhas que propiciam banhos de rio, em diversas localidades: Alegre, Almas, Barragem do Amor, Lageado, Maquiné,

⁴¹ Os dados apresentados são de 2022, último censo, e foram coletados no site do IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/itaguacu-da-bahia.html>. Acesso em: 08 out. 2023.

Maravilha, entre outros. Além disso, encontram-se também no município lindas Pinturas Rupestres – na Toca do Cosmo – e o Parque Arqueológico situado no povoado de Rio Verde, entre outros.

O acesso a Itaguaçu da Bahia a partir da capital, Salvador, é um desafio, envolvendo uma jornada de aproximadamente 470 km por rodovias como a BR-324 e a BA-052, conhecida como Rodovia do Feijão. Após chegar a Irecê, ainda é necessário percorrer cerca de 68 quilômetros para alcançar a sede municipal.

O município de Itaguaçu da Bahia é naturalmente contemplado com paisagens ribeirinhas que propiciam banhos de rio, em diversas localidades: Alegre, Almas, Barragem do Amor, Lageado, Maquiné, Maravilha, entre outros. Além disso, encontram-se também no município lindas Pinturas Rupestres - na Toca do Cosmo - e o Parque Arqueológico situado no povoado de Rio Verde, entre outros. O município de Itaguaçu da Bahia está inserido na mesorregião do Vale São Franciscano, localizado na microrregião da Barra. É um dos vinte municípios que compõem o Território de Irecê. Essa região reflete a diversidade geográfica e ecológica da Bahia, com cerca de 17,55% da população urbana até 2000, já em 2010 o índice foi de aproximadamente 19,67%. Em 2023, esse percentual quase se manteve.⁴² Isso equivale dizer que quase 80% da população de Tiririca vive em áreas rurais. E por ser predominantemente rural, é caracterizada por uma estratificação social notável.⁴³

A mobilidade social estava ligada a relações de parentesco, níveis de educação e hierarquias parlamentares. Em relação a esse assunto Ferreira comenta:

[...] Além, evidentemente, de uma situação econômica favorável, havia outros requisitos: o prestígio familiar, a ocupação de postos na administração e na justiça municipal, a detenção de patentes militares e, em menor medida, um mínimo domínio das letras e contas eram combinações fundamentais para a distinção na sociedade. Ser branco ou assim considerado certamente aumentava a margem de aceitação (Ferreira, 2023, p. 174).

A história de Itaguaçu é marcada por desafios socioeconômicos, refletidos em construções precárias e índices persistentemente baixos de educação e renda. Esses desafios não eram sempre uma prioridade para os representantes políticos da região. No entanto, a população mantinha esperança de uma vida melhor.

⁴² Dados verificados em <https://meumunicipio.org.br/perfil-municipio/2915353-itaguacu-da-bahia-ba>. Acesso em: 29 set. 2024.

⁴³ O IBGE considera como rural a população e os domicílios que se encontram em toda área fora dos limites urbanos [...], e como urbanos as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou a áreas urbanas isoladas (Montes, 2005 *apud* Cunha, 2012, p. 42).

Até 1989 acessibilidade à educação era afetada pela condição precária das estradas vicinais, enquanto a baixa média de renda limitava o investimento em educação. A falta de saneamento básico prejudicava a qualidade de vida e tornava a população vulnerável a doenças transmitidas pela água (Cunha, 2012)⁴⁴. Apesar da proximidade do rio São Francisco, da Barragem de Mirorós, do rio Verde e rio Jacaré, a região enfrentava desafios cruciais, como a falta de acesso à água tratada e saneamento. A infraestrutura deficiente afetava negativamente a qualidade de vida da população.

Mesmo diante das dificuldades, a solidariedade, a proteção e a reciprocidade desempenhavam um papel vital na comunidade, equilibrando as relações sociais. Assim, a vida cotidiana em Itaguaçu da Bahia reflete a constante busca por superar desafios socioeconômicos em um ambiente caracterizado pela incerteza.⁴⁵

A vida na Tiririca de Luizinho, como em outras partes do sertão baiano, foi caracterizada por desafios econômicos, sociais e climáticos. A seca, a concentração de terras, a carência de serviços públicos e a luta constante pela sobrevivência moldaram a realidade dos tiriricanos.⁴⁶ É possível que estejamos diante de um caso de regressão do desenvolvimento histórico de uma povoação que foi o berço de localidades circunvizinhas no século XIX e primeira metade do século XX.

Referências significativas para esta seção incluem correspondências, depoimentos, pesquisas de memorialistas locais e estudos recentes que exploram a história e a cultura da região, incluindo a influência das comunidades negras rurais e a biodiversidade na produção cultural regional.

Outras fontes relevantes foram as obras do juiz de Direito e professor Dr. Adão de Assunção Duarte, que apresenta a história sobre a povoação da região de Xique-Xique e a origem de Tiririca; a pesquisa do professor Adelmo Ferreira de Santana, que aborda a formação das primeiras vilas e povoados – descrição que dialoga com a obra de Duarte “História de Central” e que contribuiu para identificar as primeiras famílias desta região.

⁴⁴ Há menos de uma década, os projetos de esgotamento sanitário e abastecimento de água estão sendo executados na sede municipal, mas longe de atingirem a maior parte da população, que se encontra na zona rural. Os estabelecimentos de saúde se apresentam em quantidade irrisória, existindo apenas sete: um hospital, um laboratório e cinco Unidades de Saúde da Família (USF).

⁴⁵ *Nas variantes do sertão*: trajetória de família o Médio São Francisco (Xique-Xique – século XIX) - uma descrição bem detalhada sobre a povoação e extensão territorial de Chique-Chique no século XIX (Ferreira, 2023).

⁴⁶ Tornou-se cultural famílias contar com meação, aluguel de mão de obra e produção em pequenas propriedades.

Além disso, este estudo é enriquecido por contribuições de pesquisadores como Marcio Roberto Alves dos Santos e Elizângela Oliveira Ferreira, que forneceram conhecimentos valiosos relevantes sobre o tema⁴⁷. As reflexões e estudos de outros autores, como Machado, Sampaio, Amado, Cunha, Nascimento, Wilson Lins e Prado Júnior, também colaboraram com discussões relevantes e eventos correlatos.

Apesar da fragilidade vivenciada pelo sertanejo do semiárido, o que a população sempre almejou não é caridade particular, mas a sensibilidade ao povo da região e maior atenção com medidas ao enfrentamento à seca e voltadas à diminuição das desigualdades sociais.

O que foi observado e discutido sobre o sertão baiano, seu espaço e contexto temporal, pode ser aplicado a outras áreas e agentes, tornando a história de Tiririca uma peça importante do quebra-cabeça da história do Brasil.

⁴⁷ A partir dos dados compilados por Ferreira (em sua tese de doutorado em 2008 e publicados recentemente, em 2023), foi viável organizar uma narrativa histórica abrangendo o município de Itaguaçu da Bahia, principalmente referente à formação das comunidades negras rurais. Somando-se a ela, destacamos também a tese de André Carneiro Melo *Biodiversidade: Narrativas, diálogos e entrelaçamento de saberes da comunidade/escola em um território quilombola do semiárido baiano*. Nessa pesquisa, são exploradas as vivências dos quilombolas de Barreiros em Itaguaçu da Bahia e reveladas as experiências da comunidade através da interligação entre a biodiversidade e a produção cultural regional. Outro estudo relevante para essa temática foi a dissertação de Nildete Machado (2020), que trata do mito sobre a origem do povoamento de Tiririca.

2 CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO

“As linhas de nossas tramas são os rastros, vestígios, inscrições, testemunhos. Na coleta de seus materiais, o profissional da história atua como na pesca, na caça ou mesmo no furto (Durval Muniz Albuquerque Júnior, 2019, p. 31).

Neste capítulo, exploramos a vida de seis sertanejos nascidos entre o final do século XIX e início de XX, autores de treze cartas datadas entre 1919 e 1953. Essas correspondências pessoais se revelam como guias fundamentais para compreender e se aproximar desse período e além. Ao invés de uma visão panorâmica e coletiva, nosso estudo mergulha nas nuances frequentemente negligenciadas presentes nas missivas enviadas a Joaquim Ferreira de Britto.

Os remetentes das cartas são os irmãos Miguel e Annibal Ferreira de Britto, o primo e cunhado Adalberto Pires, o afilhado Messias Pires Maciel e o filho Messias da Matta Britto. O destinatário é Joaquim Ferreira de Britto. Esses documentos foram meticulosamente analisados em conjunto com a vida desses indivíduos, destacando eventos significativos mencionados nas correspondências.

Esta pesquisa revela que as identidades são moldadas através das interações sociais, onde os indivíduos se definem em relação aos outros. Ao migrarem para o ambiente urbano, os remetentes carregam consigo suas expertises do sertão, marcadas por coragem, determinação e persistência, características cruciais para sua integração na sociedade urbana.

O ressurgimento da biografia na esfera histórica reflete uma transformação mais ampla nas abordagens teórico-metodológicas da disciplina. Anteriormente limitada a dois modelos: a biografia representativa e o estudo de caso. A biografia agora é reconhecida por seu valor na compreensão da formação da identidade pessoal e da adaptação cultural.

Ao se concentrar em estudos de caso, a biografia ilustra como a vida individual pode exemplificar aspectos mais amplos da sociedade e dos contextos sociais, políticos e culturais. Examinar a existência de indivíduos específicos nos permite entender não apenas suas experiências pessoais, mas também como elas se conectam com o ambiente onde viveram.⁴⁸

⁴⁸ O artigo de Alexandre de Sá Avelar, *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões* (2010) e a tese de João Hecker Luz, em seu doutoramento em História, com a pesquisa *Joseph Lutzberger: vida gaúcha e identidade germânica no Rio Grande do Sul do século XX* (2023), trazem abordagem mais específica sobre essa temática.

O campo da escrita biográfica oferece ao historiador um espaço privilegiado para explorar a natureza ambivalente de seu trabalho, que oscila entre a dimensão científica e a ficcional. A biografia, portanto, desafia a distinção rígida entre um gênero literário e uma abordagem puramente científica, provocando uma mescla entre ambos e revelando as tensões e harmonias entre a literatura e as Ciências Humanas.

A biografia serve como um canal fundamental pelo qual as técnicas e questionamentos próprios da literatura são transmitidos para a historiografia. Há muitas discussões sobre as estratégias de argumentação utilizadas pelos historiadores. Notavelmente, a literatura disponibiliza uma ampla gama de modelos e estruturas biográficas que exercem uma influência considerável sobre a pesquisa historiográfica.

O estudo da vida dos seis tiriricanos não somente nos fornece compreensão sobre suas próprias experiências e identidades, mas também lança luz sobre aspectos mais amplos da história social e cultural do interior da Bahia. Suas histórias revelam não apenas os desafios e triunfos pessoais, como também as mudanças sociais, econômicas e políticas que moldaram suas vidas.

Portanto, ao reconhecer o valor do estudo biográfico, podemos enriquecer nossa compreensão do passado, reconhecendo a complexidade das experiências individuais dentro de um contexto histórico mais amplo. A biografia, portanto, não é vista como uma alternativa à história, mas como uma ferramenta complementar que nos permite explorar as complexidades da condição humana e da vida em sociedade ao longo do tempo.

2.1 CENÁRIO SOCIAL E POLÍTICO NA BAHIA DO SÉCULO XX: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por tensões tanto nas áreas urbanas quanto nas regiões remotas da Bahia. Salvador, em especial, enfrentou uma série de desafios, desde escassez de moradia e aumento constante nos preços dos alimentos e aluguéis, até desemprego e ameaças de surtos de doenças como gripe, febre amarela, peste e malária. No sertão baiano, as condições eram ainda mais adversas, com dieta insuficiente, falta de higiene pessoal e problemas graves de alcoolismo, contribuindo para a redução da expectativa de vida dos sertanejos.⁴⁹

⁴⁹ Para se aprofundar sobre esse assunto, ler Christiane Maria Cruz de Souza. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Salvador: Edufba, 2009.

Segundo a legislação vigente da época, a instalação de instituições de saúde era responsabilidade dos municípios, embora estes estivessem sujeitas à supervisão do governo estadual. No entanto, em casos excepcionais de falta de recursos municipais, o Estado temporariamente assumiria essa responsabilidade, muitas vezes através das Santas Casas da Misericórdia.

No interior, os chefes políticos exerciam influência sobre os eleitores, distribuindo favores e benefícios ou se utilizando de coerção. Sua autoridade era legitimada pelo governo estadual, que lhes conferia o poder de indicar pessoas para cargos públicos e fornecia recursos para manter seu domínio e atender às demandas dos eleitores.

Apesar dos esforços dos governadores para centralizar o poder, a estrutura político-social da Bahia durante a República Velha permaneceu praticamente inalterada. A ausência de políticas públicas de saúde permitiu o fortalecimento do poder local, uma vez que as camadas da população mais vulneráveis dependiam dos favores dos “coronéis” em momentos de necessidade.

A falta de infraestrutura de transporte também dificultava o acesso aos serviços de saúde, contribuindo para a propagação de doenças pelo sertão. Poucos municípios estavam interligados por vias férreas, marítimas ou fluviais, o que dificultava o escoamento da produção e o acesso aos centros urbanos. Esses desafios enfrentados pela Bahia nas primeiras décadas do século XX refletem não apenas as dificuldades específicas do Estado, mas também as questões mais amplas enfrentadas pelo país durante esse período histórico (Souza, 2009).

No final de 1918 e em 1919, o Brasil vivenciou flutuações econômicas e crises sociais, em parte decorrentes das repercussões da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse contexto, surgiram no país diversos movimentos sociais e sindicais em busca de melhores condições de trabalho e direitos para os trabalhadores, tanto da cidade quanto do campo. Apesar da repressão enfrentada por esses movimentos, desempenharam um papel na conscientização sobre as injustiças sociais. “A lista de reivindicações dos grevistas incluía direitos trabalhistas que hoje são básicos, mas na época inexistiam, como reajuste salarial periódico, adicional noturno, auxílio médico, férias, aposentadoria.”⁵⁰

⁵⁰ Ricardo Westin. *80 anos da Previdência Social* (2002). Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/primeira-lei-da-previdencia-de-1923-permitia-aposentadoria-aos-50-anos/infografico/@@images/imagem>. Acesso em: 08 mar. 2024.

Os anos de 1917 a 1921 foram marcados por movimentos operários em todo o mundo, com impactos significativos na Bahia e em boa parte do país. Esse período foi caracterizado pelo aumento dos preços dos alimentos básicos e dos aluguéis, bem como por condições de trabalho precárias e salários baixos. O movimento foi intensificado na capital baiana em 1919. Os operários exigiam redução da jornada de trabalho, fim do trabalho infantil, e equidade nos salários das atividades desenvolvidas por homens e mulheres. Os trabalhadores viviam sobressaltados com a ameaça da perda do emprego. Durante essa conjuntura, o setor econômico parecia estagnado e em retrocesso na Bahia.⁵¹

A partir da década de 1920, o interior da Bahia passou por mudanças significativas e agitações políticas. Uma nova ordem social começou a surgir, influenciando não apenas a esfera política, mas também as relações familiares e sociais. Essas transformações foram especialmente evidentes nas áreas rurais, onde a população era menor e as interações sociais mais intensas, tornando a vida cotidiana intimamente ligada às dinâmicas políticas locais.⁵²

Ao longo das décadas seguintes, a seca e a falta de oportunidades econômicas forçaram muitos sertanejos a migrar para outras regiões em busca de trabalho, impactando tanto os grandes centros urbanos quanto as comunidades rurais e contribuindo para transformações sociais e culturais significativas.⁵³

2.2 MEMÓRIAS DO SERTÃO BAIANO

A pesquisa foi conduzida com base nos relatos de memória fornecidos por Walter da Matta Britto, que, aos 94 anos, se tornou uma fonte valiosa de informações sobre a região de Itaguaçu da Bahia e seus familiares. Recorremos a documentos como livros de batismo e casamento digitalizados, além de entrevistas realizadas com familiares e certidões disponibilizadas pelo Centro Paroquial de Xique-Xique.

Durante a pesquisa, enfrentamos diversos desafios, especialmente ao escrever biografias de indivíduos nascidos há mais de um século e cujo contato foi interrompido há mais de cinco

⁵¹ Para melhor entender esse contexto, ler a pesquisa de Aldrin Armstrong Silva Castellucci, *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008.

⁵² Esse contexto é apresentado de forma mais específica no capítulo 3 dessa dissertação.

⁵³ Esses são apenas alguns dos elementos que podem estar diretamente relacionados ao contexto social e cultural do sertão baiano, na região do Médio São Francisco, durante as décadas de 1920 a 1950. Eles estão melhor especificados no capítulo 3.

décadas. Solicitamos a colaboração de familiares e amigos para coletar informações que pudessem representar outros sertanejos por meio de suas histórias.

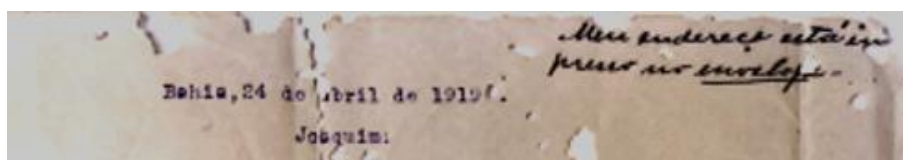
Solicitamos ao entrevistado Walter Britto que descrevesse, de maneira espontânea, o que conhecia acerca dos indivíduos da pesquisa, com o objetivo de reunir dados para investigar suas memórias a respeito dos biografados. Ao descobrir que outros dados poderiam ser acrescentados e comparados aos existentes, o entrevistado e sua sobrinha (Karina Kelly) sugeriram que falássemos com algumas netas de Adalberto e os filhos de Messias Britto. Foi assim que mais pessoas foram envolvidas nesse processo. Após a apresentação da pesquisa no primeiro contato, elaboramos um questionário mais direcionado às informações de que precisávamos coletar. Posteriormente, foram cedidos documentos pessoais que pudessem fornecer informações sobre datas importantes, como nascimento, filiação e óbito.

Não foram poucos os desafios que enfrentamos para obter as informações desejadas, principalmente em relação aos dois irmãos de Joaquim, Miguel e Annibal. Não conseguimos manter contato com filhos ou netos. Tentamos coletar informações com as instituições nas quais desenvolveram atividades. Uma disse não poder fornecer nenhum dado, a outra não respondeu. Cada detalhe sobre eles foi reunido de forma meticulosa.

Apesar dos desafios, como lacunas documentais e dificuldades em obter informações precisas, a pesquisa biográfica revelou a importância dos homens pesquisados como figuras históricas significativas, representando a vida e a cultura do interior da Bahia. Reconhecemos a relevância da história de vida dentro do contexto social mais amplo e o valor do estudo biográfico para a compreensão da formação da identidade pessoal e da integração na sociedade.

2.3 RECUPERANDO VOZES DO PASSADO: O QUE AS CARTAS DIZEM OU QUEREM DIZER?

A mais antiga das cartas encaminhadas a Joaquim é a datada de 24 de abril de 1919, ela possui 32 linhas e foi escrita à máquina de datilografar. Trata-se de uma correspondência de Miguel para seu irmão Joaquim, revelando vários aspectos de sua vida e relações (Carta de número 1).



Nesta correspondência, os assuntos são cinco pontos: elogio à eficiência dos serviços postais; preocupações familiares; a importância de Adalberto na vida deles; reflexões sobre a

vida militar e revelações sobre o portador da carta. No geral, a missiva apresenta uma forte preocupação com os parentes, amigos e o local.

Recebi suas cartas, juntamente com uma Zuzinha, ambas datadas de 14 de março, vindas pelo correio, o que aliás, merece meus parabéns e também os de vocês, por se achar um pouco melhorado o nosso serviço postal via-S. Francisco, que era um verdadeiro inferno em tempos passados. Creio que esta primeira correspondência por mim recebida, desde que aqui me acho; minha Mãe, todas as vezes que me escreve, diz-me ter escrito pelo correio, talvez umas três cartas, até hoje não recebi uma sequer. Portanto, repito: merecem os parabéns meus e os de vocês também o serviço postal de S. Francisco. Deus o conserve assim por todos os séculos.

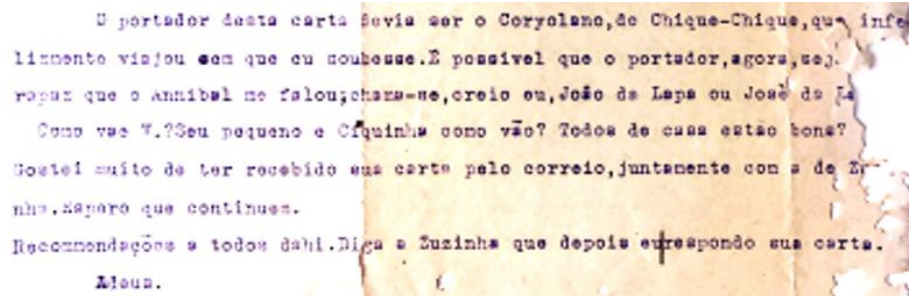
Miguel expressa sua gratidão pelo serviço postal, em especial pela melhoria na entrega de correspondências via correio. Ele destaca que recebeu tanto a carta de Joaquim quanto uma de Zuzinha, outro irmão, enviadas pelo correio. Considera a rapidez uma conquista, devido à precariedade do serviço postal anteriormente. A agilidade foi possível devido ao aumento significativo de agências no país e à melhoria nas estradas e meios de transportes.

Miguel demonstra preocupação com a saúde e bem-estar da família, perguntando sobre o estado de Joaquim, sua esposa Chiquinha e todos os parentes. Isso revela um vínculo forte com a família e o desejo de manter-se informado sobre o bem-estar de seus entes queridos. Ele destaca a presença de Adalberto em sua vida e menciona o quanto se encontram frequentemente, revelando a proximidade entre eles e como Adalberto representa uma figura significativa em suas vidas (Carta de n. 1, linhas 13 a 22).

Deixemos de parte um pouco o correio e passemos ao que nos interessa de mais perto. Hoje não me é possível responder suas cartas; Entretanto não deixarei de tocar em algum de seus pontos mais importantes, como por exemplo: sobre Adalberto. É raro a semana que eu não estou com ele; e pessoalmente sei que vem a pensar todos os dias que não estiver de serviço pois é o meio mais fácil de ver-no-nos mais amiúdas vezes. E assim tem sido. Quasi toda noite de sábado para domingo elle vem dormir comnosco na pensão O seu aspecto físico é o melhor possível. Acho-o mais gordo, não obstante elle passar uma vida agitada, como geralmente é a vida do soldado; quanto ao resto elle lhe dirá o melhor.

Miguel brevemente comenta sobre a vida militar de Adalberto e traz uma observação para a aparência física do primo, ressaltando que é boa, apesar da agitação e demandas do serviço militar. Isso sugere uma preocupação e interesse genuíno pelo bem-estar de Adalberto. Também menciona o possível portador da carta, indicando sua origem e fornecendo detalhes sobre sua identidade, mostrando preocupação com a segurança e eficácia da entrega. Isso demonstra um cuidado presente em outras correspondências.

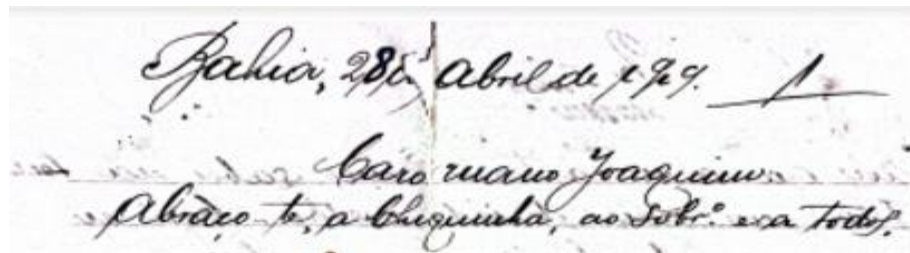
A maioria dos portadores das cartas eram pessoas conterrâneas, algumas sem vínculos afetivos, apenas conhecidos. Isso demonstra a conexão com outras pessoas do lugar. Infelizmente, nem todas as correspondências chegavam ao destino, algumas tinham seu conteúdo violado (Carta de n. 1, linhas 23 a 30).



O portador desta carta devia ser o Coryolano, de Chique-Chique, que infelizmente viajou sem que eu soubesse. É possível que o portador, agora, seja rapaz que o Annibal me falou; chama-se, creio eu, João de Lapa ou José de Lapa. Como vai V.? Seu pequeno e Ciquinha como vão? Todos de casa estão bons? Gostei muito de ter recebido sua carta pelo correio, juntamente com a de Zuzinha. Espero que continuem. Recomendações a todos daí. Diga a Zuzinha que depois eu respondo sua carta. Meus.

No final, Miguel se despede cordialmente, enviando recomendações aos parentes, demonstrando uma atitude atenciosa e cuidadosa em relação aos entes queridos. Em resumo, a carta revela um forte vínculo familiar, preocupações com o bem-estar dos parentes e amigos, e uma conexão afetiva entre os membros da família.

A segunda carta, tomando como critério o tempo cronológico, datada de 28 de abril de 1919, é uma correspondência manuscrita escrita por Annibal. A falta de assinatura sugere que esta carta tenha sido escrita em duas folhas, porém tivemos acesso apenas a uma.



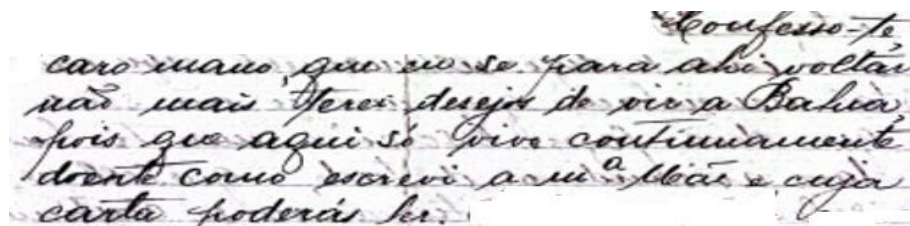
Bahia, 28 de Abril de 1919.

Caro meu Joaquim,

Abrão, b. da Chiquinha, ao Sobr. e a todos.

Embora não conste a assinatura, a identificação do remetente foi possível pelo conteúdo e pela comparação das caligrafias dos três correspondentes de Salvador naquele período: Miguel, Annibal e Adalberto. A terceira carta também contribuiu para a confirmação da autoria.

Nesta carta, Annibal expressa desafios de saúde, que podem estar afetando seu bem-estar emocional (Carta n. 2, f.1r, linhas 18 a 23).



Confesso-te
caro meu, que eu se já não abirei voltar
não mais. Teres desejo de vir a Bahia
pois que aqui se vive continuamente
doente como escrevi a tu^a mãe e cuja
carta poderás ler.

Além do problema de saúde, ele expressa angústia em decorrência das dificuldades financeiras. Notamos uma demonstração de uma ligação forte com sua família, em especial com sua mãe, e o desejo de poder ajudá-la financeiramente (Carta n. 2, f.1r, linhas 29 a 36).

Aqui eu
por enquanto estou com uma collocação que
da' somente para despesas de comida, e formo
em outra qualquer occasião poderia ter
uma melhor collocação e d'este modo eu
foderia sempre estar auxiliando a minha
querida mãe e eu próprio passaria mais
felicidamente.

O remetente demonstra estar impotente diante das circunstâncias, a princípio em relação à sua saúde e capacidade de trabalhar. Mais adiante, também percebemos uma sensação de desânimo e desesperança sobre o futuro, especialmente sobre a possibilidade de melhorar sua situação econômica e social.

Annibal afirma que uma posição melhor permitiria que ele arcasse com suas despesas e ainda contribuísse financeiramente com sua mãe, ao mesmo tempo que não precisaria mais depender do tio para resolver seus problemas. Esse pensamento revela uma dinâmica familiar peculiar que envolve recorrer a familiares com melhores condições financeiras quando os recursos pessoais não são suficientes para resolver os desafios por conta própria (Carta n. 2, f. 1r, linhas 36 a 47).

como por exemplo, em um
caso de necessidade porquanto não era preci-
so que eu me ~~deslocasse~~ deslocasse a meu
tio Gustavo, e eu fize ser - eu - hia muito
melhor. Porém estou completamente desilhi-
dido d'isto, pois que o destino sempre des-
faz aquillo que pretende fazer. Como sa-
bês, como mãe, como poderia trabalhar
estando doente? De modo nenhum. Po-
is é como te digo: ultimamente estou por
tal necessidade que mesmo não sei o
que devo fazer. Escrevi a meu Tio Gus-
tavo

Annibal prossegue afirmando que encaminhou uma carta ao tio Gustavo pedindo que lhe orientasse sobre o que fazer a partir daquele instante, se deveria continuar buscando um emprego melhor ou se retornaria para o interior. Após a perda do pai, Gustavo Martins ficou responsável pelos sobrinhos. O futuro de Annibal dependia, portanto, do que o tio lhe diria (Carta n. 2, f. 1r, linhas 47 a 50).

que deoa foyu. Escreeja meu fio que
 tem avisado o de tudo, e que elle se
 solou a m^a situação: ou se continue
 ahi aqui ou se me iria embora. Por
 3 out.

Como foi dito anteriormente, a carta não se encerra nesse trecho. Mais uma vez a abreviação da palavra continua aparecendo ao final da página. No entanto, ao lado, na margem esquerda, como se despedindo ele diz: “Miguel vai bem de saude, graças a Deus. Creio que ahi já não se lembram de mim. Porem affirmo-tte que d’ahi não me esqueço um só instante” (f. 1r, linhas 52 a 55)

A menção à saúde é constante nas cartas escritas a Joaquim, isso sugere que esse quesito era uma preocupação corriqueira do destinatário. Por outro lado, Annibal expressa receio de ser esquecido pelas pessoas, embora ele próprio reitere que mantém vivas suas lembranças e conexões, sem perder de vista aqueles que são importantes para ele.

Esse trecho revela também um profundo sentimento de isolamento e saudade. Annibal se sente distante e desconectado das pessoas que eram importantes para ele, o que pode ser uma fonte de dor e angústia. No entanto, essa distância não diminui seu amor ou sua memória pelos entes; ao contrário, intensifica sua saudade.

O estado emocional em que Annibal se encontra é demonstrado nesta carta. Ela sugere um toque de remorso ou arrependimento em ter tomado decisões, ou ações, que o levaram a se afastar das pessoas de que agora sente falta. Expressa um momento de reflexão sobre as decisões tomadas e como essas escolhas influenciaram sua vida até o presente momento. Portanto, essa última fala de Annibal demonstra uma expressão emotiva de saudade ou remorso, destacando a complexidade das relações humanas e os sentimentos que podem surgir quando nos afastamos das pessoas que amamos.

A falta da assinatura é justificada pela ausência da folha onde estaria a despedida e a assinatura. Foi-nos possível acessar apenas uma folha (retro e verso) dessa correspondência entre os outros documentos conservados numa pasta. Ou seja, esta carta foi escrita em frente e verso, contendo 55 linhas.

Não podemos afirmar ao certo se o autor trouxe mais informações ou simplesmente finaliza nas três linhas ao lado esquerdo da primeira página e esquece de se despedir, embora em nenhuma outra falte esse importante dado. O que podemos afirmar é que esta carta traz informações relevantes para entendermos o contexto no qual vivia Annibal nesse período, em Salvador. A ausência do final não compromete a sua compreensão.

A terceira carta, também de Annibal, foi escrita em 28 de maio de 1919. Trata-se de um manuscrito em folha pautada e caneta tinteiro preta ocupando 29 linhas, mais 3 linhas da margem esquerda e mais duas frases na parte superior. Nela, o remetente revela alguns aspectos importantes sobre sua vida e sentimentos para com seu irmão Joaquim e expressa desejo de que todos estejam bem de saúde.

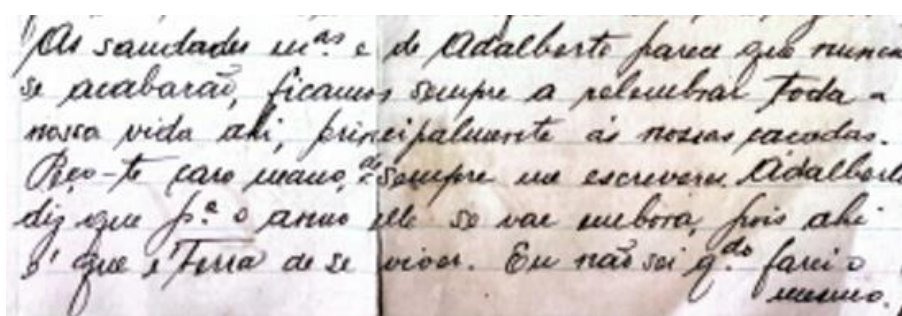
Annibal fala de si, relatando estar um pouco melhor e esperançoso de se curar em breve, confirma que tem enfrentado problemas de saúde recentemente. O remetente compartilha detalhes sobre seu estado de saúde, expressando otimismo em relação à recuperação completa, para tranquilizar os parentes e evitar preocupações.

Annibal evidencia como Adalberto é uma figura importante em sua vida e demais familiares, fato já expresso por Miguel. Relata que no instante da escrita desta carta o segundo estava ali presente, assim como na última enviada. Ele brinca com o fato de o primo ter iniciado sua correspondência, com o intuito de evidenciar que estavam juntos naquele momento, num escrever coletivo, pois Joaquim notaria as caligrafias diferentes. Os amigos se divertem ainda com a ideia de Annibal denominar o primo de “herói”, o que gera entre eles um momento de diversão (Carta n. 3, f. 2r, linhas 7 a 15).

A carta a que Annibal se refere foi a de 28 de abril, na qual não consta assinatura devido à ausência da última página. Nesta correspondência, Annibal demonstra que entre ele e Adalberto não há segredos, tanto que, enquanto escrevia, o primo lia. A presença frequente de

Adalberto na pensão é motivada pela procura do equilíbrio, possível apenas em companhia dos parentes. Neste período, as relações interpessoais nas cidades grandes já eram demarcadas, pois só a companhia dos amigos/primos para quebrar a tensão com a qual ambos viviam no quartel e no trabalho.

Há uma forte sensação de saudade e nostalgia expressa na carta, especialmente em relação às lembranças de suas vidas juntos, como as caçadas. Isso sugere um forte vínculo emocional entre o remetente e Joaquim, bem como a importância das memórias compartilhadas entre eles (Carta n. 3, f. 2r, linhas 23 a 29).



O remetente pede a Joaquim para continuar escrevendo para ele, demonstrando a importância da comunicação regular entre os dois. Isso sugere um desejo de manter o contato e a interação mesmo que estejam separados.

Annibal menciona brevemente os planos de Adalberto de partir de volta para seu lar no próximo ano, indicando uma possível mudança de cenário ou ambiente de vida atual. Ele também menciona a possibilidade de fazer o mesmo, embora isso não esteja muito certo.

A carta revela, portanto, um forte senso de conexão familiar, nostalgia pelas memórias compartilhadas e um desejo de manter o contato e o vínculo emocional mesmo diante das mudanças que podem ocorrer na vida de cada um. Esta carta é finalizada com um desejo de ser abraçado pelo irmão e amigo distante, estendendo esse abraço ao irmão José (Zuzinha) e mandando dizer que não para ele escreveu por falta de tempo⁵⁴.

A quarta carta, escrita por Adalberto no mesmo instante em que Annibal redigia a sua, é iniciada com o remetente expressando saudações ao “amigo Joaquim” como se para melhor demarcar o quanto este preza a amizade e a relação de proximidade entre os dois. Adalberto poderia ter usado diferentes termos como “caro primo”, “prezado cunhado”, mas o remetente preferiu chamá-lo de “amigo”.

⁵⁴

Ver essa informação na parte superior, ao lado do local e data.

B. Bahia em 28 de Maio de 1919.
All. Jureg. A D.

Adalberto expressa desejos de saúde para o destinatário e seus familiares. Ele menciona especificamente Chiquinha e o filho de Joaquim, além de seu próprio pai, mãe e irmãos, destacando uma preocupação abrangente com o bem-estar da família (Carta n. 4, f. 3r, linhas 4 a 9).

Deus queira que vos receber a minha com ta alegria, rogando saúde, juntamente com Chiquinha, e meus pais, minha mãe, e meus irmãos, e todos os que vos pertencem, pois é o meu desejo e saber que todos estão com saúde.

Ele relata que desde que chegou ao local onde está, tem estado saudável e dá graças a Deus por isso, relaciona sua boa saúde com a frequência com que outros soldados são enviados para o hospital. Isso indica que a saúde dos soldados era uma preocupação durante o período de serviço militar e que ele está em uma situação favorável. Nesse período, em Salvador, a população vivia, frequentemente, surtos de doenças virais. O vírus atingiu diversos espaços públicos, inclusive os quartéis (Carta n. 4, f. 3r, linhas 9 a 17).

Desde que aqui cheguei tenho estado sempre com saúde, e não me dá trabalho. Deus porque todos os dias vou ao hospital, e me dão uma pequena dose, e espero que Deus que sejas a de ser sempre melhor e não se faça dos meus trabalhos por aqui.

Adalberto prossegue mencionando ter recebido uma carta do primo Luías, que também estava no serviço militar e diz estar saudável. Dizia-se também animado com a vida militar., ao contrário dele. Essa troca de correspondência entre soldados sugere que a comunicação/interação era uma maneira importante para os militares se manterem conectados com suas famílias e amigos durante a ausência.

Adiante, Adalberto faz questão de enfatizar que Luías relatou ter feito um passeio no Jardim Geológico, onde viu várias feras, como leão, tigre e onça, por um preço acessível. Isso indica que os soldados buscavam atividades de lazer para distração durante o serviço militar e

que o custo de entrada para tais atrações era mais baixo para não civis. Relata que a vida de um soldado em outros espaços demonstra mais garantida em comparação com a Bahia, sugerindo que o serviço militar pode oferecer mais estabilidade e segurança financeira a depender do lugar (Carta n. 4, f. 3r, linhas 18 a 28).

Agora escrevo em 19 de julho de 1919 a carta
de seu Luísa, mandando-me dizer que ali
aquelle data estava sempre com grande
e muito amiguado com a vida civil. Lú,
também mandando-me dizer que foi meu
passo no jardim Geológico, e lá vi toda
qualidade de fôrças, com Luísa, Lúcia, e
muito, e tudo em: pagando com 5000
pela entrada regular em civil pagava 10000
mas em que há soldados e garantido
a qual não é aqui com a Bahia. M. M.

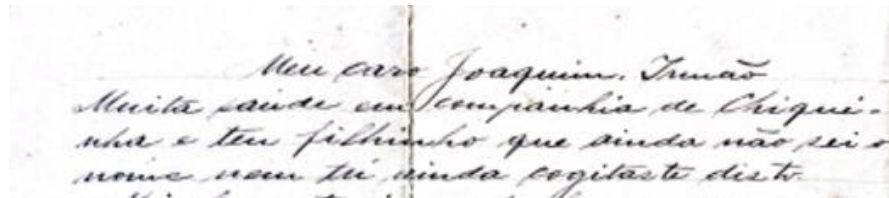
Ao relatar a experiência de Luísa em um passeio pelo Jardim Geológico e ressaltar as atividades acessíveis aos soldados e o preço reduzido da entrada, o remetente busca elevar o ânimo em meio aos desafios da vida militar, evidenciando a existência de momentos de lazer e diversão.

Adalberto expressa sua gratidão a Deus pela boa saúde e expressa esperança de que essa situação se mantenha até o fim de seus deveres militares naquele local. Sua fé e otimismo demonstram uma fonte de apoio emocional e fortaleza em meio às dificuldades e incertezas que enfrenta como soldado.

O remetente se despede mandando lembranças aos familiares e conhecidos e pedindo ao destinatário que não demore em lhe escrever, como se numa necessidade de saber notícias de sua gente e de seu lugar. Ao enviar lembranças a diversos conhecidos, Adalberto demonstra sua compreensão e vínculos com várias pessoas além de Joaquim. Isso sugere uma rede social ativa e o desejo de manter esses laços mesmo enquanto ele está distante.

Essa carta oferece um vislumbre da vida cotidiana e das preocupações de um soldado em 1919, além de refletir sobre as relações pessoais e sociais da época, bem como a influência da fé e da resiliência diante das adversidades.

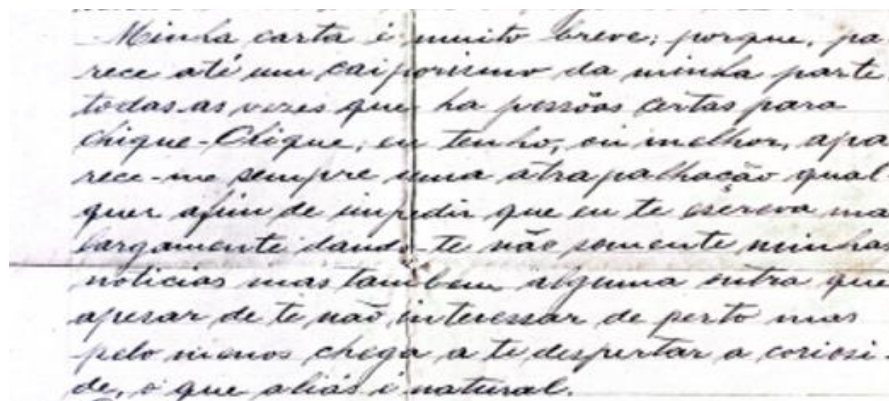
A quinta carta, redigida por Miguel em 28 de maio de 1919, é breve e concisa, como explicitado pelo próprio remetente. Destinada a ser enviada junto com as correspondências de Annibal e Adalberto, embora desprovida de local e data, sua redação simultânea às cartas de Adalberto e Annibal permite-nos inferir sua cronologia. Miguel relata que os afazeres estão consumindo muito o seu tempo e que todas as oportunidades de poder escrever dando notícias mais detalhadas lhe são perdidas (Carta n. 5, f. 4r. linhas 1 a 5).



Meu caro Joaquim, irmão
Muita saúde em companhia de Chiqui-
nha e teu filhinho que ainda não sei o
nome nem tu ainda cogitaste disto.

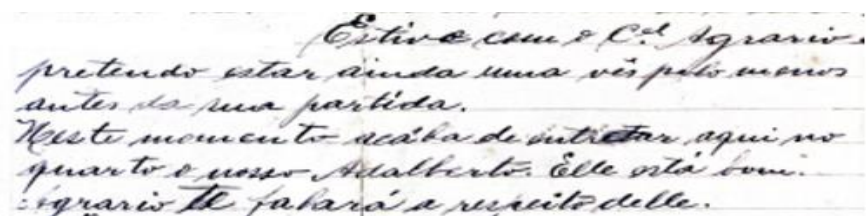
As cartas de Miguel costumam iniciar com uma calorosa saudação, chamando Joaquim de “meu caro Joaquim” e “irmão”. Também é comum expressar o desejo de saúde ao irmão e familiares. A forma afetuosa como ele se dirige ao destinatário demonstra uma relação próxima entre os dois, mantida mesmo diante da distância e da passagem do tempo. Nesta correspondência, Miguel também saúda o sobrinho e menciona que ainda desconhece seu nome, o que pode sugerir uma cobrança para que na próxima carta isso já tenha sido definido.

Miguel justifica a brevidade de sua carta, indicando que sempre que há oportunidade de escrever para Joaquim surge alguma complicação que o impede de realizar uma escrita mais detalhada. Ele promete que recompensará escrevendo mais na próxima semana (Carta n. 5, f. 4r. linhas 6 a 16).



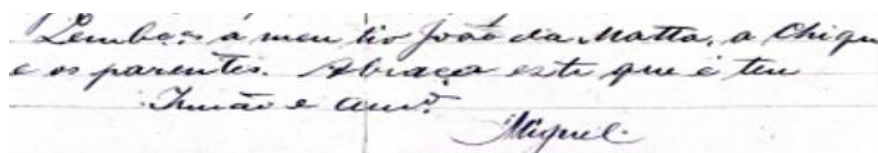
Minha carta é muito breve; porque, pa-
rece até, um cai-porrimo, da minha parte;
todas as vezes que há pessoas certas para
Chique-Chique, eu tenho, ou melhor, apa-
rece-me sempre uma outra patinação qual-
quer apin de impedir que eu te escreva mais
largamente dando-te não somente notícias
mas também alguma outra que
apesar de te não interessar de perto mas
pelo menos chega a te despertar a curiosi-
dade que aliás é natural.

Mesmo tratando-se de uma carta breve, Miguel aproveita para fazer menção a duas pessoas de interesse do irmão que estiveram recentemente com ele: o Coronel Agrário e Adalberto. Relata que pretende encontrar-se com o amigo político em breve, antes da partida dele para o interior. A menção ao Coronel Agrário e a intenção de encontrá-lo antes de seu retorno indica que há eventos ou situações relevantes acontecendo na região naquela época. Pode-se inferir que o contexto político e social da Bahia em 1919 influenciava as interações e preocupações destes sertanejos, com seus conterrâneos e a região (Carta n. 5, f. 4r. linhas 19 a 24).



Estive com o C. Agrário,
pretendo estar ainda uma vez perto meus
antes da sua partida.
Neste momento acaba de sair aqui no
quarto e vou Adalberto. Elle está bom.
Agrário te falará a respeito d'elle.

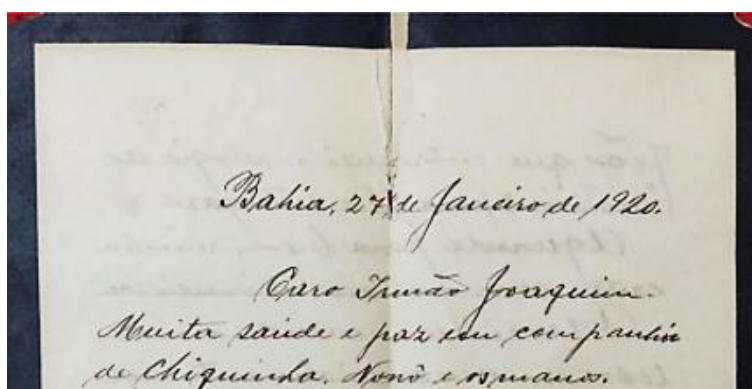
Miguel menciona que Adalberto se encontra naquele momento em sua companhia e de Annibal e diz que seu cunhado está bem, uma forma de tranquilizar o irmão quanto ao bem-estar de Adalberto, que não enfrenta desafios ou perigos iminentes, apesar do contexto social tenso marcado por epidemias e movimentos sociais na capital, assuntos frequentes abordados na imprensa da época (Carta n. 5, f. 4r. linhas 25 a 28).



Lembra à meu tio João da Matta, a Chiquinha e os parentes. Abraça este que é teu irmão e amigo. Miguel.

Miguel finaliza sua carta enviando lembranças ao tio “João da Matta”, pai de Adalberto, a “Chiquinha” e demais parentes. O remetente se despede assinando seu nome e se identificando como “irmão e amigo” de Joaquim.

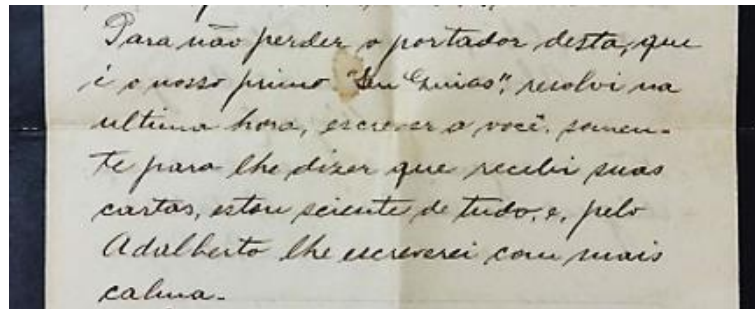
A sexta carta, datada de 27 de janeiro de 1920, escrita por Miguel, apresenta semelhanças com as outras cartas do autor. Nela, há também uma série de informações sobre a saúde, relações familiares e comunicação. O autor inicia desejando saúde e paz ao irmão, a Chiquinha, ao sobrinho, Nonô (Milton) e aos demais familiares. Dá sequência com a mesma forma afetuosa que usou em suas outras cartas (Carta n. 6, f. 5r, linhas 1 a 4).



Bahia, 27 de Janeiro de 1920.
Caro irmão Joaquim.
Muita saúde e paz seu companheiro de Chiquinha, Nonô e os outros.

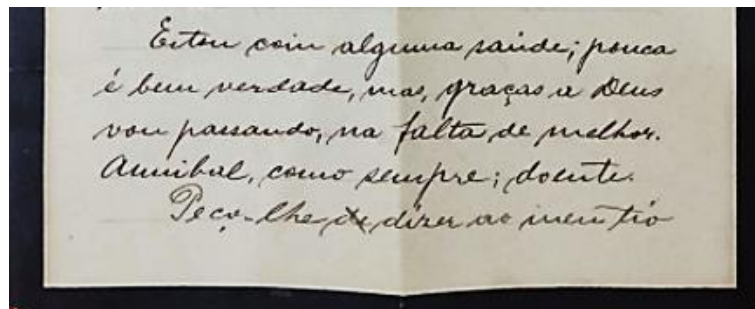
Miguel menciona que aproveitará seu primo Lúias para levar sua breve resposta a Joaquim. Confirma o recebimento das correspondências do irmão e diz estar ciente de tudo. Confessa escrever de última hora para não perder a oportunidade, mas promete escrever mais detalhadamente na próxima correspondência que será enviada por Adalberto, indicando que está reservando um tempo para isso. A menção ao portador da carta, Seu Lúias, e a promessa de produzir com mais detalhe através de Adalberto revelam um processo cuidadoso de

comunicação e logística. Naquela época, confiar no portador era essencial devido à importância das cartas como meio de interação (Carta n. 6, f. 5r, linhas 5 a 11).



Para não perder o portador desta, que
é o nosso primo "San Quinas", resolvi na
última hora, escrever a você. Pome-
te para lhe dizer que recebi suas
cartas, estou seicute de tudo, e, pelo
Adalberto lhe escreverei com mais
calma.

Miguel relata que está se sentindo um pouco melhor em termos de saúde e expressa sua gratidão a Deus por isso. No entanto, ele também menciona que Annibal não está bem. Esse relato sobre a própria saúde e de Annibal demonstra a preocupação de Miguel com o bem-estar físico de seu irmão (Carta n. 6, f. 5r, linhas 12 a 16).



Estou com alguma saúde; pouca
é bem verdade, mas, graças a Deus
vou passando, na falta de melhor.
Annibal, como sempre; doente.
Recorde-se de dizer ao meu tio

Tanto Miguel como Annibal apresentam relatos de problemas de saúde entre os anos de 1919 e 1920, a maioria relacionada ao sistema respiratório. Na primeira carta de Annibal, ele diz a Joaquim que o médico o orientou a retornar para o interior em decorrência dos frequentes quadros de infecções respiratórias.

O objetivo desta carta foi também informar Joaquim de que está enviando pelo primo Lúias um relógio para ser entregue ao tio João da Matta. O fato de Miguel enviar um presente ao pai de Adalberto comprova que este tem grande importância e que o presente é uma forma de permanecer sempre próximo nas lembranças deste tio (Carta n. 6, f. 5v, linhas 17 a 20).

João que entregou o relógio ao
 seu irmão para não entregar.
 Aguarde para breve, minhas
 cartas, com notícias minuciosas.

A promessa de Miguel de escrever com mais detalhes, através de Adalberto, sugere uma expectativa de continuidade na comunicação entre os dois e uma intenção de manter Joaquim informado sobre os eventos futuros. A carta é finalizada mandando recomendações a todos, especialmente aos irmãos, Chiquinha e Titia. Após assinar, Miguel fornece ao irmão o endereço de sua caixa postal para garantir maior segurança no recebimento de suas correspondências e objetos.

A sétima carta, aqui analisada, foi escrita em 27 de abril de 1920, é a quarta correspondência que Miguel escreve para seu irmão Joaquim. Nela, ele fala sobre as relações familiares, o estado de saúde, a vida profissional e as responsabilidades financeiras.

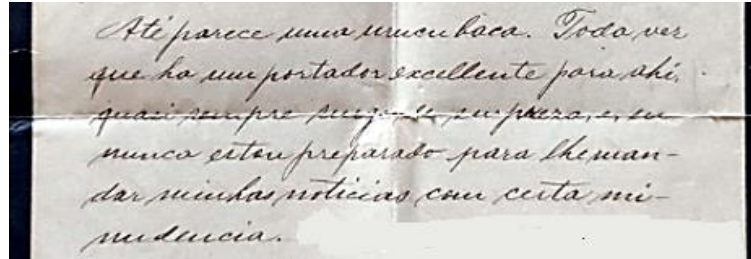
Miguel inicia desejando saúde, paz e tranquilidade a Joaquim e à família dele, saudando como de costume a cunhada, Chiquinha, o sobrinho, Nonô, a irmã, Maria, e os demais irmãos, indicando um carinho e preocupação com cada membro da família (Carta n. 7, f. 6r, linhas 1 a 5).

Bahia, 27 de Abril de 1920.

Caro irmão Joaquim

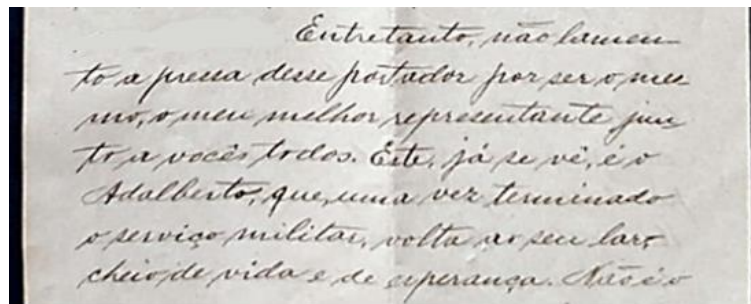
Saúde, paz e tranquillidade em
 companhia de Chiquinha, x Nonô, Ma-
 ria e os demais meus.

Quando Miguel diz: “Até parece uma urucubaca”, ele expressa sua frustração com a falta de oportunidades para redigir suas cartas a Joaquim e para aproveitar os portadores. Ele observa que sempre que surge uma boa oportunidade para enviar notícias, contratempos inesperados ocorrem, impedindo-o de elaborar cartas mais detalhadas e de usufruir dos portadores (Carta n. 7, f. 6r, linhas 6 a 11).



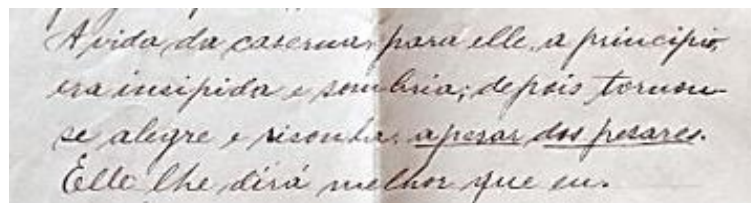
Até parece uma mule baco. Toda vez que ha um portador excellente para si, quasi sempre surge-se a guerra, e eu nunca esteu preparado para lhe mandar miudas noticias com certa miudancia.

Miguel diz não ter motivos para lamentar a pressa deste portador, pois se trata do melhor: Adalberto, que está retornando para casa após concluir o serviço militar. Essa menção sobre não estar preparado para aproveitar os portadores e a promessa de enviar documentos pelo correio, evidenciam os desafios e prioridades em se comunicar e a logística daquela época (Carta n. 7, f. 6r, linhas 11 a 17).



Entretanto, não lancei to a pressa desse portador por ser, o meu, o meu melhor representante junto a vós todos. Este, já se vê, é o Adalberto, que, uma vez terminado o serviço militar, volta ao seu lar cheio de vida e de esperança. Não é o

Miguel ressalta a transformação de Adalberto após o serviço militar, observando que ele retornou mais forte, robusto, desenvolvido e cheio de esperança. Isso evidencia a jornada de Adalberto durante o serviço, que, apesar de inicialmente difícil, acabou se tornando mais gratificante com o tempo, apesar dos desafios enfrentados. A menção ao crescimento pessoal de Adalberto após o serviço militar sugere a influência das experiências individuais e das oportunidades disponíveis na vida dos jovens daquela época. “Não é o Adalberto acanhado e rachítico de 12 mezes passados; mas sim um rapagão forte, robusto e desenvolvido” (Carta n. 7, f. 6v, linha 21 a 24).

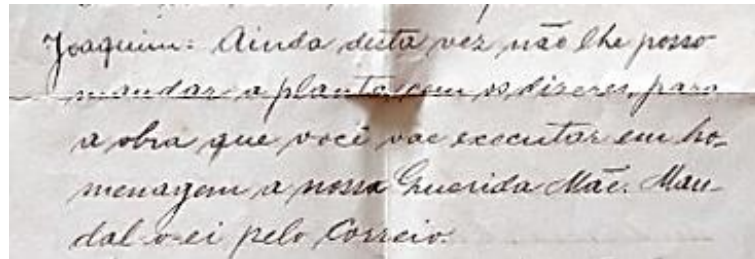


A vida da cadeia para elle, a principio, era incipida e sombria; depois tornou-se alegre e risonda, apesar dos pesares. Elle lhe dirá melhor que eu.

Miguel descreve que o serviço militar, a princípio, foi desafiador para Adalberto, exigindo muito dele tanto física quanto psicologicamente. No entanto, ao longo dos meses, a convivência e a prática o ajudaram a se tornar mais alegre e descontraído. As mudanças observadas em Adalberto após o serviço militar foram tanto físicas quanto comportamentais.

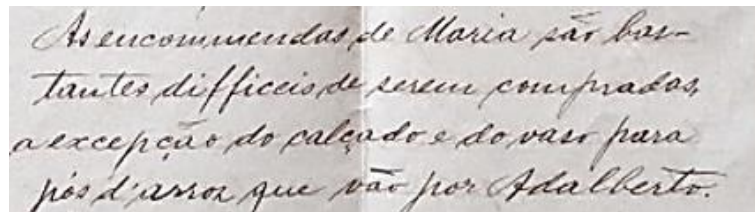
Em resposta a uma solicitação de Joaquim, Miguel informa que não pode enviar a planta com os dizeres para a obra em homenagem à mãe naquele instante, mas encaminhará pelo

correio. A menção de que Miguel não pode realizar o pedido do irmão naquele instante ressalta suas restrições de tempo. Entretanto, quando afirma que enviará pelo correio indica seu compromisso de cumprir o desejo. Indica também que o pedido de Joaquim é importante para ambos e há vontade em colaborar com o projeto (Carta n. 7, f. 6v, linhas 25 a 29).



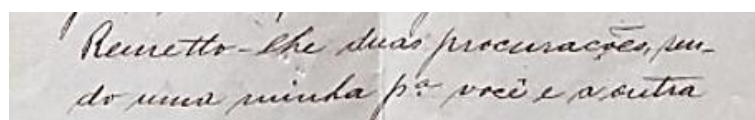
Joaquim: Ainda desta vez, não lhe posso mandar a planta com os desenhos, para a obra que você vai executar em homenagem a nossa Querida Mãe. Mandal-o-lhe pelo correio.

Menciona também a dificuldade em comprar as encomendas solicitadas por Maria, sua irmã, mas ressalta que algumas delas serão enviadas por Adalberto. Outro assunto importante está relacionado ao ato religioso (Carta n. 7, f. 6v, linhas 30 a 33).

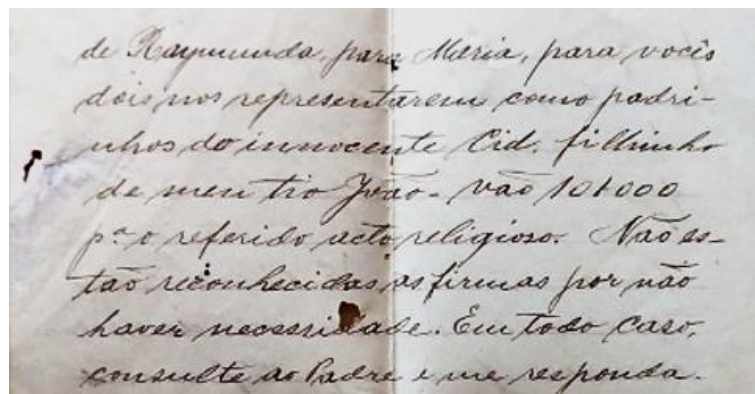


As encomendas de Maria são bastante difíceis de serem compradas, a exceção do calçado e do vaso para pés d'arroz que vão por Adalberto.

Miguel diz que enviará, junto com a carta e as encomendas, duas procurações para que Joaquim e Maria possam representá-los, ele e Raymunda, como padrinhos do bebê do tio João e uma quantia para efetuar o pagamento da celebração batismal (Carta n. 7, f. 6v, linhas 34 a 35) e (f. 7r, linhas 36 a 43).



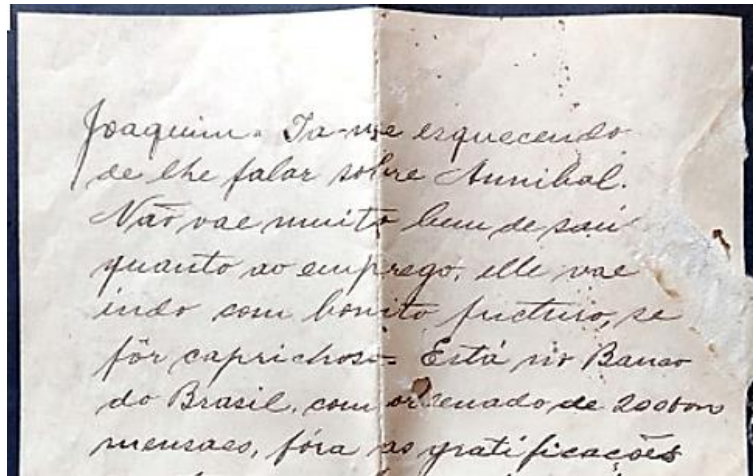
Remetto-lhe duas procurações, sendo uma minha p.ª você e a outra



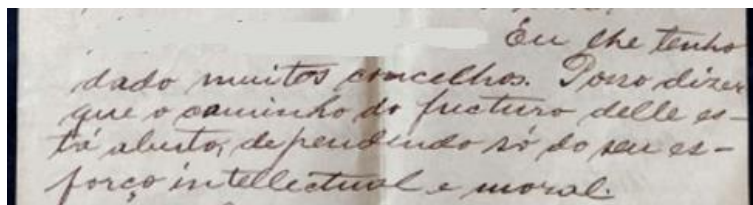
de Raymunda, para Maria, para vocês dois, nos representarem como padrinhos do inocente Cid, filho de meu tio João. São 10000 p.ª referido acto religioso. Não estão reconhecidas as firmas por não haver necessidade. Em todo caso, consulte ao padre e me responda.

Além do valor destinado ao ato religioso, Miguel encaminha uma quantia para ser dividida com os irmãos. O valor destinado foi proveniente do embarque de mercadorias para o

tio João. A divisão de saldo entre vários membros da família (Joaquim, Ritta, João e Antonio) indica um sistema de suporte financeiro e responsabilidade mútua entre os irmãos (Carta n. 7, f. 7v, linha 55 a 62).



Miguel compartilha informações sobre Annibal, que está trabalhando no Banco do Brasil e parece ter um futuro promissor, apesar de alguns desafios de saúde. Diz que tem frequentemente dado conselhos para que ele garanta seu futuro, pois depende inteiramente dele, do seu esforço intelectual e moral (Carta n. 7, f. 7v, linha 65 a 69).



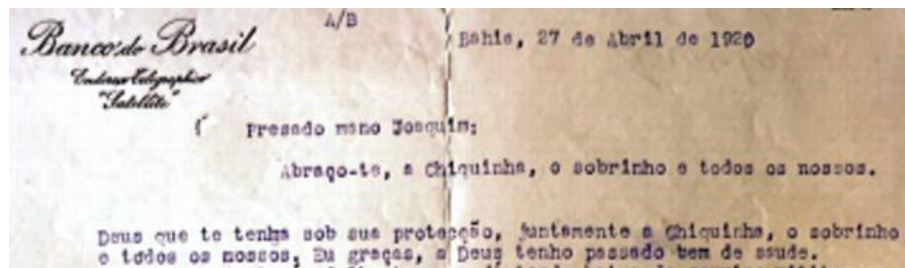
O autor da carta compartilha um pouco de sua própria situação, destacando as dificuldades financeiras e fala sobre o desafio de ter que sustentar uma numerosa família. Ele termina a correspondência pedindo que Joaquim o recomende a Chiquinha, aos irmãos e parentes. Miguel despede-se de maneira afetuosa, assim como nas outras correspondências, pedindo que Joaquim “abraçe o Irmão Amigo” e conclui dizendo que Raymunda, sua esposa, retribui as lembranças a ele e a Chiquinha.

Esta carta destaca a importância das relações familiares, discute a estabilidade econômica e o bem-estar financeiro da família. Miguel expressa carinho e cuidado ao mencionar cada membro da família. Também compartilha informações práticas, como as dificuldades para comprar encomendas e envia procurações para um evento familiar importante.

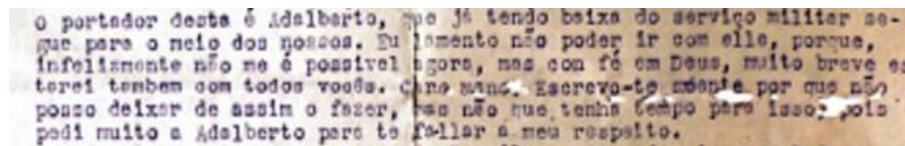
Além da carta de Miguel, Adalberto ainda foi portador de uma correspondência de Annibal, escrita também em 27 de abril de 1920. É a terceira de Annibal, a oitava analisada, a

segunda datilografada. Escrita em um papel bem fino – semelhante aos papéis contínuos usados nas impressoras matriciais – sem margens, na cor azul, em 50 linhas.

A carta é iniciada com saudações afetuosas a Joaquim, Chiquinha, o sobrinho e demais membros da família, desejando proteção divina para todos. Nela, Annibal confessa estar bem de saúde, contrariando o que o irmão disse em sua carta. Mesmo a saúde não estando perfeita, a intenção seria não preocupar os familiares. Apesar de que se não estivesse bem, não poderia trabalhar.

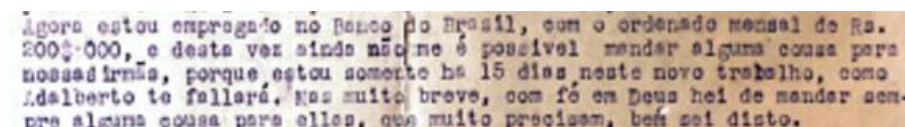


Annibal menciona que Adalberto é o portador da carta, voltando após concluir o serviço militar. Ele expressa o desejo de poder acompanhá-lo, lamentando sua impossibilidade de fazê-lo, mas faz uma espécie de promessa de que irá em breve (Carta n. 8, linhas 3 a 12).



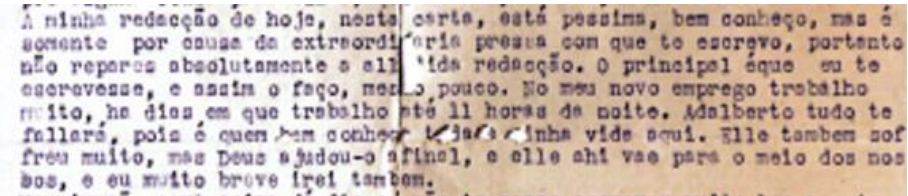
O autor menciona que está naquele instante no trabalho e, por falta de tempo, escreve rapidamente apenas para não deixar de fazê-lo, pois todas as informações sobre ele foram solicitadas a Adalberto, que foi nomeado como seu porta-voz.

Annibal informa ao irmão que há quinze dias está empregado no Banco do Brasil e, devido à recente entrada no emprego, não será possível enviar presentes ou dinheiro para as irmãs, embora reconheça suas necessidades (Carta n. 8, linhas 13 a 17).



Prossegue descrevendo sua nova rotina no emprego, destacando o esforço e dedicação necessários. Relata que é muito serviço e há dias em que fica até 11 horas da noite. A descrição das longas horas de trabalho de Annibal reflete as condições de labor rigorosas da época e a

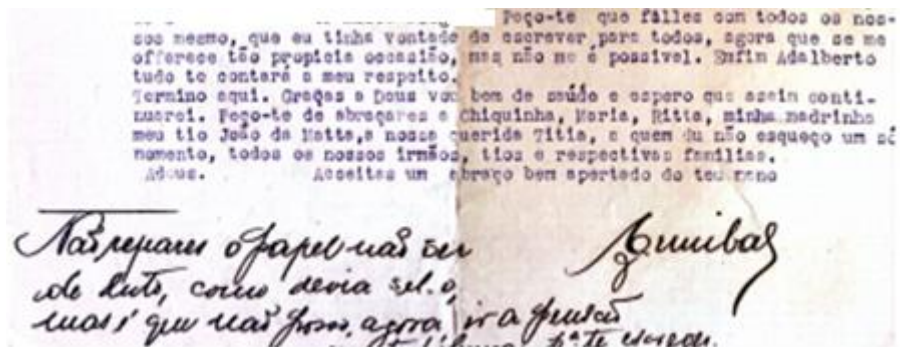
importância da estabilidade empregatícia. Demonstra uma preocupação com a redação afirmando que “está péssima”, justificada pela pressa, e que não pode escrever “muito longamente” pela falta de tempo, pois não demora para iniciar o expediente, por isso pede que o irmão não repare a redação (Carta n. 8, linhas 18 a 25).



Annibal demonstra seu sofrimento ao mencionar que Adalberto “também sofreu muito”, revelando um desejo profundo de retornar ao convívio familiar. No entanto, expressa gratidão a Deus pelo novo emprego e mantém uma perspectiva positiva, confiando na fé para guiar seu caminho e proporcionar melhores oportunidades para ajudar sua família no futuro.

Além disso, Annibal informa sobre uma transação financeira entre Maria e Miguel, relatando que recebeu uma quantia de sua irmã e a entregou a Miguel para que ele comprasse todas as encomendas e as enviasse por meio de Adalberto.

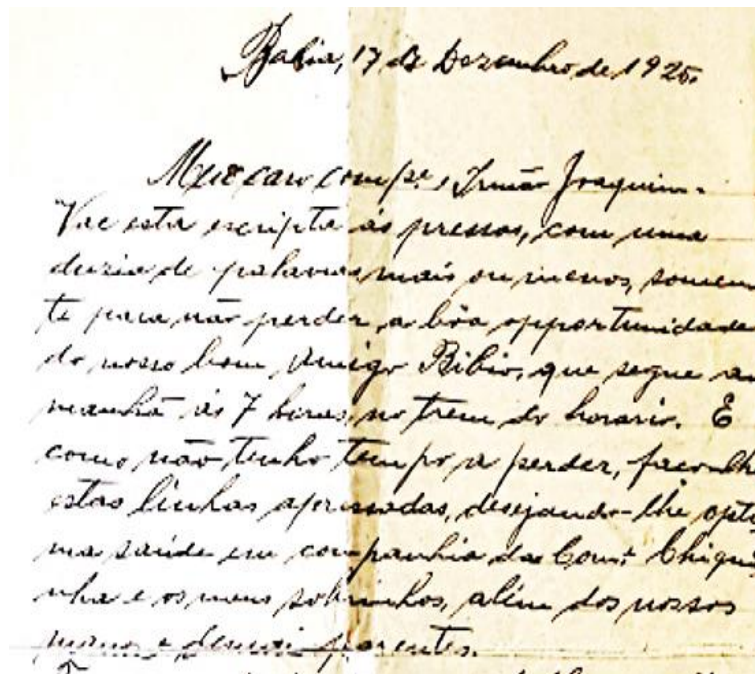
No entanto, Annibal enfrenta dificuldades em se comunicar com sua família, exacerbadas pelos desafios de comunicação decorrentes de sua rotina de trabalho, falta de tempo e incapacidade de aproveitar as oportunidades quando surgem. Por isso, pede a Joaquim que compartilhe informações com todos os membros da família, já que ele não tem tempo para escrever individualmente para cada um (Carta n. 8, linhas 38 a 50).



Miguel encerra a carta reiterando seu bem-estar e expressando gratidão a Deus por sua saúde. Ele se despede enviando abraços a Chiquinha, Maria, Ritta, à madrinha (Gustava – mãe de Adalberto), ao tio João da Matta, de forma especial à Titia, assegurando-lhe que não a esquece um só um instante. Em seguida, envia lembranças a todos os irmãos, tios e suas respectivas famílias, ressaltando os laços familiares fortes que os unem. Miguel conclui assinando a carta e pedindo a Joaquim que não repare no papel, pois utilizou o que tinha disponível no trabalho.

A nona carta, datada de 17 de dezembro de 1925, é de autoria de Miguel e entregue por seu amigo Bibio. Nela, Miguel aborda principalmente três tópicos: seu desejo de que todos estejam bem, suas condolências pelo falecimento da tia, com pêsames estendidos aos tios e parentes, e uma atualização sobre si.

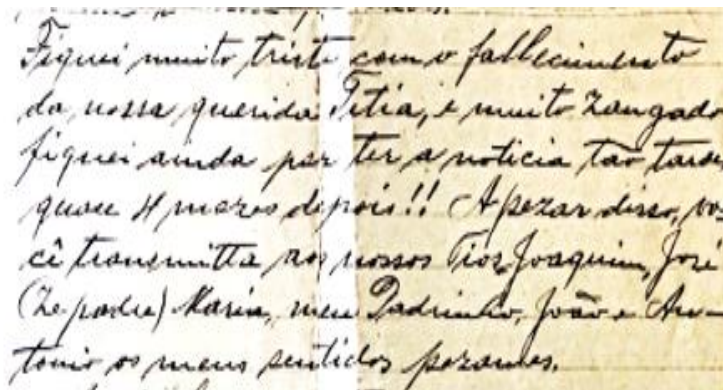
Miguel começa a carta explicando que está escrevendo rapidamente para aproveitar a oportunidade de enviar a correspondência por Bibio, que partirá de trem às 7 horas do dia seguinte. Ele expressa seu desejo de boa saúde para Joaquim, Chiquinha (comadre), sobrinhos e outros membros da família (Carta n. 9, f. 9r linhas 1 a 12).



Bahia, 17 de dezembro de 1925.

Meu caro amigo, irmão Joaquim.
 Vou esta scripta às pressas, com uma
 desculpa de que tenho mais ou menos, somente
 te peço, não perder a boa oportunidade de
 do nosso bom amigo Bibio, que segue am
 amanhã às 7 horas, no trem do horário. E
 como não tenho tempo de perder, escrevo
 estas linhas às pressas, desejando-lhe ópti
 ma saúde em companhia das Com. Chiquin
 ha e os meus sobrinhos, além dos nossos
 pais e demais parentes.

Miguel compartilha sua tristeza pelo falecimento de sua tia e expressa sua frustração por ter recebido a notícia com atraso. Em seguida, pede para que Joaquim transmita seus pêsames aos tios e parentes (Carta n. 9, f. 8r, linhas 13 a 19).

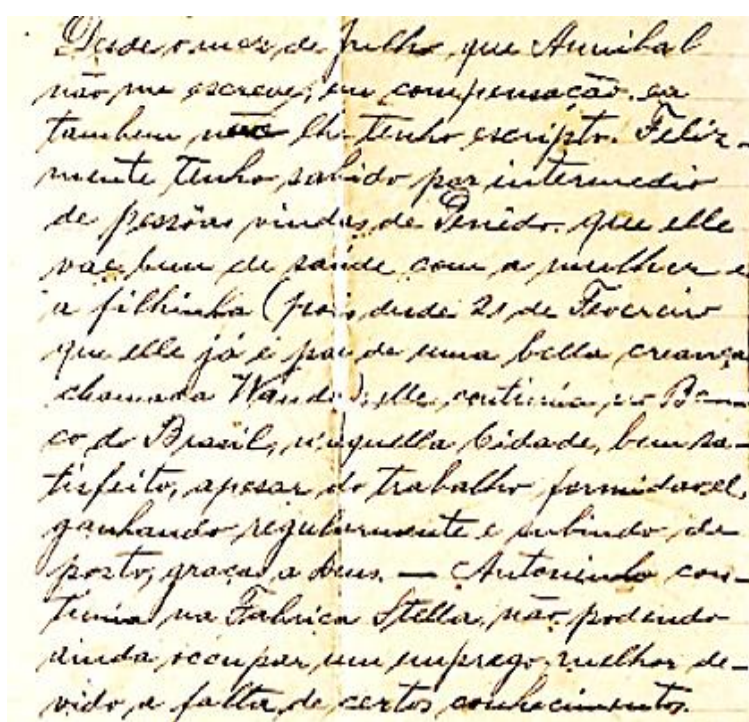


Fiquei muito triste com o falecimento
 da nossa querida Tia, e muito desgastado
 fiquei ainda por ter a notícia tão tarde,
 quase 11 meses depois!! Apesar disso, peço
 que transmita aos nossos tios Joaquim, José
 (o padre), Maria, meu Padrinho, João e An
 tonio os meus sentidos pêsames.

Miguel compartilha que sua vida recente tem sido monótona e desafiadora, “uma vida de verdadeiro cativo”, marcada por dificuldades financeiras e pessoais. Ele lamenta não ter

tempo para uma carta mais longa, mas promete detalhar tudo em uma próxima correspondência, incluindo suas atividades diárias e preocupações.

Miguel também faz menção aos irmãos, Annibal e Antonio, descrevendo suas condições atuais. Ele revela que não tem tido contato recente com Annibal, mas se mantém informado através de conhecidos que visitam Penedo, onde este reside. Com alegria relata que Annibal está bem de saúde e desfruta da vida familiar ao lado da esposa e da filha recém-nascida, Wanda, nascida em 21 de fevereiro. Além disso, Miguel informa que Annibal continua no Banco do Brasil, tendo sido promovido a gerente e recebendo um salário regular. Por outro lado, Antonio, continua na Fábrica Stella, sem ter sido promovido devido à falta de conhecimento necessário para avançar em sua carreira (Carta n. 9, f. 8v, linhas 30 a 45).



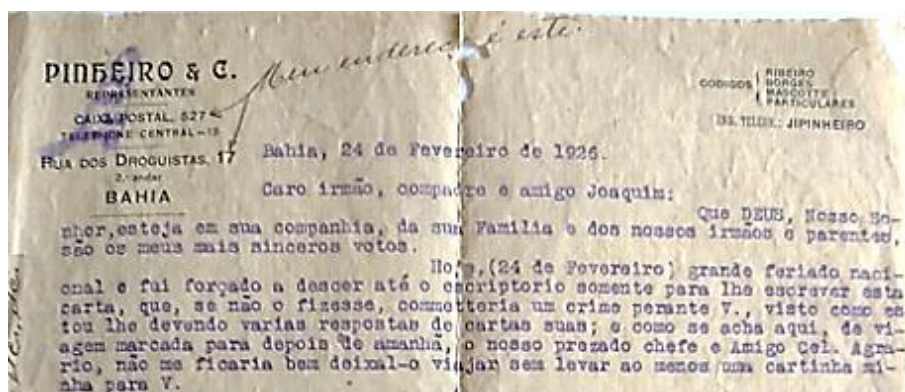
Desde o mês de julho que Annibal
 não me escreve, em compensação eu
 também não lhe tenho scripto. Felizi-
 mamente tenho sabido por intermédio
 de pessoas vindas de Penedo que elle
 está bem de saúde com a mulher e
 a filhinha (foi dada 21 de Fevereiro
 que elle já se pagou de uma bella criança
 chamada Wanda), elle continua no Ban-
 co do Brasil, em quella cidade, bem sa-
 tisfeito, apesar do trabalho penoso el,
 ganhando regularmente e subindo de
 posto, graças a Deus. — Antonio con-
 tinua na Fábrica Stella, não podendo
 ainda ocupar um emprego melhor de-
 vido a falta de certos conhecimentos.

Ao falar de si, Miguel não esconde a insatisfação, revelando que sua renda é escassa e mal dá para cobrir as despesas com ele, sua esposa e seus três filhos. Isso reflete as dificuldades enfrentadas por muitos durante esse período, incluindo desafios econômicos e de trabalho. Ele se despede enviando recomendações dele, da esposa e dos filhos aos parentes e amigos, especialmente a Chiquinha (comadre), ao afilhado e aos demais sobrinhos. Encerra informando que o novo endereço está no envelope da carta.

Na décima carta, um datiloscrito datado de 24 de fevereiro de 1926, Miguel aborda diversos assuntos relacionados à vida pessoal, à situação de sua família e ao contexto político

e social local. Ele inicia, como costumeiramente, saudando Joaquim como “Caro irmão, compadre e amigo Joaquim”, desejando saúde e bem-estar para o irmão, sua família e outros parentes.

De maneira diferente das suas outras correspondências, Miguel menciona estar com tempo disponível em decorrência de um grande feriado nacional, além de pretender aproveitar o portador, seu amigo e chefe Coronel Agrario que retornará à região no dia 26. Ele reconhece estar em dívida com Joaquim por não ter respondido suas últimas cartas, acrescentando que “se não o fizesse, cometeria um crime perante Você” (Carta de número 10, linhas de 1 a 13).



Miguel menciona que a última carta recebida de Joaquim foi aquela que noticiava o falecimento de sua tia, “Titia”, datada de 17 de dezembro de 1925. Assim como a maioria das correspondências trocadas entre os familiares, essa carta foi entregue pelo amigo Hermenegildo Nogueira. Nela, além da triste notícia, contava a nomeação dele, Joaquim, para o cargo de escrivão de paz de Tiririca e a suspensão da sua assinatura do jornal A Tarde.

Miguel expressa sua satisfação ao saber que Joaquim conseguiu tirar o título a tempo para votar na eleição presidencial direta, em 1 de março. Washington Luís foi eleito presidente da República com 688.528 votos (menos de 6% dos eleitores participavam da votação), considerando que analfabetos não podiam votar. No entanto, Miguel lamenta não ter a mesma sorte, pois estava a trabalho, fora da capital, durante esse período⁵⁵ (Carta de número 10, linhas 14 a 21).

⁵⁵ Para saber mais sobre o processo eleitoral do país, consultar “90 anos da Justiça Eleitoral: 12 eleições presidenciais já foram realizadas no Brasil desde 1945”. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/90-anos-da-justica-eleitoral-12-eleicoes-presidenciais-ja-foram-realizadas-no-brasil-desde-1945>. Acesso em: 08 jul. 2024.

Da sua ultima carta recebida pelo nosso commum Amigo Hermenegildo Nogueira verifiquei constar na mesma apenas três noticias importantes: o falecimento da nossa velha Titia, o seu titulo de nomeação para o cargo de es-
 crivão de paz desse districto e a suspensão da sua assignatura na "A Tarde"
 que tomei boa nota de tudo.
 Felizmente V. conseguiu tirar o seu titulo a tempo, o que não me foi possi-
 vel fazer em virtude de me achar fóra da Capital por algum tempo, fazendo pe-
 quenas viagens, tendo, entretanto, recebido suas cartas a respeito.

Miguel compartilha sua situação profissional, destacando sua saída do Laboratório do Antigal em novembro de 1924. Descreve esse emprego como decepcionante, pois não lhe trouxe realização ou satisfação⁵⁶. Ele compara essa experiência negativa com seu novo emprego em “Comissões e Representações”. Embora reconheça que esse trabalho pode ser “íngrato”, ele destaca o aspecto positivo de poder trabalhar ao lado do amigo/sócio, Pedro Pinheiro⁵⁷ (Carta de número 10, linhas 22 a 28).

V. já deve ter noticias de que deixei o Laboratorio do Antigal desde Novem-
 bro de 1924, tendo n'elle perdido o meu tempo e o meu latin, como se diz val-
 garmente. Estou trabalhando com um Amigo, o Sr. Pedro Pinheiro, em commis-
 sões e Representações, de que não estou arrependido, embora seja um negó-
 bastante íngrato; apesar dos pezaros, vou atravessando, conforme Deus qu-
 é servido, esperando passar mais folgado para poder dar outro salto ahi nes-
 sa nossa Firirica.

Miguel atualiza sobre a situação de Antonio, empregado na Fábrica Stella, e de Annibal, que segue no Banco do Brasil, em Penedo, agora pai de duas crianças: Wanda, nascida em 21/02/1925, e Fernando, nascido em 13/01/1926. Ele também compartilha detalhes sobre seus próprios filhos: Hildete, Helio, Miguelzinho e Milton, mencionando a perda do caçula. Finaliza perguntando a Joaquim sobre o número atual de filhos que ele tem (Carta de número 10, linhas 29 a 40)

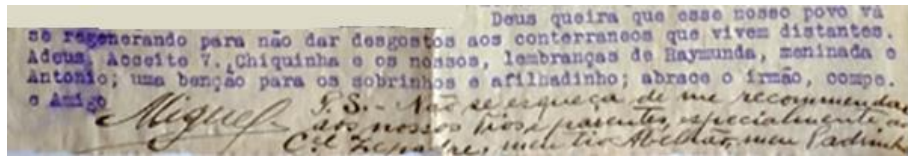
Antonio vae passando bem de saúde; está empregado na fabrica Stella, casa
 onde eu e Annibal sempre fomos felizes, esperando que elle tambem o seja; o
 seu ordenado ainda é muito diminuto, mesmo porque sempre foi um defeito de
 Sampaio, Irmão & Cia; - pagar pouco aos empregados -
 Annibal, este continua feliz no Banco do Brasil, Agencia de Penedo, fazendo
 um ordenado de cerca de 1:300\$000 por mez, ou sejam 15:000\$000 mais ou menos
 por anno; já tem dois filhinhos, isto é, um casal, Wanda e Fernando; ella
 com um anno feito em 21 deste mez e elle com um mez feito em 13 do corrente,
 o que quer dizer, em resumo, que Wanda nasceu em 21 de Fevereiro de 1925 e
 Fernando em 13 de Janeiro deste anno.
 Eu, parece-me ter ficado nos tres, Hildete, Helio e Miguelzinho, tendo per-
 dido em 19 de Janeiro do anno passado Milton, apenas de um mez e dias de na-
 scido. Agora lhe pergunto - e V.? Quantos tem?

Antes de se despedir, Miguel compartilha informações confidenciais sobre uma conversa com o Coronel Agrario, revelando preocupações sobre a situação política e social em

⁵⁶ Miguel não diz detalhes sobre sua insatisfação no antigo emprego. Tudo indica que a jornada longa e o baixo salário tenham sido a causa. Na década de 1920, o Laboratório do Antigal, em Salvador, era uma referência na cidade no campo da medicina e da pesquisa científica. Fundado em 1907 pelo médico baiano Octávio Mangabeira, tornou-se um centro de excelência no estudo e tratamento de doenças tropicais, especialmente a ancilostomose, uma doença parasitária comum na região. O laboratório foi fechado em 1940.

⁵⁷ Para obter informações mais detalhadas sobre a empresa “Pinheiros & C. Comissões e Representantes” e suas atividades na década de 1920 em Salvador, procuramos fontes como arquivos históricos locais, registros comerciais da época, jornais e revistas da época, ou até mesmo documentos da família, não encontramos nada.

Tiririca, expressando sua preocupação e desapontamento com a desunião e comportamentos inadequados relatados, principalmente depois que Agrario assumiu o governo de Xique-Xique (Carta de número 10, linhas 50 a 56).



Ele finaliza a carta enviando saudações para Joaquim, Chiquinha, seus filhos, Antonio e demais parentes, expressando seu afeto e conexão. Miguel adiciona um pós-escrito pedindo para ser lembrado aos tios e parentes, especialmente ao Coronel Zenodre, seu tio Abelhão e seu padrinho.

A carta de número 11, datada de 21 de julho de 1930, é um manuscrito breve de Messias Pires para seu padrinho. Nesta correspondência, Messias compartilha seu bem-estar, expressa preocupação com os familiares e oferece sua fotografia como lembrança para que o padrinho não se esqueça dele. A carta é um exemplo simples, mas significativo, de comunicação familiar e interação entre os membros da família, mesmo em circunstâncias onde as informações podem ser escassas ou difíceis de obter.

Messias começa esta correspondência com uma saudação simples e afetuosa, demonstrando respeito e carinho pelo padrinho, desejando-lhe saúde e felicidade. Ele também informa que está bem e agradece a Deus por isso, prosseguindo questionando sobre o estado de saúde do padrinho, demonstrando interesse e preocupação genuína (Carta de número 11, f. 9r, linhas 1 a 6).

Como se atendendo ao pedido do padrinho ou simplesmente expressando uma preocupação, Messias compartilha sua inquietação por não ter notícias dos “meninos” – referindo-se a Miguel, Annibal e Antonio. Ele relata que tem tentado obter notícias sobre eles através de pessoas que vieram de Tiririca, mas até aquele momento não teve sucesso. Promete informar o padrinho assim que tiver notícias (Carta de número 11, f. 9r, linhas 6 a 13).

Mu Pa-
 drinho su donde q' estre a
 qui não soube ainda notícias
 dos meus filhos (procurado)
 procurado notícias d'elles a bordo
 o pessoal de la q' está aqui e
 ainda não soube notícias mais
 quando eu subir su lhu expresso.

Messias não fala de si, ou pela timidez e/ou pela pouca idade – apenas 15 anos. No entanto, como um gesto carinhoso e para assegurar que o padrinho não se esqueça dele, oferece sua fotografia. No desfecho da carta, reitera seu carinho e respeito, pedindo ao padrinho que aceite suas lembranças (Carta de número 11, f. 9r, linhas 14 a 17).

Referência ao Sr. emissor
 photographica nº 11-
 a este hum lembrança.
 Messias Cirio Maciel

A correspondência é concisa, contendo apenas 17 linhas, mas transmite sentimentos sinceros de cuidado, respeito e carinho. Messias expressa sua preocupação com o bem-estar do padrinho e sua família, e agradece por estar bem. A principal preocupação de Messias é com a falta de notícias dos “meninos”, e ele se compromete a escrever outra carta assim que tiver informações.

Entre as treze cartas que compõem o *corpus* desta pesquisa, apenas uma não tem origem na “Bahia”, como era chamada a cidade de Salvador até as primeiras décadas do século XX. A carta de número 12 foi escrita em São Paulo. Trata-se de uma correspondência do quarto filho de Joaquim, Messias, datada de 10 de setembro de 1948. Nela, o autor destaca a importância da comunicação e a preocupação com a privacidade como tema principal.

Messias inicia a carta com uma saudação respeitosa e carinhosa ao seu pai, pedindo-lhe que o abençoe e expressa seu desejo de que Joaquim e os demais familiares estejam bem de saúde. Logo em seguida, anuncia que Lali e Lia chegaram a São Paulo há 17 dias e trouxeram consigo várias correspondências endereçadas a ele. No entanto, Messias relata que não recebeu essas cartas, pois Anita de Maróto as interceptou, presumindo tê-las lido (Carta de número 12, f. 10r, linhas 1 a 16).

São Paulo 10/17/48
 Messias Pai Joaquin
 de Azevedo

Faco votos a Deus, para que esta o encontre
 com saúde juntamente aos seus.
 Anuncio que a 11. de hoje chegaram aqui em
 São Paulo, Bahia, e Bahia, quais foram
 portadores de algumas cartas que de
 mim ter vindo para mim, mas que até sua
 data não pude pagar, por não ter recebido
 a água devida. Comta de Marito está de
 fôrme das mesmas acreditando ter lido
 como de costume, e qual menção dei
 até direito de abrir as cartas minhas
 e não por pensar que por mim esteja
 autorizada para os devidos fins.

Indignado, Messias conta que não autorizou que suas correspondências fossem para as mãos de terceiros. Ele enfatiza que não reside na casa de Anita e que ela não tem autoridade para se apropriar de correspondências que não lhe pertencem. Ele sugere que as cartas entregues pessoalmente não merecem confiança e expressa sua frustração por estar sem comunicação confiável com sua família (Carta de número 12, f. 10r, linhas 17 a 24 e f. 10v, linhas 25 a 29).

Também digo que aqui não reside em
 casa de Anita, e não é ela a agente para
 para apropriar-se de cartas que não per-
 tencem a ela; tratando ainda deste
 assunto, agora vejo a necessidade de ter
 agente para receber as cartas e por isso
 ainda digo que cartas de mão própria
 cont.

não mereça confiança, acreditando que
 com essas já são muitas que não po-
 do ficando assim, incommunicavel de
 saber notícias de fundamentos do meu
 fôr.

Messias destaca a importância de receber correspondências pelo correio e fornece instruções específicas sobre como as pessoas devem enviar cartas para ele em São Paulo. Em seguida, indica o endereço completo para garantir que cheguem corretamente até ele (Carta de número 12, f. 10v, linhas 29 a 37).

o Sr. fica desolado, podendo
ainda lembrar-se que sempre tem
costume de me escrever como Lem Cle-
vis e Amílal, que de agora em diante quando
me enviarem cartas serão pelo começo,
e deste modo: Ill. Sr. César Ribeiro
Maciel para Mucis Brito. Rua Alameda
Glette 801 São Paulo; ou então Estação
de Bondes da Alameda Glette 801 S. P.

Messias menciona que está com Martin Chauffeur em São Paulo e que não pôde informar sobre seus interesses lá porque não teve notícias de Tiririca e de seu povo, resultado do desvio de suas cartas. Ele finaliza a carta enviando recomendações a todos os familiares (Carta de número 12, f. 10v, linhas 38 a 44),

Eu aqui estou com Martin Chauffeur
e não escrevi informando sobre os meus
interesses aqui, por não ter tido notícias
fundamentais de aí para quando ia ter alguma
resposta que me desviassem as cartas. Sem
m² me lembrar de todos os meus.
Messias Brito

Nesta carta, Messias expressa estar passando por um intenso estado emocional, é provável que em decorrência do que estava vivenciando naquele momento na sua vida privada e profissional. Havia apenas um ano que residia em São Paulo, um ambiente oposto à sua origem, tendo que sobreviver numa cidade cuja população em 1947 era de 2,2 milhões de pessoas, conforme dados do IBGE.⁵⁸

Quando escreveu esta carta, Messias estava trabalhando na Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), período em que a companhia investia em sua tropa e, conseqüentemente, aumentava o valor da tarifa, gerando uma grande revolta popular. Tudo isso, somado à falta de comunicação, contribuiria para abalar seu emocional.

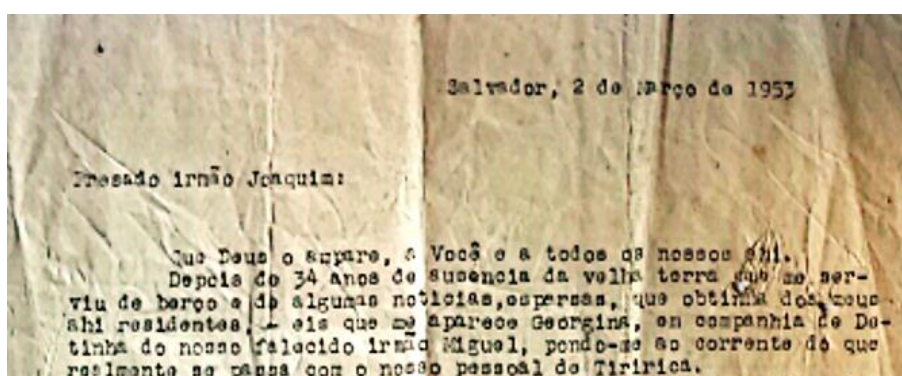
Messias menciona que não revela sobre seus interesses devido à falta de notícias vindas de sua região. Esse trecho deixa implícito que talvez ele pretendesse retornar para a Bahia caso

⁵⁸ Esse período foi marcado como um dos mais intensos processos de urbanização, com diversas construções, aumento de preços, a mudança no padrão de moradia, de locomoção, de trabalho e de relações pessoais. Para entender melhor, consultar o artigo de Monique Félix Borin, “Distúrbio urbano de 1947: a imprensa paulistana e os responsáveis do levante”, publicado na edição n. 39, de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao39/materia05/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

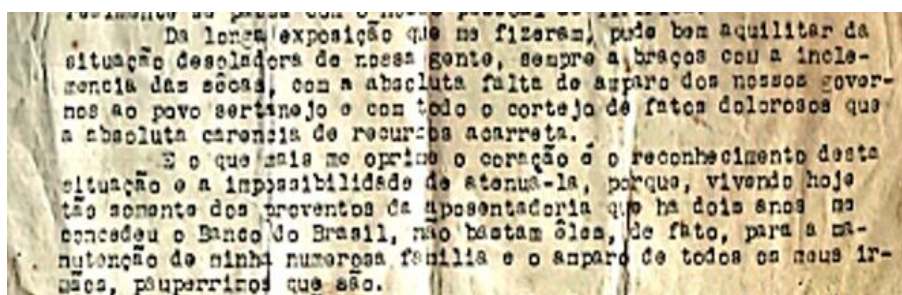
não conseguisse condições melhores de vida. Ao endereçar suas cartas enfatizando para onde direcioná-las, o remetente demonstra seu desejo de manter interações significativas e confiáveis com sua família e amigos.

A carta de número 13, e última, foi a quarta escrita por Annibal, datada de 2 de março de 1953. Como de costume, Annibal escreve com um tom carinhoso, porém, desta vez preocupado, com questões familiares e a situação atual de Joaquim. Annibal começa a carta com uma saudação calorosa e expressa seus desejos de que Deus proteja Joaquim e toda a família.

Ele menciona sua longa ausência da terra natal e agradece a Georgina e Detinha por o atualizarem sobre a situação da sua família em Tiririca (Carta número 13, folha 1, linhas 1 a 8).



Annibal descreve a difícil situação enfrentada pela família e pela comunidade em Tiririca, devido à seca e à falta de apoio governamental. Ele prossegue expressando sua preocupação com a precária situação financeira de sua família e sua própria incapacidade de ajudar mais, devido à sua condição pessoal econômica limitada (Carta de número 13, folha 1, linhas 9 a 19).



Annibal expressa profunda preocupação e admiração pelo irmão, reconhecendo sua bondade e generosidade e lamentando sua situação atual de vulnerabilidade. Ele descreve a difícil situação na qual Joaquim vive e o sacrifício de seu filho Walter em cuidar dele. Annibal propõe a Joaquim que se mude para sua casa, oferecendo-lhe um ambiente mais estável e a oportunidade de viver em melhores condições (Carta de número 13, folha 1, linhas 20 a 33).

...mas, meu irmão, o caso que mais profundamente me impressionou, foi o seu. Espírito bom, leal e generoso, sempre votado ao bem da coletividade e com grande soma de serviços a ela prestados, - eis que hoje se encontra Você, velho, esquecido e pobre, numa situação de quase abandono, tendo a seu lado apenas o fragil anjuro do filho mais moço, esse herói de nome Walter, que a tudo tem renunciado para prestar a assistência que pode ao velho pai cansado e já próximo do fim.

Você, que foi sempre sensato, há de convir que tal situação não poderá em absoluto perdurar. Não é ela um mal sem remédio, mas, ao contrário, perfeitamente remediável, bastando apenas que faça Você o sacrifício, que reputo bem pequeno, de abandonar a Tiririca e vir, juntamente com o Walter, para a nossa casa, que, graças a Deus, dá para nós todos.

Annibal encoraja Joaquim a aceitar sua proposta usando argumentos convincentes para que o irmão passe o resto dos seus dias ao seu lado. Alega que na capital as possibilidades para Walter são maiores. Enfatiza que a presença do irmão seria motivo de grande satisfação e que eles poderiam passar o tempo juntos na oficina como um passatempo (Carta de número 13, folha 1, linhas 33 a 44).

Aqui tem o Walter bastante tempo para trabalhar, podendo escolher a atividade que quiser, e Você, cuja idade já requer descanso, empregará o seu tempo, juntamente comigo, na pequena oficina que tenho em casa, na qual encontraremos toda a ferramenta para os serviços de carpinteiro, ferreiro e mecânico. Somos velhos, eu e Você, já trabalhamos demais e utilizaremos a oficina apenas como um passatempo de velhos, sem nenhuma preocupação de rendas para a nossa manutenção, sua companhia será para mim motivo de maior satisfação, porque, além de ter ao meu lado o irmão e amigo, terei também o mestre que a oficina requer, já que eu, com os meus 30 anos e meses de Banco do Brasil, não pude aprender outro ofício...

Annibal ainda sugere que ele e Walter usem a oportunidade do transporte fornecido por Maninho para se mudarem. Reconhece como o quão difícil é deixar a terra natal, mas a necessidade assim o exige (Carta de número 13, folha 1, linhas 45 a 52 e folha 2, linhas 53 e 54).

Nada impede a sua vinda, estou certíssimo disso. Aproveite o transporte de Maninho e traga também o Walter, repetido. O sacrifício de abandonar a terra em que nascemos é bastante grande, eu o sei, mas quando ele é uma necessidade imperiosa, como no seu caso, não podemos ter um minuto de vacilação. Minha longa vida de banco ensinou-me tudo isso, com as frequentes renúncias que tive, ora para Alagôas, Ceará e Rio Grande do Norte, onde trabalhei vários a-

-continua-

nos, ora para São Felix, Feira de Santana e Jequié, onde completei o período necessário à aposentadoria (30 anos).

Annibal diz que até aquele momento usou de tudo para convencer Joaquim a ir morar com ele, mas, se não foi o suficiente, ele próprio iria a Tiririca trazê-lo à força, mesmo não agindo como de costume, sem diplomacia. Ele também assegura que não há necessidade de se preocupar com roupas ou *status* social, enfatizando a importância dos valores humanos genuínos. Ele reforça seu desapego às aparências e ao *status*, valorizando as qualidades internas e as contribuições significativas das pessoas.

Creio já lhe ter dito bastante para o convencer, mas, se as minhas razões ainda não bastam e Você relutar na sua saída da dahi, - neste caso iri eu a Tiririca, com o proposito, quasi unico, de o trazer a força. Quando os argumentos não valen, empregamos a força, - sempre foi esta a sentença da diplomacia e da propria humanidade, desde que foi criado o Universo...

Não tenha preocupações de roupas para a viagem, pois que Você vem para a minha casa, que é a sua propria casa, e eu, com a experiencia que tenho da vida, nunca dei valor a roupa de ninguém, nem a sociedade, nem as posições elevadas, - porque tudo isso nunca passou de meras convenções dos homens, falsas e illusorias...

A intelligencia, o talento, a conduta impecavel e as grandes obras de qualquer cidadão sempre me empolgaram, mas as suas roupas ou o fato de ser o governador do Estado, - valen tanto para mim como o lixo das pargetas.

Não tenha, pois, preocupações de qualquer especie por se apresentar em nossa casa modesto, simples, como pobre tabareu da Tiririca, porque eu tambem sou tabareu da Tiririca, detesto os preconceitos e sou seu irmão e em tudo igual a Você, - menos na idade...


Annibal expressa sua esperança de que Joaquim se junte a ele, em breve, e indica sua disposição de ir buscá-lo, se necessário. Aborda questões práticas, como despesas de viagem e o seu respectivo pagamento, como nenhum empecilho para que o irmão não queira ir. Finaliza expressando a esperança de que Joaquim esteja em Salvador ainda em março.

Quanto ás despesas de viagem, combine com Irmão para que sejam elas pagas aqui, depois da sua chegada. Não lhe remeto agora o dinheiro para essas despesas por não saber a quanta montan e tambem por se restar alguma duvida sobre se Você vem mesmo ou não.

Tenho toda esperanza que Você esteja por aqui no decorrer deste mês de Março, e caso assim não aconteça só me restará o recurso de ir buscá-lo.


Aguardo, pois, a sua chegada, em companhia de Walter, e, despedindo-me, envio meu abraço fraterno para Você e todos os meus ahi, com as recomendações de minha mulher, que tambem muito insiste pela sua vinda.

Até á vista!
o irmão amigo



No pós-escrito, Annibal aborda as preocupações de Joaquim sobre seu cartório e oferece ajuda política para resolver o problema, sugerindo que, em Salvador, ele terá mais facilidade para resolver o assunto, especialmente com a ajuda de amigos influentes.

P.S. - Georgina falou-me tambem das suas preocupações em relação ao seu Cartório. Lembre-me de que aqui, junto dos Srs. Deputados e dos altos proceres da politica, torna-se muito mais facil tratar-se do assunto que ahi. Eu não gosto de falar com essa gente, que tanto mente ao povo, mas existirá sempre um ou outra pessoa amiga a quem poderemos pedir as providencias que o seu caso requer. Se o Coronel Jacacy, que muito admire, vier a ser o futuro Governador, tenha a absoluta certeza de que o assunto do Cartório será satisfatoriamente resolvido.



Ele encerra a carta reiterando seu desejo pela presença de Joaquim e Walter, enviando seu abraço e as recomendações de sua esposa.

A carta de Annibal para Joaquim é uma expressão profunda de preocupação, carinho e oferta de ajuda. Annibal reconhece os desafios enfrentados por Joaquim e sua família em Tiririca e oferece uma solução prática e amorosa. Ele destaca a importância dos valores

humanos genuínos sobre as aparências e a posição social. A carta reflete a importância da família, solidariedade e compreensão nas relações humanas.

Através desta carta, podemos sentir a profundidade do vínculo entre os irmãos e a importância da família, solidariedade e apoio mútuo em tempos difíceis. As missivas revelam uma série de informações, tanto sobre as relações pessoais entre os remetentes e o destinatário quanto sobre o contexto histórico e social da época.

Em síntese, as cartas transmitem informações diretas sobre as relações pessoais e os acontecimentos imediatos na vida de Miguel, Annibal, Adalberto, Messias Pires, Messias Britto e Joaquim. Elas também oferecem informações sobre o contexto histórico e social em que estão inseridos. Aliás, não apenas fornecem dados sobre a saúde e as atividades atuais dos autores e familiares, mas também refletem a importância dos laços familiares, da comunicação cuidadosa, do apoio mútuo e da fé em tempos de mudança e desafios. Por fim, abordam as contradições, identidades, atividades econômicas e os motivos que levaram muitos jovens a deixarem o interior do sertão, pessoas da família e amigos para se aventurarem em outros espaços.

2.4 HISTÓRIAS DE VIDA: UM RETRATO DOS SERTANEJOS BAIANOS DO SÉCULO XX

Conhecer quem escreveu as treze correspondências, quem recebia, como viviam, como se relacionavam é fundamental para compreender o contexto histórico das missivas. A importância de apresentar os sujeitos envolvidos nesta pesquisa e a historicidade deles ampliam nossas percepções da jornada de vida dos remetentes e destinatário.

2.4.1 O que foi descoberto sobre o destinatário

Joaquim Ferreira de Britto nasceu em 20 de setembro de 1888, na vila Tiririca, atualmente conhecida como Itaguaçu da Bahia. Filho de Firmino Ferreira de Britto e de Anna Pereira de Carvalho (Britto), ambos naturais da mesma localidade.

Os avós paternos de Joaquim, Joaquim Pires de Carvalho e Auta Ferreira dos Santos, são figuras amplamente lembradas na região, assim como seus bisavós paternos, Alberto Pires de Carvalho (ou Maciel) e Felícia Maria. O mesmo é dito de seus bisavós maternos, Marçal Ferreira dos Santos e Josefa Ferreira de Britto. Todos esses antepassados são reconhecidos como os fundadores de Tiririca, conforme documentado pela pesquisa de Nildete Machado

(2020), respaldada pelos registros de Duarte e Santana, memorialistas de Central/BA, e pelos relatos de Walter Britto.

Joaquim teve nove irmãos, sendo o primogênito. Foram eles: José (Zuzinha) (189?), Miguel (1893), João (João Grande) (1895), Ritta (1896), Maria (Mariona) (189?), Anníbal (1900), Manoel (1902), Antônio (Nono) (1906) e Alfredo (1907). Todos assinavam Ferreira de Britto, como o pai. Entre os anos de 1912 e 1915, Joaquim e os irmãos ficam órfãos de pai, sendo ele o responsável pelo sustento da família, contando com o apoio de familiares.

Joaquim iniciou seus estudos com Nicolau da Rocha Tolentino e, de posse dos saberes iniciais, aprimorou-se de forma autodidata, tornando-se professor particular leigo.⁵⁹ Ao longo da vida, desempenhou diversas funções, incluindo trabalho no Tabelionato local, Cartório de Registro Civil e Centro Paroquial, além de exercer o cargo de escrivão por quarenta anos. Também trabalhou como professor, carpinteiro, pedreiro, agricultor e era apaixonado por leitura e escrita.

Em 28 de abril de 1918, Joaquim casa-se com sua prima Francisca de Miranda (da Matta) Pires⁶⁰, conhecida carinhosamente como Chiquinha. O casal teve nove filhos, alguns assinando como Matta Britto e outros como Ferreira de Britto.⁶¹ Após a morte de Chiquinha, em 1936, Joaquim optou por não buscar outro relacionamento, contando com o apoio dos sogros e do cunhado Adalberto na criação dos filhos.

Em uma época em que, no início do século XX, muitos homens mantinham relações extraconjugais, Joaquim, significativamente mais velho que sua esposa — algo comum naquele período, conforme aponta Ferreira (2008) —, permaneceu fiel a ela durante toda a sua vida, mantendo essa lealdade mesmo após seu falecimento.

Além das atividades no cartório, Joaquim dedicava-se à criação de caprinos, ao cultivo de algodão e milho, complementando sua renda. Possuía talento musical, tanto tocava violino muito bem como cantava. Ele também destinava um tempo diário para suas maiores paixões: a leitura de jornais, era um leitor pontual do Correio do Sertão e, posteriormente, do jornal A Tarde.

⁵⁹ Walter Britto conta que adolescentes e jovens de outras localidades vinham aprender a ler, escrever e contar com Joaquim professor.

⁶⁰ Na certidão de casamento, cedida pela Secretaria Paroquial de Xique-Xique, no livro de 1906–1927, p. 407, n. 51, consta o nome Francisca de Miranda Pires. No entanto, na certidão de Walter, aparece com o sobrenome “da Matta Pires”. No documento de João, consta “Francisca Miranda Britto”.

⁶¹ Os nove filhos de Joaquim foram: Milton (Nonô), João (Sazinho), Aníbal, Messias, Waldette, Walter, Edivard, Hunaldo e Tereza.

Católico praticante, Joaquim era conhecido por sua simplicidade, cultura e retidão. Mantinha uma forte relação com autoridades locais. Joaquim faleceu aos 90 anos, em 5 de abril de 1979, mantendo-se lúcido apesar das dificuldades motoras e visuais causadas pelo Parkinson e catarata, desenvolvidos após os 80 anos. Sua vida foi marcada por uma dedicação exemplar à família, ao trabalho no cartório e à comunidade, trilhando um caminho de integridade e serviço ao próximo.

2.4.2 O que foi descoberto sobre os remetentes

Miguel Ferreira de Britto, nascido em vila Tiririca, distrito de Xique-Xique, em 11 de janeiro de 1893, foi o terceiro filho do casal Firmino Ferreira de Britto e Anna Pereira de Carvalho. Cresceu em meio a dificuldades financeiras, testemunhando as adversidades da pobreza, porém, sem passar fome. A convivência em um lugar pequeno, permitia-lhe viver na simplicidade, em companhia de boa parte dos familiares. Apenas quando se ausentou de Tiririca percebeu que o sertanejo encontrava felicidade na simplicidade da serenidade do interior.

Desde cedo, a mãe insistia na importância da educação, ensinando-lhes as primeiras letras, enquanto professores temporários contratados para esse fim complementavam seus estudos. Assim como o irmão Joaquim, Miguel também foi aluno de Nicolau Tolentino, professor particular de Feira de Santana, vindo por intermédio do capitão Luizinho. O tempo que viveu em Tiririca era dividido entre as atividades do campo e os estudos, enquanto outra parte era dedicada a ajudar na marcenaria improvisada de seu pai, um ofício que não era muito de seu agrado. O tempo restante era reservado para o lazer.

A rotina incluía responsabilidade no plantio e colheita dos alimentos básicos, além do cuidado com as poucas criações da família. Entretanto, Miguel desfrutava do lazer típico do interior sempre que possível.

Após a morte prematura do pai, entre 1914 e 1915, o tio Gustavo Martins Pereira assumiu o cuidado da família, levando os quatro irmãos (Joaquim, Miguel, Annibal e Antônio) para viverem com ele em Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia. Mais tarde, por volta de 1917, Miguel e Annibal partiram para a capital, raramente retornando ao interior.

Em 1920, Miguel casou-se com Raymunda, também conhecida como professora Detinha, com quem teve quatro filhos. Ele era conhecido por sua observação aguçada, cautela e determinação, embora informações detalhadas sobre sua trajetória sejam escassas. Sabemos que trabalhou na Fábrica Stella e em uma empresa de Representantes e Comissões.

Os primeiros anos na capital foram desafiadores, com os irmãos vivendo em condições modestas, trabalhando longas horas e recebendo salários insuficientes para melhorar suas condições de vida.

Embora familiares tenham relatado que Miguel tenha trabalhado na Petrobras, evidências indicam que possa ter sido seu filho. Miguel foi uma figura ligada à Tiririca, ajudando sempre que possível, embora o trabalho e a distância terem limitado seus retornos ao local, além de intrigas e desavenças terem contribuído para afastá-lo.

Miguel faleceu na capital baiana por volta de 1952, ou início de 1953, aos 60 anos de idade. Sua vida reflete as dificuldades enfrentadas no sertão nas primeiras décadas do século XX, que levaram muitos a migrarem em busca de melhores condições de vida.

Annibal Ferreira de Britto nasceu em 18 de junho de 1900, na vila Tiririca, sendo sexto filho de Firmino Ferreira de Britto e Anna Pereira de Britto (Carvalho), também naturais de Tiririca. Cristão católico, batizado na capela local no dia 8 de setembro de 1900, tendo como madrinha Gustava de Miranda Pires, mãe de Adalberto e Chiquinha⁶², com o padre Francisco de Magalhães Sampaio como celebrante.

Sua infância foi marcada pelas lições em casa, iniciadas pela mãe e irmão Joaquim. Aos sete anos já apresentava interesse pela leitura, despertado pela curiosidade em conhecer os acontecimentos do país. O aprendizado escolar foi ampliado por professores contratados temporariamente para ensinar, em especial, português e matemática.

Enquanto os irmãos ajudavam o pai na lavoura e na criação dos animais, Annibal aprendeu a preparar o solo e a cuidar da criação, mas sua verdadeira paixão era a carpintaria, ofício em que aprendeu a transformar madeira em arte. Annibal aprendeu muito bem o ofício e, dentre os filhos de Firmino, depois de José que foi quem utilizou essa arte como profissão, ele e Joaquim eram quem mais herdaram do pai o prazer pela carpintaria.

Nos finais de semana, desfrutava da natureza junto aos irmãos e primos, pescando no rio Verde peixes como piranha, traíra, mandim e outras espécies. Pescar e caçar eram uma diversão para a garotada, além de garantirem o alimento nas refeições.

Sua jornada para a capital, em 1918, começou na fábrica de calçados Stella ao lado de Miguel. No entanto, esse emprego não lhe trazia contentamento, pois o salário era baixo, a jornada de trabalho era intensa e, também, enfrentava constantes problemas de saúde. Insatisfeito com o serviço que desenvolvia na fábrica, Annibal ingressa no Banco do Brasil em

⁶² Dados coletados da certidão de batismo do livro n. 441, p. 557.

abril de 1920. Sua dedicação e capacidade administrativa o levaram a ser promovido rapidamente, assumindo a gerência de diversas agências em diferentes estados.

Ao longo de quase 31 anos no Banco do Brasil, Annibal conheceu e conviveu com pessoas de várias localidades, assumindo a gerência em cidades de Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e em algumas da Bahia, como São Félix, Feira de Santana. No entanto, destaca-se na sua primeira agência na função de gerente em Jequié, em 1923, onde incentivou o esporte local e foi homenageado com o nome do Estádio Municipal em 1934 e, posteriormente, do Ginásio de Esportes da cidade.

Annibal casou-se com Adelaide em 1924, e o fruto dessa união foram onze filhos, entre eles, Wanda (1925) e Fernando (1926), nascidos em Penedo. Um dos destaques familiares foi o casamento de uma de suas filhas com o filho de Regis Pacheco, governador da Bahia na década de 1950, estabelecendo assim uma conexão indireta de Annibal com figuras proeminentes da política baiana.

Após uma longa trajetória no Banco do Brasil, Annibal encerrou sua carreira em 1951. Além de suas atividades bancárias, destacou-se em diversas habilidades, como carpintaria, ferraria e mecânica, sendo reconhecido por sua natureza pacífica e senso de humor. Faleceu no Bairro Rio Vermelho, na capital baiana, em 1981, aos 81 anos, deixando um legado marcado pela dedicação ao trabalho – que lhe exigiu esforço físico e mental – e à família, além de influência positiva nas comunidades onde viveu.

Adalberto Pires nasceu em vila Tiririca, distrito de Xique-Xique, BA, em 10 de junho de 1899,⁶³ era filho de Gustava de Miranda Neves Pires e João da Matta Pires e teve três irmãs e um irmão: Francisca (Chiquinha), Hormezinda, Zumira (Nenem) e Dioclides. Cresceu em meio às obrigações rurais, aprendendo desde cedo a lidar com a terra e os animais. Sua educação formal limitou-se ao primeiro grau, ministrado por professores leigos e temporários, vindos de outras localidades, trazidos pelo capitão Luizinho.

Assim como os demais jovens de Tiririca, Adalberto tinha uma paixão pela caça, perseguindo tatus, caititus, mocós e outras presas típicas da região, além de aves como jurutis, inambus e verdadeiras. Também desfrutava de momentos de pesca às margens do rio Verde, compartilhando essas experiências com amigos e familiares. Seu prazer pela caça e pesca resultava em refeições diversas em casa, revelando sua apreciação pela variedade.

⁶³ Batizado em 18 de agosto de 1899 na capela de Tiririca pelo padre Francisco de Magalhães Sampaio, como registrado no livro de batismo (1897-1902), número 278, página 439. Embora no livro de batismo conste essa data de nascimento e a de batismo, o RG de Adalberto apresenta a data de 6 de junho de 1901. Provavelmente o ano em que foi registrado.

Após seu serviço militar, em 1919, e uma temporada na capital por quinze meses, Adalberto retornou a Tiririca, onde abraçou a vida de vaqueiro, integrando-se aos afazeres do campo e desfrutando do que a natureza podia lhe oferecer. Trocou a farda militar pela vida rural, não menos desafiadora. Dedicou-se às atividades como pecuarista e agricultor, enquanto encontrava tempo para se dedicar à leitura, fosse de jornais para se manter informado ou de livros, por puro prazer, especialmente nos momentos de tranquilidade.

Adalberto uniu-se a Jorgina Ribeiro, filha mais nova do casal Luiz Ribeiro Nunes (capitão Luizinho) e Benedita do Espírito Santo Nunes, com quem teve seu único descendente, Ulisses Pires. Além disso, assumiu a responsabilidade de ajudar a educar os filhos mais novos de sua irmã Francisca após seu falecimento. Sua casa era sempre acolhedora, cheia de crianças e jovens, a maioria parentes, refletindo a generosidade de seu lar. Embora tenha tido apenas um filho, este lhe deu nove netos, enriquecendo ainda mais sua vida familiar. Adalberto dedicou-se toda sua vida à família e à sua terra e gente, falecendo aos 89 anos, em 6 de fevereiro de 1989 e sendo sepultado no cemitério local.

Messias da Mata Britto nasceu em Tiririca, no Natal de 1922, filho de Joaquim Ferreira de Britto e Francisca da Matta Britto. Desde criança, recebeu incentivo dos pais para os estudos, iniciando sua jornada educacional com uma boa base. Apesar de seu agenciamento, sua formação acadêmica foi limitada ao ensino primário devido à ausência de ensino secundário no local.

Sendo o quarto filho do casal, Messias assumiu responsabilidades significativas após a morte prematura da mãe, incluindo cuidados dos irmãos mais novos e o auxílio nas tarefas agrícolas e na criação de animais. Entretanto, dividia essas tarefas com Milton (Nonô), João (Sazinho) e Aníbal.

Aos 25 anos, em busca de melhores oportunidades, Messias deixou o sertão e se mudou para São Paulo no início de 1947. Lá, encontrou emprego em uma fábrica na Mooca e, posteriormente, na Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), onde trabalhou até 1949. Foi nesse período que ingressou no Parque da Aeronáutica, desenvolvendo atividades como mecânico, e permaneceu nesse emprego por 33 anos.

Em 6 de agosto de 1957, casou-se com Hilda Carvalho, também natural de Tiririca, com quem teve três filhos: José Álvaro (1961), Marcos Luiz (1963) Paulo César (1965), todos com o sobrenome “Carvalho Britto”. A perda prematura de José Álvaro influenciou de forma profunda a vida de Messias, tornando-o mais reservado e cuidadoso com os outros filhos. Essa tragédia afetou o modo como ele interagiu com sua família e amigos, dedicando-se intensamente ao trabalho e evitando atividades sociais. A partir daí Messias destinava o tempo

que lhe restava a leituras de ajuda espiritual. Tal fato o marcou tanto que o levou ao encontro de Chico Xavier, em 1968.

Além da sua proficiência na mecânica, Messias também era habilidoso em reparos de eletrônicos, ajudando vizinhos e amigos, sem cobrar pelo serviço. Apesar de funcionário federal, levava uma vida simples, não possuiu carro, no entanto, vivia com a família em um bom imóvel. Seu maior investimento foi na educação dos dois filhos. Embora ele não tenha testemunhado a realização do sonho de ver os filhos formados, presenciou com orgulho o ingresso deles na faculdade.

Apesar de suas raízes na Bahia, Messias visitou Tiririca poucas vezes. As últimas vezes que foi visitar os familiares foram no final da década de 1970, acompanhado pela família, e em 1981, quando viajou sozinho. Messias Britto faleceu em 1 de julho de 1982, aos 59 anos, após uma batalha de quarenta dias contra a leucemia.⁶⁴

Messias Pires Maciel, nascido em 10 de janeiro de 1915 em Tiririca, é o primogênito de Antônio Pires Maciel, conhecido como Toninho Gambá, e Anna Maria de Britto. Descendente de uma linhagem notável, Messias é neto de Firmino Pires Maciel e Sophia Ermelina Netta,⁶⁵ destacados membros da comunidade⁶⁶. Seus avós paternos tiveram 16 filhos e Firmino era descendente de Maria Pires de Carvalho⁶⁷, cuja história está intimamente ligada às origens de Tiririca.

Sobre a linhagem materna, há poucas informações disponíveis. O livro de batismo indica que Anna Maria de Britto, era viúva de José Florencio de Britto antes de se casar com Antônio. Anna Maria, infelizmente, faleceu pouco depois do nascimento de Messias. Antônio casou novamente em 1916, e da união com Luzia, nasceu Judite Pires Maciel.

⁶⁴ O filho, Marcos Luís Brito, desempenhou um papel fundamental ao fornecer detalhes sobre a vida de seu pai.

⁶⁵ No livro de registro de casamento de 1906 a 1927, p. 626, n. 5, onde consta a realização do matrimônio de Antônio Pires Maciel com Edwirges Pereira de Carvalho, o sobrenome de Sophia aparece escrito “Pires Maciel”. Não consta que Antônio era viúvo e, sim, solteiro.

⁶⁶ Algumas informações aqui presentes foram retiradas do livro do registro de casamento de Antônio Pires de Carvalho com Anna Maria de Britto, em 18 de outubro de 1911, conforme consta no livro de 1906 a 1927, p. 269, n. 64.

⁶⁷ A árvore genealógica de Messias apresenta nuances fascinantes, incluindo relatos de segredos guardados e migrações por questões religiosas, reforçando a trama intrincada que moldou sua origem. Descendentes dos Gambás contam que o nome do esposo de Maria Pires foi guardado em segredo porque este tinha vindo fugido de Portugal em decorrência de perseguições de caráter religioso. Maria Pires foi a décima quinta filha de Alberto e Felícia, cuja origem ainda será explicada com detalhes.

Aos 48 anos, viúvo pela segunda vez, Antônio se casou pela terceira vez com Edwirges Pereira de Carvalho, em 14 de janeiro de 1927, na capela de Tiririca. Essa união resultou em uma prole numerosa, composta por nove filhos, todos adotando o sobrenome “Pires Maciel”.⁶⁸ Apesar das adversidades da vida, exemplificadas pela perda precoce de sua mãe, Anna, Messias foi criado em um ambiente de resiliência e determinação. O compromisso incansável de seu pai de construir nova família após tragédias pessoais foi exemplar. O ambiente fraterno onde cresceu proporcionou-lhe apoio e laços sólidos, que foram fundamentais para moldar sua jornada precoce.

Dotado de coragem e sede de conhecimento, Messias deixou o sertão em 1930, aos 15 anos, rumo à capital baiana. Seu desejo maior era complementar seus estudos. Com o apoio da família, Messias fez o supletivo enquanto trabalhava em diversas ocupações, incluindo a coleta de impostos na capital baiana, cidades próximas e, até mesmo em Aracaju. Mais tarde, trabalhou em uma seguradora, que pertencia a alemães, assumindo a gestão de uma filial em Ilhéus, expandindo seus horizontes profissionais. Esse negócio é interrompido em decorrência da Primeira Guerra as atividades dessa empresa são interrompidas, entretanto Messias permanece no lugar.

Sua determinação e visão o levaram a explorar diversos campos, incluindo o ramo farmacêutico e a atuação como agente previdenciário do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes, em Ilhéus (IAPC). Este órgão foi integrado ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) pelo governo federal, em 1966, com a fusão de todos os institutos de aposentadorias e pensões existentes na época: IAPM, IAPB, IAPI, IPASE, IAPETEC, ISS, CAPFESP e IAPFESP. Na década de 1990, o INPS se fundiu ao Instituto de Administração Financeira da Previdência Social (IAPAS) para formar o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Em quase três décadas de serviço no antigo IAPC e INPS, atual INSS, Messias decidiu ingressar na advocacia na Faculdade de Direito de Ilhéus, especializando-se em Direito Previdenciário, aos 62 anos. Aposenta-se e logo em seguida, inicia-se na advocacia, lançando a pedra fundamental da prestigiada firma de advocacia “Maciel e Maciel Advogados Associados”. Esta instituição, fundada em 1977, com 46 anos de história, é atualmente referência em soluções inovadoras e práticas para questões previdenciárias, marcando um legado duradouro na paisagem jurídica de Ilhéus.

⁶⁸ Dessa última união nasceram: Gustavo, Elza, Miguel, Hermes, Hélio, Eliodoro, Jaci, Lélia e Marlene.

Casou-se com Edeltrudes Pires em 1935 e teve quatro filhos: Maria de Lourdes, Gutemberg, Messias Filho e Maria da Graça. Após tornar-se viúvo, casou-se novamente com Maria Ivanilde Costa, com quem teve mais dois filhos: Ana Cláudia e Martone. A união com Ivanilde foi marcada pela harmonia da família.

As atividades diárias dificultaram sua vinda com maior frequência para o sertão. Entretanto, nutria profundo apego às origens, tanto que nas vindas, embora ocasionais, viveu momentos de reencontros e reflexão. Em 1960, retorna com o propósito de levar para Ilhéus os irmãos que ainda viviam na região. A penúltima vez que Messias esteve em Tiririca foi em 1975, quando veio com sua irmã Lélia e seu primogênito. Em 1987, retorna em companhia dos dois caçulas.

As visitas ocasionais ao sertão, embora espaçadas, refletem o profundo apego e respeito às suas origens, proporcionando momentos de reencontro e reflexão. Messias faleceu em 1 de abril de 2007, aos 92 anos, quando ainda mantinha sua lucidez. Seu legado continua vivo através dos valores transmitidos e da tradição jurídica local que continua a influenciar as novas gerações.

Messias emergiu como uma figura emblemática, com raízes profundas entrelaçadas na rica tapeçaria de sua genealogia. Um homem que teve uma vida plena e multifacetada, marcada por um compromisso inabalável com os valores familiares e a excelência profissional. As histórias compartilhadas nesta biografia são um tributo à sua memória, gentilmente fornecidas por Martone Costa Maciel, seu filho mais novo, e pela irmã de Messias, Lélia Pires Maciel.

2.5 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Nesta seção, buscamos apresentar um relato da vida de Joaquim Ferreira de Britto, seus irmãos Miguel e Annibal Ferreira de Britto, seu primo/cunhado Adalberto Pires, seu filho Messias Britto e o afilhado Messias Pires, destacando origem, família, educação, carreira profissional, vida familiar e traços pessoais. O objetivo é oferecer uma visão detalhada dessas figuras importantes, suas contribuições para a comunidade local e suas relações afetivas entre si e com outros membros da sociedade.

As raízes desses indivíduos estão profundamente ligadas à Tiririca, onde nasceram e adquiriram suas bases. Suas famílias desempenharam papéis significativos na comunidade, principalmente em relação à educação e à prática religiosa, refletindo uma cultura simples e valores arraigados.

Além de suas ocupações profissionais, é evidente o interesse pela leitura e prática religiosa, refletindo uma cultura simples e valores arraigados. Mesmo distantes geograficamente, esses indivíduos mantiveram forte ligação com suas origens, demonstrando preocupação e cuidado com seus familiares e compatriotas em Tiririca. As cartas forneceram valiosas informações sobre suas vidas em Salvador e São Paulo, revelando as condições de habitação, as dificuldades enfrentadas e as realidades da classe trabalhadora nos centros urbanos.

3 A ESCRITA EPISTOLAR E A PALEOGRAFIA: EVOLUÇÃO, CONTEXTO, CARACTERÍSTICAS E IMPORTÂNCIA

“Epistológrafos, futuros memorialistas de si mesmos...”
(Brigitte Diaz, 2016, p. 198).

Neste capítulo, propomos uma breve visão histórica da escrita epistolar, abordando-a como uma expressão documental, enquanto examinamos as características e convenções que permearam esses escritos nas primeiras décadas do século XX. Adicionalmente, exploramos a relevância da paleografia e seu papel crucial na compreensão das cartas. O capítulo se encerra ao descrever a metodologia utilizada, os critérios adotados para a transcrição e as normas que nortearam nosso estudo paleográfico.

3.1 A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E A RELEVÂNCIA HISTÓRICA DA ESCRITA EPISTOLAR

Em toda sociedade, reconhece-se a importância de desenvolver estratégias para preservar o patrimônio imaterial, fundamental para a identidade de um povo. Seja por meio da tradição oral ou escrita, a humanidade sempre buscou meios para registrar seus feitos, visando garantir o acesso a esse patrimônio pelas futuras gerações. Nas sociedades de tradição escrita, o conhecimento humano passa a ser materializado por meio de registros, permitindo a conservação da memória⁶⁹.

No século XX, o avanço da tecnologia digital, internet e dos dispositivos eletrônicos revolucionou a escrita e as formas de correspondências, evidenciando a relação entre o desenvolvimento da escrita e as transformações sociais ao longo do tempo. A prática da escrita epistolar, originada na Antiguidade e persistente até o século XX, desempenha um papel crucial na compreensão das sociedades e culturas em diferentes períodos históricos. Mesmo com o surgimento do telefone nas primeiras décadas do século XX, a correspondência por cartas

⁶⁹ Para saber mais sobre tradição oral e tradição escrita, ler CALVET, Luis-Jean *Tradição oral & Tradição escrita*. Trad. Bras. Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

permaneceu como principal meio de comunicação entre interlocutores distantes, sendo uma fonte valiosa para compreender as mudanças sociais da época.⁷⁰

Com o advento dos meios de comunicação no Brasil, testemunhamos uma transformação notável na forma como nos conectamos com entes queridos com o passar do tempo. As tradicionais cartas, outrora veículos primordiais de expressão de sentimentos e partilha de histórias, foram gradualmente substituídas por formas mais instantâneas de comunicação.

Inicialmente, as chamadas telefônicas proporcionaram uma revolução na comunicação à distância, permitindo que as vozes dos entes queridos ultrapassassem fronteiras geográficas. No entanto, com a evolução tecnológica, os e-mails ganharam terreno, oferecendo uma plataforma mais versátil na troca de mensagens escritas, acompanhadas de fotos e documentos.

Mais adiante, a ascensão das redes sociais, como o *Facebook*, proporcionou uma nova dimensão às interações familiares, onde as mensagens instantâneas se tornaram a norma, mantendo todos atualizados em tempo real. Além disso, as chamadas de vídeo via *Skype* e outras plataformas deram um toque humano adicional, encurtando as distâncias virtuais.

Entretanto, mesmo com a predominância dessas formas modernas de comunicação, é notável observar que, em lugares mais remotos ou em circunstâncias específicas, as cartas resistiram por um longo período e ainda resistem. Em locais onde a tecnologia ainda não chegou completamente, as cartas familiares continuam a ser uma ponte vital para conexões afetivas, mantendo viva a tradição da correspondência escrita em meio ao avanço digital.

No sertão baiano, até meados do século XX, a escrita de cartas era uma prática cultural valorizada, considerada uma habilidade importante. Com a evolução da comunicação e o surgimento de novas tecnologias, a escrita epistolar começou a diminuir, embora ainda seja valorizada em alguns círculos. Avanços como a máquina de escrever e melhorias no sistema postal revolucionaram a produção e o envio de cartas, tornando o processo mais eficiente e ampliando a comunicação para uma parcela maior da população.

A atenção aos detalhes na redação das cartas, incluindo a escolha das palavras, a caligrafia e a apresentação do papel, revelava, até as últimas décadas do século XX, não apenas a personalidade do remetente, mas também sua posição social e respeito pelo destinatário. A escrita epistolar desempenhava um papel vital na preservação de memórias e registros históricos, sendo uma fonte valiosa para historiadores.

⁷⁰ Ver WILTEMBURG, Geane Caroline. *No limiar da eternidade: narrativas sobre loucura na correspondência pessoal e pinturas de Vincent Van Gogh (1888-1890)*. Dissertação (Mestrado em História), 2022.

Na perspectiva de uma história cultural, onde práticas e representações se entrelaçam, a carta é apresentada como um gesto privilegiado. Ela é descrita como uma forma de expressão que, por ser livre e codificada, íntima e pública, situada entre o segredo e a sociabilidade, consegue associar de maneira única o vínculo social e a subjetividade.⁷¹

As cartas são veículos pessoais de expressão de si, transmitindo sentimentos ligados à interioridade de alguém, seja para um destinatário específico ou para muitos. Sem destruir as sociabilidades epistolares, a constituição de uma existência privada, distante do espaço público, investe de valores de intimidade todas as práticas da escritura ordinária. Em outras palavras, os registros pessoais, como os documentos dos ‘homens comuns’ que escrevem cartas, revelam-se eficazes na aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar, revelando indícios da cultura de uma época e de uma certa configuração social.⁷²

Etimologicamente, o adjetivo francês “epistolaire”, que originou o substantivo coletivo “epistolar” (conjunto de cartas endereçadas a alguém), é utilizado quando se fala de correspondência escrita pelos antigos ou numa língua antiga. Haroche-Bouzinac (2016) reforça que elas são consideradas mensagens do cotidiano e por essência diálogos adiados, enviadas para pessoas ausentes para comunicar o que seria dito em um momento de interação imediata. Elas representam elos entre séculos, histórias e povos em constante mudança, estabelecendo diálogos entre passado e presente (Haroche-Bouzinac, 2016). Já Diaz (2016, p. 57) afirma que carta “é a transcrição de uma conversa que não teria acontecido”.

Aos olhos de Gustave Lason, cartas são “histórias de alma”, são ainda “os incontestáveis, os únicos documentos humanos”. Defende a escrita epistolar como arte e rejeita os estilos e manuais epistolares, pois a correspondência, para ele, “desvela o próprio homem vivendo sua vida” (Lason, 1895, p. 288 *apud* Diaz, 2016, p. 57)⁷³. No entanto, Diaz argumenta que a carta é um texto, sendo sempre objeto de avaliação estética.

Na tradição clássica, a carta é definida como “uma conversação entre ausentes”. A crítica contemporânea defende que ela, mesmo direcionada a um destinatário, é incerta quanto a quem é escrita. Há cartas que parecem escritas para si. Há cartas que se assemelham a

⁷¹ Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), em: “Escritas Epistolares”.

⁷² SANTOS, Nádía Maria Weber, 2005, p. 1116. *Histórias de Sensibilidades: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. 2005. Tese (Doutorado em História).

⁷³ “*Sur la littérature épistolaire*” *apud* Brigitte Diaz, em: *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*.

autobiografias. Em certos casos, a correspondência apresenta-se como uma realização original do gesto autobiográfico, ressalta Brigitte Diaz (2016).

Pesquisadores, como Haroche-Bouzinac (2016), Diaz (2016) e Santos (2019), destacam a escrita epistolar como uma expressão em trânsito, construindo identidade e registrando-se no tempo e espaço social. As cartas são, portanto, resultados das leituras e interpretações mais variadas, influenciadas pelas diferentes perspectivas dos sujeitos e pelas circunstâncias sociais em que estão inseridos. São mutantes e influenciadas pelo contexto histórico. As correspondências pessoais são fontes primárias de informações históricas valiosas, oferecendo uma visão direta da vida cotidiana, das relações sociais, das condições econômicas e dos eventos políticos da época.

Ao analisar as cartas, os estudiosos desvendam não apenas os eventos históricos e as informações factuais, mas também dimensões subjetivas, relacionais e performáticas, enriquecendo a compreensão da sociedade, cultura e experiência humana ao longo do tempo.⁷⁴ Nessa lógica, Ângela de Castro Gomes (2010, p. 14) afirma:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

Gomes (2010) reforça também a natureza relacional da escrita epistolar, enfatizando seu papel como espaço socialmente privilegiado para fortalecer vínculos. Além disso, aborda a confiança e o ato terapêutico envolvidos nessa escrita.

Ao ler uma carta, o leitor poderá passar por diversas experiências: contentamento, descontentamento, saudosismo, extrair conhecimento de costumes e linguagens não mais usuais, sentir-se parte do contexto. Uma carta ou mensagem pode ser ambígua, escondendo verdadeiras intenções, sentimentos ou informações por trás das palavras aparentes.

Ao adentrar nos segredos das correspondências privadas, o historiador busca compreender as razões e a lógica por trás dessas práticas de escritura e conservação, mais do que desvendar a intimidade suposta. A leitura das cartas permite traçar o perfil do destinatário, mas a interpretação pode variar. A precisão das informações se dá quando se pode ser comparada/confrontada, o que permite denominar as cartas como documentos, conforme propõem Haroche-Bouzinac (2016) e Diaz (2016).

⁷⁴ Marcos Antonio de Moraes, em prefácio da obra *Escritas Epistolares*, de Geneviève Haroche-Bouzinac (2016).

Ao estudar as cartas pessoais, é possível contextualizá-las historicamente, lançando luz sobre eventos históricos, como conflitos locais, migrações, mudanças sociais e políticas. O historiador busca compreender as razões e a lógica por trás dessas práticas de escritura e conservação, mais do que desvendar a intimidade suposta. A correspondência pessoal, exemplificada pelas cartas destinadas a Joaquim Ferreira de Britto, oferece um recurso inestimável para compreender a cultura, a linguagem e as relações sociais de um período específico da história. Essas missivas se tornam documentos valiosos para a análise historiográfica.

3.2 A IMPORTÂNCIA DAS CARTAS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS

As cartas familiares representam um importante subsetor dentro das cartas pessoais, pois capturam as interações afetivas e os laços de parentesco, revelando dinâmicas internas das famílias e oferecendo uma visão íntima de seus costumes, valores e formas de comunicação. No contexto mais amplo das cartas pessoais, que incluem correspondências entre amigos, amantes e colegas, as cartas familiares têm a especificidade de documentar os aspectos cotidianos e as relações hierárquicas e de afeto que perpassam as relações familiares.

As cartas familiares, além de expressarem sinceridade e busca por conexão genuína, revelam traços de personalidade, lugar social e fortalecem os laços afetivos. Elas refletem não apenas os sentimentos e preocupações dos membros da família, mas também as normas culturais, os contextos econômicos e as transformações sociais da família. Entretanto, como destaca Diaz (2016), as imagens que os epistológos criam de si nunca são retratos de corpo inteiro, mas detalhes, fragmentos de uma imagem. Nesse sentido, Haroche-Bouzinac (2016) destaca que essas correspondências revivem histórias singulares na história, daí sua importância como fonte documental.

Embora a sinceridade seja uma característica comum em muitas cartas familiares, a natureza da comunicação varia de acordo com a dinâmica familiar, as circunstâncias individuais e o contexto cultural. Nesse tipo de correspondência, há uma tendência predominante para a expressão de sentimentos e pensamentos autênticos (Diaz, 2016).

Diaz enfatiza a natureza simbólica da autorrepresentação na escrita de cartas, destacando dois gestos programáticos essenciais: confiar-se e exibir-se. Na carta, o movimento estabelecido é, de fato, um vaivém que vai de si para si, ainda que envolva a interação com outro. O ato de confiar-se e exibir-se não ocorre de maneira isolada; requer a presença de um

interlocutor cúmplice, alguém cuja escuta e olhar desempenham um papel vital nesse processo (Diaz, 2016).

Sainte-Beuve, defensor da exploração biográfica do material epistolar, diz que, para escrever a narrativa de uma vida, nada melhor do que “testemunhos contemporâneos próximos e controlados, e sobretudo se houver, da pessoa que se estuda, cartas ou qualquer outra produção direta de uma alma ou de uma mente” (Sainte-Beuve, *apud* Diaz, 2016).

As cartas familiares transcendem a mera troca, constituindo-se expressões de transmissão. Mais do que seguir uma dinâmica de reciprocidade, são impulsionadas por um desejo unilateral de transmitir. Essa forma de correspondência não se limita a uma simples troca de mensagens, mas é guiada por uma inclinação unidirecional de compartilhamento e passagem de informações. Essa natureza única e proativa das cartas familiares revela um impulso intrínseco de quem escreve em comunicar, compartilhar e deixar um legado (Diaz, 2016).

As correspondências familiares apresentam algumas características em comum, conforme Haroche-Bouzinac (2016):

1. Trocadas entre pessoas com laços de sangue ou relações estreitas.
2. Compartilhamento de experiências, eventos cotidianos e acontecimentos significativos.
3. Expressão de emoções, sentimentos e preocupações.
4. Manutenção dos vínculos familiares, especialmente em distâncias geográficas.
5. Integração à história familiar, documentando eventos, tradições e relações ao longo do tempo.

As correspondências familiares são categorizadas com base em seu vocativo, mesmo que o tom utilizado nelas não seja estritamente familiar. Essa classificação leva em consideração o laço consanguíneo, o tratamento respeitoso e afetivo, além do hábito de frequência. Algumas cartas assumem um caráter mais coletivo, sendo direcionadas a uma audiência mais ampla e desempenhando, nas palavras de Haroche-Bouzinac, “o papel de jornal” (2016, p. 40). Esse caráter coletivo não se restringe apenas à sua distribuição, mas também pode estar presente na produção. Conforme destaca a referida autora, “uma mesma carta pode, a curto prazo, antever sua leitura pelo destinatário e, a longo prazo, vislumbrar a possibilidade de publicação” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 40) (Sainte-Beuve, *apud* Diaz, 2016).

Essa perspectiva é corroborada por Diaz (2016, p. 107), que destaca que várias cartas privadas, ao desprenderem-se de suas origens particulares, transformaram-se em prefácios, panfletos e manifestos, migrando assim do âmbito privado para a esfera pública. Esse fenômeno revela não apenas a flexibilidade das cartas em sua função comunicativa, mas também a sua

capacidade de transcender o domínio pessoal para se tornar um veículo de expressão coletiva e participar de forma efetiva no cenário público.

A carta se incorpora plenamente ao vasto território das escritas de si, representando uma manifestação singular do gesto autobiográfico que se desenrola de maneira descontínua, aberta, mas ainda assim efetiva. A leitura das correspondências de Joaquim Britto desempenha um papel significativo na construção da autobiografia epistolar. Através desses escritos, foi possível entrelaçar narrativas que lançam luz sobre a vida dos remetentes, tecendo uma trama que revela aspectos íntimos e pessoais, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda de suas vidas e experiências.

A escrita de cartas, conforme evidenciado por pesquisadores como Diaz e Haroche-Bouzinac, transcende simples trocas de mensagens para se tornar uma forma rica de expressão, marcada por gestos programáticos como confiar-se e exibir-se. A carta, nesse sentido, é mais do que um meio de comunicação; é uma ferramenta que vai de si para si, mesmo que esse trajeto envolva a interação com outros. A confiança e a exibição na correspondência não ocorrem isoladamente, dependem da presença de um interlocutor cúmplice, cuja escuta e olhar desempenham um papel crucial no vaivém simbólico instaurado pela carta.

O contexto de produção e circulação das cartas pessoais e familiares emerge como um terreno fértil para a compreensão da complexidade das relações humanas, revelando não apenas informações práticas, mas também nuances emocionais, culturais e sociais. O gênero epistolar proporciona uma valiosa perspectiva sobre a evolução da comunicação ao longo do tempo, destacando sua resiliência em transcender barreiras temporais, espaciais e sociais, preservando a rica tapeçaria das interações humanas.

A prática de Joaquim Britto de guardar e conservar cartas familiares é uma forma de manter viva a memória do passado, permitindo a si e a seus remetentes continuar a viver e existir. Segundo Costa (2007) a ausência de memória impede o reconhecimento de si mesmo e dos outros, resultando na falta de orientação e valores. A memória da humanidade, seja transmitida oralmente, por documentos em papel ou em formato digital, deve ser preservada.⁷⁵

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA FILOGOGIA E DA PALEOGRAFIA E EDIÇÃO DE TEXTOS MANUSCRITOS

⁷⁵ Ler *A Ciência da Informação em movimento*: memória, esquecimento e preservação digital, organizado por Lídia Brandão Toutain, 2021, para compreender melhor o conceito de memória e a importância de problematizar essa temática.

A filologia, ciência que auxilia na interpretação dos escritos históricos, das palavras e estruturas linguísticas, também incorpora e analisa o contexto cultural, social, temporal e espacial em que esses textos foram produzidos. Este campo do saber destaca a relação entre usos linguísticos e significados simbólicos, propicia uma abordagem crítica que vai além da simples leitura literal de documentos históricos. Esta ciência também explora os usos linguísticos para compreender as escolhas vocabulares, estilísticas e gramaticais dos autores, adicionando camadas de significado à interpretação histórica.

Segundo Spina (1977), ao explorarmos a origem da palavra filologia, percebemos que ela tem sua raiz no grego, significando “amor à palavra”. A filologia é uma disciplina dedicada ao estudo de textos, abrangendo tudo o que é necessário para compreendê-los melhor, considerando a língua em que foram escritos e o contexto cultural associado a essa língua. A interdisciplinaridade entre filologia e história possibilita uma abordagem mais completa na interpretação de documentos, considerando tanto os elementos linguísticos quanto os aspectos históricos envolvidos em sua produção.

Vale ressaltar que a filologia é interdisciplinar, exigindo a integração com outras áreas do conhecimento como história, geografia, epigrafia, paleografia, literatura, linguística, codicologia e diplomacia, entre outras, além de abordar a materialidade dos documentos, considerando os aspectos tangíveis, como o suporte físico, a caligrafia e a forma de apresentação, elementos relevantes para a compreensão do contexto em que o texto foi produzido e transmitido ao longo do tempo, também explora a imaterialidade, reconhecendo a importância da construção simbólica dos sentidos. Isso envolve a interpretação dos significados subjacentes, metáforas e símbolos presentes nos textos, proporcionando uma análise mais profunda das representações culturais e ideológicas da época.

A edição de textos é uma das funções essenciais da filologia, pois visa transcrever e adaptar documentos históricos para que possam ser compreendidos e analisados por leitores modernos (Spina, 1977). Nesse processo, o filólogo não apenas reproduz o texto original, mas realiza medidas necessárias para garantir a clareza e a precisão do conteúdo, mantendo-se fiel às intenções e ao contexto da obra (Spina, 1977)). Segundo Cambraia (2005), a edição de textos é fundamental para a preservação e divulgação de documentos históricos, uma vez que muitos manuscritos, com o tempo, podem sofrer alterações físicas ou perder a legibilidade devido a particularidades linguísticas e gráficas.

As primeiras edições de manuscritos ocorreram durante a Idade Média, realizadas por monges copistas, que produziam cópias de textos antigos e medievais em mosteiros por toda a Europa. A paleografia, dedicada ao estudo das escritas antigas, é uma ferramenta crucial para

acessar e decifrar textos manuscritos, proporcionando dados significativos para historiadores, arqueólogos e filólogos. Ela possibilita uma interpretação mais aprofundada dos eventos históricos e das mudanças sociais e culturais, aproximando o leitor do testemunho, ao mesmo tempo que examina a autenticidade, a origem, a datação e a validação dos documentos (Berwanger; Leal, 2012).

O termo “paleografia” tem origem no grego, derivado de *paleos* (antiga) e *graphein* (escrita), definindo-se como o estudo das escritas antigas. Logo, a paleografia tem como propósito o estudo dos caracteres gráficos, examinando e catalogando as formas de escrita (Spaggiari; Perugi, 2004).

No Brasil, os estudos filológicos tiveram início no começo do século XX, a princípio, com um foco mais historiográfico. Somente nos anos 1960 houve uma incorporação das questões de análise linguística.⁷⁶ Já a pesquisa paleográfica no Brasil ganha impulso a partir do desejo de preservar o patrimônio cultural, reconstruir a história, estudar a evolução da língua, promover a interdisciplinaridade e resgatar a memória coletiva. Este esforço contribui significativamente para um entendimento mais profundo do passado, enriquecendo o conhecimento sobre a sociedade brasileira.

Dentre os vários conceitos explorados por Berwanger e Leal (2012), aquele que se destaca como o mais pertinente para os documentos analisados nesta pesquisa é a paleografia. Esta disciplina, concebida como “ciência, arte e método”, focaliza-se na análise da escrita manual em diferentes períodos e localidades, para desvendar a grafia e a estruturação de manuscritos antigos (Berwanger; Leal, 2012, p. 64). Embora os conceitos sobre paleografia estejam, sua maioria, relacionados a documentos antigos, essa ciência também é fundamental na conservação e preservação de documentos contemporâneos.

Na análise paleográfica de documentos, a maneira como o texto é expresso é tão crucial como o próprio conteúdo, tornando-se ainda mais significativa ao considerar a época e o autor na análise. Nesse contexto, esta dissertação é guiada por essa abordagem, que reconhece a importância de considerar que o “o quê se diz é tão importante quanto o como se diz” (Macêdo de Jesus, 2022, p. 16).

Lara e Fachin (2021) sublinham a importância dos elementos materiais, tais como o suporte utilizado e a qualidade da tinta, assim como a autoria e o contexto de produção. Eles enfatizam que esses elementos desempenham um papel crucial na compreensão completa do

⁷⁶ Ver Célia Marques Telles, em: *A crítica textual no Brasil: um esboço historiográfico. Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, 1998.

significado de um texto, sendo tão significativos quanto a sua circulação e transmissão. Os pesquisadores ressaltam também que a interpretação de um escrito exige maior participação das pessoas, e o significado pode sofrer transformações ao longo do tempo. Essa perspectiva reforça a relevância da intervenção humana na preservação dos documentos. As interpretações e a relevância das cartas sofrem evoluções com o passar do tempo, destacando a dinâmica e a mutabilidade inerentes à natureza dos textos.

É válido destacar que, à medida que nos afastamos de nossa época, maiores serão os desafios enfrentados na leitura e compreensão de manuscritos. Isso ocorre em decorrência do desgaste do suporte físico, da variação caligráfica presente, da evolução no uso das palavras em relação à língua atual, entre outros.

A decifração de textos realizada por paleógrafos possibilita a historiadores, arqueólogos e filólogos obter dados significativos presentes nos registros escritos. Em muitos estudos filológicos, a paleografia tornou-se uma ferramenta amplamente utilizada pelos pesquisadores para acessar os textos, contribuindo para a compreensão do processo gerador da informação, do seu contexto orgânico e da tecnologia associada.⁷⁷

As condições sociais e culturais de produção das fontes escritas, o papel social que os sujeitos ocupam e os usos linguísticos por eles adotados são tão importantes para seus significados quanto sua circulação e transmissão, conforme destacado por Lara e Fachin (2021)⁷⁸. A paleografia, portanto, não pode ser dispensada como uma ferramenta essencial para a compreensão do passado e a preservação da memória coletiva.

Ao longo da história, a paleografia passou por diversas transformações nas normas de transcrição documental. Inicialmente, o foco estava na função social e na historicidade da escrita, com uma abordagem majoritariamente descritiva e centrada em entender o contexto social e o papel histórico dos documentos. Com o tempo, e especialmente com o avanço das técnicas de leitura e interpretação, o campo ampliou sua abordagem. Na atualidade, a paleografia combina técnicas analíticas com uma compreensão mais abrangente da função

⁷⁷ Algumas palavras podem mudar o sentido com o tempo, até mesmo o tipo caligráfico pode ser de difícil leitura, nesses casos a paleografia contribui para que leitores sem habilidade na prática filológica-paleográfica possam ter acesso às informações contidas nos documentos.

⁷⁸ Ver *Guerra contra Palmares*: o manuscrito de 1678, da historiadora Silvia Hunold Lara e do filólogo Phablo Roberto Marchis Fachin, 2021.

social da escrita, considerando não só o aspecto técnico da transcrição, mas também o impacto cultural e social dos textos ao longo da história.⁷⁹

Embora o termo “paleografia” esteja tradicionalmente associado à documentos manuscritos antigos, essa abordagem pode ser aplicada com igual eficácia a documentos datiloscritos e contemporâneos⁸⁰. Isso porque a transcrição permite a conservação do conteúdo⁸¹, facilita a leitura⁸², investigação de características, como a disposição do texto na página, o espaçamento entre as palavras, o uso de maiúsculas e minúsculas, por meio mecânico ou não. Ela também proporciona uma compreensão mais profunda e abrangente a partir do uso das palavras, do histórico e contexto atual delas.

O propósito central desse estudo é viabilizar a leitura e transcrição de documentos novecentistas, frequentemente desafiadores para os olhos contemporâneos, haja vista que compreender escritos antigos é desafiador. Ultrapassa a simples prática e familiarização com o manuscrito. Requer conhecimento da época em que foi escrito, juntamente com habilidade na interpretação da caligrafia, grafia, vocabulário, pontuação, divisão de palavras, paragrafação, numeração e sistema de abreviaturas comuns na época, conforme expõe Costa (2006).

Quanto à dificuldade em relação à compreensão de documentos datiloscritos, o obstáculo não está associado ao reconhecimento da caligrafia, contudo, o desgaste, os vocábulos específicos, as mudanças ortográficas podem ser uma complicação. Sendo assim, a transcrição dos manuscritos e dos datiloscritos emerge como um recurso indispensável para viabilizar a absorção integral do texto, transformando-os em fontes históricas de relevância incontestável.

Além disso, a transcrição de documentos antigos proporciona uma amplitude, ultrapassando as expectativas originais do autor. Mediante esse processo, as cartas destinadas a um remetente específico adquirem uma audiência diversificada ao longo do tempo, conquistando leitores de épocas distantes de sua origem. A partir desse ponto, o documento

⁷⁹ Para um maior aprofundamento, ver Roberto Jorge Chaves Araújo, a obra: *As normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos e alguns fatores gráficos da escrita nelas normalizados*. Rio de Janeiro, 2013.

⁸⁰ Embora a datilografia seja uma forma de escrita mecânica, a análise da formatação, estilo e características únicas das máquinas de escrever utilizadas pode ser considerada uma forma de paleografia moderna. Sua importância se dá também pelo fato de que o uso desse instrumento já não é habitual no século XXI.

⁸¹ O papel utilizado nas máquinas de escrever pode se deteriorar ao longo do tempo, e a tinta pode desvanecer. A transcrição digital preserva o conteúdo do documento, garantindo sua acessibilidade e conservação.

⁸² A transcrição oferece uma versão legível e clara do conteúdo, principalmente dos que sofreram muitos danos com o tempo (manchas e desgastes).

transcende sua condição inicial de pertencer exclusivamente ao autor ou escritor, integrando-se ao vasto universo da leitura. Sujeito a interpretações diversas, suas mensagens ecoam através das gerações, com resultados diferentes dependendo das mãos que o manipulam (Fachin, 2011). Nesse sentido, a transcrição não apenas preserva, mas também potencializa a relevância histórica desses documentos.

Partindo do pressuposto de que o estudo paleográfico de cartas novecentistas revela informações valiosas sobre a história social e cultural de Itaguaçu da Bahia e da região em sua totalidade, as cartas são consideradas fontes relevantes para a compreensão da vida cotidiana no sertão baiano. A análise paleográfica dessas cartas possibilita preservar e acessar informações que se perderiam ao longo do tempo, bem como proporciona uma compreensão mais profunda da cultura e linguagem nas primeiras décadas do século XX no sertão baiano, contribuindo para diversas áreas de pesquisa, como história, antropologia, sociologia, linguística e literatura.

Adotando a paleografia como base, este estudo foca nas cartas endereçadas a Joaquim Ferreira de Britto, utilizando uma abordagem contextualizada por meio de uma edição semidiplomática. O enfoque recai sobre a escrita epistolar como expressão cultural e histórica no contexto específico do sertão baiano.

A metodologia caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e documental, predominantemente qualitativa. Optou-se por um recorte de 13 cartas, escritas manuscritas e datiloscritas, priorizando relações familiares. O uso da Filologia, aliada à Paleografia, Codicologia e História, justifica-se pela dificuldade na leitura de documentos históricos escritos há mais de um século. No âmbito da pesquisa documental, de caráter descritivo, qualitativo e exploratório, a abordagem interdisciplinar incorpora elementos da paleografia, lexicografia, geografia, sociologia, antropologia e outros saberes.

A pesquisa desenvolve uma edição semidiplomática para proporcionar uma leitura acessível dos manuscritos, preservando elementos constitutivos sem deixar dúvidas sobre o léxico, abreviações e compreensão das informações. Essa abordagem busca um equilíbrio entre fidelidade ao original e compreensão facilitada do texto, tornando-o acessível a públicos não familiarizados com a língua e os recursos caligráficos do passado.⁸³ Optamos ainda pela transcrição dos datiloscritos pelos mesmos motivos.

⁸³ Ver Hélia Regina Mesquita de Jesus, em: *As cartas como vestígios históricos dos caminhos e andanças da primeira missão jesuítica na América portuguesa colonial (1549-1568)*, 2020.

Outra característica essencial da edição semidiplomática é que esteja embasada em critérios transparentes, permitindo ao leitor compreender as escolhas do editor. A fidelidade ao texto e suas peculiaridades, aliada a critérios pré-estabelecidos, visa à preservação das características do documento. Os critérios variam de edição a edição, por isso é fundamental que o paleógrafo tenha conhecimento das normas utilizadas na edição dos textos com os quais pretende trabalhar, de modo que seus interesses sejam contemplados.

Esses procedimentos permitem, em primeiro lugar, apresentar o texto em uma forma acessível a um público amplo (já que dificuldades gráficas desaparecem com a uniformização); ademais, oferecem um texto mais apurado, na medida em que os elementos estranhos à sua presumível forma genuína vêm claramente assinalados (Cembraia, 2005).

A análise das fontes incorpora métodos histórico-científicos descritivos e pensamento crítico, explorando intertextualidades, influências e diálogos entre autores e obras. A inclusão de fac-símiles permite visualizar a caligrafia e material utilizado, corroborando a veracidade do *corpus*. A edição fac-similar reproduz a imagem de um testemunho por meios mecânicos, como fotografia, xerografia ou escanerização.

A pesquisa, ancorada em fontes bibliográficas, edições de documentos, história regional e local, busca compreender a história da região e do sertão do Médio São Francisco. As edições fac-símile e semidiplomática, aliadas aos métodos metodológicos aplicados, enriquecem a compreensão da história e cultura escrita, destacando a importância da paleografia e filologia. O cuidado com normas de edição visa conferir objetividade ao texto editado, preservando as características do documento histórico.

Para a análise dos documentos, alguns caminhos metodológicos foram definidos. Primeiramente, selecionamos as cartas pela cronologia e, depois, por correspondente. Optamos por transcrever primeiro os manuscritos e só depois os datiloscritos. Outro procedimento que norteou a estruturação do trabalho com as cartas foi a análise dos conteúdos mais relevantes.

Neste processo, tomamos o cuidado devido destinado às normas de edição, de acordo com Andrade e Façanha, (2011), conferindo objetividade ao texto editado e evitando suposições para o estabelecimento do texto. Ademais, nos preocupamos em editar os textos com fidelidade e obedecendo aos critérios pré-estabelecidos, visando à preservação das características do documento, conforme propõem Andrade e Façanha (2011).

A edição fac-símile estará disponível à leitura ao final deste capítulo, já a edição semidiplomática se encontra no logo após os critérios adotados, na seção 3.5.

3.4 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E SEUS CRITÉRIOS

Tomamos por base as *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos-Edição Semidiplomática*, do Projeto “Para a História do Português Brasileiro (PHPB)”, elaboradas em 2010, bem como as “Normas para Transcrição Paleografia em Documentação Brasileira”, arquivo e administração, de João Eurípedes Franklin Leal (1990), e introduzimos algumas alterações:

1. A transcrição será conservadora (respeito rigoroso ao conteúdo original do documento);
2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas. (consideração das normas internacionais já existentes). Como exemplo: “*Illustríssimo*”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Ex.: eurespondo.
4. Os escritos fora das margens serão transcritos normalmente e descritos em nota de rodapé.

Os princípios que nortearam a edição dos documentos foram estes citados e a análise feita da seguinte maneira:

1. A pontuação original foi rigorosamente mantida;
2. A acentuação e ortografia original foram mantidas;
3. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, ou marcações, usados pelos autores, foram mantidos; Ex.: aprender outro officio.
4. Foi respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no documento;
5. A ortografia e a concordância serão mantidas como no original;
6. As intervenções foram raríssimas, apenas em caso de extrema necessidade, a ponto de não deixar margem à dúvida. Na certeza sobre a decifração de alguma letra, parte ou vocábulo inteiro não legível, mas possível de identificar pelo contexto, o elemento em questão foi posto entre colchetes e em itálico; Ex.: nego[*cio*].
7. Letra ou palavra(s) indecifrável, não legíveis – por deterioração ou rasura, foram justificadas com a indicação entre parênteses: (ilegível ou indecifrável), podendo utilizar nota de rodapé se necessário; Ex.: *quero*
8. Letras ou palavras riscadas no original serão tachadas na edição. Ex.: ~~e~~

9. As linhas foram enumeradas de cinco em cinco a partir da quinta linha, por documento. Essa numeração está à margem direita, à esquerda do leitor;
10. A indicação do fólho recebeu a marcação entre barras verticais com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplo: ||f. 1 v||;
11. Os números presentes nos documentos foram mantidos como no original;
12. A disposição do texto seguiu o original.
13. Os espaçamentos foram respeitados conforme o original.
14. Optamos em aproveitar os espaços entre uma transcrição e outra. Assim, logo que finaliza uma carta, a outra virá em sequência.
15. Erros evidentes serão mantidos, porém, comentados em nota de rodapé se necessário.
16. As assinaturas foram indicadas por parênteses.

Referente aos textos datilografados, todos tiveram uma ou mais palavras manuscritas.

Estas, optamos em destacá-las em negrito.

3.5 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO

Das 13 cartas, *corpus* desta pesquisa, nove foram escritas à caneta e quatro à máquina. A seguir, apresentamos a transcrição dela, iniciando pelos manuscritos.

3.5.1 Edição dos manuscritos

||f. 1||
Bahia, 28 d[e]⁸⁴ Abril de 1919. 1

Caro mano Joaquim
Abraço-te, a Chiquinha, ao *sobrinho* e a todos.

5 Deus permita que quando receberes esta estejas gozando optima saúde, juntamente com *Chiquinha*. O *sobrinho*, *minha* madrinha e todos nossos emfim. Eu, depois de estar por muitos dias preso de febre, vou experimentando melhoras, graças ao

⁸⁴ Onde deveria estar a vogal “e” foi danificado com o tempo, mas pelo contexto é fácil identificá-la.

10 Todo-Poderoso. É possível que dentro de pouco
tempo estaremos nos abraçando novamente,
pois o medico com [*o qual*]⁸⁵ me consultei acon-
selhou-me que eu fosse embora, pois que
o meu estado de saude assim aí o exigia.

15 Eu ponderei-lhe que já tinha passado
ultimamente no Sertão quatro mezes e elle
disse-me ser este muito insufficiente, e
que eu voltasse novamente. Confesso-te
caro mano, que eu se para ahi voltar

20 não mais terei desejo de vir a Bahia,
pois que aqui só vivo continuamente
doente como escrevi a *minha* mãe e cuja
carta poderás ler. Tinha e tenho como
sempre terei desejos de morar na Bahia

25 *continua*

||f. 1v||

– 2 –

nos

nossa

pois que a nossa terra, como sabes, não ~~tenho~~
tem um meio de vida melhor. Aqui eu

30 por enquanto estou com uma colocação que
dá somente para despezas de comidas, porem
em outra qualquer occasião poderei ter
uma melhor collocação e deste modo eu
poderia sempre estar auxiliando a nossa

35 querida mãe e eu proprio passaria mais
folgadamente, como por exemplo, em um
caso de necessidade urgente não era preci-
so que eu mai[s] incomodasse o meu
tio Gustavo, e enfim ser-mo-hia⁸⁶ muito

40 melhor. Porem estou completamente desillu-
dido disto, pois que o destino sempre des-
faz aquillo que pretendo fazer. Como sa-
bes, caro mano, como poderei trabalhar
estando doente? De modo nenhum. Po-

⁸⁵ As palavras estão danificadas, porém o contexto permite identifica-las.

⁸⁶ A forma verbal está no futuro do pretérito (seria). O autor optou pela colocação pronominal com o uso da mesóclise, porém deveria ter escrito “ser-me-ia”, utilizando o pronome pessoal oblíquo “me” no meio da forma verbal. Embora esta forma verbal seja permitida e até preferida em determinadas situações formais, sua utilização deve considerar o contexto e a formalidade da comunicação. Em situações informais e na linguagem cotidiana, a próclise (colocação do pronome antes do verbo) é mais comum e aceitável.

45 is é como te digo: ultimamente estou com
tal urucubaca⁸⁷ que mesmo não sei o
que devo fazer. Escrevi ao meu tio Gus-
tavo avisando-o de tudo, e que elle re-
solvesse a *minha* situação: ou se continu-
50 aria aqui ou se [*eu*] iria embora. Por
Francisca⁸⁸

*continua.*⁸⁹

Miguel vai bem de saude, graças a Deus.
Creio que ahi já não se lembram de mim.
Porem affirmo-tte que d'ahi não me esqueço
55 um só instante.⁹⁰

|f. 2||

Bahia, 28 de Maio de 1919.⁹¹

Mano Joaquim

Abraços a ti, a Chiquinha, o sobrinho. *minha* Madrinha. etc

Deus que te tenha em bôa saude, juntamente a
5 Chiquinha. o sobrinho. *minha* madrinha e todos. Eu, graças a De-
us tenho passado um pouco melhor, e espero ficar
curado dentro em pouco tempo. Creio que vossê re-
cebeu uma carta *minha* ultimamente, em cuja eu
lhe falava em Adalberto, dizendo-te que no mo-
10 mento em que eu te escrevia elle estava aqui no
meu quarto, e você deve ter muito bem conhecido es-
tes termos “Bahia, caro amigo mano Joaquim, que a lettra
não é *minha*, isto quer dizer portanto que o nosso he-
roi está novamente aqui e lendo o que te escre-
15 vo. Não sei mesmo o que te escrevo, pois fazem
poucos dias que te escrevi e ° faço agora nova-
mente, somente para não perder o costume. Mi-
guel está pas[s]eiando agora e eu com Adalberto

⁸⁷ Expressão para dizer que as coisas não estão saindo como gostaria.

⁸⁸ Entre as linhas 40 e 45, na margem direita, o autor escreveu o nome “Francisca”, isoladamente. Não conseguimos compreender o real propósito disto.

⁸⁹ Nesta carta não consta a assinatura. Tudo indica que havia a continuidade em outra folha. Porém, é facilmente identificável seu remetente, tanto pela caligrafia como pelas informações contidas nela.

⁹⁰ As linhas 52 a 55 foram escritas na lateral esquerda.

⁹¹ A expressão que não conseguimos compreender, que se encontra à margem esquerda no fac-símili, fizemos a leitura inicial como sendo a palavra “cima”, mas não temos certeza pela semelhança entre o “m” e o “u” e ao final, poder tratar-se de uma abreviação. A data encontra-se rasurada. Percebemos que foi datada inicialmente no dia 26 e depois alterada para o dia 28.

a escrever-te. Adalberto está *muito* desenvolvido nos
 20 exercicios, e ficou zangado porque eu o chamei de he-
 roí. Mas se elle é meu perfeito heroi, como não quer
 que se lhe chame? Tu bem vês que elle não tem razão.
 As saudades *minhas* e de Adalberto parece que nunca
 se acabarão, ficamos sempre a lembrar toda a
 25 nossa vida ahi, principalmente às nossas caçadas.
 Peço-te caro mano, a^{de} sempre me escrever. Adalberto
 diz que *para* o anno elle se vai embora, pois ahi
 é que é terra de se viver. Eu não sei *quando* farei o
 mesmo.

30 Lembrança e abraço a Chiquinha, o sobrinho. *minha Madrinha*, meu tio João, e
 todo o pessoal d'ahi de [cima]. Abraça-te o mano amigo
 (Annibal Britto)⁹²

Peço-te
 que dês um
 abraço a Zuzinha
 Não escrevo por falta
 de tempo.⁹³

||f. 3||

28

Bahia em 26 de Maio de 1919⁹⁴

*Amigo. Joaquim Ao Divino*⁹⁵.

5 Deus queira que ao receber a *minha* car-
 ta estejas gozando saude, juntamente
 com Chiquinha, e o pequeno, meu pai, minha
 mãe, e os meus irmãos, e todos os que nos
 pertencem, pois e o meu desejo e sabêr que
 todos estão com saúde. Eu graças a Deus
 10 desde que aqui cheguei tenho estado
 sempre com saúde, e dou mil graças
 a Deus porque todos os dias vejo solda
 do ir *para* o hospital, e eu ainda não

⁹² As linhas 30 a 32 foram escritas na margem esquerda da folha.

⁹³ Esses últimos dizeres foram escritos à esquerda e superior da carta, em formato ligeiramente inclinado.

⁹⁴ A data foi alterada do dia 26 para o dia 28, assim como a carta anterior, remetida por Annibal.

⁹⁵ As pesquisas paleográficas apresentam essa abreviação como sendo referente a “Ao Divino ou a Deus”. Mantivemos essa interpretação, mesmo não encontrando coerência e coesão neste contexto.

15 tive uma pequena doença, e espero em
 Deus que ~~sejas~~ a de sêr sempre assim
 a [t]é o fim dos meus trabalhos por aqui:
 Agora mesmo em 19 d'este recebi carta
 de seu Luias, mandando me dizer que até
 20 aquella data estava sempre com saúde
 e muito animado com a vida militar;
 tambem mandou me dizer que foi num
 passeio no jardim Geologico⁹⁶, e lá viu toda
 quallidade de feras, como o Leão, tigre, onça
 25 anta, e tudo *mais* pagando somente 500 *reis*
 pela entrada o qual nem civil paga um 1000 *reis*
 deixa ver que lá soldado é garantido
 o qual não é aqui na Bahia. *Nada Mais*
 Lembranças a Aprígio a Nanceinha
 30 Zuzinha Adelaide a todos os conhecidos. do amigo, aqui.
 (Adalberto Pires)

Pesso *para* me escrever pois nunca *mais* recebi uma
 carta sua, só aquella, de Março, nunca *mais*⁹⁷.

||f. 4||

[Bahia, 28 de Maio de 1919]⁹⁸

Meu caro Joaquim, Irmão
 Muita saúde em companhia de Chiqui-
 nha e teu filhinho que ainda não sei o
 5 nome nem tu ainda cogitaste disto.
 Minha carta é muito breve, porque pare-
 ce até um caiporismo⁹⁹ da minha parte:

⁹⁶ O autor utiliza a expressão Geologico talvez quisesse dizer Zoológico.

⁹⁷ As linhas 32 e 33 encontram-se na margem esquerda.

⁹⁸ Nesta carta não consta o local e a data, porém é possível afirmar que a data foi a mesma escrita por Annibal e Adalberto, já que foi escrita às pressas para aproveitar o mesmo portador, Seu Luias, primo dos remetentes.

⁹⁹ Má sorte constante ou frequente de alguém, que se manifesta em acontecimentos fortuitos ou naquilo que essa pessoa faz, e que sugere feitiço ou ações mágicas, maléficas, contra ela;

todas as vezes que ha pessôas certas para
 Chique-Chique, eu tenho, ou melhor, apa-
 10 rece-me sempre uma atrapalhação qual-
 quer afim de impedir que eu te escreva mais
 largamente dando-te não somente minhas
 noticias mas tambem algumas outras que
 apesar de te não interessar de perto mas
 15 pelo menos chega a te despertar a curiosi-
 [da]de¹⁰⁰, o que aliás é natural.
 Portanto fica satisfeito com estas poucas
 linhas que na proxima semana eu te escreve-
 rei melhor. Estive com o *Coronel* Agrario e
 20 pretendo estar ainda uma vês pelo menos
 antes da sua partida.
 Neste momento acába de entrar aqui no
 quarto o nosso Adalberto. Elle está bem.
 Agrario te falará a respeito delle.
 25 Lembranças a meu tio João da Matta, a *Chiquinha*
 E os parentes. Abraça este que é teu
 Irmão e Amigo
 (Miguel)

||f. 5||

Bahia, 27 de Janeiro de 1920.

Caro Irmão Joaquim.

Muita saúde e paz em companhia
 de Chiquinha, Nonô e os manos.

5 Para não perder o portador desta, que
 é o nosso primo “Seu Luias”, resolvi na
 ultima hora escrever a você, somen-
 te para lhe dizer que recebi suas
 cartas, estou sciente de tudo, e, pelo
 10 Adalberto lhe escreverei com mais
 calma.

Estou com alguma saúde; pouca
 é bem verdade, mas, graças a Deus
 vou passando, na falta de melhor.

caiporice. *In*: Trevisan, R.; Weiszflog, W. **Michaelis**: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

¹⁰⁰ Há aqui a supressão da sílaba [da]. Talvez a pressa tenha ocasionado isso e autor não percebeu por não ter relido antes de encaminhá-lo.

15 Annibal, como sempre; doente.
Peço-lhe ~~de~~ dizer ao meu tio

||f. 5v||

João que entreguei o relógio ao
“seu Luias” para lh’o entregar.
Aguarde para revê, minhas
20 cartas, com noticias minuciosas.
Adeus. Recomende-me a
todos os nossos, especialmente aos
manos, Chiquinha e Titia.
Abraçe o mano e amigo
25 (Miguel.)
Não se esqueça de meu endereço:
= Miguel Britto – Caixa Postal 222.
Bahia =

*Excelentissimo Senhor.*¹⁰¹
Joaquim Ferreira de Britto
P. E. [F]. de João M. Pereira Fogo
Tiririca

||f. 6||

Bahia, 27 de Abril de 1920.

Caro Irmão Joaquim

Saúde, paz e tranquillidade¹⁰² em
companhia de Chiquinha, e Nonô, Ma-
5 ria e o demais manos.
Até parece uma urucubaca¹⁰³. Toda vez
que ha um portador excellent¹⁰⁴ para ahi,

¹⁰¹ Descrição do envelope.

¹⁰² Até meados do século XX era comum encontrar textos escritos com consoantes duplicadas. Isso, em princípio, deve-se à grafia latina. A própria etimologia da palavra é uma das características que pode justificar a duplicação destas consoantes.

¹⁰³ Sinônimo de “azar”. Na época usavam também a expressão “caiporice”, encontrada em outras cartas.

¹⁰⁴ Idem ao 12.

quasi¹⁰⁵ sempre surge de surpresa¹⁰⁶, e, eu
 nunca estou preparado para lhe man-
 10 dar minhas notícias¹⁰⁷ com certa mi-
 nudencia¹⁰⁸. Entretanto, não lamen-
 to a pressa desse portador por ser o mês-
 mo, o meu melhor representante jun-
 to a vocês todos. Este, já se vê, é o
 15 Adalberto, que uma vez terminado
 o serviço militar, volta ao seu lar,
 cheio de vida e de esperança. Não é o

||f. 6v||

Adalberto acanhado e rachitico de
 12 mezes passados; mas sim um ra-
 20 pagão forte, robusto e desenvolvido.
 A vida da caserna¹⁰⁹, para elle, a principio,
 era insipida e sombria; depois tronou-
 se alegre e risonha, apesar dos pesares.

Elle lhe dirá melhor que eu.

25 Joaquim = Ainda desta vez não lhe posso
 mandar a planta com os dizeres, para
 a obra que você vae executar em ho-
 menagem a nossa Querida Mãe. Man-
 dal-o-ei¹¹⁰ pelo correio.

30 As encomendas de Maria são bas-
 tantes difficeis¹¹¹ de serem compradas,
 a excepção¹¹² do calçado e do vaso para
 pós d'arroz que vão por Adalberto.

Remetto-lhe¹¹³ duas procurações, sen-
 35 do uma minha para¹¹⁴ você e a outra

¹⁰⁵ Muitas palavras eram escritas como se pronunciava, não seguiam uma regra específica.

¹⁰⁶ Idem

¹⁰⁷ Só a partir da década de 1990 que foram inseridas regras específicas de acentuação.

¹⁰⁸ Quer dizer “cuidado”, “atenção”.

¹⁰⁹ Alojamento dos soldados dentro do quartel. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/caserna>.

¹¹⁰ A ortografia correta deveria ser a forma verbal “mandá-lo-ei” com o verbo “mandar” acompanhado do pronome oblíquo átomo “o”, compondo uma ênclise.

¹¹¹ Idem ao 12.

¹¹² Grafia alterada após acordo ortográfico para exceção. Tem como significado “restrição, exceto”. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/excepção>.

¹¹³ Idem ao 16.

¹¹⁴ Abreviação de “para”.

||f. 7||

de Raymunda, para Maria, para vocês
 dois nos representarem como padri-
 nhos do inocente Cid, filhinho
 de meu tio João – vão 10/\$/000
 40 para o referido acto¹¹⁵ religioso. Não es-
 tão reconhecidas as firmas por não
 haver necessidade. Em todo caso,
 consulte ao Padre e me responda.

Vou escrever ao meu tio João
 45 para lhe entregar 20/\$/200. Saldo de 30/\$/200,
 que desprendi com o embarque de um
 caixão *com* mercadorias, pela *Estrada* de Ferro.
 cujo saldo você dividirá com Ritta, João
 e Antonio.

50 Adeus. Recommende-me a Chiqui-
 nha e a todos os manos e parentes.
 Abrace o Irmão Amigo
 Miguel.
Continuação.

||f. 7v||

55 Joaquim. Ia-me esquecendo
 De lhe falar sobre Annibal.
 Não vae muito bem de saú[de]
 quanto ao emprego, elle vae
 indo com bonito fucturo, se
 60 fôr caprichoso. Está no Banco
 do Brasil, com ordenado de 200/\$/000
 mensaes, fóra as gratificações
 que todos os funcionarios des-
 se estabelecimento têm direi-
 65 to, de 6 em 6 meses. Eu lhe tenho
 dado muitos concelhos. Posso dizer
 que o caminho do fucturo delle es-
 tá aberto, dependendo só do seu es-
 forço intellectual e moral.
 70 Raymunda retribúe, não só
 a você como a Chiquinha, suas
 lembranças.

Adeus –

¹¹⁵ Até a década de 1950 era aceitável usar tanto a escrita “acto” como “ato”. Só após o acordo ortográfico de 1990 que palavra ato foi estabelecida como única forma ortográfica.

(Miguel)

*Illustríssimo Senhor*¹¹⁶

Joaquim Ferreira de Britto

Por Adalberto

Tiririca

||f. 8||

Bahia, 17 de Dezembro de 1925.

Meu caro *compadre* e Irmão Joaquim.

Vae esta escripta às pressas, com uma
 duzia de palavras mais ou menos, somen-
 5 te para não perder a bôa oportunidade

do nosso bom amigo Bibio, que segue a-
 manhã às 7 horas, no trem do horario. E

como não tenho tempo a perder, faço-lhe
 estas linhas apressadas, desejando-lhe opti-

10 ma saúde em companhia da *Comadre* Chiqui

nha e os meus sobrinhos, além dos nossos
 manos e demais parentes.

Fiquei muito triste com o falecimento

da nossa querida Titia, e muito zangado

15 fiquei ainda por ter a noticia tão tarde,
 quase quatro mezes depois!! Apesar disso, vo-

cê transmitta aos nossos tios, Joaquim, José
 (Ze pado), Maria, meu Padrinho, João e An-
 tonio os meus sentidos pezames.

20 A minha vida tem sido, de um anno
 para cá, insipida, ou melhor, uma vi-

da de verdadeiro captiveiro. Imagine
 que nem tempo tenho de lhe escrever.

Entretanto, opportunamente lhe farei

25 uma carta bem extensa, narrando-lhe
 todas as peripecias de uma vida cheia

[*continuação*]

||f. 8v||

¹¹⁶ Descrição do envelope.

de labores e consumições como tem sido a minha ultimamente.

30 Desde o mez de julho que Annibal não me escreve; em compensação eu tambem não lhe tenho escripto. Felizmente tenho sabido por intermedio de pessôas vindas de Penêdo, que elle
35 vai bem de saúde com a mulher e a filhinha (pois desde 21 de Fevereiro que elle já é pai de uma bella criança chamada Wanda), elle continua no Banco do Brasil, náqulla cidade, bem satisfeito, apesar do trabalho formidavel, ganhando regularmente e subindo de posto, graças a Deus. – Antoninho continua na Fabrica Stella, não podendo ainda ocupar um emprego melhor devido a falta de certos conhecimentos.
40 Eu, vou como Deus quer, com uma familia já bem numerosa e mal ganhando para as minhas desprezas.

Adeus. Recomende-me a todos, abraçando por mim, Raymunda e os meus 3 filhos, à Comadre Chiquinha, meu afilhadinho, os outros subrinhos e mais parentes amigos. Sou seu *compadre*, Irmão e amigo. (Miguel.)

O meu endereço é o do envelope desta carta.¹¹⁷

||f. 9||

Bahia 21 de Julho de 1930.

Prezado Padrinho abraço.

Dezejo-lhe *que* ao receber esta esteje gozando saúde com todos os seus.

5 Eu estou bem graças a Deus. o *Senhor* vai bem não? Meu padrinho eu desde *que* estou a qui não soube ainda notícias

¹¹⁷ Esse trecho foi escrito na margem esquerda da carta.

dos meninos tenho (~~proeudo~~)
 10 procurado noticias delles a todos
 os pessoal de lá *que* estão aqui e
 ainda não soube noticias mais
 quando eu souber eu lhe escrevo.
 Offereço ao *Senhor* a minha
 15 photographia. *nada* mais.
 Aceite lembranças.

(Messias Pires Maciel)

||f. 10||

São Paulo 10/09/48

Presado Pai Joaquim

Abênção

Faço votos a Deus, para que esta o encontre
 5 com saúde juntamente aos nossos.
 Anuncio que a 17 dias chegaram aqui em
 São Paulo, Lali e Lia, às quais foram
 portadôras de diversas cartas que di-
 zem têr vindo pra mim. mas, que até essa
 10 data não recebi porquanto recuzei recebê-
 lo agora devido Anita de Maróto está de
 posse das mesmas acreditando ter lido
 como de costume, o qual nunca dei
 este direito de abrirem cartas minhas
 15 a não sêr pessôas que pôr mim estêje
 autorisada para os devidos fins.
 Também, digo que aqui não resido em
 casa de Anita, e nem éla e agente meu
 para apropriar-se de cousa que não per-
 20 tenção a ela; tratando ainda, deste
 assunto, agora vejo a nesseçidade de têr
 agente para evita-lo estes aborrecimentos
 ainda digo que carta de mão propria

continua.

||f. 10v||

25 não mereça confiança, acreditando quê
 com essas, já são muitas quê não recê-
 bo ficando assim incomunicável de
 sabêr noticias de fundamento do meu

3.5.2 Edição dos datiloscritos

Bahia, 24 de [A]bril de 1919¹¹⁸

Joaquim:

5 Recebi sua carta, juntamente com uma [de] Zuzinha, ambas datada de 14 de março, vindas pelo correio, o que aliás, merece meus parabens e tambem os de vocês, por se achar um pouco melhorado o nosso serviço postal via – São Francisco, que er[a] uma miseria em tempos passados. Creio que [é] a primeira correspondência [p]or mim recebida, desde que aqui me acho; minha Mãe, todas as vezes que me escreve
10 diz – me ter escripto pelo correio, talvez umas três cartas, até hoje não recebi uma sequer. Portanto, repito; merece os parabens meus e os de vocês tamb[em] o serviço postal do São Francisco. Deus conserve assim por todos os seculos.

Deixemos de parte um pouco o correio e passemos ao que nos int[eressa] de mais perto. Hoje não me é possivel responder sua carta; [ent]retanto nã[o dei-]
15 xarei de tocar em algum de seus pontos mais importantes, como por e[xe]mplo: sobre Adalberto. É rara a semana que eu não estou com [e]lle; e pesso-lhe se[m]pr[e] que venha a pensão todos os dia[s] que não estiver de serviço pois é o meio m[ais] facil de ver-mo-nos mais amiúadas¹¹⁹ das vezes. E assim tem sido. Quasi toda noite de sabbado para domingo elle vem dormir comnosco na pensão O seu aspecto ph[i-]
20 sico é o melhor possivel. Acho-o mais gordo, não obstante elle passar uma vida agitada, como geralmente é a vida do soldado; quanto ao resto elle lhe dirá melhor.

O portador desta carta devia ser o Coryolano, de Chique-Chique, que infelizmente viajou [s]em que eu soubesse. É possivel que o portador, agora, seja [um]
25 rapaz que o Annibal me falou; chama-se, creio eu, João da Lapa ou José da La[pa.]
Como vae Você? Seu pequeno e Ciquinha como vão? Todos de casa estão bons? Gostei muito de ter recebido sua carta pelo correio, juntamente com a de Z[uzi-]nha. Espero que continuem.
Recomendações a todos dahi. Diga a Zuzinha que depois eurespondo sua carta.
30 Adeus.

Recommende-me a Chiquinha, meu tio João da Matta e os parentes.

Abrace o irmão e amigo¹²⁰

(Miguel)

Esta carta foi começada em 24 de Abril e

¹¹⁸ Esta é a primeira carta em ordem cronológica. Trata-se de uma carta escrita à máquina. Mantivemos nas cartas datilografadas os mesmos critérios descritos na realização da transcrição dos manuscritos. Com ressalva apenas, os trechos que se encontram fora da margem, por terem sido escritos à caneta. Com isso optamos em destacá-los em negrito. Todo o restante do conteúdo foi datilografado.

¹¹⁹ O mesmo que “com frequência”, segundo o dicionário Aulete, disponível em: <<https://www.aulete.com.br/index.php>>

¹²⁰ Esse trecho está ligeiramente inclinado, no sentido horário.

terminada
hoje, 6 de [Maio]¹²¹

Meu endereço está im-
presso no envelo[pe]¹²²

A/B¹²³

Bahia, 27 de Abril de 1920

Presado mano Joaquim:

Abraço-te, a Chiquinha, o sobrinho e todos os nossos.

5 Deus que te tenha sob sua proteção, juntamente a Chiquinha, o sobrinho
e todos os nossos; Eu graças, a Deus tenho passado bem de saúde.
O portador desta é Adalberto, que já tendo baixa do serviço militar se-
gue para o meio dos nossos. Eu lamento não poder ir com elle, porque,
10 infelizmente não me é possível agora, mas com fé em Deus, muito breve es-
tarei também com todos vocês. Caro mano! Escrevo-te s[o]ente¹²⁴ poque não
posso deixar de assim o fazer, mas não que tenha tempo para isso, pois
pedi muito a Adalberto para te fallar a meu respeito.
Agora estou empregado no Banco do Brasil, com ordenado mensal de Rs.
200\$000, e desta vez ainda não me é possível mandar alguma cousa para
15 nossas irmãs, porque estou somente ha 15 dias neste novo trabalho, como
Adalberto te fallará. Mas muito breve, com fé em Deus hei de mandar sem-
pre alguma cousa para ellas, que muito precisam, bem sei disto.
A minha redação de hoje, nesta carta, está pessima, bem conheço, mas é
somente por causa da extraordin[ar]ia pressa com que te escrevo, portanto
20 não repares absolutamente a all[u]dida redacção. O principal éque eu te
escrevesse, e assim o faço, mês[m]o pouco. No meu novo emprego trabalho
muito, há dias em que trabalho até 11 horas da noite. Adalberto tudo te
fallará, pois é quem bem conhec[e] t[o]da a [m]inha vida aqui. Elle também sof-
freu muito, mas Deus ajudou-o afinal, e elle ahi vae para o meio dos nos-
25 sos, e eu muito breve irei também.
Meu irmão: como acima já disse, não te posso escrever muito longamente,
por causa do meu trabalho que é muito, e tinha grande desejo para isso.
Agora mesmo estou te escrevendo aqui do Banco, porque hoje entrei mais
cedo e estou aproveitando o tempo até chegar a hora do expediente, quand[o]
30 entro em trabalho. Em outra ocasião tudo te relatarei mais detalhada-
mente, contar-te-hei todos os pormenores de como Deus me ajudou que eu

¹²¹ Essa parte também está ligeiramente inclinada no sentido horário, no final da folha, porém foi escrito à caneta. É possível perceber que foi o último trecho a ser escrito e que o autor estava com pressa, pois a caligrafia não traz o mesmo traço que a assinatura.

¹²² Esse trecho encontra-se na margem direita e superior do datiloscrito, escrito também à caneta.

¹²³ Esta é a oitava carta, segunda escrita à máquina. A folha traz na margem superior esquerda a marca de um carimbo do Banco do Brasil, com os seguintes dizeres: Banco do Brasil Endereço Caligraphico “Satellite”.

¹²⁴ Pelo contexto, supomos tratar da palavra “somente”. Porém, devido a rasura não ficou legível a letra “o”, e pela pressa, o “m” não foi registrado.

achasse esse novo emprego. Maria mandou-me 50\$000, para que eu entregass[e] a Miguel para comprar uns calçados e uns enfeites para ella e Ritta, e Miguel já deve ter comprado tudo, pois que Adalberto viaja amanhã e está
 35 preparando-se deste hontem. Elle vae muito alegre e assim não podia deixar de ser, pois quem como elle passa 15 mezes auzente dos seus. e agora volta novamente depois de tanto tempo para o seio de sua familia não pode deixar de sentir muita alegria. Peço-te que falles com todos os nossos mesmo, que eu tinha vontade de escrever para todos, agora que se me
 40 oferece tão propicia ocasião, mas não me é possível. Emfim Adalberto tudo te contará a meu respeito.

Termino aqui. Graças a Deus vou bem de saúde e espero que assim continuarei. Peço-te de abraçares a Chiquinha, Maria, Ritta, minha madrinha meu tio João da Matta, a nossa querida Titia, a quem eu não esqueço um só
 45 momento, todos os nossos irmãos, tios e respectivas familias.
 Adeus. Aceites um abraço bem apertado do teu mano

**Não repares o papel não ser
 de [j]eito, como devia sel-o
 mas é que não posso, agora, ir a pensão
 50 onde tenho, buscar para te escrever.¹²⁵**

(Annibal)

Bahia, 24 de Fevereiro de 1926.¹²⁶

Caro irmão, compadre e amigo Joaquim:

Que DEUS, Nosso Se-

5 nhor, esteja em sua companhia, da sua Família e dos nossos irmãos e parentes, são os meus mais sinceros votos.

Hoje, (24 de Fevereiro) grande feriado nacional e fui forçado a descer até o escriptorio somente para lhe escrever esta carta, que, se não o fizesse, commetteria um crime perante *Você*, visto como es-
 10 tou lhe devendo varias respostas de cartas suas; e como se acha aqui, de viagem marcada para depois de amanhã, o nosso prezado chefe e Amigo *Coronel* Agrario, não me ficaria bem deixal-o viajar sem levar ao menos uma cartinha mi-

¹²⁵ As quatro últimas linhas foram escritas à caneta, assim como a assinatura. Todo o restante foi datilografado.

¹²⁶ Esta foi a décima carta, cronologicamente, a terceira datiloscrita, com letras na cor, aparentemente, azul. Na margem esquerda superior, o papel traz um carimbo com os seguintes dizeres: Pinheiro & Comissões Representates, Caixa Postal, 527, Telefone Central – 1, Rua dos Droguistas, 17, 2º andar, BAHIA. Logo à frente, escrito à caneta o remetente diz “Meu endereço é este”, apontando a direção da figura onde se encontra o carimbo com o endereço do trabalho. Na margem superior e direita do papel há, à máquina, timbre do papel usado pela empresa, os dizeres: Códigos: Ribeiro, Borges, Mascotte, Particulares, [ISS Telex] [JiPinheiros], escrito em caixa alta.

há para *Você*.

Da sua ultima carta recebida pelo nosso comum Amigo Hermenegildo
 15 Nogueira verifiquei constar na mesma apenas trez noticias importantes: o falecimento da nossa velha Titia, o seu titulo de nomeação para o cargo de es-
 crivão de paz desse districto e a suspensão da sua assinatura na “A Tarde”
 que tomei bôa nota de tudo.

Felizmente *Você* conseguiu tirar o seu titulo a tempo, o que não me foi
 possi-

20 vel fazer em virtude de me achar fóra da Capital por algum tempo, fazendo pe-
 quenas viagens, tendo entretanto, recebido suas cartas a respeito.

Você já deve ter noticias de que deixei o Laboratorio do Antigal desde Novem-
 bro de 1924, tendo n’elle perdido o meu tempo e meu latim, como se diz vul-
 garmente. Estou trabalhando com um Amigo, o *Senhor* Pedro Pinheiro, em Commis-
 25 sões e Representações, de que não [*es*]tou arrependido, embora seja um
 nego[*cio*]

bastante ingrato; apesar dos pezare[s] vou atravessando, conforme Deus qu[*eira*]¹²⁷
 é servido, esperando passar mais folgado para poder dar outro salto ahi nes-
 sa nossa Tiririca.

Antonio vae bem de saude; está empregado na Fabrica Stella, casa

30 onde eu e Annibal sempre fomos felizes, esperando que elle tambem o seja; o
 seu ordenado ainda é muito diminuto¹²⁸ mesmo porque sempre foi um defeito de
 Sampaio, Irmão & Cia: - pagar pouco aos empregados - .

Annibal, este continúa feliz no Banco do Brasil, Agencia de Penedo, fazendo
 um ordenado de cerca de 1:3000\$000 por mez, ou sejam 15:000\$000 mais ou menos
 35 por anno feito em 21 deste mez e elle com um mez feito em 13 do corrente,

o que quer dizer, em resumo, que Wanda nasceu em 21 de Fevereiro de 1925 e
 Fernando em 13 de Janeiro deste anno.

Eu, parece-me ter ficado nos trez: Hildete, Helio e Miguelzinho, tendo per-
 dido em 19 de Janeiro do anno passado Milton, apenas de um mez e dias de na-

¹²⁷ Podendo ser lido como “quer”. Optamos pela forma verbal “queira” devido a quantidade de caracteres.

¹²⁸ Segundo o dicionário Caldas Aulete, quer dizer: 1. De tamanho muito pequeno (jardim diminuto). 2. Em quantidade muito menor do que a necessária ou a esperada (plateia diminuta). Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/diminuto>>. Acesso em 30 jun. 2024.

40 scido. Agora lhe pergunto – e *Você?* Quantos tem?

Não tendo mais assumpto
de importancia vou terminar a presente. Entretanto, antes de o fazer lhe di-
go que em conversa muito amistosa que tive com o *Coronel* Agrario (esta parte é
toda confidencial, não devendo outra pessoa saber) elle deixou transparecer

45 um certo aborrecimento com a “gente de Tiririca”, que vive de certo tempo pa-
ra cá n’uma desunião revoltante, o que é de se lamentar; assassinatos, (!)
perversos, cachaçadas, arrelias¹²⁹, jogatinas, etc., etc., tudo isto tem se da-
do ou desenrolado ahi, depois que elle assumiu a direcção da politica de
Chique-Chique. Realmente essas cousas aborrecem a qualquer pessoa sem com-
50 postura, quanto mais a homens de bem. Deus queira que esse nosso povo vá
se regenerando para não dar desgostos aos conterraneos que vivem distantes.

Adeus. Aceite *Você*, Chiquinha e os nossos, lembranças de Raymunda, menina e
Antonio; uma benção para os sobrinhos e afilhadinho; abrace o irmão, *compadre*
e Amigo.

55 (Miguel)

**P.S. Não se esqueça de me recomendar
aos nossos tios e parentes, especialmente ao
Coronel Ze[nod]re, meu tio Abelhão, meu Padrinho¹³⁰**

meu tio João, meu tio Antônio, as Tias ao [*Capitão*] Luizinho, etc., etc.¹³¹

Salvador, 2 de Março de 1953

Prezado irmão Joaquim:

Que Deus o ampare, a *Você* e a todos os nossos ahi.
Depois de 34 nos de ausencia da velha terra que me ser-
5 viu de berço e de algumas noticias, esparsas, que obtinha dos meus
ahi residentes, - eis que me aparece Georgina, em companhia de De
tinha do nosso falecido irmão Miguel, pondo-me ao corrente do que
realmente se passa com o nosso pessoal de Tiririca.

10 Da longa exposição que me fizeram, pude bem aquilatar¹³² da
situação desoladora de nossa gente, sempre a braços com a incle-

¹²⁹ sf. 1. Falta de paciência; SOFREGUIDÃO. 2. Estado de nervosismo, aborrecimento ou irritação; APOQUENTAÇÃO. 3. Desavença, desentendimento, rixa. Disponível em: Caldas Aulete. < <https://www.aulete.com.br/arrelia>>

¹³⁰ Esse trecho foi escrito à caneta na cor preta.

¹³¹ Esse trecho foi escrito ao lado da folha, na margem esquerda.

¹³² Seria aquilatar, que significa: apreciar, julgar, apurar-se, conforme o dicionário Michaelis, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=aquilatar>. Acesso em: 19/12/2023.

mencia das sêcas com absoluta falta de amparo dos nossos governos ao povo sertanejo e com todo o cortejo de fatos dolorosos que a absoluta carencia de recursos acarreta.

E o que mais me oprime o coração é o reconhecimento desta
15 situação e a impossibilidade de atenuá-la, porque, vivendo hoje tão somente dos proventos da aposentadoria que há dois anos me concedeu o Banco do Brasil, não bastam êles, de fato, para a manutenção da minha numerosa família e o amparo de todos os meus irmãos, pauperrimos que são.

20 Mas, meu irmão, o caso que mais fundamente me impressionou, foi o seu. Espirito bom, leal e generoso, sempre votado¹³³ ao bem da coletividade e com grande soma de serviços a ela prestados, - eis que hoje se encontra Você, velho, alquebrado¹³⁴ e pobre, numa situação de quase abandono, tendo ao seu lado apenas o fragil am-
25 paro do filho mais moço, esse herói de nome Walter que a tudo tem renunciado para prestar a assistência que pode ao velho pai cansado e já próximo do fim.

Você, que sempre foi honesto, ha de convir que tal situação não poderá em absoluto perdurar. Não é ela um mal sem reme-
30 dio, mas, ao contrario, perfeitamente remediavel, bastando apenas que faça Você o sacrificio, que reputo¹³⁵ bem pequeno, de abandonar a Tirirca e vir, juntamente com o Walter, para a nossa casa, que, graças a Deus, dá para nós todos. Aqui tem o Walter bastante campo para trabalhar, podendo escolher a atividade que quizer, e
25 e Você, cuja idade só requer descanso, empregará o seu tempo, juntamente comigo, na pequena oficina que tenho em casa, na qual encontraremos toda a ferramenta para os serviços de carpinteiro, ferrreiro, e mecânico. Somos velhos, eu e Você, já trabalhamos demais e utilizaremos a oficina apenas como um passa-tempo de velhos,
40 sem nenhuma preocupação de rendas para a nossa manutenção. Sua companhia será para mim motivo da maior satisfação, porque, além de ter ao meu lado o irmão e amigo, terei também o mestre que a oficina requer, já que eu, com os meus 30 anos e meses de Banco do Brasil, não pude aprender outro oficio...

45 Nada impede a sua vinda, estou certíssimo disso. Aprovei- ta o transporte do Maninho e traga também o Walter, repito. O sacrificio de abandonar a terra em que nascemos é bastante grande, eu o sei, mas quando ele é uma necessidade imperiosa¹³⁶, como no seu caso, não podemos ter um minuto de vacilação. Minha longa vida de ban-
50 co ensinou-me tudo isso, com as frequentes remoções que tive, óra para Alagôas, Ceará e Rio Grande do Norte, onde trabalhei varios a-
- continúa -

133 O mesmo que consagrado e dedicado.

134 O mesmo que debilitado.

135 Conforme o dicionário Aulete, o termo pode ser substituído por “Atribuir determinada qualidade a; CONSIDERAR; JULGAR”. Disponível em:<
<https://www.aulete.com.br/reputar>>. Acesso em: 25 out. 2024.

136 O mesmo que grande.

- 2 -

nos, óra para São Felix, Feira de Santana e Jequié, onde completei o período necessário à aposentadoria (30 ano).

55 Creio já lhe ter dito bastante para o convencer, mas, se as minhas razões ainda não bastam e Você relutar na sua saída dahi, - neste caso irei eu a Tiririca, com o proposito, quasi unico de o trazer à força. Quando os argumentos não valem, empregamos a força, - sempre foi esta a sentença da diplomacia e da
60 propria humanidade, desde que foi criado o Universo...

Não tenha preocupações de roupas para a viagem, pois que Você vem para a minha casa, que é a sua propria casa, e eu, com a experiencia que tenho da vida, nunca dei valor à roupa de ninguém, nem à sociedade, nem às posições elevadas – porque tudo isso nunca
65 passou de meras convenções dos homens, falsas ilusórias...

A inteligencia, o talento, a conduta impecavel e as grandes obras de qualquer cidadão sempre me empolgaram, mas as suas roupas ou o fato de ser êle o governador do Estado, - valem tanto para mim como o lixo das sargetas.

70 Não tenha, pois, preocupações de qualquer especie por se apresentar em nossa casa modesto, simples, como pobre tabaréu da Tiririca, porque eu tambem sou tabaréu da Tiririca, detesto os preconceitos e sou irmão e em tudo igual a Você, - menos na idade...

75 Quanto ás despesas de viagem, combine com Maninho para que sejam elas pagas aqui, depois da sua chegada. Não lhe remeto agora o dinheiro para essas despesas por não saber a quanto montam e tambem por me restar alguma duvida sobre se Você vem mesmo ou não.

80 Tenho toda esperança que Você esteja por aqui no decorrer deste mês de Março, e caso assim não aconteça só me restará o recurso de ir buscá-lo.

Aguardo, pois, a sua chegada, em companhia de Walter, e, despedindo-me, envio meu abraço fraterno para Você e todos os
85 nossos ahi, com as recomendações de minha mulher, que tambem muito insiste pela sua vinda.

Até à vista!

O irmão amigo

(Annibal)

90 P.S. – Georgina falou-me tambem das suas preocupações em relação ao seu Cartorio. Lembre-me de que aqui, junto dos Srs.

Deputados e dos altos próceres da politica, torna-se muito mais fácil tratar-se do assunto que ahi. Eu não gosto de falar com essa gente, que tanto mente ao povo, mas existe sempre
95 uma ou outra pessoa amiga a quem poderemos pedir as providencias que o seu caso requer. Se o Coronel Juracy, que muito admiro, viér a ser o futuro Governador, tenha a absoluta certeza de que o assunto do Cartorio será satisfatoriamente resolvido}.

(Annibal)

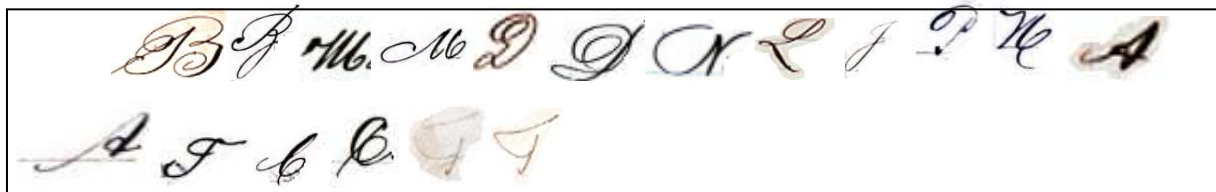
3.6 DESCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DAS CARTAS ENDEREÇADAS A JOAQUIM FERREIRA DE BRITTO

A análise paleográfica das cartas dirigidas a Joaquim Ferreira de Britto revela diversos aspectos notáveis, abordando desde a diversidade temporal e geográfica das correspondências até as características intrínsecas dos escritos.

Dentre as treze cartas, datadas entre 1919 e 1953, destinadas a Joaquim Ferreira de Britto, sujeito central desta pesquisa, nove foram produzidas por dois irmãos, uma pelo filho, uma pelo sobrinho/afilhado e uma pelo cunhado /amigo/primo do destinatário.

A análise paleográfica dos manuscritos permitiu classificar a escrita como humanística ou italiana¹³⁷, destacando sua natureza cursiva, corrida, com traçado livre e sem descanso da mão e coerências. A predominância de letras maiúsculas cursivas, denominadas de “letras capitais”, especialmente nas cartas dos irmãos e do cunhado, sugere uma inclinação para o estilo humanístico. O termo “capitais” vem (de *caput*, *capitis* = cabeça), conforme descrito por Berwanger e Leal (2012).¹³⁸

Quadro 1 - Exemplos de letras maiúsculas cursivas – letras capitais




Fonte: Elaboração da autora (2024).

A dificuldade de leitura pode decorrer do uso de abreviações, prática que não persiste após esta edição. Tratando-se, provavelmente, de texto ideógrafo, com leve inclinação para a direita, uniformidade nas margens, maioria sem borrões ou rasuras. São documentos produzidos por mãos hábeis, com desenvoltura caligráfica, regularidade na escrita.

¹³⁷ A escrita humanística teria surgido em documentos manuscritos de 1423, como uma escrita erudita, refeita a partir do modelo da escrita carolíngia, por parte dos humanistas italianos, tendo como característica ser uma escrita suave, traçada com penas pontudas, inclinadas para a direita, com todas as letras de uma mesma palavra unidas. (Jesus, 2016). Segundo Berwanger e Leal (2012)., a letra humanística é comum nos escritos brasileiros desde o século XVI até os dias atuais.

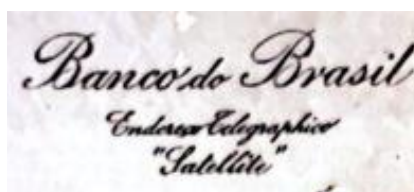
¹³⁸ A letra capitular é aquele caractere maior no início de uma palavra, que geralmente ocupa a altura de duas ou três linhas do primeiro parágrafo de um texto.

No que se refere às características ortográficas, identificamos o uso do apóstrofo em abreviações, como em q' abreviação de /que/, como também na supressão da vogal "e" como em /d'este/ . Identificamos letras dobradas em palavras com "l", "c", "f", "t", "p" e "n", substituição de "s" por "z" e vocabulário não mais em uso atualmente (ver de forma mais específica, adiante).

A representação dos números arábicos aparece para designar as datas e valores quantitativos. Há três cartas enumeradas, hábito comum na época, também percebidos em outros diários do período.

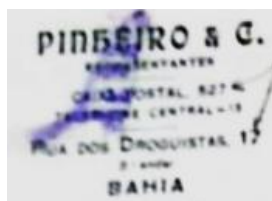
Duas das cartas datilografadas receberam carimbos: um do Banco do Brasil, conforme carta de 27 de abril de 1920 e figura 19; e outro um carimbo pessoal contendo o endereço e a caixa postal do remetente. Na figura 20, o autor informa que o carimbo se trata de seu endereço pessoal.

Figura 19 – Carimbo do Banco do Brasil



Fonte: Recorte realizado pela autora das cartas analisadas.

Figura 20 – Carimbo com endereço do autor



Fonte: Recorte realizado pela autora das cartas analisadas

No que concerne aos materiais e instrumentos utilizados, os manuscritos são, em sua maioria, escritos em papéis pautados, folhas com linhas e sem linhas, e até mesmo papel de carta¹³⁹. Alguns apresentam-se amarelados e envelhecidos, possivelmente devido à falta de conservação nos envelopes, isso porque três das treze cartas que permaneceram em seus envelopes estão em melhor estado. Dois dos envelopes trazem a mesma borda preta que

¹³⁹ O papel era o suporte principal utilizado para escrever cartas. No Brasil, no início do século XX, o papel era feito principalmente de fibras de celulose vegetal, extraídas de árvores como o pinheiro e o eucalipto. O papel variava em qualidade e espessura, dependendo do propósito e do poder aquisitivo do remetente.

decoram os papéis contidos neles. Esse cuidado e bom gosto comprova o tratamento dado à correspondência pelo remetente e adiciona um toque de sofisticação às cartas.

Manchas, pequenos rasgos e a ação de insetos estão presentes em alguns documentos dos quais não há envelopes. Diferentes instrumentos de escrita foram utilizados, desde a pena de aço, em 1919, até a caneta esferográfica nas cartas escritas nas últimas décadas. A máquina de escrever foi utilizada em cartas datadas de 1919 e de 1953.

A caligrafia nas cartas manuscritas refletia as características estilísticas e as convenções da época. As letras, em sua maioria, têm uma aparência elegante e ornamentada, com uma predominância de formas arredondadas e linhas fluidas. Uma escrita cuidadosa e elaborada, com traços finos e delicados. As letras maiúsculas são frequentemente adornadas com detalhes decorativos, como traços extras, conferindo um aspecto sofisticado ao texto. Quanto às letras minúsculas, estas são mais compactas e curvilíneas, apresentando uma inclinação sutil para a direita. A uniformidade e a simetria são, pois, valorizadas na caligrafia da maioria das cartas, resultando em uma aparência esteticamente agradável e refinada. Portanto, a maioria das correspondências tem em comum o uso de papel pautado e da caneta tinteiro nas cores azul ou preta.¹⁴⁰

A gramática e a ortografia utilizada demonstram uma prática e conhecimento linguístico, resultado de uma prática constante de leitura e escrita e de uma boa base escolar.

Há cartas com vocábulos abreviados, com ausência de acentuação, ainda outros acentuados fora da norma padrão vigente. Boa parte não apresenta divisão em parágrafos. Também há cartas com escritos na lateral esquerda do documento e com algumas semelhanças entre si, mesmo escritas por autores diferentes, característica comum em crianças que tiveram o mesmo alfabetizador.

As cartas datiloscritas são as que se encontram mais danificadas, corroídas por insetos e faltando letras e palavras. No geral, dez cartas se encontram em boas e médias condições de conservação. As dificuldades existentes para a leitura devem-se, principalmente, ao uso de siglas e abreviaturas não mais utilizadas em manuscritos, bem como ao traçado de algumas letras e pelos danos provocados por insetos. Entretanto, todas possuem boa legibilidade.

Embora os serviços postais já fossem utilizados no início do século XX, apesar das dificuldades de trânsito nos lugares mais distantes das grandes cidades, nenhuma das treze

¹⁴⁰ Walter relata que era costume seu pai escrever com caneta tinteiro, mesmo dispondo de caneta esferográfica.

cartas analisadas possuíam selos postais. O caminho mais comum e utilizado pelos remetentes foi encaminhá-las por portadores, geralmente familiares ou pessoas de confiança.

Quanto à tinta, a mistura de fumo, gordura e vinagre era comum na região na época, resultando em tinta preta. Geralmente as tintas eram à base de água e poderiam ser encontradas em outras cores no comércio. As canetas de pena eram feitas de metal ou penas de aves, e o bico de pena podia ser trocado quando desgastado.



O desgaste nas letras capitais sugere que, em alguns casos, a tinta utilizada poderia ser corrosiva, possivelmente tinta ferrogálica, comum nos séculos XIX e início do XX. As manchas nas cartas são atribuídas à água e gordura.

As cartas endereçadas a Joaquim abordavam uma variedade de assuntos cotidianos, como detalhes sobre a família, saúde, finanças, trabalho, política, clima, datas festivas, visitas e expressavam parabenizações. A fé também era um tema constante.

Observamos que os intervalos temporais entre o ato da escrita e o envio das correspondências não foram uma unidade, variaram. A velocidade ou demora possivelmente dependeu de diversos fatores, como a distância geográfica, os meios de transporte utilizados, as condições de deslocamento e o portador. Em alguns casos, a escrita foi interrompida, resultando em demoras significativas e mudanças de datas.¹⁴¹ Duas cartas foram escritas dois dias antes de encaminhadas. Essa interpretação é possível porque as datas foram rasuradas em duas delas. Onde era inicialmente 24, foi reescrito o numeral 6 por cima do 4.

Qualquer intervenção no texto visou apenas garantir sua inteligibilidade, como o desdobramento de abreviaturas e a explicação de vocábulos não mais usuais. Destacam-se as diferenças gráficas e ortográficas da escrita novecentista em relação à atual, sendo utilizadas notas explicativas quando necessário para facilitar a interpretação dos enunciados.

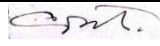


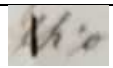
Quadro 2 - Lista das abreviaturas¹⁴²

Imagem – Fac-símile	Forma abreviada	Forma desenvolvida
	Joaq ^{im} .	Joaquim
	Ferr ^a	Ferreira

¹⁴¹ O capítulo seguinte trará detalhes mais específicos sobre o conteúdo das cartas, os remetentes e o destinatário.

¹⁴² Não estão registradas nos quadros todas as ocorrências encontradas nos documentos, visto que a inserção deixaria os quadros muito extensos.

<i>Sobr.º</i>	Sobr ^o	Sobrinho
<i>me.ª</i>	M ^a .	Minha
<i>me.ªs</i>	M ^{as}	Minhas
<i>Madri.ª</i>	Madr. ^a	Madrinha
<i>Chiq.ª</i>	Chiq. ^a	Chiquinha
<i>Com.ª</i>	Com. ^e	Comadre
<i>to m.º</i>	m. ^{to}	Muito
<i>pa.ª pa.ª</i>	p. ^a	Para
<i>q.ª do</i>	q ^{do}	Quando
<i>Ami.º</i>	am ^o	Amigo
<i>A. D.º</i>	AD ^o .	A Deus/ Ao Divino
<i>Il.º</i>	III ^{mo}	Ilustríssimo
<i>Sr.</i>	Sr.	Senhor
<i>me.º me.º m.</i>	m. ^s	Mais
<i>re.º</i>	r. ^s	Reis
<i>Nada N.ª</i>	N. ^a	Nada
<i>Lembr.ªs</i> <i>Lembr.ªs</i> <i>Lembr.ªs</i>	Lembr. ^{as} Lemb ^{cas} Lemb ^{ca}	Lembranças Lembranças Lembrança
<i>q q'</i>	q q'	Que
<i>Q.ª</i>	^a Q.	Aqui

	cnt.	<i>Continuação</i>
	C ^{el}	<i>Coronel</i>
	S.´	<i>Somente</i>
	Lh´o	<i>Lhe o</i>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A expansão das abreviaturas se deu a partir de pesquisas em dissertações e teses sobre manuscritos datados do século XIX e primeiras décadas do século XX, durante a elaboração da revisão da literatura e, posteriormente, no Dicionário de Abreviaturas de Fexor¹⁴³. Recorremos à base de dados da CAPES, ao Google Acadêmico, a Scielo e alguns repositórios de universidades federais e estaduais.

A revisão bibliográfica possibilitou avaliar a contribuição dos documentos encontrados em relação às temáticas estudadas, e também verificar se os dados coletados atenderam às nossas questões de pesquisa e se estavam relacionados aos objetos da dissertação. Enfim, nesta etapa evidenciamos a relevância desse material para a pesquisa na temática “Edição Paleográfica e semidiplomática no Brasil (2003-2023)”. O processo de pesquisa resultou em um conjunto de materiais que foram analisados para subsidiar esse estudo.

3.6.1 Caminhos ortográficos e mudanças na língua portuguesa

No Brasil e em Portugal, as regras ortográficas ganharam estabilidade principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando gramáticos e escritores buscavam estabelecer normas ortográficas que facilitassem a comunicação e o ensino. Todavia, desde o período renascentistas a ausência de uma ortografia estável já era uma preocupação. Em 1734, João de Moraes Madureira Feijó publicou, em Portugal, *Orthographia Portugueza*, o texto representou uma das primeiras tentativas de sistematizar a ortografia portuguesa.

No Brasil, em 1857, no Rio de Janeiro, Machado de Assis funda, juntamente com outros escritores, um espaço para se discutir a língua portuguesa, a Academia Brasileira de Letras. Entretanto, vale lembrar que, embora os primeiros passos para padronizar a ortografia tenham

¹⁴³ *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*, de Maria Helena Ochi Flexor. 3ª edição, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8363133/mod_resource/content/1/Abreviaturas%20-%20Flexor.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

surgido muito antes, a padronização ortográfica em um sentido mais oficial e estável é, de fato, uma conquista recente.

Em Portugal, a reforma de Gonçalves Viana, em 1904, representou um marco na história da ortografia portuguesa. A obra *Ortografia Nacional: Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas* apresentou uma proposta fundamentada em um minucioso estudo fonético e etimológico. Diferentemente de tratados anteriores, esta reforma justificava suas recomendações com base científica e estudo histórico, rejeitando a determinação arbitrária de grafemas.

Gonçalves Viana defendia a necessidade de uma abordagem científica dos documentos escritos desde os primeiros tempos, associada ao conhecimento metódico dos diversos dialetos contemporâneos. Segundo ele, ignorar ou menosprezar as formas portuguesas anteriores, ao misturá-las com o latim literário, seria um erro metodológico, pois se perderia de vista a evolução gradual e sucessiva (Gonçalves Viana, 1904). À ausência de normatização até esse período, a variação ortográfica era assim apresentada: após essa reforma, outras surgiram com o intuito de facilitar a leitura e a escrita entre os países lusófonos (Lopes, 2018).

Para Aguiar (2007), o marco inicial de padronização se deu com a Reforma de 1911, ressaltando que o enfoque principal era Portugal, enquanto o Brasil sofria com uma ortografia distinta até quase meados do século XX. A autora destaca o Acordo Ortográfico de 1945, que teve pouca adesão no Brasil, e o Acordo de 1990, que passou a vigorar mais amplamente no início do século XXI, como momentos importantes no processo de unificação ortográfica.

Monalisa dos Reis Aguiar discute as reformas ortográficas à luz das influências políticas e culturais que moldaram o português no Brasil e em Portugal. Ela analisa o impacto ideológico das reformas, observando que, desde o século XIX, o português passou por adaptações motivadas pelo nacionalismo pós-independência e pelo desejo de autonomia linguística. Ela aponta que, apesar da tentativa de uniformização, cada país ainda mantém certa autonomia na forma de usar a língua, e as resistências ao acordo podem ser vistas como uma forma de preservação de particularidades culturais e linguísticas. Também argumenta que, para muitos falantes, a ortografia é um símbolo de identidade, e a imposição de normas padronizadas pode ser vista como uma tentativa de centralizar a autoridade linguística, desconsiderando as nuances regionais.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Para saber mais sobre esse contexto, ler *As reformas ortográficas da Língua Portuguesa: uma análise histórica, linguística e ideológica*, de Monalisa dos Reis Aguiar. Disponível na *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p.11-26, 2007.

Neves (2010) amplia a discussão de Aguiar sobre as reformas ortográficas, abordando além dos impactos ideológicos, os práticos e os desafios de implementação em diferentes contextos educacionais e editoriais. Neves destaca que, embora o objetivo principal das reformas fosse aproximar as variantes da língua em países lusófonos, algumas das mudanças introduzidas ainda causam dificuldades para professores e estudantes. Ele ressalta que a padronização nem sempre corresponde ao uso cotidiano, especialmente em regiões onde ainda prevalecem variantes locais que diferem do padrão oficial.

Percebemos que as reformas ortográficas da língua portuguesa vão além de uma simples padronização gráfica. Elas apresentam uma aparência multifacetada, influenciada por interesses diversos e refletindo a identidade de se construir uma comum entre os países lusófonos, sem apagar as particularidades locais.

Apresentamos os quadros 6 e 7 para exemplificar a ortografia das primeiras décadas do século XX e depois das reformas ortográficas, século XXI.

Quadro 3 - Mudança ortográfica, quanto à acentuação

Palavras que não recebem acento	Palavras que devem ser acentuadas
= boa	= possível
= vez	= médico
= saber	= última
= ser	= saúde
= pessoas	= notícias
	= relógio
	= também
	= herói
	= próprio

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Quadro 4 - Mudança ortográfica quanto à ortografia

Letras duplas	Outras grafias
/ll/ = ele	/h/ = aí
/ll/ = dele	/z/ = meses

<i>aquella</i> /ll/ = aquela	<i>passiando</i> = passeando
<i>collocacão</i> /ll/ = colocação	<i>chique-Chique</i> /ch/ = Xique-Xique
<i>qualidade</i> /ll/ = qualidade	<i>photographia</i> /ph/ = fotografia
<i>insufficiente</i> /l/ = insuficiente	<i>optima</i> /ph/ = ótima
<i>offereço</i> f/ = ofereço	
<i>affirmo-te</i> /ff/ e /tt/ = afirmo-te	
<i>lettra</i> /tt/ = letra	
<i>permita</i> 'l = permita	
<i>peço</i> s/ = peço	
<i>voçê</i> /ss/ = você	
<i>ocasião</i> /cc/ = ocasião	
<i>anno</i> /nn/ = ano	

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Exibimos apenas alguns dos vocábulos presentes nas cartas utilizadas neste estudo para que os quadros não ficassem muito extensos, até porque todos os termos estarão presentes nas transcrições. Nossa análise demonstrou que a língua refletia as particularidades locais, indo além das simples padronizações gráficas presentes nas reformas ortográficas. Entretanto, nosso objetivo nesta seção não foi apresentar os pontos de vistas sobre as reformas ortográficas, mas evidenciar como era a ortografia no sertão baiano, no início do século XX e nos dias atuais.

3.6.2 Dificuldades na transcrição

Durante a realização da paleografia nos documentos, nos deparamos com desafios significativos, alguns já citados anteriormente. As principais dificuldades em transcrever os textos manuscritos surgiram devido ao uso de siglas e abreviaturas obsoletas, bem como ao traçado de algumas letras. Além disso, a ortografia apresentou peculiaridades, com algumas palavras divergindo das regras comuns, o que foi observado em alguns documentos. A identificação de certas letras, como (u e m), (f e p), (n e r), (p e s), (f e s), (p e h), (c e h) como exemplificado na palavra em “heroi” *heroi*, exigiram uma investigação mais aprofundada.

Dizemos o mesmo nas semelhanças entre as maiúsculas (J e I) e (F e T), como em Ferreira



e Tiririca

Outros desafios incluíram a presença de palavras conectadas e a ausência de acentos e do pingo na letra “i”. Isso dificultou o reconhecimento imediato de alguns vocábulos e a identificação das letras “u”, “i” e “m” por apresentarem caligrafia semelhante.¹⁴⁵ A pontuação não seguia as normas estabelecidas, com algumas cartas desprovidas de parágrafos e da vírgula, tornando necessário um cuidado extra na leitura para compreensão. A necessidade de buscar auxílio do entrevistado surgiu para compreender nomes, especialmente apelidos e expressões comuns na época e região.

Quanto à condição física dos documentos, alguns estavam corroídos, possivelmente por insetos, e apresentavam pequenos furos nas máculas, provavelmente causados pela própria tinta. Manchas de borrões em algumas palavras demandaram uma leitura mais atenta. No entanto, o maior obstáculo enfrentado foi o desgaste do papel utilizado nos datiloscritos.

O estudo filológico de documentos manuscritos, escritos até meados do século XX, referentes às correspondências destinadas a Joaquim Ferreira de Britto, contribui para propiciar a análise de características ortográficas e as mudanças na Língua Portuguesa no Brasil no referido século.

As edições fac-similar e semidiplomática permitiram preservar praticamente todas as características originais dos documentos. Estes poderão ser usados como fontes para pesquisa por especialistas de várias áreas do conhecimento.

3.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A partir das cartas pessoais (manuscritos e datiloscritos) foi possível abordar aspectos culturais, o que leva à preservação de fontes sócio-histórico-culturais de um povo em uma determinada época. Por fim, analisar a escrita epistolar de moradores de Tiririca, contextualizar o tempo, o espaço e a sociedade em que o documento foi escrito é de grande valia, uma vez que contém informações valiosas sobre um lugar e um povo que representa tantos outros do sertão baiano.

Neste capítulo, abordamos a transformação da escrita ao longo do tempo, analisando como o avanço tecnológico influenciou sua acessibilidade e a comunicação humana, concentrando-nos especialmente no contexto da escrita epistolar, sem abordar exaustivamente

¹⁴⁵ Ao retornar ao quadro 2 veremos vários exemplos.

toda a evolução da escrita ao longo da história. Apresentamos uma breve contextualização histórica da escrita epistolar nas primeiras décadas do século XX, incluindo uma descrição concisa do gênero epistolar como uma preocupação documental. Exploramos as características e convenções da escrita epistolar dos séculos XIX e XX; destacando a capacidade das cartas de se integrarem às escritas de si, operando como uma modalidade descontínua, aberta e efetiva do gesto autobiográfico.

A leitura das correspondências destinadas a Joaquim Ferreira de Britto exemplifica essa integração, contribuindo efetivamente para a autobiografia epistolar dos remetentes e destinatário. Por meio desses escritos, não apenas compreendemos suas vidas de maneira mais profunda, mas também podemos traçar fios que tecem uma narrativa que vai além do individual, revelando aspectos familiares e sociais.

Além disso, discorreremos sobre a paleografia e sua importância no entendimento das cartas, concluindo a seção com uma descrição detalhada da metodologia, critérios de transcrição e normas seguidas. Em resumo, este capítulo busca destacar a contribuição específica da escrita epistolar e da paleografia para a compreensão da vida cotidiana, das relações sociais e das dinâmicas regionais no sertão baiano durante as primeiras décadas do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Guardar e conservar cartas familiares é uma maneira de manter viva a memória do passado, permitindo que os interlocutores continuem a viver e existir através dessas correspondências” (Verlaneyde Sá Koch, 2024).

Nesta pesquisa, exploramos a paleografia para editar e analisar treze cartas pessoais datadas de 1919 a 1953, oriundas de Itaguaçu da Bahia, no sertão baiano. O estudo emergiu de questões centrais: quais elementos históricos, sociais e culturais podem ser revelados através da paleografia no sertão baiano, nas primeiras décadas do século XX? Como essas descobertas podem contribuir para a compreensão das transformações regionais, das dinâmicas sociais e das práticas culturais na região? Qual a contribuição da escrita epistolar para uma melhor compreensão da vida cotidiana, das relações sociais e das transformações históricas no espaço e no período demarcados?

O objetivo central foi investigar as percepções sobre as dinâmicas sociais, práticas culturais e transformações históricas e regionais ocorridas no sertão baiano, nas primeiras décadas do século XX, utilizando uma abordagem contextualizada. A pesquisa também buscou compreender a relevância dessas missivas no contexto da história regional e local, da história da comunicação escrita e da preservação do patrimônio cultural.

Os métodos empregados incluíram o levantamento de dados bibliográficos sobre estudo filológico, paleográfico e aspectos da escrita epistolar, edição e análise de documentos históricos e entrevistas para desenvolver a escrita da história local e das biografias dos remetentes e destinatário. A análise revelou não apenas as habilidades de escrita dos remetentes, indicando escolarização e destreza manual, mas também características materiais dos escritos através da codicologia.

As cartas, inicialmente acessadas apenas como documentos familiares, revelaram-se fontes primárias de inestimável valor para a compreensão da vida no sertão baiano até a primeira metade do século XX. Foi possível vislumbrar a riqueza dos elementos históricos, sociais e culturais da região, oferecendo uma perspectiva única sobre a vida cotidiana, as relações sociais e as transformações históricas e culturais que moldaram o sertão baiano.

A abordagem interdisciplinar, combinando análise paleográfica, levantamento bibliográfico e história oral, proporcionou uma visão abrangente e detalhada da vida no sertão

da Bahia. Este estudo também contribui para compreender a evolução da língua e das práticas de escrita ocorridas até as primeiras décadas do século XX.

As cartas analisadas revelaram não apenas eventos históricos e informações factuais, mas também dimensões subjetivas, relacionais e performáticas, enriquecendo a compreensão da sociedade, cultura e experiência dos sertanejos baianos. O contexto de produção e circulação dessas cartas emergiu como um terreno fértil para compreender a complexidade das relações humanas, revelando informações práticas e nuances emocionais, culturais e sociais.

Embora não fosse um objetivo definido por nós nesta pesquisa, ao realizar a edição semidiplomática e fac-similares das cartas endereçadas a Joaquim Britto, realizamos também uma análise da caligrafia, ortografia, vocabulário e estrutura do gênero para identificar características linguísticas específicas da região e período.

Apesar de algumas limitações documentais e questões não resolvidas, a pesquisa conseguiu traçar um panorama geral das vidas e contribuições dos remetentes e destinatário para suas comunidades e famílias. A escrita de biografias coletivas simplificou o estudo desses indivíduos, permitindo uma compreensão mais ampla de sua vida social, cultural e peculiaridades.

A história oral desempenhou um papel fundamental, fornecendo informações valiosas e contribuindo para uma narrativa envolvente e rica em detalhes. Sem a colaboração de muitos, essa reconstrução histórica não teria sido possível, destacando a importância das memórias compartilhadas e das trocas de correspondências na preservação da história local e das experiências individuais.

Portanto, a hipótese de que o estudo paleográfico dessas cartas poderia fornecer informações valiosas sobre a história social e cultural de Itaguaçu da Bahia e da região, contribuindo para a compreensão das relações sociais e das transformações históricas no sertão baiano durante o período especificado foi confirmada.

Esperamos que este estudo inspire futuras pesquisas, incentivando a emergência das histórias coletivas e individuais dos sertanejos baianos, até então submersas em um “oceano de silêncio”¹⁴⁶. É essencial que essas vozes, historicamente silenciadas, sejam valorizadas e se tornem ponto de partida para investigações mais profundas, contribuindo para a preservação e compreensão da identidade e memória da região.

¹⁴⁶ A expressão foi popularizada por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938), utilizada para descrever a vastidão e a opressão do ambiente árido e hostil do sertão nordestino, representando a ausência de voz e de esperança das personagens diante das condições adversas de vida.

Ao permitir que os sertanejos pesquisem e falem sobre suas próprias experiências, a academia fortalece as identidades locais e culturais. Neste estudo, em vez de o sertão ser apenas um objeto passivo de estudo, ele se torna um sujeito ativo, que se expressa e questiona, buscando soluções e estratégias próprias para enfrentar seus desafios, nesse sentido, representa um passo importante na valorização e preservação das culturas regionais, frequentemente marginalizadas pela lógica centralizadora dos grandes centros urbanos.

Por fim, minha presença como sertaneja na academia pode inspirar e abrir caminhos para outros pesquisadores da região interiorana, incentivando-os a se reconhecerem como sujeitos capazes de produzir conhecimento. Ao partilhar a história, cultura e experiências de sertanejos baianos, mostramos a outros sertanejos que seu modo de vida, seus saberes e sua cultura são dignos de estudo e possuem um valor acadêmico e cultural inestimável. Dessa forma, a inserção dos sertanejos como sujeitos de pesquisa representa um avanço significativo para a diversidade e inclusão na produção de conhecimento. Esse movimento não apenas amplia as narrativas, mas também constrói um saber verdadeiramente plural, que valoriza as diferenças e respeita as vozes de todos os cantos do país.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Dilemas da história regional**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 28-32.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions**, 2014. Trad. Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGUIAR, Monalisa dos Reis. As reformas ortográficas da Língua Portuguesa: uma análise histórica, linguística e ideológica. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p.11-26, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59770>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

ANDRADE, Elias Alves de; FAÇANHA, Juliana Lima. Edições fac-similar e semidiplomática de manuscrito oitocentista: aspectos paleográficos. *In: Polifonia*. Cuiabá, MT. v. 18, n. 23, p.177-192, jan./jun., 2011.

ARAÚJO, Roberto Jorge Chaves. **A contribuição da Paleografia para Diplomática: abordagens teóricas e práticas**. João Pessoa: Edição do autor, 2018.

ARAÚJO, Roberto Jorge Chaves. As normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos e alguns fatos gráficos da história da escrita nelas normalizados. **Universidade Estadual da Paraíba**, 2013.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. *Dimensões*, n. 24, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020, p.12-118.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019, p.79-95.

BATISTA, Dimas José. **A administração da justiça e o controle da criminalidade no Médio Sertão do São Francisco, 1830 – 1880**. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Documento de arquivo e sociedade. **Ciências x Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**, n. 31, jan.-jun. 2002, p. 167-175.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNHEIM, Ernst. **Introducción al estudio de la historia**. Trad. Pascual Galindo Romeo. 8. ed. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1937, p. 8-182.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 4. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012, p. 39.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa; BRUCK, Mozahir. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano**. (Entrevista). *V!RUS*, São Carlos, n. 15, 2017, p. 196-199.. [online]. Disponível em: <http://143.107.236.240/virus/virus15/?sec=2&item=1&lang=pt>. Acesso em: 21 de nov. 2022.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. V. 1. Lisboa: Martins Fontes, 1983.

BURKE, Pedro. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALVET, Luis-Jean **Tradição oral & Tradição escrita**. Trad. Bras. Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMPOS, Débora da Silveira; LIMA, Carolina Akie Ochiai Seixas. Análise filológica e paleográfica de manuscrito do século XVIII. **Revista Philologus**, ano 25, n. 75. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set.-dez. 2019.

CASTELLUCCI, Armstrong Silva. **Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. [S. l]: Bertrand Brasil, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. Rede urbana e formação espacial: uma reflexão considerando o Brasil. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 8, jan.-jun. 2000.

COSTA, Renata Ferreira. **Edição semidiplomática de memória histórica da Capitania de São Paulo, códice E11571 do arquivo do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

CUNHA, Tássio Barreto. **Análise integrada de salubridade ambiental e condições de moradia**: Aplicação no município de Itaguaçu da Bahia. Dissertação (Mestrado em Engenharia urbana e ambiental) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, 2012.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução de Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DUARTE, Adão de Assunção. **História de Central**. 2. ed. São Paulo: Ed. Particular, 1978.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa/Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2011.

FERREIRA, Elisangela Oliveira. **Entre vazantes, caatingas e serras**: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, Elisangela Oliveira. **Nas variantes do sertão**: trajetória de família o Médio São Francisco (Xique-Xique – século XIX). Salvador, BA: Sagga, 2023.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário social da seca**: suas implicações para a mudança social. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1998.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: GINZBURG, Carlo (org.). **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Sinais**: raízes de um paradigma indiciário. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 146-179.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

GOMES, Angela Maria Castro. **Escrita de si, escrita da História**: a título de prólogo. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GONÇALVES VIANA, Aniceto Reis. **Ortografia Nacional**: Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas. Lisboa: Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/ortografianacion00gonuoft/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 07 jul. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1957-1960. v. 20-21.

JESUS, Alysson Luís Freitas de. O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII e XIX. **História e Perspectiva**. Publicação dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, n. 35, p. 247-265, jul. 2006.

JESUS, Hélia Regina Mesquita de. **As cartas como vestígios históricos dos caminhos e andanças da primeira missão jesuítica na América portuguesa colonial (1549-1568)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História PPGAEFIN, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2020.

KOCH, Verlaneyde M. S. A paleografia na conservação e preservação de documentos antigos. *In: FÓRUM ELLUNEB 2024*, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

LARA, Silvia Hunold; FACHIN, Phablo Roberto Marchis (orgs.). **Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678**. 1. ed. São Paulo: Chão Editora, 2021.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a História**. Tradução Antônio José Pinto. Lisboa, Portugal: Ed. 70,1999.

LEAL, João Eurípedes Franklin. Normas para Transcrição Paleografia em Documentação Brasileira. **Arquivo e Administração**, v. 25, p. 19-38, 1990. Disponível em: www.asocarchi.d/DOCS/78.pdf. Acesso em: 07 jul. 2024.

LINS, Wilson. **O médio são Francisco: uma sociedade de pastores guerreiros**. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LOSE, Alicia Duhá. O manuscrito no impresso: conhecer Paleografia para compreender as marcas de proveniência. **Revista do Instituto de Ciências da Informação da UFBA**. Salvador, v. 16, n. 3 p. 284-305, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/download/52311/28096>. Acesso em: 07 jul. 2024.

LUZ, Elian Conceição. **Avareza Caridade: Edição em Perspectiva de Informática de Assentos da Misericórdia da Bahia / Elian Conceição Luz**. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2022.

LUZ, João Hecker. **Joseph Lutzenberger: vida gaúcha e identidade germânica no Rio Grande do Sul do século XX**. Tese (doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2023.

MACÊDO DE JESUS, Pollyana. **Notícias de viagem por entre Vilas e Aldeias de indígenas sublevados na Bahia Colonial: Edição Semidiplomática, Edição Interpretativa e Glossário**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/ Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras (UFBA), Salvador, 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 7-57.

MARTINS, Daiane Dantas. **Da enxada ao clavinote: experiências, liberdade e relações familiares de escravizados no sertão baiano, Xique-Xique (1850- 1888)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local/UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2010.

MELO, André Carneiro. **Biodiversidade: Narrativas, diálogos e entrelaçamento de saberes da comunidade/escola em um território quilombola do Semiárido Baiano / Tese (Doutorado) em Ensino, Filosofia e História das Ciências** – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física-Salvador, 2019.

NASCIMENTO, Humberto Miranda do. **Capital Social e Desenvolvimento Sustentável no Sertão Baiano: a experiência de Organização dos pequenos agricultores do município de Valente**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

NASCIMENTO, Humberto Miranda do. **Conviver o Sertão: Origem e Evolução do Capital Social em Valente/BA**. São Paulo, SP: Anna Blume, 2003.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Posseiros, rendeiros e proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850)**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

NORA, Pierre; Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, out. 2012, p.1-22. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.) **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LOVATO, Bárbara Hartung. **Introdução ao estudo da História: temas e textos**. Porto Alegre: Edição do autor, 2013.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. Para que editar? a filologia a serviço da preservação da memória baiana. In: TEXEIRA, Maria C. R.; QUEIROZ, R. C. R.; SANTOS, R. B. (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. História local e micro-história: contribuições para uma história plural. **Revista de História Regional**, v. 13, n. 1, 2008.

REGMENDES, Celito. **História de Uibaí**. Da formação à emancipação. Uibaí: Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Uibaí/NEAF/IAC, 2011.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia**: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927). Dissertação (Mestrado) – em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2009.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Geraldo. **O Rio São Francisco**: fator precípua da existência do Brasil. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**: introdução metodológica. 5. edição. São Paulo, Editora Nacional, 1978.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1956.

CASTILLO, Antonio; SÁENZ, C. Paleografía e Historia de la Cultura Escrita: del signo a lo escrito. **Introducción a la Paleografía y la Diplomática General**. In: *Introducción a la Paleografía y la Diplomática General*, editado por A. Riesco Terrero, 21-31. Madrid: Editorial Síntesis.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira. **O coronel negro**: coronelismo e poder no norte da Chapada Diamantina (1864-1919). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Regional da Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2017.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira; FERNÁNDEZ, Sandra (org.). **Brasil e Argentina na pesquisa regional/local contemporânea**: Escalas, periodizações e problemas. Salvador: EDUFBA, 2021.

SÁNCHEZ PRIETO, Ana Belén. Aportación de la Paleografía y la diplomática a las ciencias de la documentación, la filología y la archivística. In: **Primer Congreso 70 Universitario de la Documentación**, Madrid, 2000.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. **Fronteiras do sertão baiano**: 1640-1750. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Histórias de Sensibilidades**: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937). 2005. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, João. **O Sertão e as Locomotivas**: Uma Análise da Transformação na Vida Sertaneja. *Revista de Estudos Nordestinos*, v. 25, n. 2, 2019.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História regional e local: potencialidades e desafios para a pesquisa histórica. **Revista de História Regional**, v. 23, n. 2, 2018.

SOUZA, Salomão Ribeiro de. **Vidas e Lutas de um sertanejo**. Itaguaçu da Bahia: Edição particular, 2005.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1994.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: crítica textual. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1994. (1977)

TAVARES, Luis Henrique Dias. **O problema da involução industrial da Bahia Imprensa**: Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1966.

TELLES, Célia Marques. A crítica textual no Brasil: um esboço historiográfico. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, 1998, n. 21/22, jun./dez., p. 39-58.

TOUTAIN, Lídia Brandão. Org. **A Ciência da Informação em movimento**: memória, esquecimento e preservação digital Salvador: EDUFBA, 2021.

VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o estado da Bahia**. Typographia e encadernação do Diário da Bahia, Bahia, 1893. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/522905395/Memoria-Sobre-o-Estado-Da-Bahia-1893-Vianna-Francisco-Vicente>. Acesso em: 02 out. 2023.

Westin, Ricardo. **80 anos da Previdência Social (2002)**. Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/primeira-lei-da-previdencia-de-1923-permitia-aposentadoria-aos-50-anos/infografico/@@images/imagem>. Acesso em: 08 mar. 2024.

WILTEMBURG, Geane Caroline. **No limiar da eternidade**: narrativas sobre loucura na correspondência pessoal e pinturas de Vincent Van Gogh (1888-1890). Dissertação (Mestrado em História – Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

FONTES

PIRES, Adalberto. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 28 de maio de 1919. 1 carta pessoal. Manuscrito.

BRITTO, Annibal Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 28 de abril de 1919. 1 carta pessoal. Manuscrito.

BRITTO, Annibal Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 28 de maio de 1919. 1 carta pessoal. Manuscrito.

BRITTO, Annibal Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 27 de abril de 1920. 1 carta pessoal. Datiloscrito.

BRITTO, Annibal Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Salvador, 2 de março de 1953. 1 carta pessoal. Datiloscrito.

BRITTO, Miguel Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 24 de abril de 1919. 1 carta pessoal. Datiloscrito.

BRITTO, Miguel Ferreira. [**Correspondência**]. Destinatário: Joaquim Ferreira de Britto. Bahia, 28 de maio de 1919. 1 carta pessoal. Manuscrito..

ALMEIDA, Camila Lemos de. **Estudo filológico de manuscritos de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres**. Cuiabá, 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2013.

ANDRADE, Marla Oliveira. **Uma porta para o passado e uma janela para o futuro: edições de documentos do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador/BA, 2014.

BARBOSA, Aldacelis dos Santos Lima. **Edição conservadora do livro IV do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia e estudos vocabulares**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2014.

BARRETO, Josenilce Rodrigues de Oliveira. **Edição e estudo lexical de documentos novecentistas do Sertão baiano**. Tese. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BIAGGI, Marcus Vinicius Correia. **Sobre Diplomacia e Território (1831-1834): edição de documentos do Arquivo Histórico do Itamaraty**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2014.

BUCHARDT, Arlete Tavares. **Edição diplomática de um documento de queixa-crime manuscrito do século XIX**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

CARDENETE, Beatriz de Freitas. **Punho de mulher**: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

COSTA, Renata Ferreira. Abreviaturas: Simplificação ou Complexidade da Escrita?. *Histórica. Revista on-line do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo*. São Paulo, n. 15, out. 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao15/materia01/>> Acesso em 12/05/2024.

CUNHA, Cristina da Silva. **Edição semidiplomática e estudos lexicais dos Termos de Exames da instrução pública da Bahia** – livro manuscrito do século XIX. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

CUNHA, Joaci de Sousa. **O fazer político da Bahia na República Velha, 1906-1930**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DIAS, Elizângela Niardo. **O sinal é este mesmo bilhete**: uma tipologia documental para os escritos da roda dos expostos. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DUARTE, Adão de Assunção. **História de Central** (livro memorial). São Paulo: Publicação do autor, 1978.

FAÇANHA, Juliana de Lima. **Edições fac-similar e semidiplomática do Livro de registro da correspondência oficial da presidência da província com a repartição eclesiástica: 1887–1890**. Aspectos ortográficos. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Linguagem/Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FERDANDES, Ana Carla Sabino. *Archive-se*. História, documentos e memória arquivística no Ceará (1825-1934). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012.

FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação & realidade**, v. 29, n. 2, 2004.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIV. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 2008.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2003.

FONTES, Bruna Braga. **Manuscrito e Impresso: as diferentes materialidades do texto de Fulke Greville**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

GARCIA, Dolores Aparecida. **A escrita epistolar em interlocução com a vida e a arte: autobiografia de George Sand**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens pelo Instituto de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

GIRARDI, Lucas Werlang. **As tramas do Passo Honroso: Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de Quiñones**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

JESUS, Ivanete Maria de. **Anúncios de Jornais de Mato Grosso dos séculos XIX e XX: características filológicas**. Dissertação (Mestrado) – de Pós-Graduação em Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

JESUS, Adilson Silva de. **O sertão por escrito no Livro de Razão: um microcosmo sócio-histórico e linguístico da Bahia rural oitocentista**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

JOSINO, Adriana Marly Sampaio. **Edição filológica e estudo fraseológico dos autores de arrematação da Vila de Sobral (1817–1823)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

KRAUSE, Maria Margareth Costa de Albuquerque. **Estudo filológico e paleográfico de manuscritos do século XIX, produzidos em Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

LIMA, Carolina Akie Ochiai Seixas. **Commentarium in apocalipsin do Beato de Liébana (1047): a história de um códice e a fortuna política do surgimento de um manuscrito**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

LIMA, Marisa Soares de. **Compromisso da irmandade do Senhor do Bom Jesus do Cuiabá: Edição e estudo filológico**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

LOPES, Sandra Luciane de Aragão Teixeira. **Análise paleográfica e linguística de atas de batismos e atestados de óbitos de escravos do século XVIII e XIX da cidade de Cachoeira do Sul/RS**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MACÊDO DE JESUS, Pollyana. **Notícias de viagem por entre Vilas e Aldeias de indígenas sublevados na Bahia Colonial: Edição Semidiplomática, Edição interpretativa e Glossário**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

MACHADO, Nildete Martins. **Um sertão narrado entre história e memórias: um estudo da cultura oral na antiga Vila Tiririca**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição digital do livro de crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MAGALHÃES, Rafael Marques Ferreira Barbosa. Portugal. **Manuscrito do Século XVIII: edição do Códice 132 do Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

MENDES, Dila Reis. **O chão e as águas [manuscrito]: memórias de uma cidade sertaneja.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2020.

MOTA, Ana Cláudia de Ataíde Almeida. **Documentos avulsos do Convento da Lapa (Salvador, Bahia, Século XVIII e XIX): edição e estudo.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOTA, Camila. **Edição de documentos oitocentistas e estudo da variedade linguística em Santana de Parnaíba.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOURA, Maria Clara Cobucci Soares de. **Diálogos historiográficos na escrita de Primitivo Moacyr.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

NASCIMENTO, Hércvickton Israel de Oliveira. **Cartas abolicionistas: proposta de edição e estudo sistêmico-funcional de cartas de Joaquim Nabuco (séc. XIX).** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes e Comunicação/ Instituto de Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

NEVES, Maria Helena Moura. O acordo ortográfico da língua portuguesa e a meta de simplificação e unificação. **Revistadelta: Documentação de Estudos em Linguística e Teórica e Aplicada.** PUCSP, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Jaqueline Carvalho Martins de. **De Re Diplomatica: fazer notarial na Bahia Colônia no livro II do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal Bahia, Salvador, 2014.

PALMA, Virgilina Edi Gularte dos Santos Fidelis de. **Arquivos Judiciais como fonte de pesquisa e Ensino de História.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2017.

PAULA, Ana Maria Alves Rodrigues de. **Manuscritos dos séculos XVIII e XIX: edições semidiplomáticas e notas ortográficas.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal do Mato Grosso – Cuiabá/MT, 2012.

PEÑAILILLO, Perla Andrade. **Registros de entradas e saídas das recolhidas do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes: edição e estudo paleográfico.** Dissertação

(Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia – Salvador/BA, 2018.

PORTO, Narayan Pereira. **Feitiçaria paulista: transcrição de processo-crime da Justiça Eclesiástica na América portuguesa do século XVIII**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo – São Paulo, 2018

RIZZI, Diego Danilo. **O uso de cartas coloniais no ensino de história: um estudo de caso a partir do comerciante de Grosso Trato Francisco Pinheiro**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Universidade de Campinas, Campinas/SP, 2021.

ROCHA, Marinês de Jesus. **História crítica da filologia e memória disciplinar: costumes doutrinários e práticas filológicas em língua portuguesa**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Sociedade/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

RODRIGUES, Ana Célia. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico da identificação de tipologia documental em arquivos**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Social/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Francisca Lisiani da Costa. **Estudo linguístico-filológico e histórico social de escrituras de compra e venda de escravos no século XIX (1870 a 1873)**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História e Letras/ Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2019.

SANCHES, Gersica Alves. **Nas encruzilhadas do ecumenismo: uma leitura filológica dos escritos de Dom Timóteo**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTANA, Adelmo Ferreira. **Formação das primeiras vilas e povoados** (livro memorial). Salvador: Publicação do autor, 2004.

SANT'ANA, Alessandra Mascarenhas. **Documentos seiscentistas no livro velho do tombo: edição semi-diplomática e consideração sobre o sistema de sibilantes**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Arlete Silva. **Nas entranhas da escrita do século XVIII [manuscrito]: edição e estudo terminológico**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Eliéte Oliveira. **História de Portugal de Fernão de Oliveira: edição diplomático-interpretativa**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SANTOS, Grasiela Veloso dos. **Manuscritos mato-grossenses: da filologia à gramaticalização**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem/Universidade Federal do Mato Grosso – Cuiabá/MT, 2014.

SCARANTE, Ionã Carqueijo. **Pedaços de vida, de Mady Crusoé**: das Tramas do acervo à edição crítica. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SCHREINER Cátia. **Edição semidiplomática de documentos manuscritos catarinenses do século XVIII**: Libro de Ofício do vice-rei para o governador da capitania (1793 – 1798). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo – São Paulo, 2007.

SILVA, Alan da Hora. **Edição e estudo de processos argumentativos em cartas do senado ao procurador Manoel da Silveira de Magalhães**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/ Universidade do Estado da Bahia – Salvador/BA, 2016.

SILVA, Daianna Quelle da Silva Santos da. **Entre a escrita e a sexualidade**: edição semidiplomática e estudo léxico-semântico do processo crime de Maria Possidonia de Jesus (1907). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos/ Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana/BA, 2014.

SILVA, Kênia Maria Corrêa da. **Cartas manuscritas do século XVIII**: aspectos filológicos e linguísticos. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Linguagem/ Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

SILVA, Marcelo de Lima da. **Biografia de um livro raro**: manuscrito jesuítico na Biblioteca de Oswaldo Cruz. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais/Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Simone Pereira da. **Festa de Santo Antônio de Barbalha**: usos do passado no século XXI. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2021.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. **Livro velho do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia**: Edição semidiplomática e um olhar sobre os documentos quinhentistas. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal da Bahia – Salvador/BA, 2013.

SOUZA, Damares Oliveira de. **Edição filológica e estudo lexical de um processo crime de roubo e estupro do início do século XX**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SOUZA, Erica Cristina Camarotto de. **Apontamentos diplomáticos sobre consultas do Conselho Ultramarino referentes à Capitania de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Português, Universidade de São Paulo São Paulo/SP, 2007.

SOUZA, Maria Ionaia de Jesus. **Cartas, requerimentos, pareceres e afins**: edição e estudo de documentos da Capitania da Bahia do século XVIII. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SPINA, Segismundo. Apontamentos Paleográficos. *In*: **Introdução à Edótica**. Crítica. Textual. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética, Edusp, 1994

TECCHIO, Caroline. **A coluna da morte: memórias, representações e a escrita de si do tenente João Cabanas (1924-1928)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Marechal Cândido Rondon/ Paraná. 2021.

TEIXEIRA, Luiz Carlos. **Registro manuscrito: A escrituração de devassas e querelas em Vila Rica, 1750–1822**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

THOMÉ, Raquel Torres. **Elementos de identificação de tipologia documental para a gestão de documentos: estudo de modelos metodológicos a partir da literatura arquivística da Espanha e do Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: Proposta de normas de transcrição para textos manuscritos do passado. *In: Travessias Interativas: Entre Manuscritos e Impressos: estabelecimento, edição e crítica de textos da época Moderna*. São Cristóvão, SE, N. 20, v. 10, p. 192–208, jan./jun., 2020.

APÊNDICE A: FAC-SÍMILES

Carta de número 1

*Meu endereço está em
press no envelope*

Bahia, 24 de abril de 1919.

Josquin:

Recebi suas cartas, juntamente com uma Suzinha, ambas datadas de 14 de março, vindas pelo correio, o que aliás, merece meus parabens e tambem os de vocês, por se achar um pouco melhorado o nosso serviço postal via-S. Francisco, que era uma miséria em tempos passados. Creio que a primeira correspondência por mim recebida, desde que aqui me acho; minha Mãe, todas as vezes que me escrevia, diz-me ter escripto pelo correio, talvez umas três cartas, até hoje não recebi uma sequer. Portanto, repito: merecê os parabens meus e os de vocês tambem o serviço postal de S. Francisco. Deus o conserve assim por todos os seculos.

Deixemos de parte um pouco o correio e passemos ao que nos interessa de mais perto. Hoje nao me é possível responder suas cartas; entretanto não deixarei de tocar em algum de seus pontos mais importantes, como por ex: a exploração de Abelberto. É rara a semana que eu não estou com elle; e pessoalmente sempre que vem a pensão todos os dias, que nao estiver de serviço pois é o mais facil de ver-no-nos mais amigavelmente. E assim tem sido. Quasi toda noite de sabbado para domingo elle vem dormir commoço na pensão O seu aspecto physico é o melhor possível. Ache-o mais gordo, não obstante elle passar uma vida soltada, como geralmente é a vida do soldado; quanto ao resto elle lhe dirá o melhor.

O portador desta carta devia ser o Coryelano, de Chique-Chique, que infelizmente viajou sem que eu soubesse. É possível que o portador, agora, seja o rapaz que o Annibal me falou; chama-se, creio eu, João de Lapa ou João de Lapa.

Como vai V. Seu pequeno e Chiquinha como vão? Todos de casa estão bons? Gostei muito de ter recebido suas cartas pelo correio, juntamente com a de Suzinha. Espero que continue.

Recomendações e todos dahi. Diga a Suzinha que depois responde suas cartas.

Meus.

Recomenda-me a Chiquinha, meu tio João da Matta e os parentes.

Abraço o irmão e amigo

Miguel

Esta carta foi começada em 24 de abril e terminada hoje, 6 de maio

Carta de número 2

Bahia, 28 de Abril de 1799.

Caro meu Joaquim

Abraço te a Chiquinha, ao Sobr. e a todos.

Deus remitta que quando melhor esta estivesse
 gozando optima saúde juntamente com Chiquinha
 o Sobr. m.º madrinha, e todos os seus enfim
 eu depois de estar por muito dias preso de febre
 me recuperando melhoras graças ao
 Fr. Frederico. E assim que deuto de pouco
 tempo estareis vos abraçando novamente
 pois o medico con... ~~... com... não~~
 sehou eu que me fosse melhor, ~~... não~~
 o meu estado de saúde assim me o exigia
 em provider o que se tinha pensado
 ultimamente no dicto quarto me, e se
 não me ser este muito insufficiente e
 que eu voltasse novamente. Confesso-te
 caro meu que me se para ali voltar
 não me dá tempo de vir a Bahia
 pois que aqui se vive continuamente
 deante como se vivi a m.º de cá e cada
 carta poderás ler. Tinha e tenho com
 sempre terei desejo de voltar a Bahia

Não que ali se está a melhorar, só melhor
 de mais a mais, não que ali não se está a
 melhorar, só que ali não se está a melhorar.

2.ª m.º
 2.ª m.º

... que a nossa terra, como sabes não tem
 tem a sua saúde de vida melhor. Aqui eu
 por enquanto estou com uma colicada que
 da saúde para sempre de pouca, por
 eu outra qualquer occasião de vir a
 uma melhor colicada e de modo eu
 poderia sempre está auxiliando a nossa
 querida vida e eu próprio passaria mais
 folgadamente, como por exemplo, em um
 caso de necessidade porque não era preciso
 se que eu fosse ~~... não~~
 se a saúde e enfim ser-me-hia muito
 melhor. Por eu estar completamente doente
 de doente, não que o destino sempre de
 faz aquilo que pretendo fazer. Como se
 eu não me dá tempo de vir a Bahia
 e tanto de mais, como Frederico trabalhar
 e tanto de mais? De modo nenhum. De
 is é como te digo, ultimamente, eu não
 tal ~~... não~~ que mesmo não sei o
 que deves fazer. Escrevi a meu tio
 com a vida de o de tudo, que está a
 soltar a m.º de cá: ou se continue
 aqui ou se me vá a Bahia. Por

Não que ali se está a melhorar, só melhor

Carta de número 3

Bahia, 28 de Maio de 1799.

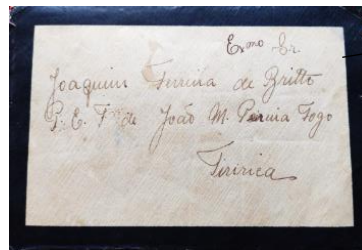
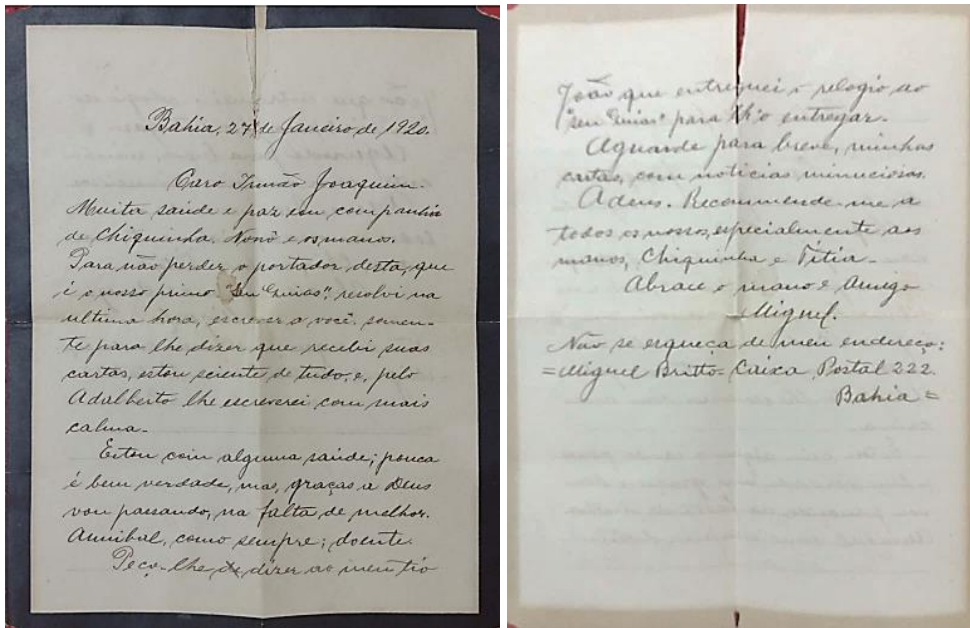
Meu Joaquim

Abraço a te, a Chiquinha, o Sobr. m.º mad.º etc

Deus que te tenha em boa saúde juntamente a
 Chiquinha o Sobr. m.º mad.º e todos. Com graça a De
 us tenho passado um pouco melhor, e se não fosse
 euado deuto me pouco tempo. Não que
 seba uma parte m.º ultimamente, em cuja se
 lhe falava em Pedalberto, dizendo-te que me
 muito eu que se te devora. Ele estava aqui no
 meu quarto, e por não ter muito bom conhecimento
 te telmo Bahia, com uma pag.º que a letra
 não é minha, isto quer dizer portanto que o nome he
 por esta novamente aqui e sendo o que te escrevi
 vo. Não sei mesmo o que te escrevo, pois fizem
 poucos dias que te escrevi e não agora, pois
 muito, soumo para não perder o estimo. Mas
 quel esta passando agora e se com Pedalberto
 da recreos. te Pedalberto esta m.º de saúde no
 exercicio, e fien zangado porque eu o chamei de he
 rei. Mas se elle é, quem juraste heio, como não que
 que he chama? Não bem eu que elle não tem razão.
 de saudade m.º e de Pedalberto pouco que nunca
 se acabará, ficam sempre a relumbal toda a
 nossa vida ali, principalmente ai nosa saudade.
 Ao te caso meu, sempre me escrevem Pedalberto
 diz que f.º o anno de se vai embora, pois ali
 é que a Terra de se vive. Eu não sei q.º faria o

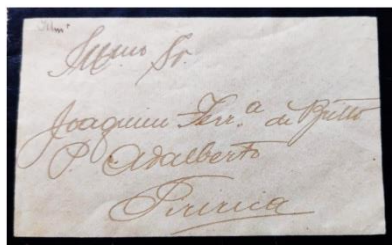
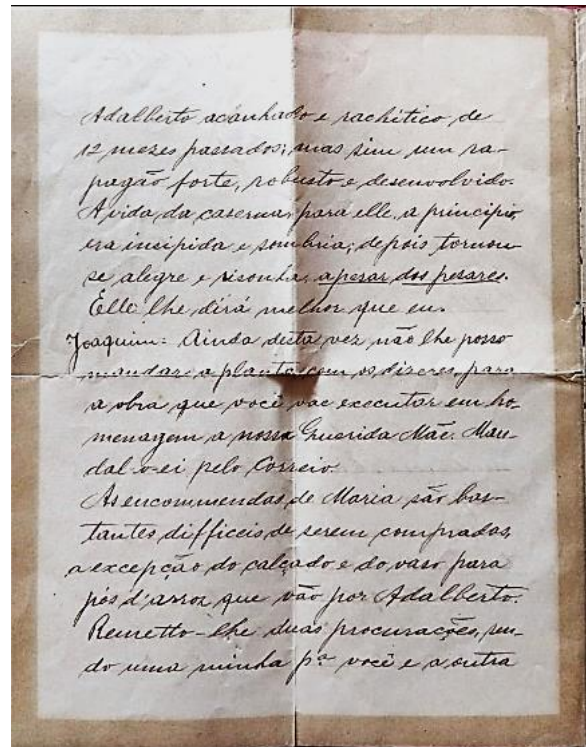
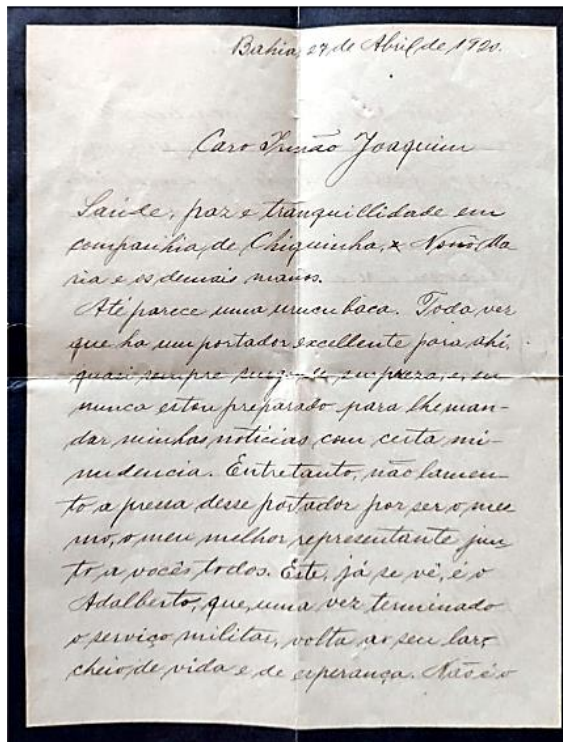
Não que ali se está a melhorar, só melhor
 de mais a mais, não que ali não se está a
 melhorar, só que ali não se está a melhorar.

Carta de número 6



Exelentíssimo Senhor

Carta de número 7



Illustríssimo Senhor
Joaquim Ferreira de Britto
Por Adalberto
Tiririca

Carta de número 8

Banco do Brasil
Telegraphische
Station

A/B Bahia, 27 de Abril de 1929

Prezado meu Joaquim:

Abraço-te, e Chiquinha, e sobrinho e todos os nossos.

Deus que te tenha sob sua proteção, juntamente a Chiquinha, o sobrinho e todos os nossos, Da graça, a Deus tenho passado bem de saúde. O portador desta é Adelberto, que já tendo feito do serviço militar agora para o meio dos nossos. Eu lamento não poder ir com elle, porque, infelizmente não me é possível agora, mas com fé em Deus, muito breve eu terei também com todos vós. Como tuas. Escrevo-te agora por que não posso deixar de assim o fazer, mas não me tenho tempo para isso. Não pedi muito a Adelberto para te fellar a meu respeito, agora estou empregado no Banco do Brasil, com o ordenado mensal de Rs. 200.000, e desta vez ainda não me é possível vender alguma coisa para nossos irmãos, porque estou somente há 15 dias neste novo trabalho, como Adelberto te fellará, mas muito breve, com fé em Deus hei de mandar sempre alguma coisa para elles, que muito precisam, bem sei disto.

A minha redacção de hoje, neste certo, está pessima, bem conheço, mas é aguento por causa de extraordinária pressa com que te escrevo, portanto não reparo absolutamente a ella, a redacção, o principal é que eu te escrevesse, e assim o faço, nada pouco. No meu novo emprego trabalho muito, há dias em que trabalho até 11 horas de noite. Adelberto tudo te fellará, pois é quem bem conhece a Bahia e já me viu aqui. Elle também soffreu muito, mas Deus ajudou-a afinal, e elleahi vai para o meio dos nossos, e eu muito breve irei também.

Meu irmão, como antes já disse, não te posso escrever muito longamente, por causa do meu trabalho que é muito, e tinha grande desejo para isso. Agora mesmo estou te escrevendo aqui do Banco, porque hoje entrei mais cedo e estou aproveitando a tempo até chegar a hora de expediente, quando entro em trabalho. Em outras occasiões tudo te relatarei mais detalhadamente, te contarei de todos os porrenovos de como Deus me ajudou que eu renhasse este novo emprego. Tinha marcado-me 50.000,00, mas que eu entregasse a Miguel para comprar um caspido e um anelites para ella e Rita, e Miguel já deve ter comprado tudo, pois que Adelberto viu já aonde e está preparando-se desde hontem, Elle vai muito alegre e assim não podia deixar de ser, pois cumpri como elle pezo 15 milhas eucito sua sua. Agora volta novamente depois de tanto tempo para o meio de sua familia não posso deixar de sentir muita alegria. Fogo-te que falles com todos os nossos mesmo, que eu tinha vontade de escrever para todos, agora que me he offerece tão prompta occasião, mas não me é possível. Digna Adelberto tudo te contarei a meu respeito.

Termino aqui. Graças a Deus vou bem de saúde e espero que assim continuarei. Fogo-te de abraços a Chiquinha, Maria, Rita, minha madrinha meu tio João de talis, e nossos queridos Rita, e com a não esqueço um momento, todos os nossos irmãos, tíos e respectivas familias.

Adms. Assim um abraço bem apertado do teu irmão

Miguel

Não reparar o papel-não ser de luto, como devia ser. Mas! que não fosse agora, e a justiça a 2.ª de 1929.

Carta de número 9

de Raymunda para Maria, para vós dois, pois representarem como padrinhos do innocente Sid. fillinho de meu tio João - não 100.000 p. e referido acto religioso. Não estão reconhecidos as firmas por não haver necessidade. Em todo caso, consulte ao padre e me responda.

Meu encargo ao meu tio João p. e lhe entregar o valor, saldo de 50.200 que dependi com o embarque de um caixa de mercaderias, Julia, C. de Ferraz cujo saldo vós dividirei com Rita, João e Antonio.

Adms. Recomende-me a Chiquinha e a todos os irmãos e parentes.

Abraço o Tio João Miguel

Miguel
Cont.

Joaquim. Já me esquecendo de lhe falar sobre Anibal. Não vai muito bem de saúde quanto ao emprego, elle vai indo com bomito fructuro, se for caprichoso. Está no Banco do Brasil, com ordenado de 200.000 mensaes, fora as gratificações que todos os funcionarios do estabelecimento tem, direito, de cem e mozes. Eu lhe tenho dado muitos conselhos. Porro dizem que o caminho do fructuro, delle está abuto, de perdendo si, do seu esforço intellectual e moral.

Raymunda retribue, não só a vós, como a Chiquinha, suas lembranças.

Adms -

Miguel

Carta de número 10

PINHEIRO & C.
SEMPRE AVANÇANDO
CAIXA POSTAL 827-A
LIVRO E CENTRAL-13
RUJA DOS DROGUISTAS, 17
2.º andar
BAHIA

Bahia, 24 de Fevereiro de 1925.

Caro irmão, compadre e amigo Joaquim: Que DEUS, Nosso Senhor, esteja em sua companhia, da sua família e dos nossos irmãos e parentes, não os meus mais sinceros votos.

No dia (24 de Fevereiro) grande feriado nacional e fui forçado a deixar até o escriptorio somente para lhe escrever esta carta, que, se não o fizesses, cometeria um crime perante V., visto como estou lhe devendo varias respostas de cartas suas; e como se acha aqui, de viagem marcada para depois de amanhã, o nosso prezado chefe e amigo Cel. Agrário, não me ficaria bem deixal-o viajar sem levar ao menos uma cartinha minha para V.

Da sua ultima carta recebida pelo nosso commo Amigo Henriquezão Nogueira verifiquei constar na mesma apenas três noticias importantes: o fallecimento da nossa velha Titia, o seu titulo de nomeação para o cargo de assessor de paz desse districto e a suspensão da sua assignatura na "A Tarde" que tomou a nota de tudo.

Felizmente V. conseguiu tirar o seu titulo a tempo, o que não me foi possível fazer em virtude de me achar fóra da capital por algum tempo, fazendo algumas viagens, tendo, entretanto, recebido suas cartas a respeito.

V. já deve ter noticias de que deixei o Laboratorio do Antigo desde Novembro de 1924, tendo n'ella perdido o meu tempo e o meu latido, como se diz vulgarmente. Estou trabalhando com um amigo, o Sr. Pedro Pinheiro, em Comissões e Representações, de que não estou arrependido, embora seja um negocio bastante ingrato; apesar dos pezaros vou atravessando, conforme Deus quizer, esperando passar mais folgada para poder dar outro salto ahi para a nossa Patria.

Antonio nao passando bem de saúde; está empregado na Fabrica Stella, cahi onde eu e Annibal sempre fomos felizes, esperando qua elle tambem o seja; o seu ordenado ainda é muito diminuto, mesmo porque sempre foi um defeito de Gampelo, irmão & Cia: - pagar pouco aos empregados - Annibal, este continua feliz no Banco do Brasil, Agencia de Fenedo, fazendo um ordenado de cerca de 1.300.000 por mes; ou se tem 15.000.000 mais ou menos por anno; já tem dois filhinhos, isto é, um casal, Maria e Fernando; ella com um anno feito em 21 desta mez e elle com um mes feito em 13 de corrente, o que quer dizer, em resumo, que Maria nasceu em 21 de Fevereiro de 1925 e Fernando em 13 de Janeiro deste anno.

Eu, parece-me ter ficado nos tres, Hildete, Helio e Miguelinho, tendo perdido em 19 de Janeiro do anno passado Milton, apenas de um mes e dias de nascido. Agora lhe pergunto - e V.? Quantos tem?

Não tendo mais assumpto de importancia vou terminar a presente. Entretanto, antes de o fazer lhe digo que se conversa muito amizosa que tive com o Cel. Agrário (esta parte é toda confidencial, não devendo outra pessoa saber) elle deixou transparecer um certo aborrecimento com a "Gente de Fricas", que vive de certo tempo para cá n'uma desmão revoltante, o que é de se lamentar; assassinos, (1) perversos, cachaceiros, arralians, jogatinas, etc., etc., tudo isto tem se dado ou desenrolado ahi, depois que elle assumiu a direcção da politica de Chiquina-Chiquie. Realmente essas cousas aborrecem a qual quer pessoa sem preconceito, quanto mais a honra de Deus. Deus quira que esse nosso povo vá se regenerando para não dar desgostos aos conterraneos que vivem distantes. Adous, Aceite V. Chiquinha e os meus, lembranças de Raymunda, marinada e Antonio; uma benção para os sobrinhos e afilhadinho; abraço o irmão, compadre e amigo.

Miguel P. S. Não se esqueça de me recomendar aos nossos bons parentes, especialmente ao Sr. Cel. Agrário, um abraço e um beijo.

Illustrissimo Senhor

M. J.

Joaquim Soares de Brito
178 S. de S. Joao de Bahia

Criou - Criou.

Jirica

Carta de número 11

Bahia, 17 de Setembro de 1925.

Meu caro compadre, irmão Joaquim.

Vae esta carta ás pressas, com uma devota de pedimentos mais ou menos, porem te peço, não perder a boa oportunidade de, no meu nome, venigo a Bahia, que segue a manha, de 7 horas, no trem do horario. E como não tenho tempo, a perder, peço-lhe estas linhas apressadas, deixando-lhe o tempo de ler, com a familia das Cont. Chiquina e os meus sobrinhos, além dos nossos irmãos e devotos parentes.

Fiquei muito triste com o fallecimento da nossa querida Titia, e muito desgastado fiquei ainda por ter a noticia tão tarde, quase 4 meses depois!! Apesar disso, peço te transmita, no meu nome, ao Sr. Joaquim José (o padre) Karim, meu Padrinho, pã e a todos os meus queridos parentes.

A minha vida tem sido, de um anno para cá, inopida, ou melhor, uma vida de verdade, captercio. Imagine que nem tempo tenho de lhe escrever. Entretanto, opportunamente lhe farei uma carta bem extensa, narrando-lhe todas as plieccias de minha vida cheia

de labors e commiseres, como tem sido a minha, ultimamente.

Desde o meu de facto que Annibal me escreveu, que compensação se tambem não lhe tenho escrito. Felizmente tenho sabido por intermedio de pessoas vindas de Fenedo que elle vai bem de saúde, com a mulher e a filhinha (foi dada 21 de Fevereiro que elle já é pai de uma bella criança chamada Thais de). Elle continua no Banco do Brasil, n'aquella cidade, bem satisfeito, apesar do trabalho por muito, ganhando regularmente e sobrando de portos, graças a Deus. - Antonio, continua na Fabrica Stella, não podendo ainda occupar um emprego melhor devido a falta de certos conhecimentos. Eu, sou como Deus quer, com uma familia já bem numerosa e mal ganhando para os meus de pezaros.

Adous, Recomende-me a todos, abraço de por favor, Raymunda e os meus 8 filhos, a Cont. Chiquinha, meu afilhadinho, os outros sobrinhos e meus parentes devotos. Sou seu compadre, irmão e amigo.

Com o endosso do Sr. Henriquezão de Brito, esta carta.

Carta de número 12

São Paulo 10/8/48
 Precioso Pai Joaquim
 Alencão

Faco votos a Deus, para que esta e encontre
 com saúde juntamente aos netos.
 Conscio que a 11 dias chegaram aqui em
 São Paulo, Bahia, Beberibe, quasi foram
 portadores de epidemias, cartas que di-
 zem ter vindo por aqui, mas, que até a
 data não posso fazer mais, que até a
 loja da Agencia de Carta de Marinha, está de
 fora das mesmas, acreditando ter sido
 como de costume, a qual mecnica dei
 este direito de abrir cartas minhas
 a não ser perdidas que por mim seja
 autorizada para os devidos fins.
 Também digo que aqui não reside em
 casa de Anita, e com ela a agostamen
 para a profissional de comam que não per-
 tença a ela; tratando ainda deste
 assunto, agora de se a possibilidade de ter
 agente para visitar a estes, eborracionary
 Ainda digo que carta de mão propria cont.

não mereça compenar, e retendo que
 com erro, já são muitas que não pœ-
 lo ficando assim, incommunicavel de
 saber noticias de fundamentos do meu
 fôrno. a 11 dias e visado, pedindo
 ainda temonter, que sempre tem
 costume de me escrever como Lem El-
 vis e Amiral, que decaente quando
 me enciamem cartas seras pelo envio,
 e deste modo: Illm. Sr. César Ribeiro
 Maciel para Amun Brit. Rua Alameda
 Glette 801 São Paulo; ou então Estação
 de Bondes da Alameda Glette 801 S. P.
 ou aqui está com Martin Klaufer
 e não escrevi informando sobre os meus
 intentos aqui, por não ter tido noticias
 fundamentais de ai, perguntei se ter alguma
 coisa que me desviassem as cartas, sem
 m² recomendação a todos nosos.
 Amun Brito

Carta de número 13

Salvador, 2 de Março de 1953

Prezado irmão Joaquim:

Que Deus o ampare, a Vós e a todos os nossos sñh.
 Depois de 34 anos de ausência da villa terra que me ser-
 via de berço e de algumas noticias, esperas, que obtida do meu
 sñh residente, e eis que se apparece Georgina, em companhia de Du-
 tinha do nosso falecido irmão Miguel, pondo-se ao corrente de que
 realmente se passa com o nosso pessoal de Tiririca.
 De lras expozição das m. fiscaes, pude bem aquililar da
 situação desoladora de nossa gente, sempre a braços com a inela-
 ção das sças, com a absoluta falta de apparo dos nossos gover-
 nos ao povo sertanejo e com todo o cortejo de fatos dolorosos que
 a absoluta carência de recursos acarreta.
 E o que mais me oprime e correa é o reconhecimento desta
 situação e a impossibilidade de atenu-la, porque, vivendo hoje
 não somente das rendas de aposentadoria que ha dois anns a
 concessão e Banco do Brasil, não bastam sças, de fato, para a ma-
 nutenção de minha numerosa família e o amparo de todos os meus ir-
 mos, pupillros e sñs.
 Mas, meu irmão, o caso que mais fundante me impressiona
 nau, foi o seu. Espirito bca. leal e generoso, sempre ligado ao
 bem da colectividade e com grande zelo de serviços a sua pátria,
 - eis que hoje se encontra Vós, velho, alquebrado e pobre, numa
 situação de quasi abandono, tendo a seu lado apenas o fragil am-
 paro do filho sñh moço, esse heroi de nome Walter, que a todo
 isto renunciado para prestar a resistencia que pode ao velho pai
 candeado e se arriado do fim.
 Vós, que foi sempre sennato, ha de sentir que tal situa-
 ção não poderá ser absoluto perdurar. Não é ella um mal sem reme-
 dio, mas, se contrario, porfiramente remedial, bastando apenas
 que Vós, com o sacrificio, que reputo bem pequeno, de abandonar
 a Tiririca e vir, juntamente com Walter, para a nossa casa, que
 graças a Deus, dá para nos todos. Aqui como Walter bastante
 tempo para trabalhar, podendo escolher a actividade que quizer, e
 Vós, que idade já requer descanço, empregará o seu tempo, junta-
 mente comigo, na pequena officina que tenho na casa, na qual en-
 vventuramos todos a farmazena para os serviços de carpinteiro, for-
 nido e mecânico. Bons volhos, ou a Vós, e a Georgina, sñh
 mãe e utilidades a officina apenas como um tempo de volhos,
 sem nenhuma preocupação de rendas para a nossa manutenção, sua
 occupação será um motivo de maior satisfação, porque além de tar-
 tar a seu lado o irmão o amigo, terá o castro que a officina re-
 quer, e que eu, com os meus 30 anns e sñs do Banco do Brasil, não
 posso exercer outro officio.
 Não impede a sua vinda, estou certissimo disso. Aprovei-
 to e transporte de irmão e traga tambem o Walter, se pder. O sacri-
 ficio de abandonar a terra de que nascemos é bastante pequeno, ou o
 sei, mas quando elle é uma necessidade imperiosa, como no meu caso,
 não podemos ter um minuto de vacillação. Minha longa vida de ban-
 do ensinou-me tudo isso, com as frequentes viagens que tive, ora
 para Alagoas, ora em Rio Grande do Norte, onde trabalhei varios a-

nos, ora para sñh Felix, Peira de Santana e Jaquif, onde comple-
 tei o periodo necessario a aposentadoria (30 anns).
 Creio já lhe ter dito bastante para o convencer, mas,
 se as minhas razões ainda não bastam e Vós relutar na sua saída
 da dahi, - não quero ir a Tiririca, com o propósito, quasi
 unico, de o trazer a força. Quando os argumentos não valiam, su-
 preamos a força. - sempre foi esta a sentença da diplomacia e da
 propria humildade, desde que foi criado o Univero...
 Não tenho preocupações de requisa para a viagem, pois que
 Vós vem para a minha casa, que é a sua propria casa, e ali, com a
 experiencia que tenho da vida e nunca del valor e respeito de ninguem,
 nem a sociedade, sem de pedigos elevados. - porque tudo isso man-
 ca razão da nossa convicção dos honros, faldas e honras...
 A intelligencia, o talento, a conduta impecavel e as grandes
 obras de qualquer cidadão sempre se empolgaram, mas as nuns pompas
 ou o facto de ser elle o governador do Estado, - valia tanto para mim
 como o lixo das margetas.
 Não tenha, pois, preocupações de qualquer especie por
 se apresentar em nossa casa modesto, simples, como Robert Abramo
 de Tiririca, porque eu tambem sou taberão de Tiririca, detesto os
 procciosos e sou meu irmão e sou tudo igual a Vós, - nem na ida-
 de...
 Quanto ás despesas de viagem, combine com irmão para
 que seja ellas pagas aqui, depois da sua chegada. Não lhe remeta
 agora o dinheiro para essas despesas por não saber a quanto mon-
 tam e tambem por se restar alguma duvida sobre se Vós vem mesmo
 ou não.
 Tenho toda esperanza que Vós esteja por aqui no de-
 correr deste mês de Março, e caso assim não aconteça os se res-
 tard o recurso de ir busc-lo.
 Aguardo, pois, a sua chegada, em companhia de Walter,
 e despedindo-me, envio meu abraço fraterno para Vós e todos os
 nossos sñh, com as recomendações de minha mulher, que tambem mui-
 to insiste pela sua vinda.
 Até a vinda!
 Ats. do irmão amigo
 Brito

P.S. - Georgina falou-me tambem das suas preocupações em relação
 ao seu cartorio. Lembra-me de que aqui, junto dos Srs.
 Deputados e dos altos poderes da politica, torna-se muito
 mais facil tratarse do assunto que sñh. Su não gosto de fal-
 lar com essa gente, que tanto ante o povo, me existo sempre
 um ou outra pessoa seja a que poderemos pedir as providencias
 que o seu caso requer. Se o Coronel Garay, que muito ad-
 miro, vier a ser o futuro Governador, tenha a absoluta certeza de
 que o assunto do cartorio será satisfatoriamente resolvido.

**APÊNDICE B: MATERIALIZANDO O DESTINATÁRIO E ALGUNS DOS
REMETENTES¹⁴⁷**

Figura 21 - Joaquim Ferreira de Britto 1954 e 1971.



Figura 22 - Adalberto Pires 1919 e 1983.



Figura 23 - Messias Pires Maciel 1930 e 2005.



Figura 24 - Messias Ferreira de Britto 1946 e 1952.



¹⁴⁷ Não conseguimos imagens dos irmãos Annibal e Miguel Ferreira de Britto.